

MESTRADO

HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

# As exposições de arte na Ilustração Portuguesa 1914-1918 Volume I

João Augusto Outeirinho Ferreira Duarte

# M

2017



**João Augusto Outeirinho Ferreira Duarte**

**As exposições de arte na *Ilustração Portuguesa***

**1914-1918**

**Volume I**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa  
orientada pela Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Departamento de Ciências e Técnicas de Património

Setembro de 2017



**As exposições de arte na *Ilustração Portuguesa*  
1914-1918**

**João Augusto Outeirinho Ferreira Duarte**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa orientada  
pela Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

**Membros do Júri**

Professor Doutor Nuno Miguel de Resende Mendes

Faculdade de Letras-Universidade do Porto

Professor Doutor Celso Francisco dos Santos

Faculdade de Letras-Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares

Faculdade de Letras- Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores



À Zita, sempre



“...esta arte na Natureza só através da obra é que se torna manifesta, porque originalmente está na obra”

Martin Heidegger

(A Origem da Obra de Arte. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 58)





# Volume I

## Índice

Agradecimentos.....	IX
Resumo .....	XI
Abstract.....	XII
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	XIII
Introdução.....	1
Objectivos e Metodologia.....	1
Estado da Arte.....	6
Capítulo 1 .....	15
1 Contextos.....	15
1.1 Contexto internacional.....	15
1.2 Contexto artístico nacional .....	19
1.3 História e caracterização da revista Ilustração Portuguesa .....	22
1.4 Panorama das revistas internacionais comparáveis com a Ilustração Portuguesa.....	25
Capítulo 2 .....	29
2 As exposições de artes plásticas na Ilustração Portuguesa .....	29
2.1 Tipologia das exposições.....	29
2.2 Os espaços expositivos-Os Salões.....	33
2.3 Os artistas que participam nas exposições.....	38
2.4 A Identificação dos autores das crónicas.....	46
2.5 Os críticos, os artistas .....	53
2.5.1 Reflexões sobre o conceito de crítica de arte .....	53
2.5.2 Caracterização dos modelos de textos sobre arte na Ilustração Portuguesa.	61
2.5.3 Análise das crónicas e textos de “crítica de arte” .....	64
2.6 2.6 Capas da Ilustração Portuguesa .....	115
2.6.1 Tema Artistas.....	116
2.6.2 Tema Guerra .....	117

2.6.3	Tema Monarquia.....	118
2.6.4	Tema Paisagismo e Costumes .....	118
2.6.5	Tema Sociedade.....	119
2.6.6	Capas com reproduções de desenhos, aguarelas, óleos de artistas plásticos 120	
2.7	Obras dos artistas plásticos reproduzidas na Ilustração Portuguesa.....	122
3	Considerações Finais.....	178
4	Referências Bibliográficas .....	180
4.1	Bibliografia.....	180
4.2	Catálogos: .....	182
4.3	Publicações periódicas:.....	183
4.4	Documentação electrónica.....	183

## Volume II

### Índice

1	Nota Introdutória .....	1
2	Tabela de Dados .....	5
3	Obras dos Artistas referenciados na Ilustração Portuguesa no período 1914-1918..	7
3.1	Adriano Costa .....	7
3.2	Alberto de Lacerda .....	7
3.3	Alberto de Sousa.....	8
3.4	Alfredo Miguéis.....	10
3.5	Alfredo Moraes .....	11
3.6	António Carneiro .....	12
3.7	Alves Cardoso .....	14
3.8	Alves de Sá .....	16
3.9	Amarelhe .....	17
3.10	António Quaresma.....	20
3.11	D'Alvão .....	21
3.12	António Ramalho.....	23
3.13	Armando de Lucena.....	26

3.14	Artur Pratt .....	27
3.15	Azevedo e Silva .....	28
3.16	Battistini, L. ....	29
3.17	Carlos Bonvalot .....	32
3.18	Carlos Reis.....	33
3.19	Columbano .....	33
3.20	Constantino Fernandes .....	34
3.21	Costa Mota.....	35
3.22	Costa Mota Sobrinho .....	37
3.23	Correia Dias .....	38
3.24	David de Melo .....	41
3.25	Diogo Macedo .....	41
3.26	Dordio Gomes .....	42
3.27	Eduardo Romero.....	43
3.28	Ernesto Condeixa.....	44
3.29	Evaristo Catalão.....	44
3.30	Faro Oliveira, A. ....	44
3.31	Falcão Trigo .....	45
3.32	Filomena Freitas .....	45
3.33	Francisco R. Esteves.....	46
3.34	Francisco dos Santos .....	47
3.35	Francisco Romano Esteves.....	49
3.36	Frederico Ayres .....	50
3.37	Girão, M. ....	51
3.38	Helena Roque Gameiro .....	52
3.39	Henriqueta de Mendonça.....	54
3.40	Higino Mendonça .....	55
3.41	João Augusto Ribeiro .....	62
3.42	João Marques.....	63
3.43	João Vaz .....	64
3.44	João Reis.....	66
3.45	João Ribeiro Cristino.....	67
3.46	Joaquim Lopes .....	67

3.47	José Campas .....	68
3.48	José F. de Sousa Caldas .....	74
3.49	José Leite .....	74
3.50	José Justino de Sant'Ana .....	74
3.49	José Malhoa .....	75
3.50	José Neto .....	76
3.51	José Pereira .....	77
3.52	Júlio Ramos .....	78
3.53	Júlio Vaz Júnior .....	78
3.54	Leitão de Barros .....	80
3.55	Luís de Melo .....	80
3.56	Maria de Jesus Conceição Silva .....	81
3.57	Maria Fonseca Mauhim .....	81
3.58	Mário de Sousa Maia .....	81
3.59	Martinho da Fonseca .....	82
3.60	Maximiliano Alves .....	82
3.61	Milly Possoz .....	83
3.62	Moreira Rato .....	83
3.63	Narciso de Moraes .....	84
3.64	Navarro da Costa .....	85
3.65	Olhão Luiz .....	85
3.66	Paulino Montez .....	86
3.67	Pedro Guedes .....	86
3.68	Raquel Roque Gameiro .....	86
3.69	Raúl Xavier .....	87
3.70	Rocha Vieira .....	87
3.71	Roque Gameiro .....	88
3.72	Ruy Bastos .....	90
3.73	Severo Portela Filho .....	91
3.74	Carlos de Sousa Pinto .....	93
3.75	Saavedra Machado .....	93
3.76	Sousa de Pinto .....	94
3.77	Simões de Almeida Sobrinho .....	95

3.78	Teixeira Lopes .....	96
3.79	Stuart.....	98
3.80	Tomás de Melo .....	98
3.81	Túlio Vitorino .....	98
3.82	Veloso Salgado .....	99
3.83	Ventura Renda, Gilberto.....	99
4	Obras dos artistas que aparecem referenciados uma só vez durante o período em estudo:.....	103
4.1	Abel Cardoso .....	103
4.2	Abel Manta .....	103
4.3	Abel Santos.....	104
4.4	Adelaide Lima Cruz.....	104
4.5	Aires P. de Mesquita.....	105
4.6	Albertino Guimarães.....	105
4.7	Alberto da Cunha e Andrade .....	105
4.8	Álvaro Fonseca .....	106
4.9	Alves Catalão.....	106
4.10	Alves de Sousa .....	107
4.11	António dos Anjos Teixeira.....	107
4.12	António Couto .....	108
4.13	António Piedade .....	108
4.14	Armando de Bastos.....	109
4.15	Augusto Pina .....	109
4.16	Augusto Nascimento .....	110
4.17	Bartolomeu da Costa .....	111
4.18	Bernarus.....	111
4.19	Caetano de Carvalho.....	111
4.20	Carlos Lobo .....	112
4.21	Cândido da Cunha .....	112
4.22	Casanova.....	112
4.23	E. Viana .....	113
4.24	Ermelinda dos Santos Braga.....	113
4.25	Faro e Oliveira, Aníbal .....	114
4.26	Filipe Leitão.....	114

4.27	Fernando dos Santos .....	115
4.28	Arq. Rebelo de Andrade .....	115
4.29	João Afonso Álfaro.....	116
4.30	João Silva.....	116
4.31	Joaquim Gonçalves da Silva.....	117
4.32	José de Brito .....	117
4.33	José Justino de Sant’Ana .....	117
4.34	José Pedro Cruz .....	118
4.35	José Ramos .....	119
4.36	João Reis, filho .....	119
4.37	Julieta Ferrão .....	119
4.38	Júlio Pina .....	120
4.39	Leandro Calderon .....	120
4.40	Maria da G. Ribeiro da Cruz .....	120
4.41	Mário Barbosa .....	121
4.42	Marques Abreu .....	122
4.43	Marques de Oliveira .....	122
4.44	Maurício Valente d’Almeida.....	123
4.45	Olívia Barros .....	123
4.46	Oliveira Passos .....	124
4.47	Óscar Charneca.....	124
4.48	Paulino Gonçalves .....	124
4.49	Pedro Lima .....	125
4.50	Raúl Carneiro.....	126
4.51	D. Rebelo .....	126
4.52	Ribeiro Cristino .....	126
4.53	Ribeiro Júnior .....	127
4.54	Samora Barros .....	127
4.55	Santos Júnior .....	128
4.56	Sara Bramão .....	128
4.57	Simão da Veiga.....	128
4.58	Simões da Fonseca .....	129
4.59	Stuart de Carvalhaes .....	129

4.60	Teixeira da Silva.....	129
4.61	Tomás de Melo .....	130
5	Notas e Imagens... ao jeito de RÊ-VISÃO.....	131
5.1	Pintores que nasceram de 1863 a 1880.....	131
5.2	Pintores que nasceram de 1880 a 1890.....	132
5.3	Pintores que nasceram de 1890 a 1900.....	132
5.4	Escultores que nasceram entre 1880 e 1890 .....	133
5.5	“A pauta” das Notas e Imagens ao jeito de RÊ...VISÃO, dos Mestres franceses.....	134
5.6	. A “pauta” das Notas e Imagens ao jeito de RÊ...VISÃO, dos artistas portugueses .....	139
5.6.1	1ª geração:.....	139
5.6.2	Da segunda geração de pintores naturalistas que nasceram de 1863 a 1880:..	144
5.6.3	Da geração de Pintores que nasceram de 1880 a 1890:.....	149
5.6.4	Da geração de pintores que nasceram de 1890 a 1900:.....	156
5.7	A “pauta” das Notas e Imagens ao jeito de RÊ..VISÃO dos escultores Naturalistas .....	159
5.7.1	Escultores que nasceram de 1860 a 1880: .....	159
5.7.2	Escultores nascidos entre 1880- 1890 .....	163
6	Índice de Imagens.....	171
7	Capas .....	187
7.1	Tema: Artistas .....	188
7.2	Tema: Guerra.....	275
7.3	Tema: Monarquia .....	321
7.4	Tema: Paisagismo.....	333
7.5	Tema: Sociedade.....	357
7.6	Reproduções de Obras de Artistas.....	411
8	Catálogos.....	455
9	Revistas.....	597





## Agradecimentos

À Prof. Doutora Maria Leonor Barbosa Soares pelo apoio na escolha do tema e por toda a ajuda e estímulo que me deu ao longo de todo o trabalho.

À Prof. Doutora Lucia Rosas pela sua orientação em Seminário I.

À Prof. Doutora Maria Leonor Botelho pelos seus conselhos em Seminário II.

Ao Prof. Celso dos Santos pela seu apoio na minha candidatura ao Mestrado.

A todos os meus Professores da Faculdade de Letras por todo o conhecimento que me transmitiram.

Aos meus netos Afonso, Filipe, Mafalda, Nuno e ao João , minha nora Filipa pela ajuda que me deram na área informática e na revisão do texto.

Aos meus filhos Raquel, Cristina, Manuel, netos Leonor e João, genro Renato, pelo seu encorajamento ao longo do meu trabalho.

À Zita , pela sua paciência.



## Resumo

A análise das notícias, crónicas, críticas e comentários sobre arte e sobre as exposições de arte, publicadas no período de 1914-1918 na *Ilustração Portuguesa* (revista semanal criada pela empresa do jornal o Século, surgida em 9/11/1903 e deixada de publicar em 1993) foi o ponto de partida para este estudo conduzindo-nos à identificação dos seus autores (colunistas), à identificação dos espaços expositivos, à identificação dos artistas que participaram nas exposições e ao estudo e contextualização das suas Obras. Foram estudados 261 textos, presentes em 62 números da revista (do Nº 411 de 5/1/1914 ao Nº 671 de 30/12/1918) que permitiram acompanhar o trabalho de artistas já consagrados, constatar o início da carreira de outros e verificar se aqueles que tinham sido ou que já eram então considerados promessas, corresponderam às expectativas.

As capas da revista, além da qualidade gráfica, acompanham a evolução decorativa da época, e por esse motivo as incluímos na Dissertação. Elas reflectem o gosto dominante do público a que se destinava, um público que pretendia ler nas horas de descanso uma revista ilustrada que o informasse dos acontecimentos trágicos que se viviam na época mas que não prescindia de outros conteúdos como os referentes à vida social, ao teatro, à literatura, às exposições de arte. Algumas das capas saem fora do conservadorismo estético habitual da revista. A sua qualidade e a dos seus autores distinguem-se das demais.

**Palavras Chave:** *Ilustração Portuguesa*; Exposições de Artes Plásticas; Arte Portuguesa; I Guerra Mundial; Naturalismo e Modernismo.

## Abstract

The review of news, chronicles and art comment about art exhibits published between 1914-1918 in *Ilustração Portuguesa* (weeckly magazine created by the joural company “Século”, which was first released in 9/11/1903 and stoped being published 1993) was the starting point of this work. Il led us to identify authors, exhibits and artists as well as their works’ context. We analysed 261 texts from 62 magazines-Nº 411 (5/1/1914) to Nº 617 (30/12/1918). These texts made it possible to follow the work of well-known artists, as well as the beginning of others’ career and to see if some would meet the expectations.

The magazine covers not only had graphic quality but also followed the decorative evolution of that time and for that reason we include them in these Thesis. They reflect the dominant taste of the target audience who wanted to read during the hours of rest an illustrated magazine with information about the tragic events of the time but did not lack other contents such as those related to social life, theatre, literature, and art exhibitions.

Some of the covers go outside the usual aesthetic conservatism of the magazine. Their quality and the authors' distinction are different from the others and for this reason we present them in separate.

**Key Words:** *Ilustração Portuguesa*; Art Exhibits; Portuguese Art; World War I; Naturalism and Modernism

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

Fig.- Figura

G.A.P.-Grupo de Artistas Portugueses

JAF-José-Augusto França

Nº-Número

p. -página

SNBA- Sociedade Nacional de Belas Artes

SNI- Secretariado Nacional de Informação

SPN- Secretrariado de Propaganda Nacion







## Introdução

### Objectivos e Metodologia

“As Exposições de arte na *Ilustração Portuguesa* de 1914-1918” tem como objetivo analisar as exposições, as obras expostas dos artistas, as crónicas que os críticos de arte ou (e) historiadores de arte fizeram sobre elas, avaliar a maior ou menor presença dos artistas ao longo destes quatro anos nas exposições realizadas, medindo a sua notoriedade, a sua evolução, (quando possível), ao longo da época em estudo. Iniciei o estudo com os objetivos de: - Comprovar se a notoriedade dos que já a tinham na altura ainda hoje se mantém e no caso de isso não se verificar, dar de novo visibilidade à sua obra para que esta seja devidamente apreciada e para que os seus criadores saiam da penumbra a que o passar do tempo os colocou; - Procurar saber as influências, os mestres de quem foram discípulos, em Portugal como no estrangeiro (já que muitos foram bolseiros do Estado Português, principalmente em Paris, só alguns indo para fora à custa de outros mecenas ou à sua custa); - Comprovar a influência desses Mestres e de outros pintores que tenham contactado ou de quem tenham visto as obras, analisando algumas das obras e comparando-as; - Procurar, tão exaustivamente quanto possível, o trajeto daqueles que são referidos como promessas nas folhas da *Ilustração Portuguesa* desse período (1914-1918), ou simplesmente são nomeados por terem participado numa ou noutra exposição; - Comprovar se se confirmou o seu valor nos anos seguintes, revisitá-los, de qualquer modo, para fazer o juízo crítico que o afastamento no tempo nos permite (ganham todos com esta redescoberta: os apreciadores da arte pela arte, os historiadores de arte, os colecionadores que verão as suas coleções valorizadas, os comerciantes de arte, os leiloeiros, o País); - Apreciar as obras expostas dos artistas através das crónicas que os críticos de arte ou (e) historiadores de arte fizeram sobre elas; - Apresentar, para cada um deles ou para aqueles que mais vezes expuseram, em Portugal, no Brasil, em França, nos Estados Unidos, entre outros locais, uma análise da obra publicada na revista.

A ideia de desenvolver um trabalho a partir da *Ilustração Portuguesa*, surgiu no momento em que herdei, por falecimento de meu pai, parte da coleção dessa revista semanal que meu bisavô colecionou enquanto viveu no Rio de Janeiro. Tendo decidido

doar os volumes encadernados da Revista à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por não ter espaço para os guardar, encontrei no momento da escolha do tema para a Dissertação do Mestrado em História de Arte Portuguesa, a oportunidade de continuar ligado a essa colecção, escolhendo um assunto que pudesse ser desenvolvido a partir dos volumes da *Ilustração Portuguesa*.

O tema em estudo, “Exposições de Arte na *Ilustração Portuguesa* de 1914-1918”, foi limitado a esse espaço temporal porque a quantidade de exposições referidas na *Ilustração Portuguesa* durante o período em que se publicou era de tal modo extensa que foi preciso seleccionar balizas cronológicas para o fim pretendido. Escolhi o período da 1ª guerra mundial, não só pelas comemorações do seu centenário, mas também porque durante esse período aconteceram factos determinantes para a evolução da arte portuguesa: o regresso de Paris de Amadeo Sousa Cardoso, a chegada dos Delaunay, as exposições dos Humoristas, a apresentação do manifesto futurista de Almada Negreiros... Factos associados a uma nova estética artística, que ia contra a corrente defendida pela Sociedade Nacional das Belas Artes, a de um naturalismo impregnado de valores que vinham do tempo do romantismo.

Na maior parte de revistas aparecem comentários às exposições artísticas realizadas em vários salões do País, o da Sociedade Nacional de Belas Artes, o salão da *Ilustração Portuguesa*, o salão Bobone, o salão do Ateneu Comercial do Porto, o salão da Igreja da Misericórdia do Porto, o *Hall* dos jardins de Passos Manuel do Porto, o salão do Teatro Nacional de S. Carlos,..., assim como a algumas exposições realizadas no Rio de Janeiro, em São Francisco nos Estados Unidos,... pelos artistas portugueses.

As crónicas e críticas das exposições, escritas nas páginas da *Ilustração Portuguesa* ao longo do tempo, permitiu-me acompanhar o trabalho dos artistas consagrados, assistir ao início da carreira dos “novos” e verificar se aqueles que tinham sido ou que já eram então considerados promessas, se transformaram em valores reconhecidos por todos. E esta apreciação pode ser feita não só para pintores, como para escultores, para fotógrafos, para desenhadores, para caricaturistas, para arquitectos. Vou dar visibilidade ao contexto social, político, cultural em que a produção artística deste período se desenvolveu, tendo-se reflectido no destaque que a Revista dá aos criadores de estética naturalista e àqueles que seguem uma corrente evolutiva sem grandes sobressaltos e à forma irónica como o Futurismo é anunciado, em Abril de 1917. As crónicas sobre Arte

escritas por Paulo Osório, o correspondente da Revista em Paris, também me permitiu fazer algumas comparações com o que se passava em Portugal.

As notícias, crónicas, críticas sobre arte e sobre exposições de arte, escritas na *Ilustração Portuguesa*, no período de 1914-1918, aparecem em 62 números da revista, num total de 261, do Nº 411 de 5/1/1914 ao Nº 671 de 30/12/1918.

As 62 revistas seleccionadas contendo notícias, artigos de opinião, crónicas ou críticas sobre as exposições foram as seguintes:

**-Em 1914:** Nº 412, Nº 413, Nº 414, Nº 416, Nº 417, Nº 419, Nº 420, Nº 421, Nº 422, Nº 423, Nº 424, Nº 425, Nº 431, Nº 432, Nº 434, Nº 435, Nº 460, Nº 462.

**-Em 1915:** Nº 474, Nº 481, Nº 485, Nº 486, Nº 494, Nº 510, Nº 514.

**-Em 1916:** Nº 515, Nº 518, Nº 519, Nº 521, Nº 523, Nº 527, Nº 533, Nº 535, Nº 537, Nº 538, Nº 542, Nº 548, Nº 551, Nº 557, Nº 564.

**Em 1917:** Nº 567, Nº 568, Nº 571, Nº 572, Nº 573, Nº 575, Nº 576, Nº 583, Nº 588, Nº 592, Nº 601, Nº 614, Nº 619.

**Em 1918:** Nº 622, Nº 623, Nº 624, Nº 641, Nº 643, Nº 653, Nº 657, Nº 666.

À medida que ia lendo a revista, número a número, desde o primeiro número de 1914 ao último de 1918, fui registando numa tabela que construí, o número, a data da revista que continha os títulos das crónicas que se referiam a exposições de arte, o autor das mesmas, no caso de estar identificado, o título das crónicas, o nome dos artistas citados, o espaço onde essas exposições se desenrolaram, a indicação das páginas que continham reproduções dos trabalhos dos artistas, as ideias mais importantes, as referências a outros autores e os temas a pesquisar. Essa tabela está localizada no início do II Volume.

As listas de identificação dos espaços de exposição e dos autores das crónicas foram construídas à medida que os nomes me foram aparecendo e estão inseridas no Volume I em 2.2 e 2.4, respectivamente.

A tabela da referência aos artistas que participaram nas exposições, por ser extensa e para facilitar a sua leitura, foi construída por ordem alfabética e está localizada no Volume I em 2.3. A reprodução das suas obras, aquelas cujas imagens me foi possível copiar a partir da edição digital do “site” da *Ilustração Portuguesa* <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>,

das revistas do período de 1914-1918, foi também feita por ordem alfabética do nome do artista e encontra-se no *Volume II- Apêndice iconográfico e documental*

Em muitas ocasiões, a análise dos textos de crítica de arte foi acompanhada de considerações, de citações de textos que achei pertinentes. No caso em que esses textos se referiam às exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, os catálogos originais dessas exposições foram de grande utilidade no cruzamento de informação, para a identificação correta do nome de alguns artistas menos conhecidos, do título das obras, assim como para a apreciação melhor (a preto e branco) das próprias imagens que aí são representadas a uma escala mais conveniente para serem apreciadas.

Um problema com que sempre me confrontei foi em distinguir a natureza dos textos escritos sobre as exposições de arte na *Ilustração Portuguesa*. Esse problema é sentido em tudo que escrevi sobre eles e muitas vezes os referi como sendo crónicas, artigos de opinião, críticas e até notícias.

Outra dificuldade não ultrapassada foi a identificação de alguns críticos. Muitos não assinavam o que escreviam, sendo isso um dos sinais da irresponsabilidade do que afirmavam. Ninguém poderia questioná-los. Outros assinavam com as iniciais dos seus nomes. Se houve casos em que a sua identificação foi possível com alguma segurança, noutros não foi.

Houve espaços expositivos sobre os quais tive também dificuldade em ter informação e não fiz mais do que citá-los. Aqueles sobre os quais encontrei dados relevantes, deram-me a possibilidade, nuns casos mais, noutros menos, de escrever sobre eles.

A escolha da metodologia adequada para um trabalho de investigação, é um factor importante para ter êxito. Com esse objectivo, li o “Guia de História da Arte”, de Giulio Carlo Argan<sup>1</sup>. O livro de Giulio Carlo Argan e de Maurizio Fagiolo fornece o que os autores designam por “um esqueleto de bibliografia”<sup>2</sup> e pretende ser “uma análise dos instrumentos de trabalho mais actualizados e também uma indicação dos caminhos abertos a uma investigação efectiva e profícua”<sup>3</sup>, como escrevem os autores. No capítulo “As metodologias” descrevem uma série de métodos cuja aplicação nos

---

<sup>1</sup> ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio - *Guia da História de Arte*. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. ISBN 978-972-33-0970-6.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 107.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 87.

permite procurar, sabendo como fazê-lo. Constatam os autores que “ainda hoje nas nossas escolas, se pretende estudar um determinado tema sem saber bem como, se procura sem saber como se deve procurar, e por isso nunca se encontra”<sup>4</sup>. Com a mesma finalidade li a obra de Jean-François Soulet “L’Histoire Immédiate”<sup>5</sup>, onde se divulga os cuidados a ter na consulta às fontes e enuncia os métodos de investigação que estão ao nosso dispor. Uma fonte muito importante é a Imprensa. Como escreve o autor do livro, a análise do espaço ocupado pelo tema que estou a investigar na imprensa, no nosso caso a revista *A Ilustração Portuguesa*, e a análise do discurso jornalístico relativamente ao tema de investigação na revista tem de se ter em conta<sup>6</sup>. A importância das fontes literárias também é sublinhada pelo autor, sejam revistas, memórias, autobiografias, obras de autores notáveis. Aconselha muita prudência em informações dadas em obras de ficção pois muitas vezes acontece que o real não coincide com o que se escreve. Mas realça-se que esse tipo de obras podem ser importantes na descrição do ambiente de uma época em que um artista viveu, por exemplo<sup>7</sup>. Refere a importância da Internet para o historiador das sociedades contemporâneas com a sua ampla informação disponível em sites de confiança e de permitir o diálogo entre investigadores sobre o tema a investigar<sup>8</sup>.

A estrutura do trabalho que apresento no Volume I é definida por dois Capítulos. No 1º dou um panorama do contexto artístico internacional e nacional onde se insere o tema sobre o qual incide a minha dissertação. No 2º refiro-me primeiro aos espaços expositivos-os Salões, identifico os artistas, os cronistas (pelo nome ou pelas iniciais do seu nome), dou um panorama das reflexões feitas sobre a crítica de arte por alguns pensadores internacionais ou nacionais ao longo do tempo. Em seguida faço a análise das crónicas, artigos de opinião, notícias e de algumas críticas, que também aparecem e com qualidade, sobre as Exposições de Arte no período de 1914-1918, classifico as capas da revista pelo tema representado e termino com a apresentação de várias obras de diversos artistas que participaram nessas exposições. O volume II- *Apêndice iconográfico e documental*, inclui a tabela feita no arranque do trabalho, as cópias das capas da revista, as imagens que ilustram as crónicas dos artistas nelas referidos, as

---

<sup>4</sup> Ibidem. p. 87.

<sup>5</sup> SOULET, Jean-François- L’Histoire Immédiate: Historiographie, Sources et Méthodes. Paris: Édition Armand Collin, 2010. ISBN 978-2-200-35328-5

<sup>6</sup> Ibidem, pp. 113-115.

<sup>7</sup> Ibidem, pp.134-138.

<sup>8</sup> Ibidem, pp. 185-187.

revistas *Alma Nova* e *A Rajada*, os catálogos das Exposições de Verão da SNBA de 1914, 1915, 1916, 1917, 1918 e um texto final, que pretende dar a ideia de ter sido o resultado de uma *rêverie* surgida após ter terminado a escrita da dissertação, ao jeito de uma *rê...visão*.

A tabela de dados encontra-se no capítulo 2 do Volume II, pp. 5-23

### **Estado da Arte**

Foi na revista *Ilustração Portuguesa*, e mais concretamente nas notícias, nas crónicas e nas críticas sobre as exposições de arte durante o período de 1914-1918 que aí aparecem, que me baseei essencialmente para desenvolver a dissertação. Complementei essa informação com recurso a outras publicações:

Para entender a orientação da revista, mais preocupada com o sucesso comercial do que com ideologias, alinhando-se moderadamente pela corrente dominante do momento, destaco a leitura que fiz duma crónica de Rocha Martins incluída na revista da *Ilustração Portuguesa*, da designada 1ª série, no número 1 de 9 de Novembro de 1903<sup>9</sup> assim como uma crónica aparecida no número 118 da revista, também da 1ª série, de 5 de Fevereiro de 1906<sup>10</sup> com o título “Uma nova *Ilustração Portuguesa*” e finalmente a crónica “O que é e que será a *Ilustração Portuguesa*” já da 2ª série, incluída no número 125 de 13 de Julho de 1908<sup>11</sup>.

Por ter sido Stuart Carvalhais um dos principais ilustradores da *Ilustração Portuguesa*, com ilustrações em quase todos os números da revista, incluindo o desenho de algumas capas da mesma, durante o período a que se refere o meu trabalho, consultei o catálogo de Paulo Madeira Rodrigues sobre a exposição realizada em Lisboa, em Maio e Junho de 1982 no Palácio dos Coruchéus, sobre a obra de Stuart de Carvalhais.<sup>12</sup>

Para entender a crítica, o tipo de crítica, o conhecimento dos próprios críticos que assinam os textos que escrevem sobre as exposições de arte realizadas e noticiadas na *Ilustração Portuguesa* li a “Teoria e Critica de Arte em Portugal (1921-1940)” de

---

<sup>9</sup> MARTINS, Rocha- Crónica. In *Ilustração Portuguesa* I Série. Nº1, Lisboa, 9/11/1903, p. 2.

<sup>10</sup> MARTINS, Rocha - Uma Nova *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* I Série. Nº 118, Lisboa, 5/2/1906, p. 82.

<sup>11</sup> MARTINS, Rocha - O que é e o que será a *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 125, Lisboa, 13/7/1908, p. [não visível].

<sup>12</sup> RODRIGUES, Paulo Madeira - Vida e obra de Stuart de Carvalhais. Lisboa: Serviços da Camara Municipal de Lisboa, 1982.

Patrícia Esquível<sup>13</sup>. Embora a tese de Patrícia Esquível incida no período de 1921-1940, a proximidade das datas torna a sua leitura relevante. Alguns dos artistas aí tratados viveram na época cujas exposições são noticiadas na *Ilustração Portuguesa* de 1914-1918 ou foram simplesmente ignorados. Os intérpretes dos movimentos modernistas foram na *Ilustração Portuguesa* vistos com desconfiança<sup>14</sup>. Em 1918 os anos heróicos do “Orfeu” e do “Portugal Futurista” já tinham passado, Amadeo e Santa Rita estavam mortos e Almada Negreiros parte para Paris em 1919<sup>15</sup>. A tese de Patrícia Esquível mostra que as referências aos movimentos modernistas continuaram nos inícios dos anos 20, ora acriticamente elogiosas ora ainda como tinha acontecido na década anterior, com desconfiança ou mesmo desprezo<sup>16</sup>. Os anos 20 são em parte um retorno à ordem<sup>17</sup> que tinha sido alterada pelos modernistas e futuristas, mas o que se pretendia era uma ordem em que a modernidade e a tradição se combinassem<sup>18</sup>. Foi a questão entre “os novos” e “os velhos”<sup>19</sup>. Os “novos”, tendo defendido a sinceridade e a espontaneidade na criação artística, manifestavam a sua independência relativamente a qualquer escola. Aos académicos da SNBA chamavam “fanáticos do classicismo” e “forças retrógradas”. No capítulo referente aos anos 20 fazem-se referências a escritores que discorrem sobre esta temática como Zola, Fernando Pessoa, José Régio, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Mário de Sá Carneiro, António Sérgio... acompanhadas de citações retiradas de seus livros<sup>20</sup>. E para a reflexão sobre o conceito de crítica de arte realizado por pensadores internacionais li o livro de Lionello Venturi, a “História da Crítica”<sup>21</sup>.

Como em algumas das exposições noticiadas, sujeitas à análise dos críticos da *Ilustração Portuguesa*, a Arquitectura é referida, li a obra de Rute Figueiredo “Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)”<sup>22</sup>. A análise feita aí decorre

<sup>13</sup> ESQUIVEL, Patrícia - Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940). Lisboa: Edições Colibri, Maio 2007. Coleção Teses. IHA/Estudos de Arte Contemporânea de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. ISBN 978-972-772-719-3

<sup>14</sup> PAIVA, Acácio de-Futurismo. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 583, Lisboa, 23/4/1917, p. 321

<sup>15</sup> ESQUIVEL, Patrícia-Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940). Op. cit., p. 50

<sup>16</sup> ESQUIVEL, Patrícia-Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), op. cit., p. 186.

<sup>17</sup> GONÇALVES, Rui Mário-História da Arte em Portugal; Pioneiros da modernidade. Lisboa: Publicações Alfa S.A., 1993.

<sup>18</sup> ESQUIVEL, Patrícia- Op. cit., p. 53.

<sup>19</sup> ESQUIVEL, Patrícia- Op. cit., p. 22.

<sup>20</sup> ESQUIVEL, Patrícia- Op.cit., p. 21-70.

<sup>21</sup> VENTURI, Lionello - História da Crítica de Arte. Lisboa: Edições 70, 1998. ISBN 972-44-0345-9

<sup>22</sup> FIGUEIREDO, Rute - Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918). Lisboa: Edições Colibri, Fevereiro 2007. Coleção Teses. Coord. IHA/Estudos de Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.ISBN 978-972-772-708-7

num período que contem o da minha dissertação. Este estudo assenta na tese de que “os trajectos formais e conceptuais da arquitectura são invariavelmente atravessados pelo discurso crítico que ela desencadeia”<sup>23</sup>. A autora analisa a crítica da arquitectura publicada em três revistas , “Construção” (1893-1899), “Construção Moderna” (1900-1910), e a primeira fase de “A Arquitectura Portuguesa (1908-1918)”. As três revistas aparecem num período em que se começa a prestar atenção aos problemas que resultam dum novo tipo de urbanismo e, que termina com a Campanha à volta da Casa Portuguesa que acaba por sintetizar a evolução que decorre ao longo do período estudado por Rute Figueiredo.

Para entender a reação dos críticos da *Ilustração Portuguesa* em relação ao Futurismo e ao movimento modernista português no período em estudo, a leitura de “Orpheu Percursos e Ecos de um Escândalo”, de Fernando Hilário<sup>24</sup>, foi muito importante. A revista “Orpheu” nasce em 1915, tendo sido posto à venda o seu primeiro número, “Orpheu I”, a 26 de Março de 1915. A vanguarda modernista do Orpheu provocou uma rutura com a literatura que se fazia na época dando origem a uma “forte reação nos espíritos conservadores”<sup>25</sup>. A imprensa ao criticar o grupo tão duramente deu-lhes também publicidade. Alguns do Orpheu também não eram parcus em palavras designando a literatura da época de “velha”, “imbecil” e “podre”<sup>26</sup>. Os grupos que apoiavam acriticamente o Orfeu e os contra lançavam “mimos” uns aos outros<sup>27</sup>. Fernando Hilário analisa os antecedentes que levaram ao aparecimento do “Orpheu”, a onda de choque que causou o aparecimento da revista e “o permanente de outros ecos mais distantes”<sup>28</sup>. Na Parte II, Anexo-Outros textos, no oitavo texto, com o título, “Primeira Descoberta de Portugal na Europa do séc.XX, Almada Negreiros” e com o sub-título “Manifesto da exposição de Amadeo Sousa Cardoso”, escrito em 12 de dezembro de 1916 por José Almada Negreiros, este incita os leitores a deslocarem-se à Liga Naval de Lisboa a ver a exposição de Amadeo Sousa Cardoso. No início do manifesto critica o facto de haver em Portugal uma só opinião sobre arte, a de um

---

<sup>23</sup> ACCIAIUOLI, Margarida - Prefácio. In FIGUEIREDO, Rute - *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*, op. cit., p.13-15.

<sup>24</sup> HILÁRIO, Fernando - *Orpheu: Percursos e Ecos de um Escândalo*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. ISBN: 978-989-643-004-7

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.13.

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 92,95,103,149,155-156.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.14.



senhor chamado “dr José Figueiredo (gago do governo)”<sup>29</sup>. No nono texto, com o título “O Interseccionismo literário e a sua conciliação em Amadeo de Souza Cardoso”, escreve o autor que

“se há no âmbito do modernismo, uma conciliação efectiva da literatura com as artes plásticas, tal como o movimento a reclamava, essa coincidência de linguagens e discursos tem provavelmente, no caso português, a sua expressão mais próxima ou confluyente na pintura de Amadeo de Sousa Cardoso”<sup>30</sup>.

E dá o exemplo das relações que se podem estabelecer entre o quadro de Amadeo, “A Procissão de Corpus Christi”, uma tela do simultaneismo órfico, com o interseccionismo poético-literário do poema “Chuva Oblíqua” de Fernando Pessoa.

Por ter sido Correia Dias, um dos artistas que pela via da caricatura, da ilustração, da capa chegou ao modernismo, li o nº 2 da Série 1ª da revista “A Rajada”, do mês de Abril de 1912 cujo director literário era Afonso Duarte e o director artístico era Correia Dias<sup>31</sup>. Além da data ser próxima daquela a que se refere o meu trabalho, o artista Correia Dias é referido numa crítica a uma sua exposição na *Ilustração Portuguesa*.

Porque são, na maior parte, as obras de pintores naturalistas as que são ilustradas na *Ilustração Portuguesa* li a tese de Doutoramento de Cristina Tavares, “Naturalismo e Naturalismos”<sup>32</sup>.

Por ter sido uma das organizações que no Porto promoveu a arte e o ensino e que teve importância relevante na formação, li a Tese de Doutoramento de Susana Moncívio, “O Centro Artístico Portuense 1880-1893”<sup>33</sup>.

Embora não estejam relacionadas com a revista *Ilustração Portuguesa* houve obras, que por terem objectivos semelhantes ao meu, me interessaram. É o caso da obra de Margarida Brito Alves “A Revista Colóquio/Artes”<sup>34</sup>. É um estudo da revista “Colóquio/Artes” desde Fevereiro de 1971 até Outubro de 1996, cujo director era José-

<sup>29</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>30</sup> HILÁRIO, Fernando - Orpheu: Percursos e Ecos de um Escândalo, op. cit., p. 231.

<sup>31</sup> A Rajada: Revista de Crítica Arte e Letras, Nº2, Série 1ª. Coimbra: Proprietário e Editor Moita de Deus. Abril 1912.

<sup>32</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1999. 2 vol. Tese de Doutoramento.

<sup>33</sup> MONCÍVIO, Susana Maria Simões. O Centro Artístico Portuense (1880-1893). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. Tese de Doutoramento.

<sup>34</sup> ALVES, Margarida Brito- A Revista Colóquio /Artes. Coord. IHA/Estudos de Arte Contemporânea de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Coleção Teses. Lisboa: Edições Colibri. Maio 2007. ISBN 978-972-772-727-8

Augusto França. No seguimento da revista “Colóquio/Artes e Letras” que se cindiu em duas publicações, a revista em cima indicada deu mais destaque à Arte Contemporânea do que o tinha feito a sua antecessora e principalmente posicionou-se como uma revista internacional, privilegiando a actividade artística do seu tempo. Uma parte importante da escrita da autora é um estudo das capas da revista ilustradas pelos artistas seleccionados e é uma análise dos artigos que a eles se referiam no interior da “Colóquio/Artes”. Um outro capítulo também de destaque no livro é a análise dos artigos sobre Arte Contemporânea, que simultaneamente servem para mostrar a preocupação do seu diretor em alargar a revista ao plano internacional. No capítulo Modernismo e Modernismos, Margarida Brito Alves faz a análise dos artigos que tratam de acontecimentos relevantes para o contexto da arte na primeira metade do séc. XX. Com esta dissertação a autora pretendeu usar a “Colóquio/Artes” para fazer uma reflexão sobre a atividade artística durante o período de vida da revista. Pelo mesmo motivo que me fez ler o trabalho anterior, li a dissertação de Diana Maria de Matos Loureiro a “Análise da página Arte do jornal a Tarde (1945)”<sup>35</sup> feita em 2013. Nesta tese a autora constata que no início da década de 40 há uma nova apreciação da obra de Almada, que na época de 1914-1918 não foi por muitos apreciado. No início da década de 40 o S.P.N. organizou a exposição Almada-Trinta anos de Desenho e em 1943 inaugura-se a estação marítima de Alcântara onde Almada Negreiros pintou dois tripticos, “um evocando a lenda da Nau Catrineta, noutro a vida de Lisboa à beira do rio. Além destas pinta mais duas composições, uma romaria e a lenda de D. Fuas Roupinho. Pinta ainda os frescos da Gare Maritima da Rocha de Conde de Óbidos representando num tríptico a partida dos emigrantes e noutro Lisboa à beira-rio”<sup>36</sup>. O S.P.N. foi criado em 1933 por António Ferro, tendo passado a chamar-se S.N.I. a partir de 1944. Vários prémios foram criados pelo S.P.N. com nomes de artistas consagrados, entre os quais, em 1935, os prémios “Columbano” e “Sousa Cardoso” (pintura, em Lisboa) e em 1940 o prémio “Manuel Pereira”(escultura)<sup>37</sup>. Entre 1945 e 1949 o S.N.I. criou os prémios “António Carneiro”, “Pousão”, “Teixeira Lopes” e “Marques de Oliveira”, entre outros<sup>38</sup>. Para os artistas que expunham no S.N.B.A. criaram-se os

<sup>35</sup> LOUREIRO, Diana Maria de Matos- Análise da página Arte do jornal A Tarde (1945). Porto: Faculdade de Letras, 2013. 2 vol. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa.

<sup>36</sup> LOUREIRO, Diana Maria de Matos- Análise da página Arte do jornal A Tarde (1945). Porto: Faculdade de Letras, 2013. 2 vol. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, p. 15.

<sup>37</sup> FRANÇA, José-Augusto-A Arte em Portugal no Séc. XX. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974, p. 201-203.

<sup>38</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Naturalismo e Naturalismos, op. cit., p. 182.

prémios Silva Porto, Soares dos Reis e Roque Gameiro<sup>39</sup>. Fora das instituições oficiais realizaram-se as Exposições Independentes a partir de 1943 feitas pelo Grupo Independentes da Escola Superior de Belas Artes do Porto<sup>40</sup>, onde lecionavam Carlos Ramos, Joaquim Lopes, Barata Feyo e Dórdio Gomes. Nessas exposições mostravam os seus trabalhos, além de outros, os pintores consagrados Dórdio Gomes, Joaquim Lopes e Abel Salazar, Carlos Carneiro, António Cruz, Augusto Gomes e o escultor António Azevedo. Em 1914-1918 tinham aparecido à boca da cena alguns destes consagrados: Dórdio Gomes, Joaquim Lopes, António Azevedo, o arq. Carlos Ramos<sup>41</sup>.

Consultei na elaboração do meu trabalho várias obras generalistas, das quais destaco:

“A História de Arte em Portugal” de José Augusto França<sup>42</sup>, obra indispensável e insubstituível para todos os que se interessam pela Arte Portuguesa dos séc. XIX e XX; os volumes 11 e 12, da “História de Arte em Portugal” da Alfa<sup>43</sup> que se relacionam com o período que foco na minha dissertação; os volumes da “A Arte Portuguesa, da Pré-História ao séc. XX”<sup>44</sup> e as antologias “Art in Theory 1815-1900”<sup>45</sup> e a “Art en Théorie 1900-1999”<sup>46</sup>, (a última em tradução em língua francesa de Art in Theory 1900-1999). Nestas duas últimas obras foquei a minha leitura nos textos que mais têm a ver com o período que estou a analisar e com a realidade portuguesa da época. Sem esta obra eu não teria tido acesso a muitos textos importantes, textos escritos na época pelos próprios artistas, escritores, filósofos, que aí são transcritos, por desconhecer a sua existência ou pela dificuldade em encontrar numa biblioteca todas as revistas, jornais, livros aí

<sup>39</sup> “A atribuição destes prémios teve início em 1940 para o Prémio Silva Porto e Soares dos Reis, terminando ambos em 1964, e em 1942 para o prémio Roque Gameiro terminando a atribuição deste prémio em 1963, no antepenúltimo Salão da Primavera” (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos, op.cit., p.391)

<sup>40</sup> FRANÇA, José-Augusto- A Arte em Portugal no Séc. XX, 1974, op. cit., p. 395.

<sup>41</sup> Dórdio Gomes expôs em 1913 na SNBA (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit. Vol. II, p. 65), Joaquim Lopes em 1914 (catálogo da Décima Primeira Exposição da SNBA. p. 31), António Azevedo em 1918 (catálogo da Décima Quinta Exposição da SNBA. p. 49), na SNBA. Carlos Ramos em 1925 no Salão de Outono (ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p.185).

<sup>42</sup> FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no Séc. XIX. 2 vol. 1ª Ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1966.

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no Séc. XX. 2ª Edição. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974

<sup>43</sup> História da Arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa, S. A. 1993. Vol.11,12.

<sup>44</sup> Arte Portuguesa: Da Pré-História ao Século XX-Coord. Dalila Rodrigues. 1ª Ed. Porto: Fubu Editores, SA, 2009. ISBN 978-989-8207-06-7.

<sup>45</sup> HARRISON, Charles; WOOD Paul; GAIGER Jason- Art in Theory (1815-1900)- An Anthology of Changing Ideas. Blackwell Publishing Lda, 1998. ISBN-13: 978-0-631-20066-6.

<sup>46</sup> HARRISON, Charles; WOOD Paul- Art en Theorie 1900-1990- Une Anthologie par Charles Harrison et Paul Wood. Éditions Hazan, 1997. ISBN 978-2-7541-0194-3

citados. Estas coletâneas, não sendo uma fonte primária, servem de indicador da fonte a selecionar e a procurar.

As dificuldades que senti em encontrar informação suplementar, relativa àquela que me era dada pelas críticas ou crónicas da *Ilustração Portuguesa*, sobre as exposições de arte aí consideradas, foram em parte resolvidas com a consulta dos catálogos das exposições anuais da SNBA, a de 1914 inaugurada a 15 de Maio, a de 1915 inaugurada a 15 de Maio, a de 1916, a de 1917 e a de 1918<sup>47</sup>. Além de indicar os nomes dos artistas que participaram nas exposições, os seus prémios (os que os ganharam), os seus mestres, contém o regulamento, a composição do júri de admissão e classificação, os suplentes e a composição da Direção da SNBA, Presidente, Secretários, Tesoureiro, vogais. Um outro catálogo consultado, sobre uma exposição na SNBA, em Junho de 1958 de gravuras de artistas nacionais e estrangeiros intitulada Paisagistas e Animalistas do séc. XIX<sup>48</sup>, ajudou-me a fazer algumas comparações entre obras de várias proveniências. Os catálogos de exposições anuais na SNBA de datas posteriores ao período estudado deram-me indicações da assiduidade nas exposições de muitos dos artistas que expuseram no período de 1914-1918. Para esse fim consultei os catálogos das exposições anuais de 1936, 1937, 1942,<sup>49</sup> e o catálogo da exposição de 1949 no Palácio Foz dos artistas premiados pelo SNI, com prefácio de António Ferro e uma alocução de Diogo de Macedo<sup>50</sup>. Além destes, o catálogo<sup>51</sup> que consultei sobre a Exposição Olisiponense, referida na crónica da “*Ilustração Portuguesa*”<sup>52</sup> reforçou a ideia da importância que tivera na época, pela variedade e qualidade dos temas em que se dividia a exposição, da arquitectura ao urbanismo, à documentação bibliográfica e à cerâmica. Essa exposição foi organizada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses

<sup>47</sup> Catálogo Décima Primeira Exposição Annual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes. 1914.

Catálogo Décima Segunda Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes. 1915.

Catálogo Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes. 1916.

Catálogo Décima Quarta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes. 1917.

Catálogo-Décima Quinta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes. 1918.

<sup>48</sup> Catálogo Gravura: Paisagistas e Animalistas do Século XIX. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Junho 1958.

<sup>49</sup> Catálogo XXXIII Exposição de Pintura/Escultura/Arquitectura/ Desenho e Gravura. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Abril 1936.

Catálogo XXXIV Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Abril 1937.

Catálogo XXXIX Exposição de Pintura Desenho Gravura e Escultura, Abril de 1942.

<sup>50</sup> Catálogo Exposição dos Artistas Premiados pelo SNI: Arte Moderna Portuguesa através dos prémios artísticos do S.N.I. 1935-1948. Lisboa: Edições SNI, Maio 1949.

<sup>51</sup> Catálogo Exposição Olisiponense: Plantas e Planos: Vistas e Aspectos: Bibliografia-Vária. Lisboa: Edição da Associação dos Archeólogos Portugueses, 1914.

Catálogo Exposição Olisiponense: Cerâmica. Lisboa: Edição da Associação dos Archeólogos Portugueses. Lisboa 1914.

<sup>52</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 422, Lisboa, 23/3/1914, p. 374-377.

e realizou-se no Edifício Histórico do Carmo em 1914, para comemorar o quinquagésimo aniversário associativo.

Além dos catálogos da SNBA e o da exposição Olisiponense, foram relevantes por forneceram informações sobre os costumes da época que se refletem nas pinturas e esculturas naturalistas representadas na *Ilustração Portuguesa*:

- as edições fac-smiladas “Album de Costumes Portugueses”<sup>53</sup> (com cópias de aguarelas de Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Condeixa, Malhoa, Manuel de Macedo, Rafael Bordalo Pinheiro e outros com artigos descritivos de Fialho de Almeida, Júlio César Machado, Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha);
- o “Album das Glórias”<sup>54</sup> com desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro textos de João Rialto, João Ribaixo e outros e prefácio de José-Augusto França,
- a edição original de “Lisboa Velha”<sup>55</sup> com Ilustrações de Roque Gameiro e, prefácio de Afonso Lopes Vieira;
- o livro “Zé Povinho 1875: Comemoração do centenário/1975”<sup>56</sup>, escrito por José-Augusto França;
- o catálogo “Bordalo Contemporâneo e Contemporâneos com Bordalo”, que inclui um catálogo das obras contemporâneas produzidas na fábrica Bordalo Pinheiro, da galeria novaOgiva, Óbidos;
- o catálogo “Bordalo Pinheiro- Faianças Atísticas das Calda da Rainha” que inclui a edição facsmilada do catálogo de uma exposição no Porto em Março de 1909.

---

<sup>53</sup> Álbum de Costumes Portugueses. Lisboa: Edição Perspectivas & Realidades, 1987. Depósito legal nº 18914/87.

<sup>54</sup> Álbum das Glórias. Edição Fac-Similada do Original. Lisboa: Moraes Editores, 1999.

<sup>55</sup> GAMEIRO, Roque - Lisboa Velha. Lisboa: Depositários J. Rodrigues & C<sup>a</sup>, 1925.

<sup>56</sup> FRANÇA, José Augusto - Zé Povinho 1875: Comemoração do Centenário/1975. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.



## Capítulo 1

### 1 Contextos

#### 1.1 Contexto internacional

Para nos situarmos no tempo lembremos que em 1879 Silva Porto e Marques de Oliveira chegaram a Portugal, vindos de França, a par das novas tendências da arte. Tinham frequentado os ateliers de Ivon e Cabanel onde receberam uma formação clássica e contactaram com a pintura de ar-livre que se fazia em Barbizon, tendo tido ambos conhecimento do nascimento e progresso do movimento impressionista. A pintura de Silva Porto aproxima-se da que se praticava em Barbizon, via Daubigny.<sup>57</sup>

É numa crítica de Castagnary ao Salão de 1867<sup>58</sup> que se dá conta das novas tendências na arte, refletindo uma reorientação do espírito francês.

Embora na sua opinião o Salão não contenha obras importantes, acha que vale a pena prestar-lhe atenção. E diz isto porquê:

“the new tendencies in art are seen ever more clearly, more clearly than in previous Salon; it testifies to the definitive reorientation of the mind of France. Despite the prejudices of the administration, despite the hostility of the Ecole, despite the opposition of the juries, Naturalism carries the day. Religion is dead, history is dead, mythology is dead. The old sources of inspiration, so dear to indolence and mediocrity, are all dried up”.

“(…) Painting (...) now takes its bearings for a new destiny. It understands that the visible world is its sole domain; that the sole forms and aspects to the reproduction of which we can react are those conveyed to our senses by the spectacle of things; that art cannot contradict the first and essential data of observation (...)”<sup>59</sup>

O Salão de 1867 era o culminar dum processo que levou muitos pintores a saírem de Paris, a partir dos anos 40 do séc.XIX, para se distanciarem das Academias. Optam por uma formação anti-académica, ao ar-livre, em locais onde podiam apreciar a paisagem com a luz do dia, aspecto que vai ser muito importante no fim do século para os impressionistas (Claude Monet e a sua série de Catedrais de Rouen pintadas em diversos momentos). Recusavam o ensino académico, queriam distanciar-se dos problemas e conflitos sociais da cidade para levar um estilo de vida calmo. Para trás

<sup>57</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos, op. cit. Vol. I, p. 18, 19

<sup>58</sup> CASTAGNARY, Jules-Antoine- Naturalism. In Harrison, Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason, coord. -Art in Theory 1815-1900, op. cit., pp. 413-415

<sup>59</sup> CASTAGNARY, Jules-Antoine- Naturalism. In Harrison, Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason, coord.-Art- in Theory 1815-1900. Blackwell Publishers, 1998, p. 415

deixavam o ambiente político perturbado do período anterior à Segunda República (1848-1852) e os conflitos posteriores entre republicanos e conservadores, as insurreições, que conduziam às prisões e às deportações aqueles que perdiam nos confrontos.

Era no seio da Natureza que se sentiam bem , que se encontrariam consigo próprios, possibilitando-lhes a liberdade de expressão que tanto ansiavam.

Coincidente, em datas de trabalhos, com o Naturalismo, apareceu em França uma corrente, o Realismo, que teve em Courbet, em Flaubert,.....os seus melhores intérpretes. O Realismo estava condicionado a uma visão poética, temperamental, comprometida da realidade. Era uma arte comprometida com a verdade e a justiça e ia ao encontro da filosofia positivista. A obra realista de Gustave Courbet está inserida num determinado contexto social e político, ligada às revoluções de 1848. “Art has become rational; it reasons”<sup>60</sup>. As imagens produzidas não podiam representar senão uma parte da realidade....

“It follows that art cannot subsist apart from truth and justice; That science and morality are its leading lights; that is, indeed ancillary to these; and that its first law is therefore to respect morals and rationality. By contrast , the old school, Romantic and classical alike, held- and was supported in this view by distinguished philosophers-that art was independent of any moral and philosophical condition; that it subsisted by itself, as did the faculty that gave rise it”<sup>61</sup>.

Em 1870, trava-se a guerra franco-prussiana, em 1871 surge a Comuna de Paris que vai ter um fim sangrento. Estes acontecimentos sociais acompanharam a contestação ao ensino académico que tradicionalmente era dado aos estudantes de arte e que estiveram na origem dos novos caminhos que a arte tomou em França. O Naturalismo, libertando-se da ideia de a arte ter uma função de crítica social, como pretendia o realismo, vai olhar para a realidade de uma forma objetiva e científica, e isso permite-lhe representar imagens plenas de verdade. O realismo só nos dava uma parte da verdade. O primeiro local onde se agruparam os artistas foi em Barbizon, uma de muitas aldeias em redor da floresta de Fontainebleau. Em Barbizon encontraram-se reunidos uma série de factores que tiveram uma enorme importância para a sua fama. Um deles era a facilidade de transporte e a distância a que ficava da estrada Paris Lyon, a 1km, e o de ter um serviço

<sup>60</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph-Definition of the New School. In HARRISON, Charles; WOOD Paul; GAIGER Jason, coord.-Art in Theory 1815-1900. Blackwell Publishers, 1998, p. 410

<sup>61</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph-Definition of the New School. In HARRISON, Charles; WOOD Paul; GAIGER Jason, coord.-Art in Theory 1815-1900. Blackwell Publishers, 1998, p. 405



de carruagem La Patache que facilitava as deslocações e o rápido transporte das obras de arte produzidas para o local onde estas se vendiam, a cidade de Paris ( desde 1849, os artistas faziam a viagem Paris-Melun de comboio e, depois, a pé através de Chailly. Mais tarde, a locomotiva Tarot levava os artistas até à rua principal de Barbizon). Outro factor foi o acolhimento e a cumplicidade da família proprietária da estalagem onde se instalavam os artistas, François Ganne e Edmée Ganne, que fiavam o valor da estadia até aqueles realizarem dinheiro com o seu trabalho, comprando-lhes inclusivamente alguns quadros para os pendurar nas paredes da estalagem, o que além de personalizar o ambiente do interior da estalagem era um factor de coesão entre todos, proprietários e artistas. Outro factor importante foi o convívio que naturalmente se estabelecia entre os artista e outros intelectuais, ouvindo a opinião uns dos outros, influenciando-se uns aos outros e isso tornou-se um factor de progresso<sup>62</sup>. Os artistas tinham não só condições favoráveis para pintar como segurança e tranquilidade para pintar. Há a considerar ainda o aparecimento do marchand-crítico de arte; no caso concreto de Barbizon o personagem Paul Durand Ruel que tinha uma loja onde se vendia as tintas (os tubos de tinta surgem em 1841) e todo o material para a actividade da pintura ao ar-livre e que por fim também se dedicou à venda de gravuras e pinturas. Ao sucesso do ambiente artístico gerado em Barbizon não está alheio o apoio dos escritores como é o caso de Victor Hugo, Champfleury, G. Sand, Senancour, R.L.Stevenson, os dois irmãos Goncourt, Jules et Edmund, Baudelaire.

Em 1849 cerca de 35 artistas hospedaram-se no Auberge Ganne. Theodore Rousseau já se encontrava em Barbizon nessa altura.

Depois de Barbizon, que foi a primeira aldeia a ser associada a um grupo de artistas que aí se fixaram, houve outros locais onde os artistas, saindo dos seus locais de origem, se juntaram para o mesmo fim e onde também encontraram condições económicas favoráveis e a segurança e a tranquilidade para trabalharem<sup>63</sup>.

Os métodos de trabalho que usavam variavam. Diaz de la Peña, um dos artistas de Barbizon, diz que por vezes aplicava na tela ao acaso tons brilhantes sem qualquer forma definida que lhe iam servir de base para o arranque do trabalho. Depois saía da

---

<sup>62</sup> GASSIES, Jean- Baptiste-Georges- Le vieux Barbizon: souvenirs de jeunesse d'un paysagiste 1852-1875, Paris: Librairie Hachette & Cie, 1907

<sup>63</sup> BARRET, BRIAN, DUDLEY-North Sea Artist's Colonies 1880-1920. Disponível em: WWW<[URL: <http://irs.ub.rug.nl/ppn/321167732>](http://irs.ub.rug.nl/ppn/321167732) Acesso em: 15/8/2017

estalagem, levava a tela para o bosque e procurava uma paisagem onde o que pintara antes se “encaixasse” naquilo que observava na natureza. Outros faziam o esboço no local e terminavam no *atelier* e ainda outros faziam o trabalho completo no local.

Os naturalistas não usam a paisagem como cenário da representação dum tema de crítica social, para educação e (ou) mobilização do povo, como o fazia Courbet. Pintavam a paisagem tal como a viam, sem filtros, o quotidiano sem idealismos, a paisagem como motivo autónomo e não como cenário para um tema considerado mais digno. Pretendiam explorar as variantes de luz na paisagem, trabalhar a luz com a cor, pintar ao ar-livre, no seio da Natureza. Recusavam a rigidez do ensino académico, os valores clássicos da representação e na elaboração do quadro. Não era a proveniência, a ideologia política, a religião, a idade, o estilo que os unia. A sua independência de pensamento e de expressão, a sua recusa em qualquer associação hierarquizada causaram a admiração dos mais novos.

Contemporânea destes artistas de Barbizon foi a Fraternidade Pré-Rafaelita criada em Londres em 1848. Os seus fundadores foram Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Everett Millais. Rossetti “advocated a detailed form of Naturalism”<sup>64</sup>. Para Rossetti e seus companheiros a Academia representava “a debased form of art ...It was necessary therefore to return to the earlier period: the period of Cimabue, Giotto, and in poetry Dante”<sup>65</sup>. No início deste movimento,

“one of the predominant ideas was that purity is in all its forms essential to good art. Purity of subject, purity of sentiment, purity of expression, being all necessary, were only to be secured by the utmost purity of form and colour. To attain to purity of colour was a most important point, and to this end nothing but the most refined and brilliant pigments were to be used”<sup>66</sup>.

Esta ideia foi levada tão longe que o uso destas passou a medir o fervor do pintor no seu trabalho, como se estivessem investidas “of a religious halo”. Como acontece algumas vezes a Arte “returns upon its footsteps, and revives some antique form, as happened... in the pre-Raphaelite movement of our own day”<sup>67</sup>

<sup>64</sup> ROSSETTI, Dante Gabriel (1828-1882)- “Hand and Soul”. In HARRISON, Charles; WOOD, Paul; GAIGER Jason, coord.- Art in Theory 1815-1900, op. cit., p. 426

<sup>65</sup> ROSSETTI, Dante Gabriel (1828-1882)-Hand and Soul. In HARRISON Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason, coord.- Art in Theory 1815-1900, op. cit., p. 427

<sup>66</sup> POYNTER, Sir Edward (1836-1919)- On the study of Nature. In HARRISON, Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason, coord.- Art in Theory 1815-1900, op. cit., pp. 646, 647

<sup>67</sup> WILDE, Oscar (1854-1900) on Art for Art’s Sake. In HARRISON, Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason, coord.-Art in Theory 1815-1900, op. cit., pp. 860, 861

“In extremely civilized epochs the following necessity becomes a matter of course, the development of art and thought having nearly reached their far limits- art and thought are obliged to retrace their own footsteps, and to return to their ideal source, which never coincides with their real beginnings. English Preraphaelitism, if I do not mistake, returned to the primitive simplicity of mediaeval ages<sup>68</sup>.”

Serviam-se da fotografia como trabalho base da representação, procurando exprimir ideias ligadas a conceitos de moralidade e de justiça social. “Consciente das suas responsabilidades sociais, o Pré-Rafaelismo protestou contra a civilização industrial, que substituiu a criação personalizada do artífice pela produção mecanizada do operário”<sup>69</sup>. Não eram naturalistas. As suas obras estão carregadas de simbologia.

O movimento impressionista surge no início dos anos 70 e em 1874 fez-se a primeira exposição impressionista. Foi o movimento *avant-garde* dos anos 70. “Dans l’histoire traditionnelle de l’art moderne, le mouvement impressionniste est présenté comme le prototype de l’avant gardisme dans l’art moderne”<sup>70</sup>. Lembremos que Silva Porto e Marques de Oliveira regressaram a Portugal em 1879!

## 1.2 Contexto artístico nacional

Após o Ultimato inglês de 1890 a situação em Portugal ficou bastante agitada. O Ultimato deu origem a uma reação nacionalista, que foi aproveitada pela oposição republicana. Em 1892 Teófilo Braga escreve que o País havia de se levantar através de uma ideia ou sentimento que desse convergência a todas as energias. “Uma força moral” na mística republicana. “Era preciso encontrar as bases de um sentimento coletivo e mobilizador e congregador”, que Ramalho já em 1876 dizia não existir.<sup>71</sup>

Seguiu-se uma grave crise financeira, a bancarrota, as negociações para a conversão da dívida pública, terminadas com o convénio de 1902. Apesar do sucesso das campanhas de África e das bem sucedidas missões diplomáticas lideradas pelo Rei, com a assinatura do tratado de Windsor que garantia a integridade territorial de Portugal, no continente e no ultramar, a contestação ao regime monárquico ampliou-se e os

<sup>68</sup> MALLARMÉ, Stéphane (1842-1898) “The Impressionists and Edouard Manet”. In HARRISON, Charles;...Op. cit., p. 592

<sup>69</sup> Pré-Rafaelismo. In Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Edição Verbo, 15º Vol, p. 1007

<sup>70</sup> Introduction. In HARRISON, Charles; WOOD, Paul, coord.-Art en Théorie 1900-1990. Éditions Hazan, 1997. ISBN: 978-2-7541-0194-3, p. 40

<sup>71</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p.22

acontecimentos precipitaram-se. Dá-se o regicídio em 1908 e, poucos anos depois, em 1910 a implantação da República<sup>72</sup>.

A velha geração romântica foi desaparecendo. Cristino da Silva morreu em 1877, Anunciação em 1879, Lupi em 1883, Metrass em 1861, Visconde de Meneses em 1878, António José Rodrigues em 1887,... A. Roquemont (1804-1852), que “na altura era o retratista favorito da nobreza do Norte e que também praticava a pintura dos costumes”<sup>73</sup> foi o inspirador para a pintura de ar-livre, quer para Anunciação quer para alguns dos seus companheiros, onde são representados os costumes populares<sup>74</sup>. Em 1879 regressaram os dois bolseiros portugueses de Paris, Silva Porto (1850-1893) e Marques de Oliveira (1853-1927), os grandes mestres do Naturalismo<sup>75</sup>.

A reação nacionalista ao ultimatum teve reflexos na Arte portuguesa. “O patriotismo do fim do séc XIX começa por ter por referência o Estado como corporização da cultura do Povo. Esta cultura não era a grande cultura clássica....Era a cultura das tradições, costumes, e obras de arte característicos ou produzidos pelos naturais do País<sup>76</sup>”. A obra de Silva Porto e dos seus discípulos e seguidores vai ao longo da década de 80 reflectir este nacionalismo “nos seus trabalhos portuguesíssimos”<sup>77</sup> e que vai fazer envolver a obra de Silva Porto. Ia ao encontro da ânsia de uma burguesia, originária do campo e a habitar a cidade, por um regresso às origens, pelo gosto de possuir representações do meio rural idealizado como não pervertido pelos vícios da cidade, em que se exaltasse a terra e o camponês associado ao animal.

Da mesma forma que o ultimatum tinha exacerbado o nacionalismo, com consequências na Arte portuguesa, o período de 1914-1918, o da primeira guerra mundial, é aquele em que as elites culturais se empenham na criação de uma cultura nacional, ligada à tradição “e na qual todos os portugueses se identificassem”<sup>78</sup>. Era a aspiração

<sup>72</sup> GUEDES, Marques- Os últimos tempos da monarquia: 1890 a 1910. In PERES, Damião, Dir. Literário. – História de Portugal. Barcelos: Portucalense Editora, Lda, 1935. vol. VII, p. 412

<sup>73</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes, 1999, op. cit. vol I, p.15

<sup>74</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. vol. I, p. 15

<sup>75</sup> PORFÍRIO, José Luís; BARREIROS, Maria Helena- Da Expressão Romântica à Estética Naturalista. In RODRIGUES, Dalila, coord. - Arte Portuguesa da Pré-História ao Séc. XX. Lisboa: Fubu Editores, SA, 2009. ISBN 978-989-8207-06-7. Vol. 15, p. 49

<sup>76</sup> RAMOS, 1994 *apud* PORFÍRIO, José Luís; BARREIROS, Maria Helena, 2009, op.cit. p. 64

<sup>77</sup> Catálogo da Exposição do Grupo do Leão, SNBA, 1941 *apud* PORFÍRIO, José Luís; Barreiros Maria Helena, 2009, op.cit., p. 64

<sup>78</sup> ESQUIVEL, Patrícia- Op.cit., p. 23

republicana de substituir a religião pela sacralização da Nação e da sua Cultura<sup>79</sup>. A catedral desta nova religião vai ser a SNBA, a principal responsável pelo prolongamento para lá dos limites imagináveis do naturalismo oitocentista em Portugal. Daí a importância que teve a luta pelo seu controle por parte dos Novos, alguns regressados de Paris no início da guerra, em oposição aos velhos guardiões da Sociedade, como irei mostrar mais à frente.

“Era pelo culto da Arte, (...) que a religião da nacionalidade se exterioriza e se exerce”<sup>80</sup>, afirmava Ramalho Ortigão.

A arquitectura fez também parte desse processo de procura “de uma expressão(...) autóctone, adequada à realidade nacional(...)”<sup>81</sup>, como aconteceu com a pintura. No caso português o ultimato catalizou este movimento de procura da *casa portuguesa*. Noutros países europeus, no caso da Inglaterra ficou ligado ao movimento Arts and Crafts de Pugin, Ruskin e William Morris, na Alemanha ao apelo a uma *Kunstindustrie*, conceito designado por Alois Riegl. Este fenómeno generalizou-se por toda a Europa.

Foi inicialmente um sentimento romântico, idealista, que tinha partido de um etnólogo, Paula e Oliveira que colocou a questão se existia “entre nós um *typo* tradicional e característico de habitação, que pudesse, com rigor, classificar-se de *–casa portuguesa*”<sup>82</sup>. Lançou-se a hipótese da sua existência ao constatar-se que havia elementos invariantes nas casas da Beira-Alta e Trás-os Montes. Em seguida tentou-se encontrar uma sistematização tipológica da arquitectura vernácula. A casa rústica passou a ser valorizada como nunca tinha sido, pois a partir dela, que estava à vista, no terreno, construída tendo em consideração as condições climatéricas, a geografia do terreno envolvente, os materiais aplicados existentes nas proximidades, era possível avaliar a capacidade do povo na aplicação dos materiais como na criação de tipologias apropriadas para cada caso específico de região. E *the last but not the least* a partir do estudo delas poder-se-ia tentar encontrar uma alternativa nacional à uniforme e “incarácterística *architectura cosmopolita*”<sup>83</sup>. Segundo José- Augusto França com a proposta formulada por Raul Lino para o Pavilhão Português da Exposição Universal de

<sup>79</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 23

<sup>80</sup> ORTIGÃO, Ramalho-O Culto da Arte em Portugal.Lisboa: Editor António Maria Pereira, Livreiro, 1896, p.172

<sup>81</sup> FIGUEIREDO, Rute-Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918), 2007, op. cit. p. 319

<sup>82</sup> Ibidem, p. 323

<sup>83</sup> Ibidem, p. 325

Paris de 1900 , recusada pelo juri, “começou a origem da campanha da *casa portuguesa*”<sup>84</sup>.

A *Ilustração Portuguesa* entre 1914-1918 não presta a atenção devida à arquitectura , a não ser em casos esporádicos. Refere durante esse período, com algum destaque, pouco mais do que o projecto do prédio de José Augusto dos Santos, no ângulo da Av. da República e Rua João Crisóstomo, feito pelo arquitecto Miguel Ventura Junior em Lisboa, prémio Valmor de 1913<sup>85</sup>, o projecto do palácio do sr. João Ferreira Rego em Braga feito pelo arquitecto Ernesto Korrodi<sup>86</sup>, o projecto que ganhou o primeiro prémio do monumento ao Marquez de Pombal da autoria do escultor Francisco Santos e dos arquitectos Adães Bermudes e António Couto<sup>87</sup>, o projeto que ficou em segundo lugar de Marques da Silva e do escultor Alves de Sousa,<sup>88</sup> o que ficou em terceiro lugar de Ferreira da Costa e Paula de Campos<sup>89</sup>, e em quarto lugar o de Maximiano Alves e Edmundo Tavares<sup>90</sup>, o projecto de Edmundo Tavares de uma casa portuguesa<sup>91</sup>.

### 1.3 História e caracterização da revista *Ilustração Portuguesa*

A *Ilustração Portuguesa* era uma revista criada pela Empresa do jornal O Século que aparecia nas bancas semanalmente. Quando surgiu A *Ilustração Portuguesa*, a 9 de Novembro de 1903, o jornal o Século, que existia desde 1881, já seguia uma linha editorial mais preocupada com o sucesso comercial do que com a ideologia inicial, assumidamente republicana. Essa mudança deu-se em 1896 quando Joaquim da Silva Graça substituiu Magalhães Lima na direção do jornal. A 26 de Fevereiro de 1906 surgiu o primeiro número da segunda série, passando a ser dirigida por Carlos Malheiro Dias até Fevereiro de 1912. A partir dessa data foi dirigida por J.J. da Silva Graça até ao nº 947 do dia 12 de Abril de 1924, “onde se anunciava a suspensão temporária da revista”<sup>92</sup>. Silva Graça (José Joaquim da Silva Graça) apesar de ter o nome no jornal,

<sup>84</sup> Ibidem, p. 325

<sup>85</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº438, Lisboa 13/7/1914, p. 52

<sup>86</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 514, Lisboa 27/12/1915, p. 829

<sup>87</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 427, Lisboa 27/4/1914, pp. 524-526

<sup>88</sup> Ibidem

<sup>89</sup> Ibidem

<sup>90</sup> Ibidem

<sup>91</sup> *Ilustração Portuguesa* IIª Série. Nº 431, Lisboa 25/5/1914, p. 667

<sup>92</sup> *Ilustração Portuguesa* IIª Série. Nº 924, Lisboa 12/4/1924, p. [não legível]

LEITÃO, José António-*Ilustração Fotográfica: a fotografia e a Ilustração Portuguesa (1903-1924)*. Disponível em: WWW<URL: < [imagensdarepublica.ipt.pt/wp-content/uploads/2011/05/Ilustração-fotografica1.pdf](http://imagensdarepublica.ipt.pt/wp-content/uploads/2011/05/Ilustração-fotografica1.pdf)> Acesso em: 15/8/2017. (Nota: O Nº da revista indicado em Leitão está errado)

consta que vivia em França<sup>93</sup>. A direção foi assumida por António Ferro a partir de Outubro de 1921 até Maio de 1922<sup>94</sup> e depois por António Maria de Freitas de julho de 1922 a Setembro de 1923<sup>95</sup>.

A *Ilustração Portuguesa* suspendeu a publicação mas não desapareceu em 1924. Manteve-se até 1993, embora a partir de 1931 saíssem um ou dois números por ano só para que o título *Ilustração Portuguesa* não se extinguisse.

A *Ilustração Portuguesa* (1903-1924) é um *arquivo* indispensável para o conhecimento do que de mais importante aconteceu no primeiro quarto do século XX. Surgiu durante a monarquia, assistiu ao Regicídio (1908), à Revolução de Outubro de 1910, à participação portuguesa da Grande-Guerra de 1914-1918 e às imensas revoltas que se sucederam antes da de Maio de 1926 que culminou no regime que em 1933 se irá chamar de Estado Novo. Além das notícias dos acontecimentos, das crónicas, dos contos literários escritos por escritores de nomeada, das críticas das exposições de arte, as imagens da *Ilustração Portuguesa* são também uma parte importante desse *arquivo* que vai “aproveitar tanto aos homens de hoje como às gerações vindouras”... por constituírem “a mais documentada história dos actuais costumes portugueses nas suas múltiplas feições”<sup>96</sup>. Se durante a primeira série da revista o desenho é a técnica privilegiada para a criação de imagens a divulgar pela revista, é a partir da segunda série (1906) que essa função vai ser ocupada pela fotografia, ficando o desenho a ser utilizado na decoração de páginas e para a criação de imagens que não são fotografáveis ou não foi possível fotografar<sup>97</sup>. O Salão que então se inaugurou foi utilizado em “conferências, concertos, exposições de pintura, de escultura, de artes decorativas, de fotografia, de gravura, de mobiliário”.<sup>98</sup>

Entre os seus primeiros desenhadores contou com Alberto Souza, Cândido, Carlos Pereira, Jorge Colaço. Na segunda série encontramos Almada Negreiros, Apeles

---

<sup>93</sup> CORREIA, Rita-Silva Graça. *Ilustração Portuguesa*. Disponível em: WWW<URL:<hemerotecadigital.cm.lisboa-pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa> Acesso em: 19/2/ 2016.

<sup>94</sup> *Ilustração Portuguesa* II série. Nº 816, 8/10/1921, pp. 232-234

<sup>95</sup> *Ilustração Portuguesa* II série. Nº 855, 8/7/1922, p. 25

*Ilustração Portuguesa* II série. Nº 917, 17/9/1923, p. 347

<sup>96</sup> MARTINS, Rocha- Chronica. In *Ilustração Portuguesa* I Série. Nº 1, Lisboa 9/11/1903

<sup>97</sup> MARTINS, Rocha-Uma Nova *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* Iª série. Nº 118, Lisboa 5/2/1906, p. 93

<sup>98</sup> MARTINS, Rocha-Uma nova *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* I Série. Nº 118, Lisboa 5/2/1906, p. 93

Espanca, Bensaude, Bernardo Marques, Cottinelli Telmo, Ferreira da Costa, Gaspar Teles, Jorge Barradas, Manuel Gustavo, Rocha Vieira, Stuart Carvalhaes.<sup>99</sup>

Entre os fotógrafos que trabalharam para a *Ilustração Portuguesa* temos Bobone, Camacho, João Correia dos Santos, e V. Melo . A partir da segunda série Augusto Teixeira, Benoliel, Delius, Félix, Frederico Braga, Garcez, Guedes d'Oliveira, João Magalhães Junior, Novaes, Photographia Sequeira e Roque, Salgado Vasques além de muitos amadores de todo país que enviavam fotografias para a Revista e que eram publicadas<sup>100</sup>.

Embora a imagem tivesse um nítido predomínio na Revista, uma série notável de colaboradores literários escreveram textos para ela. Na primeira série salientam-se Rocha Martins<sup>101</sup>, Alberto Braga, Augusto Fuschini, Bernardo Jacomo, João Paulo, João Correia dos Santos, e Santos Tavares. Muitos dos textos não são assinados. Na segunda série contou com nomes consagrados como Acácio de Paiva, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo Mesquita, António Sardinha, Aníbal Soares, Aquilino Ribeiro, Bulhão Pato, Câmara Reis, Carlos Malheiro Dias, Eugénio de Castro, Fernando Pessoa, Jaime Cortesão, João de Barros, João Grave, Júlio Dantas, Manuel da Silva Gaio, Mário de Almeida, Mello de Matos, Norberto Araujo, Sousa e Costa, Theophilo Braga, Vieira da Costa<sup>102</sup> .

Surgem também colaborações femininas a partir de 1909 com alguma expressão a partir de 1920: Amélia Cardia, Bertha Leite, Branca Gonta Colaço, Fernanda de Castro, Helena de Aragão, Maria de Carvalho, Mercedes Blasco, Maria O'Neil, Virginia Vitorino. Alguns textos referem a condição feminina.<sup>103</sup>

Com a guerra,o custo das matéria- primas, e a escassez das mesmas, fez com que a falta do papel fizesse incluir em 1916 o Século Cómico nas páginas da “Ilustração

<sup>99</sup> CORREIA, Rita - Ilustração Portuguesa. Disponível em: WWW<URL: <hemeroteca digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa> Acesso em: 19/2/2016.

<sup>100</sup> CORREIA, Rita - Ilustração Portuguesa. Disponível em: WWW<URL: <hemeroteca digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa> Acesso em: 19/2/2016.

<sup>101</sup> Rocha Martins distingue-se pelos vários temas sobre os quais escreve, pela sua sensibilidade social e pela crítica que dirige aos políticos, actualíssima. Ler a este respeito a Crónica com o título Luvas. (Martins, Rocha- Chronica; As luvas. In Ilustração Portuguesa I Série, Nº 95. Lisboa, 28/8/1905. p. 674)

<sup>102</sup> Correia, Rita- Ilustração Portuguesa. Disponível em: WWW<URL: <hemeroteca digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa> Acesso em: 19/2/2016.

<sup>103</sup> CORREIA, Rita - Ilustração Portuguesa. Disponível em: WWW<URL: <hemeroteca digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa> Acesso em: 19/2/2016.



Portuguesa”. O seu Diretor Acácio de Paiva passa nessa altura também a assinar a crónica da Revista. A situação mantém-se até 1921<sup>104</sup>.

#### 1.4 Panorama das revistas internacionais comparáveis com a *Ilustração*

##### *Portuguesa*

“*L’Illustration*”, fundada por Édouard Charton foi uma revista semanal francesa, publicada em Paris, que apareceu nas bancas em 4 de Março de 1843<sup>105</sup>. De 1860 a 1904 pilotou “*L’Illustration*” a “dynastie des Marc”, num período difícil, o da guerra-franco-prussiano em 1870. Foi a primeira revista a publicar em França em 1891 uma fotografia a preto e branco e a primeira a publicar uma fotografia a cores em 1907. “*L’Illustration*” revolucionou a imprensa nos meados do séc. XIX ao introduzir a imagem e fazendo dela a notícia por si só. A sua orientação foi pautada por uma neutralidade relativamente às diversas correntes de opinião, ao contrário dos seus concorrentes. Pretendia estar “au service seul de l’information, du savoir et de la connaissance et révendique d’être la plus vivante des encyclopédies universelles”<sup>106</sup>. Colaboraram na revista os melhores nomes do mundo literário e artístico da época, hoje lidos e estudados nas escolas francesas. Desde o seu início utilizou tecnologia de ponta na impressão, investindo sempre mais na inovação, inclusivamente com a participação financeira dos seus directores nas investigações dos irmãos Lumière. Em 1933 inaugurou a fábrica de Bobigny que além de ser a primeira tipografia no mundo foi um modelo de modernidade, prestando simultaneamente atenção às condições de trabalho dos seus trabalhadores, reflectindo um espírito humanista, que a colocava também neste aspecto à frente do que era comum na época<sup>107</sup>. A redacção da revista ocupava toda a rua S. George no 9<sup>ème</sup> arrondissement de Paris.

É pioneira na edição de números especiais em datas festivas, a de Natal, mais cuidada e de números especiais destinados à Mulher, à Criança, à moda e também ao turismo, ao

---

<sup>104</sup> CORREIA, Rita - Ilustração Portuguesa. Disponível em: WWW<URL: < hemeroteca digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa> Acesso em: 19/2/2016.

<sup>105</sup> Cf. BASHET, Jean Sébastien - L’Illustration. Disponível em: WWW<URL: < [www.lillustration.com/Pourquoi-L-Illustration-occupe-une place-unique-dans-l-histoire-de-la-presse-mondiale\\_a219.html](http://www.lillustration.com/Pourquoi-L-Illustration-occupe-une-place-unique-dans-l-histoire-de-la-presse-mondiale_a219.html)> Acesso em: 28/12/2016

<sup>106</sup> Ibidem

<sup>107</sup> Ibidem

automóvel, aos aviões, aos caminhos de ferro, à marinha, à pintura, à economia, aos teatros.... , tendo inventado a imprensa especializada<sup>108</sup>.

Foi durante muito tempo a primeira revista em número de tiragens. Com René Basset aos comandos da “*L’Illustration*”, desde 1904, atingiu no período de mais sucesso mais de 40.000 assinantes nos Estados Unidos e tinha assinantes em mais de 150 países<sup>109</sup>.

Durante a segunda guerra mundial a revista passou a ser publicada pelo colaboracionista Jacques de Lesdain. Após se ter dado a libertação de Paris a revista deixou de se publicar e reapareceu em 1945 com outro título, o de “*France-Illustration*”. Em 1957 a revista é extinta<sup>110</sup>.

A “*L’Illustratione Italiana*”<sup>111</sup> foi também uma revista semanal, editada em Milão pela *Fratelli Treves*, tendo-se publicada ininterruptamente de 1873 a 1962, quase 5000 revistas no total. O fundador da editora Emilio Treves foi o primeiro director da revista. Sucedeu-lhe Eugenio Torelli Viollier, que em 1876 fundará o conhecido *Corriere della Sera*<sup>112</sup>. No início apareceu com o título “*Nuova Illustrazione universale*”, tendo mudado para o indicado em cima a 1 de Novembro de 1875. Foi uma das revistas italianas mais lidas em Itália , à semelhança da “*La Domenica del Corriere*” e da “*La Tribuna illustrata*”, até ao aparecimento da televisão<sup>113</sup>. Era uma revista semanal sobre os acontecimentos e personagens na esfera pública e social, sobre Ciência, Belas-Artes, Geografia, Teatro, Música, Moda, etc.

Em 1981 voltou a ser publicada por iniciativa de vários editores. Ainda hoje se publica, mas a uma cadência irregular. Foi uma revista muito difundida pela média-alta burguesia italiana, não só pela qualidade dos seus artigos, mas sobretudo pelas ilustrações feitas por artistas de primeiro plano, como Achille Beltrame, Pietro Scoppeta, Luigi Bompard, Giuseppe Cosenza e Ettore Ximenes ( que simultâneamente exerce a função de subdirector da revista). Com o advento da fotografia, os melhores fotojornalistas italianos colaboraram na revista<sup>114</sup>.

Colaboraram na redacção dos artigos da revista nomes dos mais importantes da literatura italiana, como Giosuè Carducci, Grazia Delledda e Luigi Pirandello (prémio Nobel da

---

<sup>108</sup> Ibidem

<sup>109</sup> Ibidem

<sup>110</sup> Ibidem

<sup>111</sup> Cf. MOOSBRUGGER, Hilarius - *L’ Illustrazione Italiana 1873-1962*. Disponível em: WWW<URL: <<http://blog.maremagnum.com/lillustrazione-italiana-1873-1962/>> Acesso em: 5/8/2016

<sup>112</sup> Ibidem

<sup>113</sup> Ibidem

<sup>114</sup> Ibidem

literatura), Giovanni Verga, o poeta Gabriele D'Anunzio, o crítico literário Luigi Capuana, Edmondo De Amicis...<sup>115</sup>

A “*L'Illustrazioni*” publicava, para além da revista periódica, números especiais a cores de alta qualidade. Nas ocasiões das festividades do Ano Novo, sobressaíam nomes de autores como Matilde Serao e Ada Negri, e para a componente gráfica, pintores como Eduardo Dalbono, Giulio Aristide Sartorio, Francesco Paolo Michetti, Arnaldo Ferraguti e Goele Ferraguti.

Após a morte de Emilio Treves em 1916, apesar de ainda manter a colaboração de escritores com a qualidade de Eugenio Montale, Elio Vittorini, Salvatore Quasimodo, Riccardo Bacchelli, Italo Pietra, Niccolò Giani, e Sergio Solmi, a revista começou a dar sinais de um lento declínio.

O declínio acelerou-se com o advento do fascismo. Em 1939 a Frattelli Treves passou a ser propriedade da Garzanti.<sup>116</sup> Em 1942, com o início da segunda guerra mundial “*L'Illustrazione*” deixou de manter a regularidade das suas edições, tendo passado a mensal em 1951 e sido extinta definitivamente em 1962.<sup>117</sup> No final de 1981 a editora Guanda adquire os direitos do nome da revista e republica-a com uma periodicidade trimestral. A revista é extinta definitivamente em 1996.<sup>118</sup>

*The Illustrated London News*<sup>119</sup> foi o primeiro jornal ilustrado semanal do mundo. Foi fundado em 1842 em Londres. Publicou-se com regularidade até 1971.

A primeira geração de desenhadores e gravadores conta entre os primeiros com sir John Gilbert, Birket Foster, e George Cruikshank e W.J. Linton, Ebenezer Landelis e George Thomas entre os segundos.<sup>120</sup>

Entre os colaboradores literários regulares estavam Douglas Jerrold, Richard Garnett e Shirley Brooks.<sup>121</sup>

Entre fotógrafos e ilustradores e outros artistas que colaboravam na revista estavam Mabel Lucie Attwell, E.H. Shepard, Kate Greenaway, W. Heath Robinson, e seu irmão Charles Robinson, George E. Studdy, David Wright, Melyon Prior, William Simpson, Frederic Villiers, Edmund Blampied, Frank Reynolds, Lawson Wood, H.M. Bateman,

---

<sup>115</sup> Ibidem

<sup>116</sup> Ibidem

<sup>117</sup> Ibidem

<sup>118</sup> Ibidem

<sup>119</sup> Cf. The Illustrated London News Historical Archive, 1842-2003. Disponível em: WWW<URL: <  
http://www.history.ac.uk/reviews/review/1002> Acesso em: 15/8/2017

<sup>120</sup> Ibidem

<sup>121</sup> Ibidem

Bruce Bairnsfather, C.E. Turner, R. Caton Woodville, A. Forestier, Fortunini Matania, Christina Broom e Louis Wain.<sup>122</sup>

Entre os escritores e jornalistas que tiveram textos publicados no jornal ilustrado contam-se Robert Louis Stevenson, Thomas Hardy, George Augustus Sala, J.M. Barrie, Wilkie Collins, Joseph Conrad, Arthur Conan Doyle, Rudyard Kipling, G.K. Chesterton, Agatha Christie, Arthur Bryant e Tim Beaumont.<sup>123</sup>

*The Sketch*<sup>124</sup> iniciou a sua publicação em 1893. Era “*a light-hearted sister paper*”<sup>125</sup> do *The Illustrated London News*. Os seus leitores, gente cultivada, procuravam ler, nos seus momentos de descanso, artigos ligeiros acompanhados de imagens divertidas com elevado valor artístico<sup>126</sup>. Foi o primeiro jornal a publicar pequenas histórias de Agatha Christie. Entre 1923 e 1924 esta escritora publicou 49 histórias.<sup>127</sup>

---

<sup>122</sup> Ibidem

<sup>123</sup> Ibidem

<sup>124</sup> Cf. The Sketch. Disponível em: WWW<URL: <[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Sketch](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sketch)> Acesso em: 5 /8 /2017

<sup>125</sup> Ibidem

<sup>126</sup> Ibidem

<sup>127</sup> Ibidem

## Capítulo 2.

### 2 As exposições de artes plásticas na *Ilustração Portuguesa*

#### 2.1 Tipologia das exposições

Ao folhear a revista *Ilustração Portuguesa* no período em estudo ficamos surpreendidos pelo número relativamente vasto de exposições realizadas, pela atenção que a revista lhes dava, pela qualidade maior ou menor do comentário dos críticos que colaboravam na revista, pelos *clichés* impressos das obras, inseridos no texto ou na continuação do mesmo, pela afluência do público aos salões onde as obras estavam expostas, prova do interesse que suscitavam as obras dos artistas apresentadas e que eram compradas. Esta situação, apesar da guerra na Europa se fazer sentir desde 1914, só veio a alterar-se tempo depois de terem sido embarcados para França os primeiros contingentes de soldados portugueses, tendo sido dada a notícia da sua chegada nas páginas do semanário a 12/2/1917<sup>128</sup>. As exposições que até aí se faziam como se a guerra não estivesse a decorrer na Europa, diminuíram a partir de então.

A exposição anual que decorreu na SNBA, a 14ª Exposição, comentada nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, mereceu por parte do cronista anónimo a opinião de ter havido uma “retração do público e dos artistas”<sup>129</sup>.

Isso não obstou que oito meses depois, a exposição realizada no SNBA tivesse sido considerada por parte de um cronista anónimo do semanário, apesar de alguns Mestres não terem aparecido, “uma das mais notáveis exposições de pintura e escultura que Lisboa tem admirado”<sup>130</sup>.

As consequências trágicas da batalha de La Lys de 9/4/1918 para o corpo expedicionário Português<sup>131</sup>, teve um efeito devastador no País que se refletiu também no mercado da Arte. No entanto a SNBA realizou a sua exposição anual de pintura e escultura que foi comentada no semanário de 3/6/1918<sup>132</sup>.

<sup>128</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 573, 12/2/1917, p. 121.

<sup>129</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 588, 28/5/1917, p. 427-428.

<sup>130</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 624, 4/2/1918, p. 96-97.

<sup>131</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 634, 15/4/1918, p. 281.

<sup>132</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435.

Após o anúncio da paz na revista de 18/11/1918<sup>133</sup> houve uma exposição no SNBA com “trabalhos de alguns dos nossos mais distintos artistas para a Comissão dos Prisoneiros de Guerra”<sup>134</sup> e duas exposições individuais, no Museu do Carmo de Alberto de Sousa<sup>135</sup> com 32 aguarelas e no salão Bobone de Francisco Smith com aguarelas e desenhos<sup>136</sup>.

Em 1914 a Sociedade Nacional de Belas Artes organizou pela primeira vez uma exposição só de aguarelas. No período de 1914-1918, só não é referida na *Ilustração Portuguesa* a que se deveria ter realizado em 1918. Estas exposições de aguarelas<sup>137</sup> mostram a capacidade deste tipo de pintura se impor autonomamente, pela qualidade dos seus praticantes e pelo gosto do público que acorria às exposições.

É de destacar as três exposições de caricatura <sup>138</sup>mostradas ao público durante o período em estudo, prova do valor dos artistas que se dedicavam a esta arte e do apreço do público pela irreverência, embora contida, dos trabalhos expostos.

As três exposições de fotografia<sup>139</sup> assinalam o gosto crescente, iniciado no século anterior, por esta arte. As gravuras dos clichés foram substituindo os desenhos que anteriormente ilustravam as notícias das páginas da revista, embora estes se tivessem mantido, mas em menor número, a ilustrar crónicas, as capas do semanário, e algumas notícias da guerra, principalmente.

A iniciativa de algumas empresas organizarem concursos de cartazes publicitários<sup>140</sup>, deixando de os adquirir no estrangeiro, altera a maneira de encarar esta arte ligada à publicidade por parte de muitos dos nossos artistas. A atitude de desprezo de muitos foi

<sup>133</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 665, Lisboa, 18/11/1918, p. 401.

<sup>134</sup> *Ilustração Portuguesa* II série. Nº 666, Lisboa, 25/11/ 1918, p. 425.

<sup>135</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 428.

<sup>136</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 432.

<sup>137</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 412, Lisboa, 12/1/1914, p.33.

*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, pp. 84-88.

*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916. P. 32.

*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 516, Lisboa, 10/1/1916, p. 58.

*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 1-4.

<sup>138</sup> Correia Dias-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 419, Lisboa, 2/3/1914 , p. 285.

Correia Dias- *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº420, Lisboa, 9/3/1914, pp. 297-299.

Amarelhe-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, pp. 458, 475.

Amarelhe-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 474, Lisboa 22/3/1915, p. 380.

<sup>139</sup> Fot. Marques Abreu-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 416, Lisboa, 9/2/1914, pp. 182,183.

Fot. Alvão-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº434, Lisboa, 15 /6/1914, pp.741-743.

Fot. Visconde de Sacavém e Fot. Pedro Lima-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº435, Lisboa, 22/6/1914, pp. 786-788

<sup>140</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 564, Lisboa, 11/12/1916, p. 461

paulatinamente substituída por outra, a de olhar para o cartaz como mais uma oportunidade para criar arte e ganhar dinheiro numa época de crise que se refletia no mercado da arte, coisas que não são necessariamente incompatíveis, e que até então eram feitos pelos desenhadores-litógrafos que, embora habilitados, não possuíam formação artística e desconheciam as novas correntes estéticas<sup>141</sup>. As empresas que queriam cartazes esteticamente mais atualizados, no início importavam-nos. Mais tarde começaram também a contratar artistas nacionais. A gramática visual do movimento *Art- Nouveau* foi aplicada nesta arte publicitária, predominando o recurso à imagem da mulher sensual, apresentada como objeto de desejo. Estendeu--se também às embalagens publicitárias, aos bilhetes postais ilustrados, aos cartazes para divulgação das peças de teatro, o espetáculo mais apreciado na época e divulgado plenamente pela revista através dos críticos especializados que aí escreviam. Esta estética também foi aplicada na *Ilustração Portuguesa*<sup>142</sup> que começou a apresentar capas com motivos florais estilizados, com curvas, contracurvas e com títulos executados com letra curvilínea e floral.<sup>143</sup>

Durante a chamada *Belle Époque*, o período mítico que se inicia em 1900, é para muita gente na Europa, um tempo de despreocupação, de desfrute da vida, de sensualidade, de progresso científico e técnico, da velocidade, convencida que o futuro da humanidade estava assegurado pelas inovações técnicas e científicas que surgiram e que, acreditava-se, iriam melhorar as condições de vida das populações. Essa miragem extinguiu-se com a crise social e política que antecederam o início da 1ª Grande-Guerra em 1914. Nesse período surgiram também no campo das artes plásticas ideias e concepções estéticas inovadoras, modernistas como o cubismo, o futurismo. Esta nova vaga modernista que chega a Portugal pelos artistas e intelectuais a viverem em Paris, muitos bolseiros do Estado, vai opor-se à estafada concepção estética naturalista dos “Velhos”. “Os Novos” querem fazer ouvir a sua voz. Querem ter um lugar na vida cultural portuguesa. O modernismo em Portugal vai introduzir-se pela via da caricatura, do

---

<sup>141</sup> FRAGOSO, Ana Margarida de Bastos Ambrósio Pessoa- Formas e Expressões da Comunicação Visual em Portugal: Contributo para o estudo da cultura visual do séc. XX, através das publicações periódicas. Lisboa:Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, 2010, pp. 279,280. Tese de Doutoramento em Design.

<sup>142</sup> Exemplos nas Capa da revista *Ilustração Portuguesa* nos N°414 de 26/1/1914, N°425 de 13/4/1914, N° 427 de 27/4/1914, N°428 de 4/5/1914, N°430 de 18/5/1914, N°432 de 1/6/1914, N°434 de 15/6/1914, N°439 de 20/7/1914, N°444 de 24/8/1914, N°449 de 28/9/1914, N° 451 de 12/10/1914 , N°452 de 19/10/1914, N°454 de 2/11/914, N°455 de 9/11/1914, N° 457 de 23/11/1914, N°459 de 7/12/1914, N° 460 de 14/12/1914, N°461 de 21/12/1914.

<sup>143</sup> FRAGOSO, Ana Margarida de Bastos Ambrósio Pessoa- Op. cit., pp. 281, 282.

desenho humorístico, essencialmente na ilustração de jornais, de revistas como a *Ilustração Portuguesa*, como vamos mostrar mais adiante, nos cartazes, nos cenários que os bailados russos de Serge Diaghilev inspiraram, quando estiveram em Lisboa. A sua estreia tinha ocorrido em Paris em 1909 no Teatro Châtelet.<sup>144</sup>

A escultura ou associada às exposições de pintura ou em exposições autónomas ou em exposições de maquetes para monumentos ou em pequenas crónicas em que se divulgava o nome de um escultor e de uma obra sua de valor, é das manifestações artísticas, que logo a seguir à pintura, a revista dá maior destaque.

A revista não deixa de prestar atenção às exposições de artes decorativas, ou às realizadas ao lado de outras especialidades artísticas, como aconteceu nos salões anuais da SNBA durante o período em estudo<sup>145</sup> ou noutros salões ou mesmo com carácter autónomo, como foram os casos, por exemplo, de uma exposição “de pintura e trabalhos feminis” de “muitas (...) senhoras de Portimão”, em Portimão, uma exposição da Sr<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Aurélia de Sousa de Brito e Moura realizada no salão fotográfico Perestrelo & filhos no Funchal, constando de aplicações de estanho em faianças das Caldas, simultaneamente com uma exposição de quadros a óleo<sup>146</sup>, uma exposição de faianças da fábrica Bordalo Pinheiro em Guimarães<sup>147</sup>, a própria exposição Olisiponense<sup>148</sup> que teve como objetivo “fazer reviver...a Lisboa dos séc. XVI, XVII, XVIII nas múltiplas manifestações da atividade lisboeta”,(...) sejam elas “artísticas ou industriais”.(...)Mostrar ao público o que é belo, genuinamente português, para que o estrangeirismo em excesso não nos converta a pouco e pouco num povo incaracterístico. Entre muitas obras expostas todas portuguesas: “mapas, desenhos, livros, manuscritos” (...) são mostrados também “Os tapetes, as faianças, a ourivesaria e o mobiliário...os presépios, os brinquedos, os adornos(...)”, genuinamente portugueses.

Por fim, e não menos importante, é a notícia e a crónica da “exposição” de azulejos que reveste as paredes do hall de entrada da estação de S. Bento<sup>149</sup>, mostrada ao público no

<sup>144</sup> FRAGOSO, Ana Margarida de Bastos Ambrósio Pessoa - Op. cit., p. 287,288

<sup>145</sup> Ver Catálogos das exposições anuais da SNBA de 1914, p. 75, de 1915, pp. 84-86.

<sup>146</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 542, Lisboa, 10/7/1916, p. 40.

<sup>147</sup> Exposição de faianças da fábrica Bordalo Pinheiro-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 494, Lisboa, 9/8/1915, p. 187

Exposição de arte em Portimão de pintura e trabalhos feminis- *Ilustração Portuguesa* II Série . Nº 532 , Lisboa, 1/5/1916, p. 541

<sup>148</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 422, Lisboa, 23/3/1914, pp. 374, 375

<sup>149</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 557, Lisboa, 23/10/1916, p. 325



dia da inauguração da estação, obra de arte que desde esse dia todos os que por ali passam podem admirar.

Para facilitar a análise dos artigos da revista referentes às Exposições de Arte durante o período de 1914-1918 construímos um quadro analítico com vários itens<sup>150</sup>:

- o número da revista , a data e a página onde ele está inserido , o título do artigo, o autor, o tema e (ou) o nome da exposição, o local onde se realizou, os artistas referidos, as ideias fundamentais apresentadas, as referência que eventualmente sejam feitas a outros artistas, escritores e a suas obras, a indicação dos temas que foram objeto de pesquisa ulterior na bibliografia consultada, a identificação e localização de imagens relevantes que foram selecionadas para incluir na tese, as referências bibliográficas incluídas nos artigos, sempre que apareçam.

Com a ajuda deste quadro podemos identificar num relance os espaços expositivos mais utilizando-os Salões, os artistas e a sua maior ou menor presença nesses espaços, os críticos, o número de textos e os temas que cada um trata.

## 2.2 Os espaços expositivos - Os Salões<sup>151</sup>

Durante o período que vai de 1914 a 1918 a revista *Ilustração Portuguesa* interessa-se por sessenta e seis exposições. Destas, quinze são realizadas no seu Salão, dezasseis no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, cinco no Salão Bobone no Porto, três no Salão do Teatro Nacional, uma no Teatro S. Carlos, duas no Ateneu Comercial do Porto, três na Galeria da Misericórdia do Porto, três no *Salon des Artistes Français*, uma na Sociedade Portuguesa da Fotografia na Rua das Chagas, uma na Exposição das Belas Artes do Brasil, no Rio de Janeiro, duas no Hall do Jardim de Passos Manuel no Porto, duas em S. Francisco nos Estados Unidos, uma no Salão da Sociedade Martins Sarmento em Guimarães, uma na Liga Naval Portuguesa, duas no Museu do Carmo,

<sup>150</sup> Vol.II- Apêndice Iconográfico e Documental

<sup>151</sup> O Salão é uma especificidade francesa ("Le Salon"). Foi em 1673 que pela primeira vez a Academia Real de Pintura e de Escultura, organizou a primeira exposição pública "*préfigurant en cela l'esprit de Salon; à partir de 1725 , cette manifestation temporaire se déroule dans le salon carré du Louvre*". Mas sucessivos atrasos fizeram que só em 1667 se desse a 1ª Exposição. É o antepassado dos Salões, Bienais, Feiras de Arte que até hoje se fizeram. In L'Académie Royale de Peinture et Sculpture.

Disponível em: WWW<URL: <[www.academie-des-beaux-arts.fr/histoire/royale/peinture.htm](http://www.academie-des-beaux-arts.fr/histoire/royale/peinture.htm)> Acesso em: 10/2/2017.

cinco exposições realizadas nos ateliers dos próprios artistas, duas na Escola de Belas Artes, uma no Club União Portimonense, uma no salão da Fotografia Gonçalves, uma no salão da Fotografia Perestrelo & Filhos.

O número de exposições realizadas no Salão da Revista são um sinal da importância dada nas páginas do semanário às manifestações artísticas do seu tempo, o que torna a *Ilustração Portuguesa* uma fonte importantíssima para o estudo da arte contemporânea do início do século XX. O Salão da *Ilustração Portuguesa* ficava situado nas instalações do jornal o Século, sendo a *Ilustração Portuguesa* uma edição semanal do jornal O Século.

O Salão da Sociedade Nacional das Belas Artes fica situado na Rua Barata Salgueiro. A formação da Sociedade Nacional das Belas Artes até à sua instalação definitiva teve várias etapas<sup>152</sup>. A primeira, no momento em que a Sociedade Promotora se fundiu com o Grémio Artístico para a constituição da S.N.BA. Os seus estatutos foram confirmados pelo alvará de 16 -3-1901. Antes desta fusão Barata Salgueiro tinha doado terrenos à Câmara para a construção da Sede da Sociedade Promotora<sup>153</sup>. A concessão dos terrenos foi aprovada pela Câmara a 3/5/1906<sup>154</sup>. Em 25/8/1908 foi aprovado o projeto-lei pelas duas Câmaras dos Dignos Pares do Reino e Deputados que autorizou a construção da Sede<sup>155</sup>. Em 9/9/1908 o governo é dotado com verbas para subsidiar a construção de um edifício público para a realização de exposições de Belas Artes e de Arte Aplicada<sup>156</sup>. O Estado é o proprietário do edifício, mas a Sociedade fica responsável por ele. O projeto de arquitetura foi aprovado em 25/10/1907<sup>157</sup>. A sede foi inaugurada em 1913<sup>158</sup>. Houve durante todo este tempo e até 1934 um desgaste que prejudicou o funcionamento da SNBA, provocado por uma ação posta pelos herdeiros de Barata Salgueiro sobre os terrenos doados, só resolvida em 1934.<sup>159</sup> A inauguração da Sede com a ampla galeria de exposições veio beneficiar largamente a realização dos salões permitindo igualmente

<sup>152</sup> QUEIROZ, Amílcar de Barros- Da Promotora de Belas Artes e do Grémio Artístico à Sociedade de Belas Artes (1860-1951). Disponível em: WWW<URL: < <http://www.snba.pt/34.html?firstun=false>> Acesso em: 6/8/2017.

<sup>153</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1999. 2 vol. Tese de Doutoramento. Vol. I, p. 53.

<sup>154</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>155</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>157</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>158</sup> FRANÇA, José-Augusto- A Arte em Portugal no Séc. XIX. Lisboa: Livraria Bertrand, S.A.R.L., 1966. Segundo Volume, p. 86.

<sup>159</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1999. 2 vol. Tese de Doutoramento. Vol I, pp. 56,57.

a concretização de outras exposições ao longo do ano, umas programadas pela direção e outras extraordinárias, previstas nos Estatutos de 1916, beneficiando do aluguer da galeria<sup>160</sup>. “Os estatutos publicados em 1916 introduzem o aparecimento do conselho técnico que, além de outras funções, passa a fazer parte do júri de admissão, classificação e colocação das obras enviadas às exposições da Sociedade”<sup>161</sup>. Desde a fundação da S.N.B.A. os valores naturalistas são divulgados nos seus salões. Até 1921 será o reduto do naturalismo oitocentista. Só em 1925, quando Eduardo Viana organiza o primeiro Salão de Outono nos salões da SNBA, os modernistas são acolhidos sem hesitação. Mas os valores naturalistas vão permanecer nos salões da SNBA até 1945, só começando a perder importância a partir dos anos 50. Em 1952, como a Sociedade encerrou, não se realizaram os salões da Primavera e de Inverno.

O Salão Bobone é um salão que está ligado ao início da renovação modernista da arte portuguesa do séc.XX. Foi aí que se realizou a Exposição Livre de 1911, onde um dos pintores que aí participou, Manuel Bentes, afirmou que o objetivo da exposição era o de fugir “aos dogmas do ensino, às imposições dos mestres”<sup>162</sup>. Além de Bentes (1885-1961) expuseram, Emmerico Nunes (1888-1968), Alberto Cardoso (1881-1942), Francisco Smith (1881-1961), Domingos Rebelo (1891-1975), Francisco Alvares Cabral (1887-1947) e o brasileiro Roberto Colin. Eduardo Viana (1881-1967) juntou-se posteriormente ao grupo. O resultado não foi muito diferente do que se fazia até então, mas o que importa salientar é que foi a partir desse momento que se começou a tentar criar algo que ficasse fora das imposições dos salões da SNBA. A questão entre “modernos” e “académicos” vai continuar até muito mais tarde. O Salão Bobone, estúdio do fotógrafo Augusto Bobone (1825-1910), ficava situado na Rua Serpa Pinto, perto do MNAC. Em 1916 José Pacheco abriu aí a Galeria das Artes, onde logo expuseram ele próprio, Almada, Jorge Barradas, Francisco Smith, António Soares e Alice Rey-Colaço, cada um com o seu entendimento modernista. Várias foram as exposições que o Salão acolheu ao longo dos anos e variadas as tendências expostas.

O Salão da *Ilustração Portuguesa* ficava situado nas instalações do jornal O Século. A *Ilustração Portuguesa* era uma edição semanal do Jornal O Século.

O *Hall* do Jardim Passos Manoel era um Salão localizado no Jardim Passos Manoel onde, ao longo do tempo da sua existência, se realizaram várias atividades culturais e

<sup>160</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 132,133.

<sup>161</sup> Estatutos da Sociedade Nacional de Belas *apud* TAVARES, Cristina de Sousa- Op. cit., p.58

<sup>162</sup> GONÇALVES, Rui Mário- História da Arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa S.A.,1986. B. 10.516-1986. Vol. 12, pp. 50, 51.

recreativas. O Jardim Passos Manoel <sup>163</sup> foi inaugurado a 18 de Março de 1908, na Rua Passos Manoel na cidade do Porto. Foi construído à semelhança dos jardins parisienses da época e foi um lugar muito conhecido da boémia noturna portuense. Vir ao Porto e não ir ao jardim Passos Manoel era equivalente na época a ir a Roma e não ver o Papa. Era um local frequentado não só pelos amantes do cinema, onde existia o animatógrafo mais moderno da época, como pelos apreciadores de música. Aí foram apresentados os maiores êxitos musicais que estavam na moda no continente europeu. Era um lugar de cultura e o ponto de encontro da sociedade portuense. Em 1911 foi melhorado e ampliado com um jardim-esplanada, salão de festas, pavilhão-restaurante, luxuoso “Hall” (como era anunciado na imprensa) e um pequeno teatro. Em 1938 o Salão Jardim Passos Manoel foi posto fora de serviço, demolido mais tarde para aí se erguer o Coliseu do Porto, inaugurado a 19/12/1941, e o Cinema Passos Manuel. Foi no Salão (Hall) que se realizou entre 3 e 25 de Maio de 1915 a I Exposição de Humoristas e Modernistas<sup>164</sup>. Entre os expositores estavam Almada Negreiros, Jorge Barradas, Cristiano Cruz, Armando Basto, António Soares, Abel Salazar, António Azevedo (autor do cartaz do salão).

Além destes Salões, os mais frequentados, muitos outros são referidos na *Ilustração Portuguesa* de 1914-1918.

Para melhor visibilidade, mostro no quadro seguinte todos os espaços onde se realizaram as exposições que foram motivo de crónica em 1914-1918, o número de exposições por espaço, o N.º, a data e a página das revistas em que as exposições são referidas:

---

<sup>163</sup> Jardim Passos Manuel. Disponível em: WWW<URL: <

restosdecolecção.blogspot.com/2013/03/jardim-passos-manoel.html> Acesso em: 19/2/2016

<sup>164</sup> Cf. Dias, Fernando Rosas - O Futuro dos Humoristas-O Humorismo enquanto Modernismo, p. 12-16.

Disponível em: WWW<URL:

[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7835/2/Prof.%20Fernando%20Rosa%20Dias\\_DVD%20114.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7835/2/Prof.%20Fernando%20Rosa%20Dias_DVD%20114.pdf) >

Acesso em: 15/8/2017. Destaca dentro das exposições, “onde o humorismo modernista teve destacável presença,... as seguintes”: Além do 1º salão dos humoristas que “abriu (...) a 9 de Maio de 1912 nas duas salas do Grémio e (...) teve importante significado histórico no início da arte moderna em Portugal”, o 2º Salão dos Humoristas realizado em Lisboa em Junho de 1913; o 1º Salão dos Humoristas e Modernistas, realizado em Maio de 1915 no Porto, p. 32,33; o Salão dos Fantasistas realizado no Porto no Palácio da Bolsa em Janeiro de 1916; o II Salão de Modernistas realizado-se no Porto no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel em Maio de 1916; A Galeria das Artes realizada em Lisboa no Salão Bobone em Setembro-Novembro de 1916; a Exposição de Arte realizada em Faro no Salão do Teatro Lethes em Maio de 1917; o 3º Salão dos Humoristas-Modernistas em Lisboa no Salão de S. Carlos em Julho de 1920; o Salão de Humoristas realizado no Porto no Salão Silva Porto em Novembro de 1926.

Locais	Nº de Exposições	Revistas em que são referidas- Nº da revista, data	Página
Sociedade Nacional das Belas Artes (na Rua Barata Feyo)	16	641-3/6/18; 643-17/6/18 535-22/5/16 533-8/5/16 485-7/6/15; 486-14/6/15 588-28/5/17 624-4/2/18 514-27/12/15; 515-3/1/16 431-25/5/14; 433-8/6/14 567-1/1/17 412-12/1/14; 413-19/1/14 575-26/2/17 516-10/1/16 486-14/6/15 521-14/2/16 592-25/6/17 666-25/11/18	p. 435; p. 477 p. 615-616 p. 545; p. 548-549 p.734,735; p.764-766 p. 427-428 p. 96-97 p.801; p. 31,32 p. 663-669; p. 709 p. 2-4 p. 33; p. 84-88 p. 171 p.58 p.764-766 p. 214-215 p. 501 p. 425
Ateneu Comercial do Porto	2	416-9/2/14 533-8/5/16	p. 182-183 p. 566-568
Galeria da Misericórdia do Porto	3	417-16/2/14 422-23/3/14 527- 27/3/16	p. 220-221 p. 372 p. 413
Salão da Ilustração Portuguesa	15	601-27/8/17 571-29/1/17 462- 28/12/14 460- 14/12/14 521-14/2/16 518- 24/1/16 434-15/6/14 623-28/1/18 462- 28/12/14 419-2/3/14 422-23/3/14; 423-30/3/14 424- 6/4/14 576-5/3/17 614- 26/11/17 619- 31/12/17	p. 176 p. 96-97 p. 830-832 p. 745 p. 199-200 p. 101 p. 741-743 p. 79 p. 830-832 p. 285-286 p. 383; p.411-413 p. 421-423 p. 188 p. 428 p. 537
Salon des Artistes Français	3	427-27/4/14 431-25/5/14 435-22/6/14	p. 521 p. 651 p. 774
Sociedade Portuguesa da Fotografia (na Rua das Chagas)	1	435-22/6/14	p. 786-788
Exp. Geral de B. A. do Brasil no Rio de Janeiro	1	449-28/9/14	p. 413
Hall do Jardim de Passos Manuel	2	425-13/4/14 474-22/3/15	p. 475-476 p. 380
Salão Bobone	5	519-31/1/16 510-29/11/15 (2Exp.) 475-29/3/15	p. 155 p. 673 p. 385

		575- 26/2/17 666- 25/11/18	p. 171 p. 432
Pavilhão Português da Exposição do Panamá	1	481-10/5/15	p. 586-587
Panamá Pacif	1	666-25/11/18	p. 433
Salão da Sociedade Martins Sarmiento em Guimarães	1	494- 9/8/15	p. 187
Escola de Belas Artes	2	495-16/8/15 633-8/4/18	p. 193 p. 278
Teatro Nacional	3	517-17/1/16 537-5/6/16 551-11/9/16	p. 65 p. 661  p. 206
Teatro de S. Carlos	1	575-26/2/17	p.162-163
Edif.Hist.do Carmo,Lisb/ Museu do Carmo	2	422-23/3/14 666-25/11/18	p. 374, 375
Ateliers dos Artistas	5	622-21/1/18 Higinio Mendonça  637-6/5/18 Moreira Rato  548-21/8/16 Museu Bordalo Pinheiro  512-13/12/15 Costa Mota  657- 23/9/1918 Ant.Pied/ OlhãoL.	p. 57-58 p. 357  p. 155-157  p. 761 p.256
Liga NavaL	1	568-8/1/17	p. 28
ClubUnião Portimonense	1	532- 1/5/16	p. 541
Sal.fotog.Perest relo & filhos	1	542-10/7/16	p. 40
Salão da Fot. Gonçalves, na Calçada do Combro	1	583- 23/4/17	p. 333

### 2.3 Os artistas que participam nas exposições.

A partir da listagem dos artistas (pintores, escultores, caricaturistas ...) citados no semanário *A Ilustração Portuguesa*, a propósito das Exposições ou de outros acontecimentos artísticos durante o período de 1914-1918, vamos apreciar a frequência relativa com que foram os seus nomes citados.

Tabela da referência aos Artistas na *Ilustração Portuguesa* no período 1914-1918:

Artista	Presença	Título na Ilust.Portuguesa	páginas	Nº	Data Revista
Adães Bermudes	2	O mon.ao Marquezde Pombal Port.na exp.dePanamá	524-526 856,--7	427 481	27/4/14 10/5/15
Adriano Costa	2	No salão da Il.Portug. Exposição Alma Nova	830,--2 162,--3	462 575	28/12/14 26/2/17
D.Alvão	3	A Exposição de Fotografia artística de Alvão. Portugal na exp. de Panamá Portugal na exp.Panamá-Pacífico	p. 741-743 p. 586-587 p. 586-587	434 481 666	15/6/14 10/5/15 25/11/18
Albertode.Sousa	6	Exp. AlbertodeSousa Exp.de quadros artisticos A Exp.de Ag.e Desenho Qudros daHist.dePortugal A exp. de pintura Exposição de aguarelas	p. 428 p. 176 p. 2-4 p.206 p. 801 p. 84-88	666 601 567 551 514 413	25/11/18 27/8/17 17/1/17 11/9/16 27/12/15 19/1/14
Alberto.de Lacerda (Alfredo de...?)	3	NosalôdaIIPortuguesa A Exp.de Ag.e Desenho Exposição Alma Nova	p. 830-832 p. 2-4 p. 162-163	462 567 575	28/12/14 1/1/17 26/2/17
Alda da Cunha Ada da Cunha	2	A exp. de Belas Artes Aexp.do At.Com.do Porto	663,--9 566,--8	431 533	25/5/14 8/5/16
Alfredo.Miguéis	4	UmquadrodeAlf. Mig. Exposiçãodepintura ExposiçãodeBelasArtes Belas Artes	p. 458 p.545 p. 615-616 p. 427-428	425 533 535 588	13/4/14 8/5/1916 22/5/16 28/5/17
Alfredo Morais	4	Exp.de aguarelas Exp.de Belas Artes Exp. de Belas Artes A Exp de Ag. e Desenho	p. 84-88 p. 734-735 p. 32 p. 2-4	413 485 515 567	19/1/14 7/6/15 3/1/16 1/1/17
Ant. Carneiro	1	OsúltimosdesdeAntCar.	p. 102-103	414	26/1/14
Ant.Quaresma	3	Exposição de aguarelas V.dosr.P.daR.à Exp.das B.A A Exp. de Ag. e Desenho	p. 84-88 p.764-766 p. 2-4	413 486 567	19/1/14 14/6/15 1/1/17
Ant. Ramalho		António Ramalho	p. 501	592	25/6/17
António Saude	4	A exp. de Belas Artes Portug.naexpdePanamá A exp do At.Com do Porto Exp.de Belas Artes	p. 663-669 p.586-587 p. 566-568 p. 615-616	431 481 533 535	25/5/14 10/5/15 8/5/16 22/5/16
Alves Cardoso	9	A exp. de Belas Artes Portug.nexpdePanamá Exp. de Belas Artes A exp.de.pintura Exp.de Belas Artes Exp. de Belas Artes Exp. Alma Nova Belas Artes Belas Artes	p. 663-669 p. 586-587 p. 734-735 p. 801 p. 58 p. 640 p. 162-163 p. 427-428 p. 96-97	431 481 485 514 516 536 575 588 624	25/5/14 10/5/15 7/6/15 27/12/15 10/1/16 29/5/16 26/2/17 28/5/17 4/2/18
Alves de Sá	4	Exp. de aguarelas A exp.de pintura Exp. de Belas Artes A exp.de Ag.e Desenho	p. 84-88 p. 801 p. 32 p. 2-4	413 514 515 567	<b>19/1/14</b> <b>27/12/15</b> 3/1/16 1/1/17
Amarelhe	2	Caric.deAm.exp.noPorto Caricat. de Amarelhe	p. 475-6 p. 380	425 474	13/4/14 22/3/15
Armando de	3	No salão da Il.Portug	p. 830,--2	462	28/12/14

Lucena		A “saison” Exposição Alma Nova	p. 673 p. 162,--3	510 575	29/11/15 26/2/17
Artur Pratt	4	A exp. de Belas Artes Portug.naexpdePanamá Visita do sr Pres.daRep. à Exp das Belas Artes	p.663-669 p. 586-587 p. 764-766	431 481 486	25/5/14 10/5/15 14/6/15
Azevedo e Silva	6	A exp. de Belas Artes NosalãodaIIPortuguesa Portug. naexpde Panamá A Exp. de Belas Artes Belas Artes Exp. de Belas Artes	p. 663-669 p. 830-832 p. 586-587 p. 640 p. 427-428 p. 435	431 462 481 536 588 641	25/5/14 28/12/14 10/5/15 29/5/16 28/5/17 3/6/18
L.Battistini	4	Exp. d’aguarelas Exp. de aguarelas Figuras e Factos ExpdeLeopol. Battistini	p. 33 p. 84-88 p.413 p. 428	412 413 527 614	12/1/14 19/1/14 27/3/16 26/11/17
C. Bonvalot	5	Exp. de aguarelas A exp. de Belas Artes NosalãodaIIPortuguesa A Exp.de Ag.e Desenho Exp. Alma Nova	p. 84-88 p. 663-669 p. 830-832 p. 2-4 p. 162-163	413 431 462 567 575	19/1/14 25/5/14 28/12/14 1/1/17 26/2/17
Carlos Reis	6	A exp. de Belas Artes V.dosrPdaRàExpdasBA Soc.Nac.deBelas Artes A exp do At.Com.do Porto Exp. de Belas Artes A Exp.de Ag. e Desenho	p. 663-669 p.764-766 p. 548-549 p. 566-568 p. 615-616 p. 2-4	431 486 533 533 535 567	25/5/14 14/6/15 8/5/16 8/5/16 22/5/16 1/1/17
Columbano	5	Exp. d’aguarelas Exp.de aguarelas A Exp. de Belas Artes Portug.naexpdePanamá Belas Artes	p. 33 p. 84-88 p. 663-669 p. 586-587 p. 96-97	412 413 431 481 624	12/1/14 19/1/14 25/5/14 10/5/15 4/2/18
Constanti.Fernandes	2	Soc.Nac.de Belas Artes Belas Artes	p. 548-549 p. 96-97	533 624	8/5/16 4/2/18
Correia Dias	2	Exp.car.noSal.dall.Portug. Exp.car. noSal.dall.Portug.	p. 285 p. 297,--9	419 420	2/3/14 9/3/14
Costa Mota	9	Port.naexpdePanamá Exp. de Belas Artes O conc.nas Belas Artes Umconc na Acad.das Belas Artes Figuras e Factos. Soc.Nac.de Belas Artes Exp. de Belas Artes Belas Artes Belas Artes	p. 586-587 p. 734-735 p. 193 p. 698 p. 761 p. 548-549 p. 615-616 p. 427-428 p. 96-97	481 485 495 510 512 533 535 588 624	10/5/15 7/6/15 16/8/15 29/11/15 13/12/15 8/5/16 22/5/16 28/5/17 4/2/18
Costa Mota sobrinho	4	A exp.de Belas Artes Figuras e Factos Arte Belas Artes	p. 663-669 p. 730 p. 385 p. 427-428	431 433 475 588	25/5/14 8/6/14 29/3/15 28/5/17
David de Melo	2	PortugnaexpdePanamá Soc.NacionaldeBelasArtes	p. 586-587 p.548-549	481 533	10/5/15 8/5/16
Diogo de Macedo	4	Uma exp de arte no Porto Monumento a Camões Exp. de escultura Exp.. Alma Nova	p. 220-221 p. 236 p. 28 p. 162-163	417 470 568 575	16/2/14 22/2/15 8/1/17 26/2/17
Dordio Gomes	3	A exp.de Belas Artes Exp. de Belas Artes Exp. Alma Nova	p. 663-669 p. 615-616 p. 162-163	431 535 575	25/5/14 22/5/16 26/2/17
Eduardo Romero	3	A exp.de Belas Artes NosalãodaIIPortuguesa	p. 663-669 p. 830-832	431 462	25/5/14 28/12/14



		Exp. Alma Nova	p.162-163	575	26/2/17
Eduardo Tavares	2	O mto ao Marquês de Pombal A exp. de Belas Artes	p. 524-526 p. 663,--9	427 431	27/4/14 25/5/14
Ernesto Condeixa	4	A exp.de Belas Artes Portug.naexpdePanamá A exp.do At.Com.do Porto Exp.deBelas Artes	p.663-669 p. 586-587 p. 566-568 p. 615-616	431 481 533 535	25/5/14 10/5/15 8/5/16 22/5/16
Evaristo Catalão	2	A exp.de Belas Artes NosalãodaIIPortuguesa	p. 663-669 p. 830-832	431 462	25/5/14 28/12/14
A.Faro e Oliveira	2	Soc.Nac.de Belas Artes Exp. de Belas Artes	p- 548-549 p. 615-616	533 535	8/5/16 22/5/16
Falcão Trigo	4	A exp.de Belas Artes AexpdoAtComdoPorto Exp. de Belas Artes Exp. de Belas Artes	p. 663-669 p. 566-568 p. 615-616 p.640	431 533 535 536	25/5/14 8/5/16 22/5/16 29/5/16
Filomena Freitas	3	A exp.de Belas Artes Exp. de Belas Artes Belas Artes	p. 663-669 p. 734-735 p. 427-428	431 485 588	25/5/14 7/6/15 28/5/17
Franc.R.Esteves	5	A exp. de Belas Artes Exp. de Belas Artes Exp. de Belas Artes Belas Artes Exp. de Belas Artes	p. 663-669 p.734-735 p. 615-616 p. 427-428 P. 435	431 485 535 588 641	25/5/14 7/6/15 22/5/16 28/5/17 3/6/18
Francisco dos Santos	5	O mon.aoMarquesdePo Exp.de Belas Artes Soc.Nac.de Belas Artes Exp. de Belas Artes Belas Artes	p. 524-526 p.734-735 p. 548-549 p. 615-616 p. 96-97	427 485 533 535 624	27/4/14 7/6/15 8/5/16 22/5/16 4/2/18
Frederico Ayres	3	Portug.naexpdePanamá Pintura de paisagem Exp.Alma Nova	p. 586-587 p.155 p. 162-163	481 519 575	10/5/15 31/1/16 26/2/17
La Gandara	2	As belezas Exposição de pintura	673 545	510 533	29/11/15 8/5/16
Julio Ramos	2	Aexp.do At.C.doPorto Exp. de Belas Artes	566,--8 615,--6	533 535	8/5/16 22/5/16
M.Girão	4	A exp.de Belas Artes Soc.Nac.deBelas Artes AexpdoAtComdoPorto Exp. de Belas Artes	p. 663-669 p. 548-549 p. 566-568 p. 615-616	431 533 533 535	25/5/14 8/5/16 8/5/16 22/5/16
Hel. Roque Gameiro	3	Exp.de aguarelas Exp. de Belas Artes A Exp de Ag. e Desenho	p. 84-88 p.32 p. 2-4	413 515 567	19/1/14 3/1/16 1/1/17
Henriquet Mendonça	3	A exp.Hig.deMendonça Aexp.HiginoMendonça Exp de Pintura	p. 199-200 p. 96-97 p. 57-58	521 571 622	14/2/16 29/1/17 21/1/18
Higino Mendonça	7	A exp. de Belas Artes Aexp.Hig.deMendonça Aexp.Hig.deMendonça Soc.Nac.de BelasArtes Aexp.HiginoMendonça Belas Artes Exp.de Pintura	p. 663-669 p. 96-97 p. 284 p. 548-549 p. 96-97 p. 427-428 p. 57-58	431 521 523 533 571 588 622	25/5/14 14/2/16 28/2/16 8/5/16 29/1/17 28/5/17 21/1/18
JoãoAugustoRibeiro	5	Portug.naexpdePanamá Exp. de Belas Artes Soc.Nac.deBelas Artes A exp.do At.Com do Porto Exp. de Belas Artes	p. 586-587 p. 615-616 p.548-549 p. 566-568 p. 615-616	481 535 533 533 535	10/5/15 22/5/16 8/5/16 8/5/16 22/5/16
João Marques	3	Exposição de Aguarelas V.dosRdaRàExpdasBA	p. 84-88 p. 764-766	413 486	19/1/14 14/6/15

		Exp. de Belas Artes	p.32	515	3/1/16
João Vaz	8	A exp. de Belas Artes Portug.naexpdePanamá Exp.de Belas Artes A exp. de pintura Exp. de Belas Artes Soc.Nac.de Belas Artes A Exp.de Ag.e Desenho Belas Artes	p. 663-669 p. 586-587 p. 734-735 p. 801 p. 58 p. 548-549 p. 2-4 p. 696-697	431 481 485 514 516 533 567 624	25/5/14 10/5/15 7/6/1915 27/12/15 10/1/16 8/5/16 1/1/17 4/2/18
Joaquim Lopes	4	Uma exposição no Porto A exp.do At.Com do Porto Exp. de Belas Artes Exp. Alma Nova	p. 220,--1 566,--8 p. 615-616 p. 162-163	417 533 535 575	16/2/14 8/5/16 22/5/16 26/2/17
José Campas	8	Exp. José Campas Exp. José Campas Arte Portug.naexpdePanamá Exp. José Campas Belas Artes Exp. José Campas Exp.deBelasArtes	p. 383 p. 411-413 p. 385 p. 586-587 p.101 p. 427-428 p.537 p. 435	422 423 475 481 518 588 619 641	23/3/14 30/3/14 29/3/15 10/5/15 24/1/16 28/5/17 31/12/17 3/6/18
José Malhoa	7	A exp. de Belas Artes PortugnaexpdePanamá VdosrPRàexpdasBA Soc.Nac.deBelas Artes AexpdoAten.Com doPorto Exp. de Belas Artes Belas Artes	p. 663-669 p. 586-587 p. 764-766 p. 548-549 p.566-568 p. 615-616 p. 696-697	431 481 486 533 533 535 624	25/5/14 10/5/15 14/6/15 8/5/16 8/5/16 22/5/16 4/2/18
José Neto	2	A exp. de Belas Artes Exposição de Belas Artes	p. 663-669 p. 734-735	431 485	25/5/14 7/6/15
José Pereira	3	Vida artística em Portugal Exp.deBelasArtes Figuras e Factos	p. 829 p. 435 477	488 641 643	28/6/15 3/6/18 17/6/18
Julio Vaz Junior	5	A exp. de Belas Artes PortugnaexpdePanamá VdosrPRàexpdasBA Exp. de Belas Artes A exp.do A.Com. do Porto	p. 663-669 p. 586-587 p. 764-766 p. 615-616 p.566-568	431 481 486 535 533	25/5/14 10/5/15 14/6/15 22/5/16 8/5/16
Leitão de Barros	3	Aexp. de Belas Artes A Exp.de Ag.e Desenho Exp. Alma Nova	p. 58 p. 2-4 p. 162-163	516 567 575	10/1/16 1/1/17 26/2/17
Luís de Melo	2	Ep????????????? Exp. de Belas Artes	p. 32	515	---15 3/1/16
Margarida Costa	2	A exp. de Belas Artes A exp.do At.Com.do Porto	p. 663,--9 p. 566,--8	431 533	25/5/14 8/5/16
Mário de Sousa Maia	2	NosalãodaIIPortuguesa Exp. Alma Nova	p.830-832 p.162-163	462 575	281214 26/2/17
Martinho da Fonseca	3	A exp BA;I.P A Exp. de Belas Artes Exposição Alma Nova	p. 663-669 p. 640 p. 162-163	431 536 575	25/5/14 29/5/16 26/2/17
Maximiano Alves	5	O mon.ao Marq de Pombal Monumento a Camões Soc.Nac. de BelasArtes Exp. de Belas Artes Exp. Alma Nova	p. 524-526 p. 285 p. 548-549 p. 615-616 p. 162-163	427 471 533 535 575	27/4/14 1/3/15 8/5/16 22/5/16 26/2/17
Milly Possoz	3	Exp. de aguarelas A exp. de Belas Artes Exp. Alma Nova	p. 84-88 p. 663-669 p. 162-163	413 431 575	19/1/14 25/5/14 26/2/17

Moreira Rato	2	Um novo trab. de Moreira Rato Mais um trab.de Moreira Rato	p.76 p. 357	544 637	24/7/16 6/5/18
Narciso de Moraes	6	Exp. de aguarelas A exp. de Belas Artes PortugnaexpdePanamá Exp. de Belas Artes Exp. de Belas Artes A Exp. de Ag.e Desenho	p. 84-88 p. 663-669 p. 586-587 p.734-735 p. 32 p. 2-4	413 431 481 485 515 567	19/1/14 25/5/14 10/5/15 7/6/15 3/1/16 1/1/17
Navarro da Costa	3	Exposição Alma Nova A exp. Navarro da Costa Belas Artes	p. 162-163 p.171 p. 427-428	575 575 588	26/2/17 26/2/17 28/5/17
Paulino Montez	2	A Exp.de Ag e Desenho Exposição Alma Nova	2-4 162-163	567 575	1/1/17 26/2/17
Raf.BordaloPinheiro	2	Exp.de F.daFáb.B.P Museu Bordalo Pinheiro	187 155,--7	494 548	9/8/15 21/8/16
Raquel Roq.Gameiro	2	Exp. de aguarelas Exp. de Belas Artes	p. 84-88 p. 58	413 516	19/1/14 10/1/16
Raul Xavier	4	Exp. de Belas Artes Soc.Nac.de Belas Artes Exp.de Belas Artes Exp. Alma Nova	p. 734-735 p. 548-549 p. 615-616 p. 162-163	485 533 535 575	7/6/15 8/5/16 22/5/16 26/2/17
Rocha Vieira	2	Exp. de aguarelas Exp.de Belas Artes	p. 84-88 p. 32	413 515	19/1/14 3/1/16
Roque Gameiro	8	Exp. d'aguarelas Exp.de aguarelas A exp.de pintura Exp. de Belas Artes QdrosdaHistdePortugal A exp de Ag. e Desenho Exp.de qudros artísticos Belas Artes	p. 33 p. 84-88 p. 801 p. 32 p. 206 p. 2-4 p. 176 p. 696-697	412 413 514 515 551 567 601 624	12/1/14 19/1/14 27/12/15 3/1/16 11/9/16 1/1/17 27/8/17 4/2/18
Ruy Bastos	4	NosalondeParisumaescdeRui Bastos Arte Figuras e Factos M.to aBordaloPinheiro	p. 651  p.385 p.524 p.91	431  475 479 517	25/5/14  29/3/15 26/4/15 17/1/16
Severo Portela Filho	5	Exp. de Belas Artes VdosrPRàexpdasBA Soc.Nac.de Belas Artes Exp. de Belas Artes Belas Artes	p. 734-735 p.764-766 p. 548-549 p. 615-616 p. 427-428	485 486 533 535 588	7/6/15 14/6/15 8516 22/5/16 28/5/17
Carlos de Sousa Pinto	2	Exp. de Belas Artes Figuras e Factos	p. 615-616 p. 477	535 643	22/5/16 17/6/18
Sousa Pinto	3	Exp. Sousa Pinto Exp.SousaPinto Belas Artes	p. 214-215 p. 251 p. 96-97	521 522 624	14/2/16 21/2/16 4/2/18
Simões deAlmeida sobr.	5	A exp. de Belas Artes Monumento a Camões Portug.na expdePanamá O Conc.nas Belas Artes Umconc.na Acad.das Belas Artes	p. 663-669 p. 236 p. 586-587 p.193 698	431 470 481 495 510	25/5/14 22/2/15 10/5/15 16/8/15 29/11/15
Tomás de Melo	1	NosalãodaIl.Portuguesa	p.830-832	462	281214
Teixeira Lopes	1	Belas Artes	p. 96-97	624	4/2/18
Veloso Salgado	2	Port.naexp.dePanamá V.doSr PdaR.à Exp de B.A	p. 586-587 p. 764-766	481 486	10/5/15 14/6/15

		Soc.Nac.deBelasArtes	p. 548-549	533	8/5/16
Gilb. VenturaRenda	3	ExdeBAñoSaldallPortug NsaldallPort Port.naexp.dePanamá Sr.G. Renda na Il. Port	p.745 p. 830-832 p. 586-587 p.79	460 462 481 623	14/12/14 28/12/14 10/5/15 28/1/18

Artistas que aparecem citados uma só vez durante o período em estudo:

AbelCardoso	A exp.doAt.C.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Abel Manta	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Abel Santos	A exposiç. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Adelaide Lima Cruz	A exposiç. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Adelina d'Almeida	Arte Aplicada	120	572	5/2/17
Aires P. de Mesquita	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
AlbertinoGuimarães	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Alb.daCunhaeAndrade	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Alfredo d'Andrade	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Alfredo de Moraes	Exp. de Belas Artes	734,--5	485	7/6/1915
Alice Grilo	Aexp.do At.C.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Almada Negreiros	OséculoCómico Nº1015 Palestra Amena-Espetác.Futurista	2	In 583	23/4/1917 23/4/1917
Alvaro Fonseca	V.dosrP.daR.àExp das B.A	764,--6	486	14/6/1915
Alves Catalão	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Alves de Sousa	O mto ao Marquês de Pombal	524,--6	427	27/4/1914
Amélia de Sousa de Brito e Moura	Funchal Artístico	40	542	10/7/16
Ammé de Avelar	No salão da Il.Portug.	830,--2	462	28/12/1914
AntóniodosAnjosTeixeira	Monumento a Camões	236	470	22/2/1915
António Couto	O mon.ao Marqueзде Pombal	524	427	27/4/1914
AntónioFelixdaCosta	A exp. Higino Mendonça	199-200	521	14/2/1916
AntónioJosédaCosta	Aexp do At.C.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Armando Basto	Belas Artes	169	653	1918
Artur Teixeira	O Concurso nas Belas-Artes	193	495	16/8/1915
Augusto Gama	A exp.do At. C.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
António Piedade	Exposição de pintura	256	657	23/9/1918
Augusto Pina	Exposição Augusto Pina	661	537	5/6/1916
AugustodoNascimento	No salão da Il.Portug.	830,--2	462	28/12/1914
BarrosSamora(Samor.Barros)	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Bartolomeu da Costa	A Exposição Olisiponense	374-377	422	23/3/1914
Benvindo Ceia	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Berta Garde	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
BeatrizRollin	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Benarus	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Branca d'Assis	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Caetano de Carvalho	No salão da Il. Portug	830,--2	462	28/12/1914
Carlos Lobo	Exposição Carlos Lobo	333	583	23/4/1917
Candido da Cunha	Aexp.do At.C.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Canto e Castro	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Casanova	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Cifika	A exp.Olisiponense	374-375	422	23/3/1914
Claudina Franco	Arte Aplicada	120	572	5/2/17
Colaço	A est.de S.Bento, no Porto	325	557	23/10/1916
Conde d'Almeirim	Exposição deaguarelas	84-88	413	19/1/1914
Constancio Silva	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Cristino da Silva	Portugal na exp.de Panamá	586,--7	481	10/5/1915

Eduardo Moura	A exp do At. C. do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Eduardo Viana ?	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Ermelinda dos Santos Braga	A Exp. de Belas Artes	640	536	29/5/16
Ernesto do Canto	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Fanny Munró	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
A.Faro e Oliveira	Exp. de Belas Artes	615,--6	535	22/5/1916
F. Leitão	Um quadro de F.Leitão	521	427	27/4/1914
Fernandes de Sá	A exp.do At. C. do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Fernando dos Santos	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Arq.Ferreira da Costa	O mto ao Marquês de Pombal	524,--6	427	27/4/1914
Francisco Smith	Figura e Factos	432	666	25/11/1918
Arq G. RebeloAndrade	Moumento a Camões	285	471	1/3/1915
Henrique Moreira	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
H.E.Huguenin	A exp.do At. C. do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Hogan	Exposição d'aguarelas	33	412	12/1/1914
Howell	Exposição deaguarelas	84-88	413	19/1/1914
Jesus (fáb. dasTrinas)	A Exposição Olisiponense	374-377	422	23/3/1914
J. de Brito e Moura	Funchal Artístico	40	542	10/7/1916
João Afonso Álfaro	A lampada dos Congregados	688	538	12/6/1916
João Batista de Lima	A exp.do At. C.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
João Carioca	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
João Silva	Mtoao barão do RioBranco	460	589	4/6/1917
Joaquim Carlos Vieira	Expd'arte em V.N.de Port.	511	532	1/5/16
Joaqu.Gonçalves da Silva	A exp.Joaq.GonçalvesdaSilva	372	422	23/3/1914
José d'Almeida e Silva	Aexp.do At.C.doPorto	566-568	533	8/5/1916
José de Brito	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
José Justino de Sant'Ana	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
José Leite	Belas Artes-Aexp. J.Leite	171	575	26/2/1917
José Pedro Cruz	Exposição de Pintura	188	576	5/3/1917
José Ramos	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
João Reis, filho	Exp. de Belas Artes	615,--6	535	22/5/1916
A.Judice da Costa	A Exposição Olisiponense	374-377	422	23/3/1914
Julieta Ferrão	Exp. de Belas Artes	435	641	3/6/1918
Julio Pina	Aexp.do At.C.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Leandro Calderon	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Arq.Lino de Carvalho	A exp.de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Lucilia Aranha Grave	A exp do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Lupi	Exposição deaguarelas	84-88	413	19/1/1914
Machado de Castro	A Exposição Olisiponense	374-377	422	23/3/1914
Mel Aug Bord. Pinheiro	Exp.de F.daFáb.B.Pinheiro	187	494	9/8/1915
MargaridaAlcântara	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Maria Carneiro	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Maria Chaves	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Ma da G. Ribeiro da Cruz	A exp do At.Com do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Ma de J.. Conceição Silva	Exp. de Belas Artes	615,--6	535	22/5/1916
Ma José do Vale Pimenta de Miranda	Exp. d'arte em Vila Nova de Portimão	541	532	1/5/1916
Ma Aug. Bord. Pinheiro	Port.na exp.de Panamá	586,--7	481	10/5/1915
Ma F. Gonç. Mauhin	No salão da Il.Portug.	830,--2	462	28/12/1914
Maria Monteiro	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Mário Barbosa	NoSal.deParis.DoisQuadrosdebr.	774	435	22/6/1914
Marques Abreu	Exp. de fot. no Porto	182,--3	416	9/2/1914
Marques de Oliveira	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/16
Marques da Silva	O mto ao Marquês de Pombal	524-526	427	27/4/1914
Matoso da Fonseca	Port. na exp. de Panamá	586,--7	481	10/5/1915
Mauricio Valente d'Almeida	Novo artista	129	573	12/2/17
Melo (?expós no Bobone)	A Saison	673	510	29/11/15

Metrass	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Arq.MiguelNogueira	Figuras e Factos	177	601	27/8/17
Narvaes	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Octávio Bobone	Port.na exp. de Panamá	586,--7	481	10/5/1915
Olhão (Otão?) Luís	Exposição de pintura	256	657	23/9/1918
Olivia Barros	A exp do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Oliveira Ferreira	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Óscar Charneca 2X'	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
PaulinoGonçalves	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Paula de Campos	O mto ao Marquês de Pombal	524-526	427	27/4/1914
Pedro Guedes	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Pedro Lima	Os Proc.d'Arte na Fotog.	786,--8	435	22/6/1914
Porfírio	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Raul Carneiro	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
D. Rebelo	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Ribeiro Cristino	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Ribeiro Junior	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Raul Maria Pereira	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Ruy Sedas	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
S. Romão	Exposição d'aguarelas	33	412	12/1/1914
Saavedra Machado	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
SantaRita	OséculoCómico Nº1015-Palestra Amena-Espetáculo futurista	2	In583	23/4/1917
Sabina de Vasconcelos	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Samora Barros	No salão da Il. Portug	830,--2	462	28/12/1914
Santos Junior	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Sara Bramão	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Simão da Veiga	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Simões da Fonseca	NoSal.deParis.Doisquadrosdebr.	774	435	22/6/1914
Sofia Baerlein	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Marq.deSousaHolstein	Exposição de aguarelas	84-88	413	19/1/1914
Soares Lopes	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Sofia Martins de Sousa	Aexp.do At.Com.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Sousa Caldas	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Stuart de Carvalhaes	Exposição Alma Nova	162,--3	575	26/2/1917
Suzana Sagastume	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Teixeira daSilva	A exp.do At.Com.do Porto	566,--8	533	8/5/1916
Arq. Tertuliano Marques	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Tomás Costa	Port.na exp.dePanamá	586	481	10/5/1915
Tomás de Melo	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Tomás de Moura	Aexp.do At.C.doPorto	566,--8	533	8/5/1916
Trindade Chagas	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914
Tulio Vitorino(V.T.)	No salão da Il.Portug	830,--2	462	28/12/1914
Visconde de Santarem	OsProc.d'ArtenaFotog	786,--8	435	22/6/1914
Zoé Batalha Reis	A exp. de Belas Artes	663,--9	431	25/5/1914

## 2.4 A Identificação dos autores das crónicas

A *Ilustração Portuguesa* não é uma revista específica de Arte. É uma revista generalista que através da crónica dá a conhecer ao seu público os acontecimentos que acha de interesse para o mesmo.

As crónicas ou as críticas sobre Arte normalmente decorrem após uma exposição de arte plástica ter sido inaugurada, que se podem estender por mais que um número da Revista, a propósito de uma obra ou obras de um artista consagrado ou em início de carreira, português quase sempre, tenha sido ou não apresentada num salão de exposições em Portugal, em Paris....no Rio De Janeiro...,a pretexto de um concurso público para a construção dum monumento, para a ocupação de um lugar de professor numa Escola de Belas Artes....Muitas crónicas não são assinadas, feitas por amadores com maior ou menor sensibilidade para o fenómeno artístico, uns confessando que não têm formação para serem críticos , como o cronista no nº 533 da Revista<sup>165</sup>, outros, pretendendo mostrar erudição, falam mais das obras, que nunca viram, de pintores célebres estrangeiros, do que das que deviam criticar<sup>166</sup>

Outras crónicas são assinadas só com as iniciais do nome do seu autor, o que torna muitas vezes difícil identificá-lo. Muitas crónicas são feitas por homens de letras. A diferente qualidade na formação dos alunos de letras relativamente àqueles que seguiam a carreira artística, na época do nosso estudo como em décadas posteriores, fez com que as melhores críticas fossem assinadas por gente vinda da literatura<sup>167</sup>. São vários os autores das notícias, crónicas, críticas que ao longo do período de 1914-1918 escrevem sobre as exposições e sobre arte em geral. Só alguns assinam com as iniciais ou com o nome completo.

**A.G.** supomos tratar-se de António Gameiro. Alguém que “fez critica literária n’O Diabo e que escreveu um livro de poemas”<sup>168</sup>. Mas poderá ser Augusto de Oliveira Bugalho Ferreira Gomes (1892-1953), “Jornalista, poeta, ficcionista e crítico literário e de Artes plásticas. Amigo dedicado e companheiro ocultista de Fernando Pessoa”<sup>169</sup>, tendo colaborado na *Ilustração Portuguesa*.

**A.G.** na única critica que faz na *Ilustração Portuguesa* a uma exposição de obras de Diogo Macedo e do paisagista Joaquim de Sousa<sup>170</sup> constata que nas obras do escultor, realizadas depois de o escultor ter regressado de Paris, as “conveniências mesquinhas da Academia passaram para traz” e que o escultor é um “intérprete da

<sup>165</sup> Ilustração Portuguesa II Série . Nº 533, Lisboa, 8/5/1916 p.566

<sup>166</sup> ESQUÍVEL Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940). Lisboa: Edições Colibri, 2007 ISBN 978-972-719-3, p. 158

<sup>167</sup> Ibidem, p. 57

<sup>168</sup> Ibidem, p. 277

<sup>169</sup> Ibidem, p. 281

<sup>170</sup> Uma exposição de arte no Porto. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº417, Lisboa, 16/2/1914, pp. 220,221

beleza maior, da beleza interior e largamente humana”. Do pintor nota-lhe uma certa insuficiência de técnica apesar de se congratular do aparecimento de mais um paisagista português<sup>171</sup>.

**A. S.** (Álvaro Salema) assina com as iniciais do seu nome uma única crítica na *Ilustração Portuguesa* de 1914-1918, a da exposição de caricaturas de Correia Dias, no Salão da *Ilustração Portuguesa*<sup>172</sup>. É o primeiro neste período a referir-se a Almada Negreiros como “um encantador de corpos e atitudes”<sup>173</sup>, a Jorge Barradas, como sendo “o mais moço e malicioso dos humoristas”<sup>174</sup>, e a outros que também “se impõem exuberantemente na caricatura e na decoração”<sup>175</sup>, da mesma geração de Correia Dias. E a propósito da exposição critica “o meio madraço e maldizente de Lisboa”... Se nos lembrarmos do que Jaime Brasil, que também assina com a letra **A.** (de Artur seu primeiro nome ) vai escrever n’A Batalha sobre Almada<sup>176</sup>: “sem conhecimentos técnicos de pintura a óleo” e sobre Jorge Barradas: “uma tela que parecia um boneco de criança”<sup>177</sup> no I salão de Outono organizada por Eduardo Viana em 1925. A.S. está muito mais atualizado.

**Júlio Dantas**, escritor e cronista habitual da revista, tarefa só interrompida por motivo de doença, refere-se por vezes, à atividade artística.<sup>178</sup>

É defensor de uma arte genuinamente portuguesa. Numa das crónicas, bate-se por isso, pela libertação por completo dos nossos caricaturistas, a quem reconhece muito talento, da influência dos mestres humoristas alemães, belgas e franceses, e noutra crónica louva o “ profundo sentimento da paisagem portuguesa” que observa por exemplo em José Campas, “um pintor de verdadeiro talento”.

**Mário de Almeida** (1889-1922), distinto oficial do exército e homem de letras. Colaborou em várias publicações periódicas (entre elas “A Capital” e “A Vida Artística”). Esteve exilado no Brasil depois do assassinato de Sidónio Pais (dezembro de 1918) e regressou a Portugal em 1920, trabalhando como professor na Escola Veiga Beirão. “Enviado a França como correspondente de guerra do

<sup>171</sup> Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 417, Lisboa 16/2/1914, p. 220

<sup>172</sup> Exposição de caricaturas no Salão da “*Ilustração Portuguesa*”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº420, Lisboa 9/3/1914, p. 297-299

<sup>173</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 420, Lisboa, 9/3/1914 , p. 298

<sup>174</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 420, Lisboa, 9/3/1914, p. 298

<sup>175</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 420, Lisboa, 9 /3/1914.,p. 298

<sup>176</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p. 186

<sup>177</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 186

<sup>178</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº421, Lisboa, 16/3/1914, p. 321

*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº475, Lisboa, 29/3/1915, p. 385



jornal A Capital”.<sup>179</sup> Foi o homem que substituiu Júlio Dantas, por motivo da sua doença, na escrita da crónica de abertura da revista da *Ilustração Portuguesa* a partir do Nº 491<sup>180</sup> Interrompeu a sua colaboração a partir do Nº 502 com o regresso de Júlio Dantas. A partir do Nº 510 de 29/11/1915 até ao Nº 533 escreve esporadicamente sempre que Júlio Dantas não o pode fazer. A partir do Nº 533 de 8/5/1916 até ao Nº 540 passa a ser ele a escrever a crónica de abertura. Acácio Paiva substitui-o a partir do Nº 541<sup>181</sup>, por Mário Almeida não ter tempo para os trabalhos literários. Em quatro delas inclui a crítica a exposições que se inauguraram. As suas críticas revelam o apreço pela evolução dos artistas portugueses, no sentido já manifestado por Júlio Dantas em crónicas anteriores, quando conclui “que começa a aparecer um núcleo de pintores, numerosos, já nacionalizado, produzindo uma Arte própria e que a pintura em Portugal é já alguma coisa”<sup>182</sup>.

**S.M.** é o cronista que escreve uma só crónica durante o período de 1914-1918 para a Revista<sup>183</sup>. É o jornalista, como ele próprio se identifica, que nessa notícia, como ele designa a crítica à exposição para a qual foi contratado, melhor explica o estado da crítica de arte em Portugal nas primeiras décadas do séc. XX. Diz que se considera um mero rabiscador de jornais sem conhecimentos para se arvorar em crítico. É um apreciador de arte pelo prazer que ela lhe desperta na alma e “quando ela é um transunto da natureza feita pela imaginação”<sup>184</sup>.

**A.L.** é o autor da notícia (à qual não se pode chamar crítica) a propósito de uma obra de ourivesaria, a lâmpada dos Congregados<sup>185</sup>, destinada ao altar da virgem das Dores da dita Igreja, concebida, desenhada e executada por um jovem ourives que acabara recentemente o seu curso na Escola d’Arte Aplicada Soares dos Reis que identifica como “modesto artista João Afonso Álfaro”,... “discípulo de dileto do grande artista José Augusto Ribeiro”. Pelo nome do professor e do mestre do

<sup>179</sup> MELO, Ana Homem de- I GUERRA Mundial 100 ANOS: Mário de Almeida. Disponível em: WWW<URL: < [hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/IGUERRAMUNDIAL\\_monografias\\_40ClaraodaEpopoeia.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/IGUERRAMUNDIAL_monografias_40ClaraodaEpopoeia.htm)> Acesso em: 17/5/2017

<sup>180</sup> Crónica- Mário de Almeida. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 491, Lisboa 19/7/1915, p. 65

<sup>181</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 541, Lisboa, 3/7/1916, p. 1

<sup>182</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº533, Lisboa, 8/5/1916, p. 545

<sup>183</sup> Arte Nacional: A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série , Nº533. Lisboa 8/5/1916, p. 566-568

<sup>184</sup> *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 568

<sup>185</sup> Obra D’Arte: A lampada dos Congregados. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 538, Lisboa, 12/6/1916, p. 688

artista, já que o artista é modesto(!), ficamos a imaginar o valor da obra, que é na realidade um belíssimo exemplar da nossa ourivesaria, mas sobre a qual o cronista não ousa comentar.

**Oldemiro Cesar** (1884-1953), jornalista, escritor e publicista, assina uma única crónica durante o período de 1914-1918 para a Revista, referindo-se à abertura do Museu Bordalo Pinheiro<sup>186</sup>, elogiando o que considera ser “o único inteiramente português que possuímos pois que absolutamente portuguesa foi toda a extraordinária obra desse homem”<sup>187</sup>.

**Acácio de Paiva** (1863-1944), licenciado em Farmácia em 1887 foi poeta, prosador e jornalista, tendo colaborado em vários jornais, revistas e outras publicações, nomeadamente: "O Século", "Diário de Notícias", "O Mensageiro", "*Ilustração Portuguesa*", entre outros.<sup>188</sup> A partir do nº 542 da *Ilustração Portuguesa* de 10/7/1916, passou a ser o autor da Crónica que até aí era assinada por Mário de Almeida (distinto oficial que deixara de ter tempo para os trabalhos literários) que por sua vez tinha substituído Julio Dantas por este na altura ter necessidade de descanso. Em três das crónicas que escreveu, numa delas refere a oportunidade então surgida, mesmo para alguns artistas consagrados, com o cartaz artístico<sup>189</sup>, que até há pouco tempo era desconhecido e os que existiam eram importados, noutra<sup>190</sup> elogia não só a atitude do público que visita as exposições, tornando-se “uma das suas diversões em dia de descanso” , como as obras expostas e seus autores das “últimas exposições que têm surgido na capital”. Na crónica de 23/4/1917<sup>191</sup> ,um dos assuntos que trata é sobre o futurismo e sobre a conferência futurista realizada em Lisboa. Escreve que tem a “humanidade de não considerar o conferente e seus companheiros de doidos varridos” . E, embora crítico do movimento, é cauteloso quando diz:- “Quem sabe se os crâneos dos futuristas não contêm, na verdade, alguma massa encefálica”. E adianta:-“É cedo para juízos temerários”.

**Alfredo Guimarães** (1882-1958), foi o primeiro diretor do museu Alberto Sampaio, de 1931 a 1952. Deixou-nos, quando se reformou aos setenta anos, “um

<sup>186</sup> Museu Bordalo Pinheiro. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 548, Lisboa, 21/8/1916, pp. 155-157

<sup>187</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 548, Lisboa, 21/8/1916, p. 155

<sup>188</sup> Arquivo Distrital de Leiria: Acácio de Paiva. Leiria: ADLRA, 2008. Disponível em: WWW>ULR:<digitalq.adbra.dgarq.gov.pt/details?id=1035380> Acesso em: 17/5/2016

<sup>189</sup> Crónica; Cartazes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 564, Lisboa, 11/12/ 1916, p. 461

<sup>190</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 567, Lisboa, 1/ 1/ 1917, p. 1,2

<sup>191</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 583, Lisboa, 23/4/ 1917, p. 321

museu cujo acervo cuidou, ampliou e divulgou além de uma obra escrita que em muitos aspetos foi pioneira (por exemplo, ao chamar a atenção para aspetos menos conhecidos do património artístico português – mobiliário, pintura mural, guadamecis)”<sup>192</sup>. Na única crítica que escreve e que assina na Revista de 1914 a 1918<sup>193</sup> sente-se a sensibilidade para a crítica artística. Não escreve palavras elogiosas ocas, sem substância, fáceis de dar quando se está perante a obra de Teixeira Lopes. Ele escreve três horas depois de ter saído da casa de Teixeira Lopes, imbuído ainda da emoção, que a observação da obra do artista lhe proporcionou: “nunca escultor algum em Portugal foi portuguezmente mais poeta, nas concepções, pela emoção e dentro do seu claro espirito de simplicidade do que ele”; “a translucidade do mármore refrata acima de tudo a emotividade delicada e vagamente melancólica-portanto profundamente poética”<sup>194</sup>.

**A. de C.** (Augusto de Castro?) assina com as iniciais do seu nome uma crítica <sup>195</sup>a uma exposição de “novos sem serem principiantes” que A. Burstof diretor literário da revista Alma Nova e “outros rapazes de talento” organizaram no Salão do Teatro Nacional de S. Carlos. A referência a Dordio Gomes que se apresentou com “um estudo inédito para o quadro Noite de Natal”, e a Milly Possoz, artista de “talento impressionante, original, faiscante admirável temperamento artístico”, mostra a atenção positiva do crítico para com os novos que se querem afastar das normas da SNBA.

**P.O. ou Paulo Osório** (1882-1965), escritor e jornalista de renome, assina com as iniciais ou com o nome completo quatro críticas durante o período em estudo da Revista, enviadas de Paris onde vivia desde 1911. Aí se tornou colaborador de “O Século”, correspondente do “Diário de Notícias”, diretor desde 1922 da versão parisiense deste diário, o “Paris Notícias”. Escreveu uma biografia de Camilo. Morreu em Grarches nos arredores de Paris.<sup>196</sup> Em algumas das crónicas que escreveu faz a crítica dum quadro e elogia, aconselha o seu autor. Numa delas<sup>197</sup> faz a divulgação de um quadro de Alfredo Migueis que, a exemplo do que acontece

<sup>192</sup> Homenagem a Alfredo Guimarães (1882-1958). Jornal O Conquistador. 2016. Disponível em: WWW<URL: <[www.oconquistador.com/noticias.asp?idEdicao=148&id=340&idSeccao=781&Action=noticia](http://www.oconquistador.com/noticias.asp?idEdicao=148&id=340&idSeccao=781&Action=noticia)> Acesso em: 17/5/2016

<sup>193</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 569, Lisboa, 15/1/1917, pp. 42-44.

<sup>194</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 569, Lisboa, 15/1/1917, p. 43

<sup>195</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p.162,163

<sup>196</sup> Paulo Osório- DGLAB. Disponível em: WWW<URL: <[www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/Autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8650](http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/Autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8650)> Acesso em: 11/4/2016

<sup>197</sup> Um quadro de Alfredo Migueis. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, p. 458

com todos os pensionistas em Paris, vai ser enviado para Portugal, destinado à “Direção do Museu de Lisboa”. Vaticina que o jovem artista irá “ocupar lugar de destaque entre os primeiros dos pintores portugueses d’este tempo” e aconselha-o a ser “simples e sincero”, que isso o “fará... original”. Noutra crónica<sup>198</sup> divulga um quadro de Filipe Leitão, já aceite pelo júri do “Salon” de Paris, artista que pela segunda vez expunha nos “Artistes Français”. Do quadro diz que é “animado, tem atmosfera, tem vida, a interpretação do assunto é perfeita, a composição é feliz”. Noutra crónica<sup>199</sup> faz a crítica elogiosa de um quadro exposto no “Salon” do artista brasileiro Virgílio Mauricio “que não enfileira na tropa fandanga dos inovadores por parti-pris”. Na quarta crónica refere a morte de Degas, que, escreve P.O., “insistia em dizer que a vida era feia como as mulheres que pintava”. Curioso lembrar a resposta que dava Silva Porto a quem lhe perguntava porque pintava coisas feias<sup>200</sup>. Pintava-as porque as achava belas, dizia ele. O que acontecia é que a opção estética deixara de ser a do romantismo. **Rui de Chaves**, faz a crítica<sup>201</sup> a dois quadros de artistas brasileiros, Simões da Fonseca e Mário Barbosa expostos no Salon de Paris. O primeiro expôs uma tela que se destinava ao Museu de Atenas. Ambas as críticas são elogiosas sublinhando a mestria da técnica e a composição ampla no primeiro, destacando o motivo “cour ensoillé” no segundo, a uma hora “tão avessa aos pintores do norte”.

A. fez uma crítica<sup>202</sup> aos trabalhos expostos no Porto do Artista Armando Basto, artista que tinha vindo de Paris, um dos talentos mais bizarros e mais probos da geração nova, cuja “exposição representava uma transigência do artista com a chamada arte pompier”<sup>203</sup>. A. poderá ser Jaime Brasil (1896-1966), cujo nome completo era Artur Jaime Brasil Luquet Neto. Foi escritor, jornalista, crítico de literatura e artes plásticas. Assinou algumas recensões críticas com a letra A. para o jornal O Primeiro de Janeiro na página criada por si “Das Artes, das Letras”<sup>204</sup>.

Resumindo:

<sup>198</sup> Um Quadro de Filipe Leitão. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 427, Lisboa, 27 /4/ 1914, p.521

<sup>199</sup> De Paris. No Salon. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº433, Lisboa, 8/6/1914, pp. 713-715

<sup>200</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- *História da Arte em Portugal: Do romantismo ao fim do século*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 11, p. 43

<sup>201</sup> “No Salon de Paris”. Dois Quadros de Brasileiros. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 435, Lisboa, 22/6/1914, p.774

<sup>202</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº653, Lisboa, 26/8/1918, p. 169

<sup>203</sup> Art pompier- arte académica aparecida no fim do séc. XIX

<sup>204</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 278

Julio Dantas	Exp.de aguarelas	Nº 412	12/1/14	p. 33
	Exp. de caricaturas	Nº 421	16/3/14	p. 321
	Arte	Nº 424	6/4/14	p.417
	A arte e a escola	Nº 425	13/4/14	p. 449
	Belas Artes	Nº 431	25/5/14	p. 641
	Paineis de S. Vicente	Nº 470	22/2/15	p.225
	Arte	Nº 475	29/3/15	p.385
	Obras de Sta Engrácia	Nº479	26/4/15	p.513
	Literatura e Arte	Nº 502	4/10/15	p. 417
A.G.	Uma exp.de arte no Porto	Nº 417	16/2/14	p. 220-221
A.S.	Exp. de caricat. no Salão da IL Portug..	Nº 420	9/3/14	p. 297-299
E.P.	A Exposição Olisiponense	Nº 422	23/3/14	p. 374-377
Mário Almeida	O concurso nas Belas Artes	Nº 495	16/8/15	p.193
	A Saison	Nº 510	29/11/15	p. 673
	A exposição de pintura	Nº 514	27/12/15	p. 801
	Um busto de Rafael Bordalo	Nº 517	17/1/16	p. 65
	Exposição de pintura	Nº 533	8/5/16	p. 545
	A exposição Augusto Pina	Nº538	12/6/16	p. 665
	O monumento do marquexde Pombal	Nº 538	12/6/16	p. 665
S.M.	A exp.do Ateneu Comercial do Porto	Nº 533	8/5/16	p. 545
A.L.	A lampada dos congregados	Nº 538	12/6/16	p. 688
Oldemiro Cesar	Museu Bordalo Pinheiro	Nº 548	21/8/16	p. 141
Acácio Paiva	<b>Exposição Battistini</b>	Nº 615	3/12/17	p. 441
Alfredo Guimarães	Os mármores infantis de Teixeira Lopes	Nº 569	15/1/17	p. 42-44
	<b>António Ramalho</b>	Nº 592	<b>25/6/17</b>	p. 501
A.de C.	Monumento ao Marquez de Pombal	Nº 460	14/12/14	p. 737
Augusto de Castro	Exposição Alma Nova	Nº 575	26/2/17	p. 162-163
	Quadros	Nº 588	28/5/17	p.421
P.O. (Paulo Osório)	Um quadro de Alfredo Migueis	Nº 425	13/4/14	p. 458
	Um Quadro de Filipe Leitão	Nº 427	27/4/14	p. 521
	NoSal.deParis:Uma esc deRuyBastos	Nº 431	25/5/14	p. 651
	No Salon	Nº 433	8/6/14	p. 714
	Carta a uma leitora	Nº 615	3/12/17	p. 449-450
Rui de Chaves	NoSalondeParis: DoisQuadrosde brasil's	Nº 435	22/6/14	p. 774
	Belas Artes	Nº 653	26/8 /18	p. 169

## 2.5 Os críticos, os artistas

### 2.5.1 Reflexões sobre o conceito de crítica de arte

Até ao séc. XVIII a crítica de arte era feita nos tratados de arte e nas vidas dos artistas. A partir do séc. XVIII surge um novo género literário, a crónica das exposições, onde o autor (o crítico) faz o juízo das obras apresentadas relacionando-as com a personalidade dos artistas e procura “entender essa personalidade na variedade dos gostos contemporâneos”<sup>205</sup>. Foi também no séc. XVIII que apareceu a Estética, como consequência do reconhecimento da autonomia da arte, a arte como atividade do

<sup>205</sup> VENTURI, Leonello- História da Crítica de Arte, 1998, Op. cit., p. 139.

espírito<sup>206</sup>. No século XVIII a Revolução francesa destruiu o modo de viver da aristocracia e do gosto ligado a ela, o qual foi substituído por um outro, o da imitação da arte greco-romana, na sequência das escavações de Pompeia e Ercolano.

A crítica passa a ser concebida de forma diferente. Dubos (1670-1742) escreve que “o principal objetivo da pintura é sensibilizar-nos”, cumprindo ou não as regras.<sup>207</sup> Diderot (1713- 1784) fazia depender o valor da obra na paixão que se pudesse ter por ela. Diderot escreveu os seus *Salons* desde 1759 até 1781<sup>208</sup>. Alexandre Gérard escreve que é a imaginação que está na base da arte e na crítica da arte. Se a atividade da imaginação for elevada cria o génio<sup>209</sup>. Ao crítico compete usar a razão para explicar aos outros o seu maior ou menor sentimento perante a obra de arte<sup>210</sup>. Shaftesbury (1671-1713) era um panteísta e considerava que o artista era um criador, numa plataforma logo a seguir a Deus, “o génio supremo que dirige a harmonia do universo”<sup>211</sup>. Nesta perspetiva, achava que o que se criasse tinha de seguir o ideal grego<sup>212</sup>. Influenciou Winkelmann, o idealismo alemão e o seu panteísmo abriu caminho para a chegada do romantismo. Mengs e Winkelmann fundaram pouco depois de 1750, em Roma, o neoclassicismo. Winkelmann indo para além de Shaftesbury “julgava que a arte era um dom da Grécia concebido a toda a humanidade, um dom que queria ser lei de toda e qualquer arte”<sup>213</sup>, criando “o mito da perfeição única da beleza grega”<sup>214</sup>. A crítica neoclássica e a romântica, mais tarde, dedicaram-se à arte do passado e a que prestou atenção à arte do seu tempo escolheu aquela que era “menos” arte, a que era uma imitação. Os neoclássicos não deram importância à imaginação criadora.<sup>215</sup> “Pela primeira vez na história da crítica, em vez de olhar o passado com o critério de avaliação de um gosto formado pela arte contemporânea, deduziram-se de uma arte mítica do passado alguns

---

<sup>206</sup> VENTURI, Leonello- Op. cit.,p.133

<sup>207</sup> Dubos, *Reflexions Critiques sur la Poésie et la Peinture* (1719). In VENTURI, Leonello - op. cit., p. 136.

<sup>208</sup> Diderot: *Pensées Philosophiques*(1746) , *Essai sur la Peinture* (1765), *apud* VENTURI Leonello-Op. cit., pp. 136,142,143

<sup>209</sup> VENTURI, Leonello-*História da Crítica de Arte*, 1998, op. cit., p. 137.

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>212</sup> *Ibidem*, p.138.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p.152.

<sup>214</sup> *Ibidem*, p. 155

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 155

esquemas de perfeição com que julgar a arte do presente”<sup>216</sup>, isto é, foram feitos juízos das obras do presente, do que está vivo, com os valores do passado, que está morto.

O mesmo vai acontecer no Romantismo que substituiu o mito pagão grego pelo mito cristão e encontrou na arte da Idade Média o que melhor correspondia ao ideal cristão. “Imitaram-se os arquitetos góticos e os pintores pré-rafelitas”<sup>217</sup>. (Não se pode generalizar. Delacroix foi um grande pintor de carácter romântico. Outros como Goya, Constable, Corot, Daumier, “antecipam a nova forma de realismo do séc. XIX”<sup>218</sup>). Fizeram-se juízos das obras de arte de acordo como o seu maior ou menor impacto religioso em vez do seu valor artístico<sup>219</sup>, mas, ao contrário do que fez a crítica neoclássica, tomaram em conta a personalidade do artista, as suas angústias, os seus ideais, a sua sensibilidade religiosa para fazer o juízo da obra de arte<sup>220</sup>. Como escreve Rio (1798-1874) “o sentimento religioso por si só não produz obras de arte”<sup>221</sup>. O espírito do tempo também é preciso ter em conta para analisar qualquer obra de qualquer época e escola.

Ruskin (1819-1900) chamou a atenção da falta de espontaneidade da pintura religiosa do seu tempo, ao contrário da que se fizera na Idade Média. Parte-se do tema religioso para depois se fazer arte. Pelo contrário, na Idade média o sentimento religioso, a exaltação religiosa que impregnava a alma do artista eram os condimentos para que a obra de arte pudesse ser criada.<sup>222</sup> E escreveu ainda que o artista, com o triunfo da ciência, “e o consequente endurecimento racional da mente”<sup>223</sup> tinha perdido aqueles que deveriam ser os únicos objetivos da sua vida: ver e sentir.<sup>224</sup> Com o triunfo da ciência, o artista ficou influenciado pelo método racional da ciência, passando a usar também a razão no ato de criação, o que tirou a espontaneidade ao sentimento. Ruskin sai fora da crítica romântica do seu tempo quando afirma que a imperfeição é sinal de vida, e que sem ela se destrói a expressão e que é ao artista, cada um com a sua maneira de ver, que lhe compete escolher o tema. William Morris, pioneiro do socialismo utópico, como foram Owen e Fourier, criador do movimento *arts and crafts*

---

<sup>216</sup> Ibidem, p. 154

<sup>217</sup> Ibidem, p. 156

<sup>218</sup> Ibidem, p. 156

<sup>219</sup> Ibidem, p. 160

<sup>220</sup> Ibidem, p. 166

<sup>221</sup> Ibidem, p. 170

<sup>222</sup> Ibidem, p. 173

<sup>223</sup> Ibidem, p. 174

<sup>224</sup> Ibidem, p. 173

defendeu o retorno às artes manuais, à revisita da arte do passado, para readquirir o sentimento da beleza tradicional que se transmitia de geração em geração.

A crítica romântica privilegiou a arte do passado, como acontecera com a neoclássica, e da arte sua contemporânea escolheu a que era imitação. “A criatividade de formas e cores é o único diapasão para julgar a arte”<sup>225</sup>

A crítica idealista, baseada na Estética Idealista, com o seu ideal clássico, deixou de se preocupar com uma obra de arte específica para se concentrar no conceito de arte. “A história dos factos materiais foi substituída pela história da atividade espiritual”<sup>226</sup>. As vidas dos artistas deixaram de se publicar. O juízo das obras de arte era, mais do que era anteriormente, feito pelo seu valor espiritual. Desde o séc. III A.C., altura em que apareceram os escritos de Xenócrates até Winkelmann exclusive, tanto a história de arte como a crítica de arte tratavam da arte contemporânea e quando se referiam à arte do passado comparavam-na com a arte do presente. A atitude perante a arte de Winkelmann e mais tarde a de Hegel com o seu ideal clássico levou este último a anunciar a morte da arte. A arte estava morta porque se “dissolvia na ciência filosófica”.<sup>227</sup>

“Kant (...) no juízo artístico, recusou qualquer regra de arte”<sup>228</sup> (Crítica da Faculdade de julgar, 1790).

Schelling (175-1854) escreve que a obra de arte é “síntese de dois opostos”<sup>229</sup> (...), a atividade consciente, finita, e a inconsciente, infinita. A infinita que se exprime de forma finita na obra de arte é a beleza padrão, a norma<sup>230</sup>. É essa beleza padrão presente na obra de arte que comparamos com a beleza da natureza e não o contrário. O artista rivaliza na criação com a própria natureza. Nem é uma pura imitação da natureza nem é a imitação de uma natureza ideal que substituísse a real, como pretendia Winkelmann. É outra coisa.

Hegel relacionou a evolução do gosto com a evolução do espírito humano. Deixava de se fazer depender o gosto, pela primeira vez e isto desde o tempo da crítica grega, da

---

<sup>225</sup> VENTURI, Leonello-História da Crítica de Arte, 1998, op. Cit, p.297.

<sup>226</sup> Ibidem, p.179

<sup>227</sup> Ibidem, p.190

<sup>228</sup> Ibidem, p.183

<sup>229</sup> Ibidem, p.188

<sup>230</sup> Ibidem, p.188



maneira como se imitava a natureza. Hegel fazia-o depender do estágio de civilização em que o homem se encontrasse. Não fez comparações de beleza de qualquer época com uma beleza estática de referência. Na obra de arte está representada uma ideia de beleza, a qual, para cada artista, é o seu ideal de beleza. O juízo da obra de arte é feito analisando o seu princípio espiritual.<sup>231</sup>

Surge no séc XIX o método filológico da história. Deu-se prioridade aos factos, à procura de documentos, ao controle da sua exatidão. Focaram-se na técnica utilizada, relações de estilo entre obras de arte do mesmo artista ou de outros do mesmo tempo e do mesmo local. Os filólogos recusaram a ideia que vinha do séc. XVIII da autonomia da arte. Quiseram explicar racionalmente uma obra de arte através de todo o tipo de documentos que pudessem servir para as explicar. De tanto se preocuparem com documentos do passado esqueceram-se de olhar para as obras contemporâneas. No entanto com essa atitude, libertando-se do mito clássico de beleza defendido por Winkelmann e Hegel e do mito cristão defendido por Ruskin, não só deram visibilidade a artistas que estavam no esquecimento como, ao acompanharem o movimento romântico, foram levados a descobrir “com olhos novos todos os monumentos da arte bizantina, românica e gótica, (...) a explorarem as catacumbas cristãs”<sup>232</sup> (...). Essa mesma atitude fez com que “o conhecimento da arte asiática aumentasse extraordinariamente sobretudo no séc. XIX”.<sup>233</sup>

Hyppolite Taine (1828- 1893), influenciado pela leitura do *Cours de Comte*<sup>234</sup>, defendeu a concepção determinística da arte. Ao ter lido a *Histoire de la Peinture* de Stendhal<sup>235</sup> na qual se descrevia a desordem, o arbítrio e a amoralidade da Vida pública e privada em Itália durante o Renascimento<sup>236</sup>, ficou sensibilizado da importância que tinha o conhecimento dos costumes do meio em que se move o artista para a apreciação da sua obra. Contudo, Taine foi mais longe. Achou, erradamente, que isso era a causa da pintura. Com essa ideia, desprezou também a ideia de autonomia da arte. Porém as suas ideias tiveram importância na compreensão do relacionamento da arte com a vida

---

<sup>231</sup> VENTURI, Leonello- História da Crítica de Arte. Lisboa: Edições 70, Lda, 1998. ISBN 972-44-0345-9, p. 197

<sup>232</sup> Ibidem, p. 203

<sup>233</sup> Ibidem, p. 203

<sup>234</sup> Ibidem, p. 204

<sup>235</sup> Ibidem, p. 204

<sup>236</sup> Ibidem, p. 204

social e vice-versa e isso teve consequência, por exemplo, na valorização da estética da pintura holandesa<sup>237</sup>.

“As histórias de arte passaram a ser histórias da arte universal”<sup>238</sup>, como se tratassem de História da Civilização e “as monografias sobre um artista” passaram “a conter a análise de todas as suas obras”<sup>239</sup>. O catálogo com toda a obra do artista foi a obra-prima da crítica filológica de arte<sup>240</sup>.

No entanto, em França, ainda durante o século (séc. XIX), a crítica de arte contemporânea atingiu em quantidade e qualidade um nível muito elevado, na qual participaram escritores de renome tais como Stendhal, Gauthier, Baudelaire, os irmãos Goncourt e Zola. Este facto foi não só importante para a arte contemporânea, como para a apreciação da arte do passado, pois só tendo consciência da arte do presente que está vivo podemos apreciar devidamente a arte do passado que está morto. Não é com a mente no passado, que está morto, que conseguimos apreciar o presente que está vivo.

Havia exposições regulares, os escritores pronunciavam-se sobre as obras expostas, sugeriam alterações ao gosto dominante, elogiavam precocemente as obras que saíam das normas estabelecidas e que nas suas opiniões eram sinais de progresso. Estimulavam os seus autores a prosseguirem esse caminho. Libertaram-se dos absurdos do método filológico, do idealista e começaram a interessar-se pela arte que se fazia noutros continentes, inclusive a primitiva. A luta contra o Neoclassicismo a favor do Romantismo foi o seu primeiro campo de batalha, luta essa que já tinha surgido em pleno Neoclassicismo com Quatrième de Quincy. Para a crítica francesa deste período estava muito claro que a arte era criação e não imitação, sendo alemã a origem desta ideia.<sup>241</sup>

Madame Staël (1766 – 1817) escreveu no livro “De l’Allemagne”: “...se, em qualquer momento, a imaginação criativa renascer entre os homens, seguramente não será a imitar os antigos que ela se manifesta”<sup>242</sup>.

---

<sup>237</sup> VENTURI, Leonello- História da Crítica de Arte. Lisboa: Edições 70, Lda, 1998. ISBN 972-44-0345-9, p. 205.

<sup>238</sup> Ibidem, p. 205

<sup>239</sup> Ibidem, p. 205

<sup>240</sup> Ibidem, p. 205

<sup>241</sup> Ibidem, p. 222

<sup>242</sup> VENTURI, Leonello-História da Crítica de Arte. Lisboa: Edições 70, Lda, 1998, p. 223.

Baudelaire, que leu a estética de Hegel, embora tenha aceite algumas ideias dos sistemas idealistas, manteve sempre uma liberdade de pensamento. Distinguiu imaginação-fantasia da imaginação-criativa. Com esta, o homem, embora criado à imagem de Deus não compete com o poder sublime de Deus, criador do Universo. A imaginação-criadora do homem é alimentada com as imagens do universo visível criado por Deus. Digere-as e transforma-as.

Qualquer crítico por altura de 1848, tinha “a consciência que a criação artística era independente de qualquer preconceito de beleza objetiva”<sup>243</sup>.

Em 1871, Eça de Queiroz, nas “Conferências do Casino” “combatera o Romantismo e a “arte pela arte” que ele considerava caracterizá-lo “<sup>244</sup>, a favor do Realismo. Alguns opuseram-se à ideia de a arte ter uma função social como pretendia o Realismo. Entre eles contam-se Jaime Batalha Reis, António Arroio, Manuel da Silva Gaio. Jaime Batalha Reis dizia que “A arte tem em si mesmo o seu fim”<sup>245</sup>

Em Portugal, em 1876 Ramalho Ortigão escrevia que “...nós não temos nem literatura nem arte nacional.....as nossas tradições foram absorvidas pelo classicismo fradesco e académico”<sup>246</sup>.

Em 1890 o Ultimatum inglês veio tornar mais visível a nossa decadência o que exacerbou os espíritos a encontrar a solução. Teófilo Braga, em 1892, lançara a “ideia que o País se havia de levantar por meio de uma ideia ou sentimento que dessem convergência a todas as energias”, uma força moral que só poderia na época ser corporizada pelo ideal republicano<sup>247</sup>.

Em 1896, Ramalho Ortigão em “O Culto da Arte em Portugal” escreve que “é pelo culto da arte que a religião da nacionalidade se exterioriza e se exerce” ... “a arte é ainda –como diz Schopenhauer- a única flor da vida”<sup>248</sup>

O fervor nacionalista em Portugal, pós ultimatum, fez com que as artes plásticas também fossem chamadas a participar na regeneração de Portugal. “A pintura

---

<sup>243</sup> Ibidem p. 224.

<sup>244</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p. 32.

<sup>245</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., pág. 33.

<sup>246</sup> ORTIGÃO, Ramalho, *apud* Esquível Patrícia-Teoria e Crítica de Arte em Portugal 1921-1940. Edições Colibri, Lisboa 2007, p. 22.

<sup>247</sup> BRAGA, Teófilo, *apud* Esquível Patrícia, op. cit., p. 22.

<sup>248</sup> ORTIGÃO, Ramalho - O culto da arte em Portugal. In Arte Portuguesa, (1ªed. 1896) Tomo I, Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1943, p. 149.

naturalista importada de França, cerca de 1879, através de Silva Porto e Marques de Oliveira”<sup>249</sup>, vai colocar a sua estética ao serviço dessa ideia dando continuidade ao Neogarrettismo da última década de Oitocentos em que se fazia a apologia ao tradicionalismo e às virtudes etnográficas.

António Nobre perguntava: “Qu’ é dos pintores do meu país estranho/Onde estão eles que não vêm pintar?”<sup>250</sup> Estes versos vão ter uma enorme influência na pintura naturalista portuguesa. Passou-se a representar a realidade e a paisagem portuguesa de norte a sul, de leste a oeste de Portugal.

A corrente da cultura portuguesa modernista vai também manter o ideal nacionalista e vai funcionar nos anos 20 como promotora de um renascimento artístico nacional.<sup>251</sup>

Fernando Pessoa, pronunciou-se relativamente às relações entre a arte e a moral e escrevia que tinha “a solução definitiva do problema”<sup>252</sup>. Para Fernando Pessoa a função da arte é de criar beleza, podendo ser moral ou não. Não faz parte da natureza da arte ser moral. Quem manda a arte ser moral...é a moral, “que rege os atos da nossa vida”, não é a estética. Fernando Pessoa escreve ainda que sendo o artista um homem e viver em sociedade, a arte tem outra função para além de criar beleza- a função social. Como artista “a sua obra tem só por fim criar beleza, uma só responsabilidade-perante a Estética”. Como Homem tem como única finalidade obter glória. (...) “Só a Estética personalizada poderia apreciar uma obra de arte sob o ponto de vista puramente estético. A humanidade não”<sup>253</sup>.

A ideia era semelhante a uma que Manuel Laranjeira tinha expressado em 1902. Embora para este o critério estético não tivesse nada a ver com o critério moral, a ideia da arte pela arte não o satisfazia. Já que a arte é uma atividade humana teria de ser moral ou imoral. E como o vício e a virtude existem a “Beleza em si, sem mescla do Vício e ou da Virtude, é apenas (...) uma pura abstração mental” <sup>254</sup>. Quer Fernando Pessoa, quer Manuel Laranjeira estavam mais preocupados com “a crítica ao idealismo e da correspondente alienação da realidade”<sup>255</sup> do que propriamente á função social da

<sup>249</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p. 23

<sup>250</sup> NOBRE, António, *apud* Esquível Patrícia- op.cit., pp. 23,24.

<sup>251</sup> ESQUÍVEL, Patrícia - Op. cit., p. 24,

<sup>252</sup> PESSOA, Fernando, *apud* Esquível, Patrícia. Op.cit., p. 34.

<sup>253</sup> PESSOA, Fernando, *apud* Esquível, Patrícia. Op.cit., p.34.

<sup>254</sup> LARANJEIRA, Manuel, *apud* Esquível Patrícia-Op.cit., p. 34

<sup>255</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 35

arte e ao combate da arte pela arte. A condenação da arte pela arte foi particularmente intensa nas primeiras décadas do séc. XX e foi feita por outros sectores da cultura portuguesa. António Sérgio criticou muito cedo o distanciamento dos poetas da Renascença Portuguesa da realidade social<sup>256</sup>.

A corrente modernista da primeira década de 1900, que foi posteriormente apropriada pelos “novos”, como exemplifica Rebelo Bettencourt, foi por este analisada em 28<sup>257</sup>. Identificou um modernismo melancólico e doente, o de Mário de Sá Carneiro, e outro otimista e saudável, o de Almada. O futurismo fora a arte de ser “eternamente moço”<sup>258</sup>. Entre os “novos” opuseram-se duas concepções de arte. Uma que defendia a popularização da arte através de várias iniciativas que aproximassem o povo dos artistas, e outra, a de Fernando Pessoa<sup>259</sup>, que defendia que a arte não se destinava ao povo, mas sim à aristocracia, aos escóis. Estes ficavam na história, o povo passava e essa era a sua função.

“Que essa arte (a arte moderna) não é feita para o povo? Naturalmente que o não é- nem ela nem nenhuma arte verdadeira. Toda a arte que fica é feita para as aristocracias, para os escóis, que é o que fica na história das sociedades, porque o povo passa, e o seu mister é passar”<sup>260</sup>

## 2.5.2 Caracterização dos modelos de textos sobre arte na *Ilustração Portuguesa*.

Ao contrário da crítica literária, a crítica de arte desta época como a da década seguinte nunca atingiu, salvo raríssimas exceções, a qualidade que o fenómeno artístico exigiria. <sup>261</sup>A maior parte dos críticos que escrevem na *Ilustração Portuguesa* ou não assinam ou são jornalistas com maior ou menor cultura literária, ou escritores. O que se explica pela inferior formação académica nas áreas das humanidades que recebia o artista plástico comparada com a de um aluno de letras. Neste período, como continuaria a acontecer em períodos posteriores “a crítica olhou para as obras plásticas muito mais em função dos valores socioculturais que circulavam, do que dos seus valores específicos”, “emitindo juízos baseados em critérios não fundamentados teoricamente”, “pouco relacionados com uma sensibilidade que se possa considerar

<sup>256</sup> Esquivel Patrícia- Op. cit., p. 35

<sup>257</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 36, 37

<sup>258</sup> BETTENCOURT, Rebelo de, *apud* Esquivel Patrícia-Op.cit., p.37

<sup>259</sup> PESSOA, Fernando, *apud* Esquivel Patrícia-Op.cit., p. 37

<sup>260</sup> PESSOA, Fernando, *apud* Esquivel Patrícia-Op.cit., p. 37

<sup>261</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 157-159

superiormente educada ou apurada”<sup>262</sup>. Ainda em 1940 Diogo de Macedo dizia que em Portugal não havia críticos de arte. Nessa altura, segundo a sua opinião, havia mais sábios e historiadores que propriamente críticos com sensibilidade e sentidos.<sup>263</sup>

“O crítico gostava ou não gostava na maioria das vezes orientado ainda por um critério de perícia e destreza manual, pela temática das obras, ou seja, pela sua consonância ou não relativamente às ideias sociopolíticas em circulação, ou ainda de acordo com opiniões de consagrados relativamente a determinado artista, segundo os juízos emitidos por outros críticos mais cotados”.<sup>264</sup>

Um dos críticos da *Ilustração Portuguesa* reconhece que não é crítico de arte, sendo “um mero rabiscador de jornais”<sup>265</sup>, embora as revistas dedicassem mais atenção às críticas de arte do que os jornais! A maior parte deles eram jornalistas literatos com queda para a crítica e quase todos trabalhavam gratuitamente<sup>266</sup> (em 1931 só três jornais editados em Lisboa pagavam aos seus críticos). Daí, muitos caírem no elogio panegírico ou então embirrarem com o artista.<sup>267</sup> . Na época não havia a consciência, adquirida mais tarde, da importância da crítica. Como a maior parte das críticas não eram assinadas, não havia responsabilização pelo que se escrevia. Alguns faziam mais questão de mostrar o seu conhecimento de pintores preferencialmente estrangeiros de que nunca tinham visto um quadro, do que de fazer uma verdadeira crítica aos quadros expostos.<sup>268</sup> Há, no entanto, algumas boas críticas.

As críticas às exposições realizadas entre 1914 e 1918 são escritas na época em que os “velhos” guardiões da Sociedade Nacional de Belas Artes, criada em 1901, defendiam o naturalismo academizado, definido pela teoria do Belo absoluto. Sendo o salão da Sociedade o local onde se realizavam as exposições mais importantes, o tipo de obras que ali eram expostas tinha de respeitar os cânones definidos pela Academia. O tardo-naturalismo neogarrettiano era uma das vertentes fundamentais da pintura fomentada pela SNBA. Este caracterizar-se-ia “pela apologia do tradicionalismo e das virtudes folclóricas, apostando no carácter redentor da realidade popular, etnográfica”<sup>269</sup>, tão contestada pelos modernistas, como ainda vamos ter ocasião de nos apercebermos no fim do período em estudo, quando a crítica ataca Almada Negreiros, as modernas correntes

<sup>262</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op.cit., p. 158

<sup>263</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op.cit., p. 159

<sup>264</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p.16

<sup>265</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 566

<sup>266</sup> ACCIAIUOLI, Margarida- Prefácio. In ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 12

<sup>267</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 157

<sup>268</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 158

<sup>269</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-19140), 2007, op. cit., p. 24

modernistas e em especial o Futurismo, apesar deste não prejudicar em nada o ideal nacionalista. Os “novos” pretendiam também “promover uma arte de carácter fortemente nacional”.

“Esta ligação do modernismo com o nacionalismo funcionaria como suporte da promoção de um renascimento artístico nacional, e seria em torno desta aliança que uma grande parte da arte e do pensamento artístico português dos anos 20 se afirmaria”.<sup>270</sup>

António Ferro, no contexto já do Estado Novo, vai por em prática esta união.<sup>271</sup>

Na altura havia várias opiniões sobre a crítica, a de Óscar Wilde, que afirmava que “onde não havia crítica de arte não havia arte”<sup>272</sup> e a de Ferreira de Castro escrevendo que a crítica detorava o gosto do público e confundia o observador.<sup>273</sup>

Na crítica, a área mais desfavorecida foi a arquitetura sendo a pintura aquela que teve maior destaque.<sup>274</sup>

Se nos primeiros anos da vida da SNBA havia nomes de artistas cuja presença era garantia da qualidade das exposições, como era o caso de Malhoa (1855-1933), Columbano (1857-1929), Veloso Salgado (1864-1945), Sousa Pinto (1856-1939), Luciano Freire (1864-1935), João Vaz (1859-1931) e os artistas da segunda geração Carlos Reis (1863-1940), Alves Cardoso (1883-1930), Constantino Fernandes (1878-1920), ainda no início dos anos 1920 eles eram as estrelas das exposições na SNBA e das exposições anuais do Grupo Ar Livre<sup>275</sup>. No entanto, algumas vozes críticas em 1920 levantaram-se contra a monotonia das exposições, “sobretudo por os temas escolhidos pelos pintores não se afastarem das paisagens, marinhas e retratos”<sup>276</sup>. O crítico Alfredo Pinto (Sacavém) comentando a Décima Sétima exposição da SNBA lembrou, nessa ocasião, outras fontes de inspiração, como a história nacional ou os temas literários. Mostrava também desagrado pela presença de certos futuristas sem valor<sup>277</sup>.

---

<sup>270</sup> Ibidem, p. 24

<sup>271</sup> Ibidem, p. 24

<sup>272</sup> Ibidem, p. 159

<sup>273</sup> Ibidem, p. 159

<sup>274</sup> Ibidem, p. 159

<sup>275</sup> Ibidem, pp. 169,170

<sup>276</sup> Ibidem, p.169

<sup>277</sup> ESQUÍVEL, Patrícia -Op. cit., p. 169

### 2.5.3 Análise das crónicas e textos de “crítica de arte”

Em 1914 a Sociedade Nacional de Belas Artes iniciou o seu ciclo de exposições com a 1ª exposição de aguarelas. Nunca se tinha feito, até esse ano, uma exposição só com aguarelas.

O autor do texto, cujo nome se desconhece, ao serviço da *Ilustração Portuguesa*, escreve que a mostra é uma boa oportunidade “para se apreciar a bela curva de evolução que a aguarela traçou nos últimos quarenta anos”<sup>278</sup>. Está a fazer mentalmente uma retrospectiva da pintura desde 1874. A velha geração romântica, aquela que se opusera ao neoclassicismo, à pintura na academia a partir de estampas, tinha desaparecido. Estavam representadas obras desde a geração que fora influenciada por Auguste Roquemont (1804-1852) com o gosto pela pintura pitoresca, coincidente com o nosso que se manifestava na produção escultórica barrista na representação de Presépios de fins do séc. XVIII, início séc. XIX e de figuras avulsas de gente do povo na sua vida quotidiana.<sup>279</sup> Era em contacto com a natureza que iam tirar os esquemas para no estúdio recompor essa mesma natureza que povoavam com gente do povo, (pintura de costumes), e (ou) de animais. Francisco Metrass (1825-1861), representado nesta exposição era um destes românticos, “o mais romântico na obra, como na vida, como na morte...”<sup>280</sup>. Expunha também Alfredo d’Andrade (1839-1915)<sup>281</sup> e Lupi, um pintor que tinha sido Professor de Pintura de História, com obra dentro do romantismo, mas com uma outra, ao lado da primeira, que contrasta com a dos seus contemporâneos, como são alguns dos seus retratos, verdadeiras obras-primas do realismo, corrente que poucos cultores teve entre nós. Os restantes expositores eram naturalistas. Quando em 1885 Columbano pinta o retrato coletivo *O Grupo do Leão*, está verdadeiramente a afirmar o triunfo do grupo naturalista<sup>282</sup>. Estão representados nesta exposição artistas que fazem parte deste grupo, o próprio Columbano (1857-1929), Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1906), o único que não é pintor, Ribeiro Cristino (1858-1948). Dentro desta primeira geração naturalista, a da primeira vaga, a nascida entre 1850-1860 está José de Brito<sup>283</sup> (1855-1948), Enrique Casanova (1850-1913) que foi mestre da família real e de Roque Gameiro. Da segunda geração, a nascida entre 1860-1870 está Roque Gameiro (1864-

<sup>278</sup> Exposição d’aguarelas. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Número 412, Lisboa 12/1/1914, p. 33

<sup>279</sup> PORFÍRIO, José Luís; BARREIROS, Maria Helena- *Arte Portuguesa: Da Pré-História ao Século XX*, 2009, op. cit. p., 22.

<sup>280</sup> PORFÍRIO, José Luís; BARREIROS, Maria Helena- Op. cit., p. 29,

<sup>281</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op.cit., pp. 16, 44, 455.

<sup>282</sup> PORFÍRIO José Luís; BARREIROS, Maria Helena- Op. cit., p. 62

<sup>283</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 23,46,88,91,97,99, 109,110,118,132,357,455



1935)<sup>284</sup> e muitos discípulos desta segunda geração que vão prolongar o gosto naturalista durante o séc. XX, Ricardo Hogan(1843-1891)<sup>285</sup>, S. Romão, Alberto de Sousa(1881-1942)<sup>286</sup>, Alves de Sá (1878-1982)<sup>287</sup>, Howell (mestre de Manuel de Macedo)<sup>288</sup>, Marquez de Sousa Holstein (1838-1878), Conde d'Almeirim, Narvaes, Alberto Sampaio, Rocha Vieira<sup>289</sup>, António Ferreira Quaresma<sup>290</sup>, Helena Roque Gameiro<sup>291</sup> e Raquel Roque Gameiro<sup>292</sup>, João Marques (1882- ? ), discípulo de Battistini<sup>293</sup>, Narciso Alfredo de Moraes(1892- ?)<sup>294</sup>, filho do pintor Alfredo Morais e discípulo de Veloso Salgado e Casanova<sup>295</sup>, Pedro Guedes (1874-1961)<sup>296</sup> e alguns dos jovens artistas Milly Possoz<sup>297</sup>, Carlos Bonvalot<sup>298</sup>.

A Revista dedica à exposição dois números, o Nº412<sup>299</sup> e o Nº 413<sup>300</sup> em duas semanas seguidas, o que é indicador da importância dada pelo semanário à mostra e da sua qualidade. No Nº 412 o autor na crítica, intitulada “Exposição d’aguarelas”, refere o intervalo de tempo coberto pelas obras expostas que vai “desde a tímida escola d’aguarelista da Patriarcal, onde o grande Rafael trabalhou até à largueza de processo e à segurança técnica de Casanova (“na data há pouco falecido em Madrid”<sup>301</sup>); desde os cartões inundados de luz e de ternura de Gameiro<sup>302</sup>, de Hogan, de S. Romão, até à arte dextra, sóbria, elegante, precisa de Alberto de Sousa e de Alves de Sá”.<sup>303</sup>

<sup>284</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 33.

<sup>285</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p.456.

<sup>286</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 110.

<sup>287</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 110.

<sup>288</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores portugueses. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. III, p.123.

<sup>289</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 110.

<sup>290</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 132.

<sup>291</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 99,458,509.

<sup>292</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 196,367,511.

<sup>293</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 132.

<sup>294</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit., p. 24, 48, 99, 104, 110, 128, 129, 131, 196, 197, 312, 320, 359, 368,458.

<sup>295</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores portugueses. Vol.IV. 2ª Edição, 1988, op. cit. Vol. IV, p. 166.

<sup>296</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 33.

<sup>297</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 90, 93,113,132, 138, 144, 145, 147, 176-295

<sup>298</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 91,92,95,96, 97, 104,365.

<sup>299</sup> DANTAS, Júlio- Exposição d’aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 412, Lisboa, 12/1/1914, p. 33.

<sup>300</sup> Exposição de Aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, pp. 84-88.

<sup>301</sup> Ilustração portuguesa. II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 85.

<sup>302</sup> Gameiro teve aulas com Casanova.

<sup>303</sup> DANTAS,Júlio- Exposição d’aguarelas. In Ilustração Portuguesa IISérie. Nº 412, Lisboa, 12/1/1914, p. 33

No Nº 413 o autor da crítica com o título “Exposição de Aguarelas” continua a falar dos artistas consagrados duma forma panegirica e dos novos, elogiando-os, não poucas vezes, pela qualidade dos seus mestres:- Casanova, “artista de rara perfeição”, Columbano, “o grande mestre da pintura”, Roque Gameiro, “conserva o ceptro dessa arte” (a da aguarela), Alberto Sampaio, discípulo de Roque Gameiro, “é hoje um consagrado”, Alves de Sá, que “há anos” se tinha revelado “pela nota original das suas aguarelas “e que “teve a habilidade de conseguir um grande logar nessa arte”, José de Brito, “ilustre pintor portuense”, Ribeiro Cristino com “aguarelas interessantíssimas”, Rocha Vieira, “trata docemente as campinas”, António Quaresma, cujo Mestre é Alberto de Sousa, Helena (1895-1984) e Raquel (1889-1970) Roque Gameiro, “filhas e discípulas distintas de Mestre Roque Gameiro, Melle Milly Possoz (1888-1967), João Marques (1882- ?), discípulo de Battistini e Narciso de Moraes (1892- ?), filho do distinto artista Alfredo de Moraes, Bonvalot (1894-1934), (...) Pedro Guedes (1874-1961) (...)”<sup>304</sup>

A crítica de arte com o título “Os últimos desenhos de António Carneiro” que aparece na *Ilustração Portuguesa*, no Nº 414,<sup>305</sup> é feita por um crítico que também não assina o texto. É uma crítica feita à distância no tempo sobre alguns “retratos do grande artista António Carneiro, realizados depois da sua sensacional exposição em Lisboa pelos fins de 1911”<sup>306</sup>. O crítico além de louvar as qualidades técnicas do artista põe em destaque “as suas notáveis faculdades intelectuais” que são ainda superiores. Cita Columbano, de quem António Carneiro fizera um retrato e que “tinha dito numa ocasião, no atelier: - “Ahi o tem. Ninguém desenha melhor!”. O crítico concede que António Carneiro “é o primeiro dos artistas do género”<sup>307</sup>. Com uma simplicidade de processos ele realizava retratos psicológicos. Mas há uma obra, que o crítico distingue acima de todas as outras, pela interpretação que o artista faz do sobrenatural na “mais excelsa das obras” do Mestre: a sua “enorme visão do Cristo expressa numa cabeça de assombroso vigor e iluminação...Olhar e alma condensam-se na amaríssima figura divina. O momento da realização dessa fisionomia foi alguma coisa de extra-humano na alma do grande

<sup>304</sup> *Ilustração portuguesa* II Série. Nº 412, Lisboa, 12/1/1914, p. 33.

*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, pp. 84-88.

<sup>305</sup> Os últimos desenhos de Antonio Carneiro. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 414, Lisboa, 26/1/1914, pp. 102,103.

<sup>306</sup> Os ultimos desenhos de Antonio Carneiro. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 414, Lisboa, 26/1/1914, p. 102

<sup>307</sup> “Impos-se sobretudo por seu espiritualismo e por sua nobre sensibilidade, afirmando-se verdadeiro retratista de almas” (PAMPLONA, Fernando de-Op.cit., Vol. II. p. 53)

artista”. O crítico paradoxalmente não refere a obra simbolista do grande artista, e a uma em particular, realizada entre 1899 e 1901, o tríptico *A Vida*, pintada entre os 26 e 29 anos, só possível pelo conhecimento da obra de Puvis de Chavannes em Paris e, possivelmente a de Eduard Munch, também nessa cidade na altura<sup>308</sup>.

Outro crítico, que também não assina o texto intitulado “Exposição de Fotografias no Porto” que aparece na revista com o Nº 416<sup>309</sup>, noticia a realização de uma exposição de fotografias no Porto do fotógrafo-gravador Sr. Marques Abreu. Só diz que é uma “interessantíssima exposição de fotografias de arquitetura romântica (sic)” (queria dizer românica) e que tem o mérito de mostrar o desleixo a que estão votados os monumentos arquitetónicos nacionais e as destruições feitas ao património por gente inculta e inconsciente. Da fotografia como arte, nada diz. Para o crítico parece ser só um documento divulgador, que também é.

No nº 417<sup>310</sup> uma crítica assinada com as iniciais **A.G.** (António Gameiro?, Augusto Gomes?, ambos homens de letras) com o título “Uma exposição de arte no Porto” refere a exposição conjunta de escultura e pintura de dois artistas, ambos de Gaia, realizada na galeria da Misericórdia do Porto. O escultor é Diogo de Macedo e o pintor é Joaquim de Sousa (Joaquim Lopes). A maior parte das obras do escultor, diz o crítico, foram realizadas após a sua chegada de Paris. E diz algo que tem a ver com o que se passava nos meios artísticos da época que vai culminar na guerra entre “Novos” e “Velhos”. O crítico constata que na obra do escultor “as conveniências mesquinhas da Academia passaram para traz” e que “há nobreza, na superioridade e independência na obra exposta d’este raro intérprete da beleza interior e largamente humana”. Reconhece no escultor uma expressão plástica que “revela uma superior dualidade de vigor técnico e representação intelectual”. Diogo Macedo, sabemos nós, não ousou, quanto seria possível, pisar terrenos modernistas. Ficou-se por apontamentos, mas mesmo assim a sua obra distinguia-se e o crítico esteve atento a isso. Sobre Joaquim de Souza saúda a chegada de mais um paisagista ar-livrista mas critica-lhe a técnica, notando-lhe “uma certa hesitação e insuficiência técnica”.

<sup>308</sup> PORFIRIO, José Luís; BARREIROS, Maria Helena-Op. cit., p. 85.

<sup>309</sup> Exposição de Fotografias no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 416, Lisboa, 9/2/1914, pp. 182,183.

<sup>310</sup> A.G-Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 417, Lisboa, 16/2/1914, pp. 220, 221.

Uma crítica não identificada, com o título “Exposição de caricaturas no Salão da *Ilustração Portuguesa*, a propósito de uma exposição de caricaturas do artista Correia Dias (1892-1935), é referida no Nº 419<sup>311</sup>. Lembremos que Correia Dias pertencia ao fundamental Grupo de Coimbra, a primeira vanguarda dos humoristas, tal como Cristiano Cruz, Luiz Filipe, Cerveira Pinto. Os três primeiros foram colaboradores d’A Sátira como o foi também Almada Negreiros. O diretor, Joaquim Guerreiro diretor e proprietário da revista era um artista tradicionalista à semelhança de Francisco Valença, Alfredo de Sousa, Alfredo Cândido que também trabalhavam para A Sátira. A partir deste jornal criou-se a Associação dos humoristas portugueses, criada em maio de 1911. Apesar de ter sido criada para unir a classe nunca obteve o consenso entre os seus sócios.<sup>312</sup> Correia Dias não se entendia com Joaquim Guerreiro e não participou no I, nem no II Salão de Humoristas em 1913 por causa dessa incompatibilidade. Cristiano Cruz era o elo moderador da revista satírica entre os “tradicionalistas” e os “novos”<sup>313</sup>. Entre estes dois grupos que se confrontavam contava a revista ainda com as colaborações de Stuart de Carvalhaes, o editor, e Leal da Câmara. Correia Dias era o diretor artístico da revista A Rajada<sup>314</sup>.

Fez uma exposição autónoma, que é objeto da crítica na *Ilustração Portuguesa* que vamos analisar em seguida. É um marco para a vida do artista, porque depois dela vai partir para o Brasil e só regressará em 1934 com a mulher, a poetisa Cecília Meireles. Pouco mais de um ano passado tem um fim trágico. Suicida-se em 19 de novembro de 1935<sup>315</sup>. Mas prestemos atenção à crítica da exposição no Salão da *Ilustração Portuguesa*.

O crítico refere que o artista só quis apresentar os seus trabalhos em Lisboa, “não tencionando vender nenhum dos seus trabalhos e que partirá para o Brasil em pouco”. Era comum os nossos artistas, os melhores, deslocarem-se ao Brasil para aí exporem

<sup>311</sup> Exposição de caricaturas no “Salão da Ilustração Portuguesa”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 419, Lisboa, 2/3/1914, p. 285.

<sup>312</sup> Correia Rita- Salão dos Humoristas Portugueses-1ª exposição de Caricaturas. Lisboa, 30/3/1912, p.4. Disponível em: WWW<URL: < [hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/.../Humoristas1912/SalaoHumoristas](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/.../Humoristas1912/SalaoHumoristas)> Acesso em 15/8/2017.

<sup>313</sup> DIAS, Fernando Rosas. O Futuro dos Humoristas-O Humorismo Enquanto Modernismo, p.15. Disponível em: WWW<URL: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7835/2/Prof.%20Fernando%20Rosa%20Dias\\_DVD%20114.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7835/2/Prof.%20Fernando%20Rosa%20Dias_DVD%20114.pdf)> Acesso em: 15/8/2017

<sup>314</sup> DUARTE, Afonso; DIAS, Correia- A Rajada, Coimbra. Série I. Coimbra, Abril 1912, Nº2

<sup>315</sup> DIAS, Fernando Rosas. O Futuro dos Humoristas- O Humorismo enquanto Modernismo. Op. cit., p.45.

seus trabalhos. A comunidade portuguesa recebia-os bem e adquiria-lhes as obras. Eram também apreciados por brasileiros. Muitas vezes o próprio presidente da República Brasileira ia às inaugurações dos nossos melhores artistas, como aconteceu por exemplo com António Carneiro, como havemos de mostrar. O crítico relativamente à obra exposta escreve que “Num traço sóbrio dá as impressões mais vivas. Uma vez é o artificioso feminino com a sua graça, outras a nota saliente duma ironia, ainda o quadro trágico e a blague caricatural que não fere”. Este sublinhar de “que não fere” é interessante, porque corresponde na verdade ao tipo de caricatura que Correia Dias fazia na revista *A Rajada*<sup>316</sup>, de que era diretor artístico. Um dos desenhos que aparece na revista consultada já era um pouco mais ousado, mas sem sair do qualificativo que o crítico usa: - “não fere”. No N° 420<sup>317</sup> esta exposição de caricaturas volta a ser alvo de atenção. O texto com o título “Exposição de caricaturas no Salão da *Ilustração Portuguesa* é desta vez assinado pelas iniciais **A. S.** Será o mesmo do N° anterior? Seja quem for é alguém que está em sintonia com as ideias da nova geração, daqueles que realizaram em 1911 a exposição livre, dos que em 1912 realizaram o I Salão dos Humoristas e dos que em 1913 realizaram o II Salão dos Humoristas. A caricatura e o humorismo foram a via usada para o modernismo se impor. Diz Patrícia Esquível<sup>318</sup> que a “Arte moderna tornara-se sinónimo de sentido decorativo, vivacidade da côr e elegância de traço”, quando fala nos anos 20. **A. S.** escreve a propósito de Correia Dias “que com *A Rajada* firmou seus créditos de ornamentista exímio nos segredos de fazer rir o vazio das páginas e o vazio das paredes”; “que pertence a uma geração que triunfa e se impõe exuberantemente na caricatura e na decoração com Cristiano Cruz, o mago do lápis, Almada Negreiros, um encantador de corpos e atitudes, Luís Filipe, o elegante cronista, Stuart de Carvalhaes, um perdulário de talento, Hipólito Colomb, o comentador audaz e Jorge Barradas, o mais moço e malicios dos humoristas”. Quem é este **A. S.** este homem do seu tempo? Um homem das letras, como a maior parte dos que faziam crítica nesta época? Mas ainda continua a acertar no “alvo” quando, a propósito da exposição de Correia Dias, critica “o meio madraço e maldizente de Lisboa”, acrescentando que a sua exposição é “uma lição de indefetível beleza e revelação de raríssimas faculdades de trabalho “. Quem será este crítico que nos

<sup>316</sup> DUARTE, Afonso; DIAS, Correia-A Rajada. Coimbra. Série 1. Abril 1912. N°2, pp. 3,17

<sup>317</sup> A. S.- Exposição de caricaturas no Salão da “*Ilustração Portuguesa*”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 420, Lisboa, 9/3/1914, pp. 297-299

<sup>318</sup> ESQUIVEL, Patricia. *Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940)*, Lisboa: Edições Colibri, 2007. ISBN 978-972-772-719-3, p. 187

surpreende, mas que lamentavelmente não se refere a Amadeo de Sousa Cardoso?. Ainda não estávamos em 1916. Lembremo-nos que bem mais tarde, a propósito do I salão de Outono, organizado por Eduardo Viana em 1925 em que este, para os homenagear, expôs alguns quadros de Amadeo, Santa-Rita e Manuel Jardim, Aquilino Ribeiro e Rodrigues Miguéis, “dos três homenageados apenas mostraram interesse por Manuel Jardim”. Norberto Araújo nem se referiu a eles<sup>319</sup>.

**Júlio Dantas** no Nº 421<sup>320</sup>, na sua crónica semanal em “Exposições de caricaturas”, ao referir-se a esta exposição, escreveu que viu nela “uma audácia irreverente, uma extravagância impetuosa, um movimento convulso de renovação de processos” e manifestava uma aspiração, a que esta geração se libertasse por completo da influência dos mestres humoristas alemães, belgas e franceses e colhesse exclusivamente seus motivos na observação direta e flagrante dos tipos e da vida nacional. Embora pareça ser a mesma coisa, a aspiração da nova geração de artistas, a da sua pintura estar em consonância com “alma da terra portuguesa”<sup>321</sup>, não seria o que estaria a pensar Júlio Dantas. As opiniões dividiam-se nessa interpretação de nacionalismo na arte, quanto aos meios e quanto aos fins. Quanto aos meios, entre uma arte como reprodução das formas exteriores e uma arte como manifestação individual e superior (projeção do Eu de cada artista) de tendências que proveem da arte rudimentar e (ou) erudita dum povo. Quanto aos fins do nacionalismo as opiniões divergiam entre um “nacionalismo pelo nacionalismo (tomando a Nação como uma finalidade em si própria) e um nacionalismo como percurso natural para o Universal”<sup>322</sup>. Este último era o entendimento de Pessoa, de Almada.... Almada Negreiros distinguia o “Portugal dos portugueses, e outro das portuguesadas”. Para este “portuguesadas eram as varinas estilizadas, os poveiros do turismo, os campinos das marcas registadas...”<sup>323</sup>

O número 422<sup>324</sup> apresenta uma crónica com o título “A Exposição Olisiponense”, assinada pelas iniciais do nome **E. P.**, sobre a exposição organizada pela secção de Arqueologia Lisbonense com o intuito de celebrar o quinquagésimo aniversário associativo. Essa exposição pretendeu “reviver a Lisboa dos séc. XVI, XVII, XVIII nas

<sup>319</sup> ESQUÍVEL, Patrícia. Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p. 184.

<sup>320</sup> DANTAS, Julio-Cronica: Exposições de caricatura. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 421, Lisboa, 16/3/1914.,p.321.

<sup>321</sup> FALCÃO, Victor, *apud* ESQUÍVEL, Patricia- Op. cit., p.171.

<sup>322</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op.cit., p.82

<sup>323</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op.cit., p. 82-83.

<sup>324</sup> E. P.- A Exposição Olisiponense. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 422, Lisboa, 23/3/ 1914, pp. 374- 377.

múltiplas manifestações da atividade lisboeta”. Tratou-se de “uma exposição de carácter essencialmente regional, compreendendo a bibliografia e a monografia de Lisboa e seu termo e bem assim, afóra algumas curiosidades relacionadas com o passado da capital portuguesa, produtos típicos da faiança lisbonense”<sup>325</sup>. A exposição dividiu-se em vários grupos. No grupo 1º “Produtos das antigas olarias de Lisboa e seu termo”, no grupo 2º “Plantas anteriores à transformação da cidade (1880)”, no grupo 3º “Vistas e aspetos da cidade, seus bairros e monumentos”, no grupo 4º “Bibliografia lisbonense” constando de: “a) Monografias b) Roteiros, folhinhas, calendários, folhetos e mapas divisionários das paróquias c) “Crónicas e memórias acerca de edifícios civis e religiosos de Lisboa, no grupo 5º, “documentos diversos que interessam a ethnografia e a etnologia da cidade”. A Secção de Arqueologia Lisbonense juntou uma quantidade de documentos dispersos, alguns pertencentes a particulares, com a esperança de poder servir de ponto de partida para outra exposição ou “ainda melhor a um museu cidadão”<sup>326</sup>. O crítico refere a importância desta exposição para despertar o sentimento nacional para aquilo que é nosso, seja no que diz respeito às atividades artísticas seja no que diz respeito às atividades industriais. Critica o facto de nos termos vindo a estrangeirar, a imitar o que vem de fora e, assim fazendo, a contribuir a pouco e pouco para que se perca a característica portuguesa. Com esta exposição expressa o desejo de ela servir para criar a vontade de prosseguir “n’um aperfeiçoamento constante em todos os trabalhos e em todas as manifestações artísticas ou industriais, a obra esplendida que admiramos”, para que a característica portuguesa se mantenha.<sup>327</sup>

Aparece ainda no Nº 422<sup>328</sup> uma notícia com o título “A Exposição Joaquim Gonçalves da Silva”, exposição feita a título póstumo e uma crítica com o título “Exposição José Campas” sobre a exposição do artista, ambas sem estarem assinadas. O Nº 423<sup>329</sup> contém uma outra crítica com o título “Exposição José Campas” que também não está assinada. A primeira parece-nos de alguém proveniente da literatura que se arrisca em terrenos que não domina, mas que se sente com jeito para falar de arte. Destaca deste

<sup>325</sup> Catálogo Exposição Olisiponense: Plantas e Planos: Vistas e Aspectos: Bibliografia-Vária . Lisboa: Edição da Associação dos Archeologos Portugueses, 1914, p.5.

<sup>326</sup> Catálogo Exposição Olisiponense, 1914, op. cit., p. 6.

<sup>327</sup> E. P.- A Exposição Olisiponense. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 422, Lisboa, 23/3/1914, pp. 374- 377.

<sup>328</sup> A exposição Joaquim Gonçalves da Silva. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 422, Lisboa, 23/3/1914, p. 372.

Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 422, Lisboa, 23/3/1914, p. 383.

<sup>329</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração portuguesa* II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, pp. 411-413.

artista, para além dos trechos do Porto, Constância e Entre-os Rios “algumas telas onde se marcam manchas de aspetos estrangeiros e cabeças expressivas de boémias que dão uma nota original e viva a essa instalação cheia de gosto e onde palpita vivamente a arte”. Mas mais em dissonância com A.S., que no período em estudo (1914-1918) não assina mais nenhuma crítica(!), é a crítica que é feita no Nº 423 quando, a propósito da pintura de José Campas, escreve que este “não tem a pretensão de atrair pelo exotismo, como é monomania de muitos novos, que chegam procurando falar de si sem se importar com os meios”<sup>330</sup>. Este tipo de críticas vão continuar a aparecer e só a partir dos anos 30, ano em que se realizou o I Salão dos Independentes, que deu início a um novo período da arte portuguesa,

“a crítica mais conservadora deixa de acompanhar as manifestações artísticas mais avançadas, ora expressando agressivamente a sua desaprovação, ora confessando a sua não apetência e compreensão(...), ora simplesmente demitindo-se da sua função, passando ao lado”<sup>331</sup>.

Há, no entanto, algo importante que o crítico no Nº 422 da revista sublinha a propósito da pintura de José Campas e que tem a ver com o interesse do artista pelo humano, aspiração da geração a que José Campas pertencia, a uma pintura mais humanizada, cansada do naturalismo de paisagem que se repetira até à exaustão. Escreve o crítico que o artista apresenta “trabalhos admiráveis de expressão, de côr, d’observação onde a vida palpita, corre, tem animação, essa nota de movimento e ar sem a qual não há pintura possível”.

“Assuntos onde vive e palpita a mulher do povo, a mulher elegante, a mulher burguesa no trabalho, no salão, no lar”<sup>332</sup> encontram-se na obra de Leopoldo Battistini cuja exposição se realizou no Salão da *Ilustração Portuguesa* e que a Revista cobriu com uma crítica não assinada no Nº 424<sup>333</sup> com o título “A exposição Battistini no Salão da Ilustração Portuguesa. Não há uma crítica, no sentido que nós damos a uma crítica de arte. Os “quadros são na sua maioria formosos”.

Os pensionistas do estado no estrangeiro tinham o dever de enviar para Portugal uma obra deles, destinada à “Direção do Museu de Lisboa”, escreveu Paulo Osório na

<sup>330</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 411.

<sup>331</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 202.

<sup>332</sup> A exposição Battistini no Salão da *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 424, Lisboa, 6/4/1914, p. 441.

<sup>333</sup> A exposição Battistini no Salão da *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 424, Lisboa, 6/4/1914, pp. 441,442,443



crónica com o título “Um quadro de Alfredo Migueis” no Nº 425<sup>334</sup>. Alfredo Migueis era um jovem que estudava em Paris e o quadro que iria ser enviado para Lisboa no cumprimento da norma estabelecida tinha o título “Longe”. Não faz uma crítica ao quadro. Prevê que ele venha a “ocupar um lugar de destaque entre os primeiros dos pintores portugueses d’este tempo” e aconselha-o a ser “simples e sincero na sua arte, isso o fará, sem que ele se aperceba original”. Alfredo Migueis vai expor mais tarde, em 1923, na exposição dos “Cinco Independentes”<sup>335</sup> (Diogo de Macedo, Francisco Franco, Dordio Gomes, Henrique Franco, Alfredo Migueis) tendo sido convidados alguns dos “novos” (Eduardo Viana, Milly Possoz, Almada), organizada na sequência da polémica entre “novos” e “velhos”. Diziam-se independentes porque além de estarem na altura em Paris, não queriam entrar em polémicas. Aquilino Ribeiro dirá desta exposição que “os jovens eram insatisfeitos, mas com os olhos fitos na beleza eterna”<sup>336</sup>. Crítica de escritor do tipo das de outros, um pouco melhor mesmo assim das que faz Paulo Osório. Têm dificuldades em analisar formalmente uma obra de arte.

Mas é a exposição de caricaturas de Amarelhe no Porto, ou não fosse a caricatura um dos géneros que vai ajudar a impor o modernismo em Portugal, que origina uma crítica formalmente bem conseguida, panegírica, também no semanário com o Nº 425<sup>337</sup>, com o título “Caricaturas de Amarelhe expostas no Porto”. É ilustrada com muitas gravuras dos trabalhos de Amarelhe, “figura de destaque na pleiade dos novos caricaturistas portugueses”. Para o crítico, Amarelhe reúne todas as qualidades imprescindíveis para um caricaturista, “a exata observação, a verdade na reprodução, a delicadeza no exagero de traços fisionómicos que não irrite, que nem sequer melindre o caricaturado, a finura do colorido, a jovial espontaneidade, a nitidez da expressão colhida em flagrante”. A análise das obras de Amarelhe mostram que o crítico tem razão. Amarelhe não irrita, não ofende. E tem outras valências, “no barro, em maquetes coloridas”.

A exposição de Belas Artes que vamos em seguida referir e realizada nas instalações da SNBA, a Décima Primeira Exposição Anual: 1914<sup>338</sup>, é de tal importância que o crítico que escreve o texto com o título “A exposição de Belas

<sup>334</sup> OSÓRIO, Paulo- Um quadro de Alfredo Migueis. In *Ilustração portuguesa* II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, p. 458

<sup>335</sup> ESQUÍVEL Patrícia- Op. cit., p.176

<sup>336</sup> RIBEIRO, Aquilino, *apud* ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p.178

<sup>337</sup> Caricaturas de Amarelhe expostas no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 425, Lisboa, 13/6/1914, pp. 475, 476

<sup>338</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914. pp. 663-669  
*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 433, Lisboa, 8/6/1914, pp. 709,714,715.

Artes”, salienta que nunca se tinha apresentado uma exposição como aquela. O catálogo<sup>339</sup> da exposição<sup>340</sup> contém o programa em que consta a data da inauguração, 15 de maio de 1914, que se prolongará pelo espaço dum mês, pelo menos, e compreenderá as seguintes secções: Pintura-Escultura- Arquitetura- Aguarela-Desenho, pastel, etc.- Gravura- Caricatura- Arte Aplicada. A Direção da SNBA é constituída por um Presidente, Columbano Bordallo Pinheiro, pelo Secretário Alberto Sousa, pelo Tesoureiro António Thomaz da Conceição Silva, pelas vogais António da Costa Metello, Constantino Sobral Fernandes, Tertuliano de Lacerda Marques. O Júri de classificação era constituído por todos os artistas premiados com medalha não inferior à de 2ª classe pelo Grémio Artístico, Sociedade Promotora de Belas-Artes em Portugal e Sociedade Nacional de Belas Artes<sup>341</sup>. O Júri de Admissão eleito em 1 de maio de 1914 pela assembleia de expositores era constituída por membros efetivos e suplentes. Os efetivos eram O Presidente Columbano Bordallo Pinheiro, José Velloso Salgado, António do Couto, Francisco dos Santos, Arthur Alves Cardoso. Os suplentes eram Benvindo Ceia David Estrella de Melo<sup>342</sup>.

Todas as secções indicadas no Programa estiveram representadas. Na sua crónica habitual, no Nº 431, Júlio Dantas, referindo-se a esta exposição, escreve que:

“Nas incertezas da hora presente, quando a paixão política parece dominar e perturbar os espíritos, todos nós temos o dever de expressar o nosso reconhecimento a essas duas dúzias de artistas, verdadeiras forças vivas de beleza, que nos trazem, com o esplendor da sua arte, a esperança n’uma ressurreição integral das energias nacionais”

A crítica a esta Décima Primeira Exposição com o título “A exposição de Belas Artes”, como muitas outras, não está assinada. Informa-nos da quantidade e qualidade das obras expostas e do interesse do público que aí ocorreu em grande número. Não é de admirar que em 1914 se mantenha o respeito pelos consagrados naturalistas como Columbano, Carlos Reis, Malhoa, Velloso Salgado, João Vaz, Condeixa, Girão...Esse culto vai continuar por mais algum tempo, embora Fialho de Almeida (1857-1911 entre outros, já em fins do séc. XIX e inícios do séc. XX, refutasse o primeiro naturalismo “pela sua preferência pela paisagem tendencialmente sem figura humana, e a mesma nostalgia de uma certa

<sup>339</sup> Vol. II- Apêndice Iconográfico e Documental.

<sup>340</sup> Catálogo Décima Primeira Exposição Anual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1914.

<sup>341</sup> Catálogo Décima Primeira Exposição Anual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1914, p. 11

<sup>342</sup> Catálogo Décima Primeira Exposição Anual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1914, p. 13

subjetividade e de uma pintura mais humanizada”<sup>343</sup>. E esta crítica vai continuando a ser expressa por alguns dos críticos que começaram a ficar cansados da repetição dos temas de paisagens, marinhas e retratos que apareciam constantemente nas exposições da SNBA. O mesmo acontecendo com o Grupo “Ar Livre”<sup>344</sup> de Carlos Reis e seus discípulos António Saúde, Falcão Trigoso, Alves Cardoso, Frederico Ayres e João Reis, que vão continuar a dominar as atenções para além do período de 1914-1918, o que estamos a tratar. Ainda em 1923 Artur Portela numa crítica a uma exposição do Grupo escrevia que estes continuavam a “ter coisas a dizer”<sup>345</sup>, no mesmo ano que Mário Domingos, herdeiro do estilo de Fialho, desancava nos “épígonos naturalistas”, e contra “o naturalismo fotográfico”<sup>346</sup>.

Voltando à Décima Primeira Exposição, depois dos elogios aos mestres, o crítico da exposição vem com a “receita”, que era comum a todos, quando apreciam as obras das artistas: - “A delicadeza feminina e a nota pessoal” sentia-se na contemplação dos seus quadros. Cita algumas: D. Adelaide Lima Cruz, D. Filomena Freitas, Milly Possoz, D. Zoé Batalha Reis, D. Sara Bramão, D. Branca de Assis, D. Sofia Barlein, D. Margarida Costa, D. Fanny Munró, D. Maria Monteiro, D. Beatriz Rollin.

Isto vai ser recorrente ao longo do tempo. Em 1924 um crítico de nome Mário Vaz, num artigo sobre Milly Possoz e sobre as xilogravuras da artista, processo então em voga e que Mário Vaz admirava por ser “um meio de expressão caracterizado pela ingenuidade” e, por inerência da feminilidade da artista, “profundamente cristã”, “mística pueril de criança”<sup>347</sup>. Esta dicotomia feminilidade/masculinidade pictórica só seria ultrapassada com Maria Helena Vieira da Silva<sup>348</sup>.

O Crítico desta 11ª exposição depois de se referir aos consagrados, destaca os trechos notáveis de Benvindo Ceia, Adriano Costa, Dordio Gomes, Martinho da Fonseca, Higino de Mendonça, a pintura “característica e bem pessoal” de Saúde, e Trigoso; o retrato de Simão da Veiga, os quadros de Alberto de Lacerda, Bonvalot, Esteves (Francisco Romano Esteves), Ribeiro Junior, Trindade Chagas, Romero,

<sup>343</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p. 179, nota de rodapé 26.

<sup>344</sup> ESQUÍVEL, Patrícia. Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., p.169

<sup>345</sup> PORTELA, Artur, *apud* ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op.cit., pp.169, 170

<sup>346</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 174

<sup>347</sup> VAZ, Mário, *apud* ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p.181

<sup>348</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p.182.

Artur Prat e, para além destes, “uma série prometedora de artistas que hão de continuar brilhantemente as tradições tão nobres da arte portuguesa”. Refere também as outras secções presentes na exposição para além da pintura a óleo: pastel, aguarela, desenhos e artes decorativas com trabalhos “interessantes” de D. Branca d’Assis, D. Suzana Sagastume, D. Berta Garde, Milly Possoz e outras, Benarus, Porfírio, e Benvindo Ceia. Refere também a secção da arquitetura com projetos de Lino de Carvalho e Eduardo Tavares, a secção de escultura com a presença do “consagrado” Costa Mota, autor do monumento a Afonso de Albuquerque e de Costa Mota, sobrinho, D. Alda<sup>349</sup>(sic) da Cunha, Simões d’Almeida Sobrinho com a maquete do monumento ao Marquez de Pombal com colaboração do arquiteto Tertuliano Marques, Vaz Junior, José Neto, Artur Prat, Canto e Castro, Ernesto do Canto, e Henrique Moreira.

O que escreve está longe de ser uma crítica como a entendemos hoje. Nesta exposição estiveram artistas “novos”. Os artistas “novos”, a maior parte deles, não desperdiçavam uma oportunidade de exporem na SNBA, logo que não os recusassem<sup>350</sup>. Expuseram, como vimos, nesta 11ª exposição da SNBA nomes como Dordio Gomes, Bonvalot, Milly Possoz, Fany Munró. O cronista não diferencia como devia, (se soubesse), ninguém. Sobre Milly Possoz, escreveu, como vimos em cima, que ela juntamente com outras artistas apresentaram “trabalhos interessantes de desenhos e artes decorativas”. Embora não seja referido na sua crónica, está reproduzido um quadro representativo do estilo de Eduardo Viana. Mesmo os críticos mais conservadores sempre encontraram em Milly Possoz talento e a consideravam uma exceção entre os novos, embora isso não tivesse impedido que em 1922 tivesse sido recusada na exposição da SNBA, um ano depois de recusarem Eduardo Viana e de ter rebentado a célebre questão da SNBA, a “Questão dos Novos”. Refere no Nº 432 as “estatuetas encantadoras de Ernesto do Canto e que prendem a atenção como outros trabalhos da mesma importância” e que “são os bustos que mais chamam as atenções” (...) com belas obras de Costa Mota, Simões de Almeida Sobrinho, Artur Pratt, Júlio Vaz e outros. Este cronista não faz uma crítica. Enumera e elogia os mestres consagrados e aqueles que na ideia dele pintam à maneira dos mestres.

<sup>349</sup> A escultora chamava-se Ada da Cunha. In Catálogo da Décima Primeira Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes- Vol. II- Apêndice Iconográfico e Documental.

<sup>350</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit.,p.170

Ainda no N° 431 Paulo Osório faz uma crónica com o título “No Salon de Paris: Uma escultura de Ruy Bastos”, ao “grupo em gesso *Les Chiffonniers*” do escultor que expôs no Salon de Paris<sup>351</sup>. Ruy Bastos, escreve o cronista, teve como mestres em Paris Bouchard e Landowski. De Ruy Bastos diz que este “começa uma carreira que promete ser brilhante”

Escreve o cronista no N° 432<sup>352</sup> em “Exposição de Belas Artes”, relativamente à Décima Primeira Exposição da SNBA, que os caricaturistas não apareceram, os quais “naturalmente se dispõem a fazer como o costume, o certamen dos seus trabalhos, unindo-se assim e formando O Salão dos Humoristas”<sup>353</sup>. (Mas a secção de caricatura esteve representada por Armando de Basto, que é referido no catálogo<sup>354</sup> da exposição<sup>355</sup>). Na verdade o 1º Salão dos Humoristas e Modernistas virá a ser realizado no Porto, no Salão do Jardim Passos Manuel em Maio de 1915, o Salão dos Fantasistas no Porto no Palácio da Bolsa, em Janeiro de 1916, o 2º Salão de Modernistas no Porto no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel em Maio de 1916, o 3º Salão dos Modernistas no Porto no Salão do Jardim Passos Manuel em Novembro de 1919, o 3º Salão dos Humoristas- Modernistas em Lisboa no Salão do Teatro de S. Carlos em Julho de 1920 e o 4º Salão de Modernistas no Porto no Salão Silva Porto em Novembro de 1926. Estas são as exposições entre outras onde o “humorismo modernista teve destacável presença”<sup>356</sup>.

No N° 433 completa-se a crónica da Décima Primeira Exposição de Belas-Artes com fotografuras de três quadros (retratos) de Veloso Salgado, “como homenagem a um dos nossos maiores mestres” e uma fotografura de um quadro, também retrato, de Francisco Romano Esteves, “discípulo de Columbano, e é hoje um dos novos pintores de mais largo futuro”<sup>357</sup>.

<sup>351</sup> OSÓRIO, Paulo- No “Salon” de Paris: Uma escultura de Ruy Bastos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 651.

<sup>352</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. N° 432, Lisboa, 1/6/1917, p. 677

<sup>353</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. N° 432, Lisboa, 1/6/1914, p. 677

<sup>354</sup> Vol II- Anexo Documental e Iconográfico

<sup>355</sup> Catálogo Décima Primeira Exposição Annual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1914

<sup>356</sup> DIAS, Fernando Rosa- O Futuro dos Humoristas; O Humorismo enquanto Modernismo. Disponível em: WWW<URL: <  
repositorio.ul.pt/bistream/10451/78352/Prof%20Fernando%20Rosa%20%Dias\_DVD%2014.pdf> Acesso em: 8/8/2017

<sup>357</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série, N° 433, Lisboa, 8/6/ 1914

A exposição de fotografias artísticas de Alvão no Salão da *Ilustração Portuguesa* foi, como nos escreve o crítico a essa exposição<sup>358</sup>, cujo nome desconhecemos, uma “exposição a todos os títulos brilhantes e a maior que no género se tem realizado em Portugal”... “verdadeiros quadros de género”, nos quais pela felicíssima distribuição da luz, as figuras rústicas abraçadas no delicado ambiente das paisagens adquirem um relevo e um movimento igual àquele que se admira quando tocado nos mais belos quadros, pelos nossos mais insignes artistas<sup>359</sup>”.

Importa aqui recordar quanto foi importante a fotografia na evolução da revista. Em 1906 quando se anunciou com o título “Uma Nova *Ilustração Portuguesa*”, o início de uma II Série da *Ilustração Portuguesa*<sup>360</sup>, a fotografia veio tirar o protagonismo ao desenho que até essa altura era o meio utilizado para reproduzir tudo. Nesse anúncio afirmava-se entre outros objetivos:

A Ilustração propõe-se, finalmente, a fixar e transmitir às gerações futuras a imagem da nossa existência contemporânea em todos os seus campos de atividade, documentando a nossa atual vida doméstica, política, literária, mundano e artística, coligindo os mais numerosos subsídios para a história dos homens e dos acontecimentos

A fotografia passa a partir dessa data a ser o meio privilegiado para a criação de imagens, passando a utilizar-se o desenho para a decoração de capas da Revista, margens de páginas, molduras das próprias fotografias impressas no semanário e até é utilizado sobre as próprias fotografias, como complemento do que se queria divulgar por ela ou para corrigir o que ficou desfocado ou que ficou menos perfeito, retocando-a. Continuará a ser usado quando se pretende uma imagem que não possa ser fotografável, como a imagem dum sonho ou de uma realidade que se construirá no futuro e que não existe no presente. É o caso da fotografia da Igreja de Santa Engrácia, em que se completa a fotografia com o desenho das obras que faltam executar para o restauro total da Igreja<sup>361</sup>. A fotomontagem vai ser utilizada em imagens publicitárias, para dar maior ênfase ao tema, como acontece no anúncio de “A Seita Tenebrosa”<sup>362</sup>, “grande romance cinematográfico”<sup>363</sup> que iria passar no

<sup>358</sup> A Exposição de Fotografias artísticas d’Alvão. In *Ilustração Portuguesa*. II Série, Nº 434, Lisboa, 15/6/1914, pp. 741-743

<sup>359</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 434, Lisboa, 15/6/1914, p. 743

<sup>360</sup> Uma Nova *Ilustração Portuguesa* a contar do dia 26 Fev a. In *Ilustração Portuguesa* I Série. Nº 118, Lisboa, 5/2/1906, p. 93

<sup>361</sup> ALMEIDA, Fialho d’ - Lisboa Monumental. In *Ilustração Portuguesa* I Série. Nº 39, Lisboa, 19/11/1906, p. 505

<sup>362</sup> *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 613, Lisboa, 19/11/1917, p. 408

<sup>363</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 613, Lisboa, 19/11/1917, p. 408

Século da Noite e no cinematógrafo. A fotografia passa também a ser utilizada nos anúncios das páginas da *Ilustração Portuguesa*, para servirem de prova do efeito do produto que se publicita, como é o caso do anúncio do médico Décio Ferreira que mostra fotografias de pacientes , antes e depois do tratamento pelo rádio<sup>364</sup>. A associação de fotografias tiradas em momentos diferentes e em lugares diferentes podem servir para manipular um acontecimento, distorcendo a verdade, e dessa forma influenciar a opinião pública, ao serviço de uma propaganda que se pretende espalhar. O arquivo das fotos da *Ilustração Portuguesa* é principalmente um documento importantíssimo da vida portuguesa durante a existência da revista, das festas, dos acidentes, das revoluções, das lutas sindicais, das exposições de arte, das partidas e chegadas de soldados, de reis, de altas individualidades do mundo da política, da ciência, da música, das artes. Constitui um material indispensável para o conhecimento desse período da nossa história. Um dos primeiros fotógrafos que trabalhou para a revista foi Joshua Benoliel. Além dele, muitos amadores viram ser publicadas as suas fotos no semanário. A fotografia que no tempo de Carlos Relvas só podia ser feita pelos ricos, com os novos processos, simplificados, “tornou-se acessível a todos os remediados”<sup>365</sup> . A questão da fotografia ser ou não ser arte é resolvida por Afonso Lopes Vieira, que além de poeta era fotógrafo amador- “O que nós devemos desejar quando fazemos um cliché é que elle (sic) seja o mais possível-desenho. E foi exatamente a fadiga do documento(...)que ia desacreditando a photographia aos olhos dos artistas” e “sobretudo na ausência do *vago*, elemento poético imprescindível em toda a obra de emoção”<sup>366</sup>.

Domingos Alvão com uma casa fotográfica no Porto realizou várias capas para a revista, a maioria de temática rural, criando clichés na versão das vanguardas modernistas da *Neue Sachlichkeit* ou de Alexandre Rodchenko (1891-1956)<sup>367</sup>. Utilizou a fotomontagem. Fazia tomadas de vista em picado e enquadramentos oblíquos, técnicas que Alvão também usou. Além de Rodchenko temos de destacar o húngaro Lazlo Moholy-Nagy (1895-1946), o introdutor da fotografia na Bauhaus. “Recorreu ao fotograma(...)” para as suas criações. “Utilizou toda a gama de

<sup>364</sup> *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 628, Lisboa, 28/2/18, p. 180

<sup>365</sup> VIEIRA, Afonso Lopes- *Photographia Moderna*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 199, Lisboa, 4/10/1909, p p. 756-760

<sup>366</sup> VIEIRA, Afonso Lopes- Op. cit., p. 756-760

<sup>367</sup> Rodchenko está ligado ao movimento construtivista. Foi pintor, gráfico e fotógrafo. Utilizou a fotomontagem. Caracteriza-se pelos seus enquadramentos oblíquos , as suas tomadas de vista em picado de paisagens

possibilidades: ampliação, montagem, dupla exposição, vistas em picado etc”<sup>368</sup>. As fotografias de Alvão refletem ao longo do tempo a evolução da fotografia. Analisaremos mais tarde algumas fotos de Alvão desta exposição no capítulo 2.7.

A partir de 1921, uma maioria de capas são desenhadas por artistas modernistas portugueses.

Ainda sobre fotografia aparece uma crítica com o título “Os Processos d’Arte na Fotografia” na Revista Nº435<sup>369</sup> sobre uma exposição do Visconde de Santarém(José) e Pedro Lima. É uma boa crítica, a de alguém que está a par dos “processos d’Arte na fotografia”. Pena não ter assinado o seu texto. Quando diz que “não era uma exposição de fotografias ... eram pequeninos quadros onde brilham temperamentos” o crítico queria sublinhar que naquela exposição estava a prova que a fotografia era uma arte. Questão que tinha sido levantada pelo crítico francês Robert de la Sizeranne (1866-1932) em 1897 para “*La Revue des Deux Mondes*”, repetida como título dum livro do mesmo autor em 1899<sup>370</sup>.

Os dois fotógrafos portugueses estavam a par dos processos que seus colegas lá fora usavam para chegar à fotografia artística. O próprio crítico estava a par deles. Tudo indica que também ele era um fotógrafo amador. Os processos que os dois fotógrafos amadores usaram foram o óleo(sic)<sup>371</sup> e a goma bicromatada, “o processo mais difícil da fotografia”, afirma o crítico. Discorrendo sobre as fotos escreve que “as imagens fundem-se numa penumbra doce, os corpos tomam volume, saltam do fundo, têm enfim atmosfera”. E acrescenta que “na última exposição do *Photo-Club de França*” (sic)<sup>372</sup> apenas dois expositores levaram gomas”<sup>373</sup>, Robert Desmarchy (1859-1938) e C. Puyo (1857-1933). Robert

<sup>368</sup> SOUGEZ, Marie-Loup- História da Fotografia. 1ª Ed. Lisboa: Dinalivro, 2001. ISBN 972-576-218-5, pp. 241, 242

<sup>369</sup> Os Processos d’Arte na Fotografia. In Ilustração Portuguesa. II Série. Nº 435. Lisboa 22/6/1914, p. 786-788

<sup>370</sup> SOUGEZ, Marie Loup- Op. cit., p. 219

<sup>371</sup> bromóleo

<sup>372</sup> Photo-Club de Paris

<sup>373</sup> “O processo de carvão ou pigmentário teve variantes: sistema de Buhler, de Hocheimer ou de Artigue que em 1903, se industrializou com o nome de papel Fresson. (Consistia numa camada de pigmentos ou de carvão sensibilizada com sais de crómio. O papel assim tratado impressionava-se à luz, interpondo-lhe um negativo e lavava-se de seguida com água quente. As zonas impressionadas não se dissolviam e as não impressionadas desapareciam. Conseguiram-se negros profundos, aveludados e uma imagem inalterável). A variação dos pigmentos (ouro, platina) permitia imagens de tonalidades quentes ou não.



Demachy deixou de fotografar no início de 1914.<sup>374</sup> Estes dois fotógrafos produziam imagens com um aspeto *flou* para criar atmosfera, à semelhança daqueles retratos que Júlia Margarte Cameron (1815-1879) fez na ilha de Wight, ela que era uma fotógrafa amadora e fazia retratos por pura paixão. Cameron fez parte do grupo de fotógrafos que pretendia assimilar a fotografia com a pintura tendo feito várias “composições alegóricas com várias personagens”<sup>375</sup>. As composições de Cameron situam-na no início de uma corrente fotográfica-a corrente pictoralista- continuada por outros fotógrafos como são os fotógrafos citados Demaschy e C. Puyo, ...o Visconde de Santarém e Pedro Lima. Para terem esse efeito *flou* “recorriam as aberrações cromáticas e esféricas das primitivas lentes”<sup>376</sup>. Stieglitz, que no início da sua carreira foi também um fotógrafo pictoralista, fundou em 1902 o movimento *Photo-Secession*. A revista fundada pelo grupo, a *Camera Work*, inicia a sua publicação em 1903 e termina em 1917. Ficou famosa a galeria aberta em 1905 pelos secessionistas, a Galeria 291, em N. Y. Stieglitz e o seu grupo vão se afastar do pictoralismo e passarão a defender uma fotografia sem manipulações, e sem ter como foco a pintura<sup>377</sup>. A *Camera Work* publicou fotografias de vários fotógrafos e entre eles as de Demachy. O visconde de Resende e Pedro Lima devem tê-las folheado.

As exposições sucedem-se apesar do ambiente de preocupação que deveria tomar conta da Sociedade Portuguesa quando o Congresso se reúne a 23/11/1914<sup>378</sup> para autorizar o governo a intervir militarmente ao lado da nossa aliada Inglaterra no conflito da 1ª Grande-Guerra. Gilberto Ventura Renda<sup>379</sup>, um naturalista, expõe quadros no Salão da *Ilustração Portuguesa*, cujos motivos foi buscar “às belas e fecundas paisagens do nosso Minho”<sup>380</sup>. Tem também estudos de figuras e composições de interiores...” riqueza de tonalidade e excelente técnica”, escreve o

---

A goma bicromatada permitia ainda mais modificações manuais com a adição, através de pinceladas, de pigmentos de várias cores.

Bromóleo consiste na transformação de uma imagem fotográfica, obtida pela impressão de sais de prata, numa imagem impregnada de tinta de óleo. O processo permitia também a aplicação de várias cores”. (SOUGEZ, M.L.- Op. cit., p. 154).

<sup>374</sup> SOUGEZ, M.L.-Op. cit., pp. 152,153,154

<sup>375</sup> SOUGEZ, M.L.-Op. cit., p. 118

<sup>376</sup> SOUGEZ, M.L.- Op. cit., p. 154

<sup>377</sup> SOUGEZ, M.L.- Op.cit., pp. 154,155,156

<sup>378</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 458, Lisboa, 30/11/1914, p. 701

<sup>379</sup> Exposição de Belas Artes no Salão da *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº460, Lisboa, 14/12/1914, p. 745

<sup>380</sup> Exposição de Belas Artes no Salão da *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 460, Lisboa, 14/12/1914, p. 745

crítico na revista Nº460<sup>381</sup>, numa crónica com o título “Exposição de Belas Artes no Salão da *Ilustração Portuguesa*”. Duas semanas depois é noticiada no Nº 462<sup>382</sup> com o título “No salão da *Ilustração Portuguesa*” mais uma exposição, de obras de um grupo de artistas “alguns ainda frequentando a escola onde têm recebido muitas distinções”. Deste grupo fazem parte artistas que vão expor frequentemente nas exposições da SNBA. São eles:

-Armando Lucena (1886-1975), com 28 anos de idade, discípulo de Carlos Reis, Luciano Freire, Condeixa; D. Ammé de Avelar; D. Maria F. Gonçalves Mauhin; Carlos Bonvalot (1894-1934), com 20 anos de idade, discípulo de Veloso Salgado e Condeixa e depois de Cormon em Paris, onde esteve em 1920; Abel Manta (1888-1982), com 26 anos, discípulo de Carlos Reis; Óscar Charneca; José Justino de Sant’Ana; Albertino Guimarães (1891- 1967), com 23 anos de idade, discípulo de Carlos Reis; Alberto de Lacerda (1889-1974), com 25 anos de idade, discípulo de Carlos Reis; Fernando dos Santos (1892-?), com 22 anos de idade, discípulo de Veloso Salgado, discípulo de Carlos Reis, 3ª medalha em pintura em 1923, 2ª medalha em pintura em 1924, 1ª medalha em pintura em 1927; António G. d’Azevedo e Silva, discípulo de Columbano; Mário de Sousa Maia; Gilberto Renda; Alberto da Cunha e Andrade; Evaristo Álvaro Catalão; Tulio Vitorino; Eduardo Romera (1888-1939) com 26 anos de idade, 3ª medalha em aguarela em 1920, 3ª medalha em pintura em 1927; Adriano Costa(1888-1949) com 26 anos de idade; Augusto do Nascimento (1891-1951) com 23 anos de idade. Todos eles estão representados numa fotografia de grupo dos artistas que expuseram no salão da *Ilustração Portuguesa*<sup>383</sup>. Além de trabalhos deste grupo estão representados trabalhos de artistas que possivelmente também participaram na mesma exposição. São eles: Tomás de Melo, Martinho Gomes da Fonseca (1890-1972), com 24 anos de idade, discípulo de Columbano, prémio Anunciação em 1913, 2ª medalha em desenho em 1915, 1ª medalha em desenho em 1917, medalha de honra em desenho em 1920, 1º medalha em Pintura em 1922, medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro, diploma de honra na Exposição de Barcelona em 1929, diploma especial na

<sup>381</sup> Exposição de Belas Artes na *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 460, Lisboa, 14/12/1914, p. 745

<sup>382</sup> No salão da *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, pp. 830-832

<sup>383</sup> No salão da *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 830

Exposição Colonial de Paris em 1931, 1º prémio Silva Porto (pintura) do SNI em 1953 ; Henrique Santos Júnior na p.831, José Joaquim Ramos (1881-1972) na p.832, com 33 anos, discípulo de Ezequiel Pereira e Veloso Salgado; Leandro Calderón; Caetano de Carvalho; Raul Carneiro, e Samora Barros.

Passando alguns números da Revista, sem conterem crónicas de exposições de arte, aparece uma noticiando a exposição no Porto de um jovem caricaturista, no Nº474<sup>384</sup> com o título “Caricaturas de Amarelhe”. A caricatura era uma secção do Salão Anual da SNBA “que surge de 1901 a 1914 desaparecendo a partir de então”<sup>385</sup>. O crítico da *Ilustração Portuguesa* na Revista Nº 432<sup>386</sup> desse ano, 1914, escreve erradamente que a caricatura está ausente do Salão da SNBA <sup>387</sup>. Esteve na verdade representada por Armando de Basto.

Importa frisar que tinha havido nesse Salão, a Décima Primeira Exposição Anual, (o Salão da Primavera de 1914), uma “abertura a alguns dos novos, como Domingos Rebelo, Dordio Gomes, Armando de Basto, Eduardo Viana ou Milly Possoz”, mas que tinha sido “uma abertura fugaz que não teria continuidade nem transformação da instituição” nos próximos tempos.<sup>388</sup>

No Nº474<sup>389</sup> numa crónica com o título “Caricaturas de Amarelhe”, o crítico escreve que “o talentoso caricaturista portuense, cuja intuição é tão viva como o seu lápis”, fez uma decoração carnavalesca “cheia de verve”, que atraiu muita gente, inclusive de fora da cidade, para apreciar os seus trabalhos. Um *panneau* com gente do teatro, um grande *panneau* com frequentadores habituais do jardim Passos Manuel e um *panneau* político. Amarelhe conciliava a estética modernista com o gosto entranhado no público do tempo da caricatura bordaliana, que gostava de reconhecer as personagens caricaturadas, principalmente a dos políticos.

<sup>384</sup> Caricaturas de Amarelhe. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 474, Lisboa, 22/3/1915, p. 380

<sup>385</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 68

<sup>386</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 432, Lisboa, 1/6/1914, p.677

<sup>387</sup> “...ao longo destes anos, as obras eram enquadradas em diferentes secções que correspondiam a vários géneros artísticos pintura a óleo, escultura, arquitectura, aguarela, desenho, pastel, gravura, caricatura e artes aplicadas”... (Tavares Cristina de Sousa-Op.cit., p. 66)

<sup>388</sup> DIAS, Fernando Rosa-O Futuro dos Humoristas; O Humorismo enquanto Modernismo. Disponível em: WWW<URL: <  
repositorio.ul.pt/bistream/10451/78352/Prof%20Fernando%20Rosa%20%Dias\_DVD%2014.pdf> Acesso em: 8/8/2017

<sup>389</sup> Caricaturas de Amarelhe. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 474, Lisboa, 22/3/1915, p. 380

Por esta altura<sup>390</sup>, Elísio de Melo, vereador da Câmara do Porto propôs “a abertura de uma avenida que vae (sic) desde a Praça da Liberdade (antiga Praça Nova) até ao largo da Trindade; a revista Nº 478<sup>391</sup> informa que sofremos nova afronta dos alemães com o afundamento do lugre Douro de 248 toneladas por um submarino alemão e prevendo a derrota próxima da Alemanha (erradamente) a Revista dava voz a muitos que achavam que devíamos intervir no conflito tendo em vista o que poderia acontecer aos nossos territórios ultramarinos “na hora suprema da liquidação de responsabilidades e da fixação de novos limites”<sup>392</sup>.

No Nº 478<sup>393</sup> numa notícia ilustrada com desenhos do pintor Benarus com o título “Sanguíneas do professor Benarus” o jornalista escreve que Adolfo Benarus, distinto e conhecido pintor, professor da Escola Industrial, “um dos discípulos prediletos de Bonnat” em Paris, tinha exposto no salão do Teatro Nacional “sanguíneas” de retratos dos artistas do Teatro Nacional. De salientar é a expressão “um dos discípulos prediletos de Bonnat”, utilizada pelo jornalista para garantir a qualidade do artista.

A presença de Portugal na Exposição Universal de 1915 foi comentada na notícia com o título “Portugal na exposição de Panamá” no Nº481<sup>394</sup>. Esta exposição, a “Panama- Pacific internacional Exposition” foi uma exposição mundial que se realizou na cidade dos Estados Unidos de S. Francisco entre 20/2/1915 e 4/12/1915 para comemorar o fim da abertura do canal do Panamá, assim como a reconstrução da cidade de S. Francisco após o terramoto de 1906. Portugal fez-se representar com um pavilhão que foi “justamente apreciado” (...) com “motivos arquitetónicos portugueses das épocas mais gloriosas para a arte nacional”<sup>395</sup>. A maior parte dos pavilhões eram feitos em gesso e o nosso também devia ser e no fim da exposição foi demolido como os outros. O nosso pavilhão em estilo neomanuelino foi projetado pelo arquiteto António Couto<sup>396</sup>. Muitos artistas portugueses enviaram os

<sup>390</sup> Ilustração portuguesa II Série. Nº 475, Lisboa, 29/3/1915, p.385

<sup>391</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 478, Lisboa, 19 4 1915, p.487

<sup>392</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 478, Lisboa, 19/4/1915, p. 488

<sup>393</sup> Sanguíneas do professor Benarus. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 478, Lisboa, 19/4/4 1915, p. 507

<sup>394</sup> Portugal na exposição de Panamá. In Ilustração portuguesa. II Série Nº 481, Lisboa, 10/5/1915, pp. 586, 587

<sup>395</sup> Portugal na exposição de Panamá. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 481, Lisboa, 10/5/1915, p. 587

<sup>396</sup> FRANÇA, José Augusto de-A Arte Portuguesa no séc. XIX. 1ªEd. Lisboa: Livraria Bertrand, 1967. Segundo volume, p.133

seus trabalhos para essa exposição em S. Francisco, onde existia uma colónia de muitos milhares de portugueses<sup>397</sup>. A notícia é acompanhada das fotografias dos seguintes artistas:- Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa, D. Maria Augusto Bordalo Pinheiro, João Vaz, Artur Alves Cardoso, Tomaz Costa, João Ribeiro, Cristino da Silva, Simões d'Almeida sobrinho, Adão Bernardes, José Campas, David de Melo, Otávio Bobone, Veloso Salgado, Ernesto Condeixa, Ventura Terra, Matoso da Fonseca, Artur Prat, António Manuel Saúde, António Gonçalves d'Azevedo e Silva, Domingos Alvão, José Vaz Junior, Narciso de Moraes, Frederico Aires<sup>398</sup>.

Os artistas portugueses não desperdiçavam a oportunidade que as colónias portuguesas no estrangeiro lhes ofereciam para vender as suas obras. Era assim no Brasil, era agora nos Estados Unidos. Conhecendo-lhes o gosto, levavam-lhes o que eles mais ambicionavam, quadros naturalistas que lhes fizesse recordar o torrão natal. A qualidade das obras expostas deviam ter merecido também a procura dos naturais. A qualidade arquitetónica do nosso pavilhão levou a que muita gente aí entrasse.

Mas, lembremo-nos que em 1913 tinha-se realizado o Armory Show, A International Exhibition of Modern Art, a primeira grande exposição de arte moderna na América que tinha deixado espantados os americanos habituados à arte realista, perante as tendências *avant-garde* do fauvismo, cubismo, futurismo, da arte europeia. No Armory Show expôs Amadeo Sousa Cardoso obras ao lado das de Cézanne, Van Gogh, Matisse, Ernst Ludwig Kirchner, Alexander Archipenko, Bourdelle, Constantin Brancusi, Pablo Picasso, Francis Picabia, Robert Delaunay, Joseph Stella, Marcel Duchamp...sobre “O Nú Descendo a Escada” de Duchamp:

“The Nude Descending a Staircase 1912 caused a scandal when it was shown at the Armoury Show 1913, (...) The Nude may seem conventional now, but its mixture of woman, machine like movement, and cubist angles, were indecipherable to many, and caused mocking front pages headlines in the press”<sup>399</sup>.

A propósito de Amadeo Sousa Cardoso, Louis Vauscelles em Gil Blas, 1912, escreveu:

<sup>397</sup> Portugal na exposição de Panamá. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 481, Lisboa, 10/5/1915, p. 586

<sup>398</sup> Portugal na exposição de Panamá. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 481, Lisboa, 10/5/1915, pp. 586, 587

<sup>399</sup> OSBORNE, Richard; Sturgis Dan; Turner Natalie- *Art Theory for Beginners*. London: Zidanne Press, 2006. ISBN 0-9548421-2-X , p. 109

“Cardoso recorre a estilizações prodigiosas, alongamentos, estiramentos, contorções, meneios, que nos trazem à ideia El Greco, os nus de Cézanne, não sei que imagens de divindades patagónicas, polinésias, mexicanas, astecas. Para além disso, é português. Os seus personagens são exageradamente longos, com minúsculas cabeças ovais. O efeito é inesperado, sufocante, superiormente decorativo, como certas velhas tapeçarias medievais. Arte bárbara e ao mesmo tempo refinada, antiga e de um modernismo, digamos de um bizantinismo decadente, excessivo e pueril. A fauna e a flora são teratológicas; na floresta virgem, confundem-se lianas, cactos, aloés... unicórnios, tigres, cavaleiros, amazonas loucamente onduladas, caçadas onde tudo, corcéis, lebres, veados, se lança em galopadas frenéticas. Lugares de sonho, visões de um fumador de ópio, de um comedor de haxixe, marinhas apocalípticas, caóticos céus de tinta...» [Louis Vauxcelles, *Gil Blas*, 1912].”

Embora Amadeo Sousa Cardoso não tivesse sido referido por nenhum crítico da *Ilustração Portuguesa*, ao longo do período de tempo (1914-1918) em que dediquei a minha atenção, há uma crítica sem ser assinada, com o título “A arte novíssima do desenho” no N° 538<sup>400</sup>. de dezembro de 1912. Nela dá-se a conhecer a opinião do crítico francês João Doucet sobre Amadeo Sousa Cardoso<sup>401</sup> .:

“Os desenhos de Sousa Cardoso são decorativos, são surpreendentes. São a marca d’uma individualidade. Que esta poesia seja bárbara, que este talento seja selvagem como uma floresta virgem de entrelaçamentos inquietantes, que seja como a melopéia dum povo de antropófagos de tonalidades horríficas, que importa!

É poesia, é talento é o valor para quem gosta da novidade e respeita a sinceridade e a franqueza mesmo brutais.

Cardoso é um artista porque evitou a banalidade, é um artista ainda porque soube transformar uma folha de papel n’uma espécie de tapete do oriente, mais composto que uma galeria de uma mesquita, tão grandioso como uma galeria de Flandres, tão colorido mesmo, embora ele não se sirva da sua pena ou do seu pincel senão vagamente molhados na tinta da China sombriamente monocroma”.

(Fez-se a homenagem a Guilherme Fernandes no dia 1 de maio de 1915 erigindo o monumento, na então designada Praça de Santa Teresa, hoje com o nome do “bombeiro ilustre”<sup>402</sup>)

Em mais um período de perturbação da nossa primeira República, que levaria à renúncia do Presidente Dr. Manuel Arriaga e à tomada de posse do Dr. Teófilo Braga como 2º Presidente da República Portuguesa, que já tinha sido o Presidente

<sup>400</sup> A arte novíssima do desenho. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 358, Lisboa, 30/12/1912, pp. 852-854

<sup>401</sup> A arte novíssima do desenho. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 358. Lisboa 30/12/1912, pp. 852-854

<sup>402</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 482, Lisboa, 17 /5 /1915, p. 635,636

do Governo Provisório da República, realizou-se o Salão anual da SNBA, a Décima Segunda Exposição da SNBA, motivo de uma notícia na crónica semanal de Júlio Dantas no N° 482<sup>403</sup> com o subtítulo “Artistas”, uma crónica com o título “Exposição de Belas Artes” no N° 485<sup>404</sup> e uma crónica no N° 486<sup>405</sup> com o título “Visita do sr. Presidente da Republica à Exposição das Belas Artes”. O catálogo da exposição<sup>406</sup> inclui o Programa e nele é indicado que será inaugurada a 15 de maio de 1915 nas salas da sua sede e que se prolongará pelo espaço de um mês, pelo menos, e que compreenderá as seguintes secções- Pintura- Escultura-Arquitetura-Aguarela-Desenho, Pastel etc.(sic)-Gravura- Caricatura- Arte Aplicada. Está indicada a composição da Direção da SNBA: Presidente António Augusto da Costa Mota, Secretário Arnaldo Cardoso Ressano Garcia, Tesoureiro Benvindo Ceia, vogaes Rosendo Carvalheira e José Alexandre Soares. O Júri de classificação é constituído por todos os artistas premiados com medalha não inferior à de 2ª classe pelo Grémio Artístico, sociedade promotora de Belas Artesem Portugal e Sociedade Nacional de Belas-Artes. O Júri de Admissão foi eleito em 1 de maio pela assembleia dos expositores. Consta de membros efetivos e suplentes. Os efetivos são o Presidente Columbano Bordallo Pinheiro, David Estrella de Mello, Benvindo Ceia, Tertuliano de Lacerda Marques, Francisco dos Santos. Os suplentes são Costa Motta (Sobrinho), António Couto.<sup>407</sup> A exposição está estruturada em várias secções como se indicou, a exemplo do que vinha acontecendo desde 1901, correspondentes a vários géneros artísticos, mas que nem sempre estarão todos representados<sup>408</sup>.

Na Décima Segunda Exposição atingiu-se o máximo de obras expostas. Desde 1901 a 1945. (...) “o conjunto das obras expostas nas diferentes secções atingiu o máximo em 1915 com seiscentos e uma (601) obras(...) cento e quarenta e sete (147) artistas, o máximo para o período de 1901 a 1930” (...) <sup>409</sup>.

O crítico da exposição que escreve a crónica do N° 485 com o título “Exposição de Belas Artes” é um jornalista que gosta do que vê, mas não tem conhecimentos de

<sup>403</sup> DANTAS, Julio-Artistas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 482, Lisboa, 17/5/1915, p. 600

<sup>404</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa*. II Série N° 485, Lisboa, 7/6/1915, pp. 734, 735

<sup>405</sup> Visita do sr. Presidente da República à Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 486, Lisboa, 14/7/1915, pp. 764-766

<sup>406</sup> Vol.II-Apêndice Iconográfico e Documental

<sup>407</sup> Catálogo Décima Segunda Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1915.

<sup>408</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit., p. 66

<sup>409</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 65

arte para elaborar uma crítica. E as palavras que acha adequadas para descrever a exposição são honestamente prova disso: - “verdadeiros primores de arte e imaginação”, executadas pelos nossos mais cotados artistas e seus discípulos, que foram muito apreciados “pelos entendidos do assunto”. Refere-se às duas secções da exposição, a de escultura e a de pintura. Na escultura destaca *o gesso* de Raul Xavier, *o medalhão de senhora* de Severo Portela filho, *A dança* de Costa Mota, *Um jogador de disco* de José Neto, *Um beijo* de Francisco dos Santos.

Na pintura, *Os órfãos* de Narciso Alfredo Moraes, *Defesa da bandeira* de Alfredo de Moraes, *Pró-mar* de João de Moraes, *Quando vem o paesinho(sic) da guerra* de Francisco Romano Esteves, *Esperando...* de D. Filomena Freitas.

A exposição continua a ser analisada na crónica com o título “Visita do sr. Presidente da República à Exposição de Belas Artes” da Revista seguinte, a Nº486<sup>410</sup>, no mesmo tom da do Nº anterior. Algumas obras presentes e seus autores são referidos: *A Merenda* e *Vale de Colares* de Carlos Reis, *Lição de leitura* de Alves Cardoso, *Encanto* de Veloso Salgado, *Acendendo o cigarro* de José Malhoa, *Mendigo*, uma aguarela de António Quaresma, *Concerto impossível* de Artur Prat, *Portaria típica*, uma aguarela de João Marques, adquirida pelo Estado para o museu de Arte Contemporânea, *Contente*, um busto do escultor júlio Vaz júnior, *Últimos momentos*, escultura de Artur Prat, *Um viúvo*, estatueta de júlio Vaz Júnior, *Garoto rindo*, escultura do Dr. Severo Portela filho, *Fonte da pipa*, aguarela de Álvaro Fonseca, adquirida pelo Estado para o museu de Arte Contemporânea. O escultor José Pereira, que tinha exposto pela 1ª vez, com o seu gesso “*Surpreendido*” ganhou o 2º prémio, 3ª medalha em escultura<sup>411</sup>.

O cronista não se refere à presença da gravura, nem das artes aplicadas<sup>412</sup>, que estiveram presentes contando com vários artistas entre os quais D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro e M. Gustavo Bordallo Pinheiro, nem da arquitetura em que expuseram Frederico Caetano de Carvalho e Edmundo Tavares. A frac

<sup>410</sup> Visita do sr. Presidente da República à Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, pp. 764,765,766

<sup>411</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 488, Lisboa, 28/6/ 1915, p. 829

<sup>412</sup> ... “verifica-se que a gravura está patente de 1901 a 1904, inclusivé, reaparecendo em 1906 e 1915. Só voltará a estar representada desassete anos depois”...”desenho, pastel e tempera tem uma regularidade muito apreciável”...”a caricatura que surge de 1901 a 1914 desaparecendo a partir de então...”as artes aplicados ...deixando de estar representadas de 1916 a 1924....” (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op, cit., pp. 66, 67)



representação da aguarela justifica-se porque o género teria a sua exposição própria, como teve em 1914, a que se vai juntar já a partir deste ano (1915) Desenho e Miniatura<sup>413</sup>. De 1916 em diante vão-se fazer quatro exposições anuais onde as secções com menos entusiasmo por parte do público se mostram noutras ocasiões, sem perturbar os géneros mais apreciados, a pintura, desenho, pastel e têmpera, a escultura.<sup>414</sup> Segundo os estatutos de 1916, Desenho, Gravura e Pastel de 20 de janeiro até 5 de fevereiro; Artes Decorativas, de 1 até 15 de março; Pintura a óleo, Escultura e Arquitetura de 1 até 31 de maio; Aguarelas e Miniaturas de 20 de dezembro até 5 de janeiro.

A revista *Ilustração Portuguesa* está também atenta ao que se passa fora das cidades Lisboa e Porto e envia um colaborador a Guimarães para tirar foto e escrever legenda por baixo da mesma no N°494<sup>415</sup> com o título a negrito “Exposição de faianças da fábrica Bordalo Pinheiro realizada em Guimarães no Salão da Sociedade Martins Sarmento”, onde Manuel Augusto Bordalo Pinheiro expôs produtos que o Pai tinha criado nas Caldas da Rainha<sup>416</sup>

Rafael foi escolhido para decorar as salas da agricultura e colónias do pavilhão português na Exposição Universal de Paris de 1889, data em que se comemorou o centenário da Revolução Francesa. Utilizou na decoração painéis de azulejos, pratos, potes, jarros ornamentais..., produtos executados na fábrica das Caldas. Teve a oportunidade de mostrar que o País “ainda possui prodigiosos elementos dum carácter exclusivamente nacional, podendo competir com o que há noutros

<sup>413</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 67

<sup>414</sup> Tavares, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 68, 69

<sup>415</sup> Figuras e Factos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 494, Lisboa, 9/8/1915, p. 187

<sup>416</sup> A fábrica de Faianças das Caldas da Rainha foi fundada em 1884. A direcção técnico-artística ficou a cargo de Rafael Bordalo Pinheiro e a direcção técnico-financeira entregue a seu irmão Feliciano. Desde o início que a fábrica se orientou para dois tipos de produção, a normalizada para a construção, com fins puramente economicos e o fabrico de faiança artística e decorativa que pudesse não só concorrer no País com a faiança estrangeira como pudesse mesmo vir a ser colocada nos mercados internacionais. No que diz respeito a produtos para a construção, além da criação de “um modelo original de telha, inspirada na telha portuguesa, vidrada com vidro do tipo verde caldas” (SERRA, João Bonifácio-Modelar um País: O Imaginário da Nação na Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. In *Bordalo Contemporâneo e Contemporâneos* com Bordalo, 2008, op.cit.p.7), produziam também azulejos. Inicialmente imitavam os de tempos antigos, a azulejaria hispano-mourisca, a renascentista usada nas nossa arquitectura dos séc. XV e XVI. Um pouco mais tarde também se deu o início do fabrico de faiança branca utilitária mas usando um tipo de decoração nacional e pitoresca, recusando a decoração que estava em voga na altura com motivos chineses, holandeses ou ingleses. Na parte da fábrica dedicada à louça artística e decorativa, Rafael Bordalo Pinheiro, aproveitou o sucesso já solidificado da louça das Caldas, que no terceiro quartel do séc. XIX era conhecida por “Palissy das Caldas”, muito apreciada dentro e fora do país, pelo exotismo da sua decoração com relevos naturalistas de fauna e flora, sobrepostos á louça. Este pitoresco estava em sintonia com o naturalismo dominante na época, estilo em que se integrava Bordalo Pinheiro. Mas “o naturalismo de Bordalo é, todo ele subordinado ao efeito decorativo, pelo que os seus trabalhos mais preenchidos pela natureza não provocam o desconforto ou até a repulsa de alguns dos “palissy” franceses seus contemporâneos”. (SERRA, João Bonifácio-Modelar um país: O imaginário da Nacão na Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. In *Bordalo Contemporâneo e contemporâneos* com . Bordalo, 2008, p. 10)

países da Europa”, alertando para o “muito que as nossas indústrias têm perdido com a horrorosa mania da assimilação constante das indústrias estrangeiras”<sup>417, 418</sup>

Em julho de 1891 uma crise financeira suspendeu a produção da fábrica. Ramalho Ortigão veio em defesa da fábrica e da sua louça artística que descreveu como “documento do génio estético da nossa raça, e depois da poesia de Garrett”, como “a obra mais genuína, mais bela, mais comovente e mais expressiva da arte do nosso século”, estruturada sobre “um “capítulo do folclore português”, e um “largo trecho da história da nossa terra, das nossas conquistas e descobrimentos”<sup>419</sup>. Joaquim de Vasconcelos valorizou a louça utilitária,

“verdadeira louça nacional da família portuguesa, banindo os assuntos chineses, as caricaturas à inglesa, à holandesa e outras, que durante meio século tiranizaram o sentimento, o gosto, e os nervos (sic) dos nossos pais, e avós, e os nossos próprios.”<sup>420</sup>

Depois do culto pelo pitoresco seguiu-se o culto pelo neomanuelino.<sup>421</sup> Rafael Bordalo Pinheiro trouxe também para a cerâmica a sua representação gráfica do povo na figura do Zé povinho, símbolo dum protesto de uma submissão atávica perante os Poderes, algumas personagens criadas como figuras de movimento como o polícia, a ama, o sacristão, o abade, a alcoviteira..., caricaturas em objetos utilitários em que um bule é um chinês, um mealheiro é um agiota, o escarrador é um usurário, e apenas duas caricaturas da política, o Barrigas e o Marquês de Franco.

“Rafael Bordalo Pinheiro acreditava, como outros intelectuais do seu tempo, que o futuro de Portugal dependia em absoluto do destino da cultura nacional. O Estado devia comprometer-se com ela, protegendo-a e valorizando-a, do mesmo modo que os criadores. A geração de Bordalo aplicou-se em sobrepor ao Portugal

---

<sup>417</sup> SERRA, João Bonifácio-Modelar um País: O Imaginário da Nação na Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. In *Bordalo Contemporâneo e Contemporâneos com Bordalo*. Óbidos: Galeria novaOgiva, 2008, pp.11,12

<sup>418</sup> A cerâmica participou activamente na exaltação patriótica que se seguiu ao Ultimato inglês de 1890, com peças com uma decoração com o fim de criticar a nação inglesa, como escarradores e penicos decorados com a figura de John Bull, símbolo britânico.

<sup>419</sup> ORTIGÃO, Ramalho *apud* SERRA, João Bonifácio- Op.cit., pp. 7, 8

<sup>420</sup> SERRA, João Bonifácio- Modelar um País: O Imaginário da Nação na Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. In *Bordalo Contemporâneo e Contemporâneos com Bordalo*. Galeria novaOgiva. Óbidos. 2008, p. 9

<sup>421</sup> Elementos das artes desse período são incorporados nas peças produzidas, em mísulas, jarras, tinteiros, bilheteiras...e sobretudo nos azulejos, assim como temas como os Lusíadas, o mar... São com peças com esta gramática decorativa que se apresentou nos finais de 1892 na Exposição Colombiana em Madrid, para comemorar o centenário da viagem de Colombo. “Uma mísula e baldaquino, lembrando os da Batalha” suportava “uma estátua do Infante D.Henrique”.SERRA, João Bonifácio- Modelar um País: O imaginário da Nação na Cerâmica de Rafael Bordalo pinheiro...(Op.cit.), p. 12

descrente de si próprio, pessimista, esmagado pelo atrazo em relação à Europa, consciente dos seus valores, confiante nas suas capacidades de regeneração, orgulhoso da sua história e da vitalidade das suas manifestações culturais”<sup>422</sup>.

Voltando à fotografia da exposição em Guimarães de obras de faiança criadas pelo pai de Manoel Gustavo Bordalo Pinheiro, a legenda só poderia ser elogiosa. O colaborador da revista escreve na legenda da fotografia que as peças expostas foram apreciadas “não só como verdadeiras joias artísticas, mas como provas da brilhante revolução que se tem operado em Portugal graças ao génio e atividade dos dois insignes artistas”<sup>423</sup>.

“A obra de Rafael Bordalo Pinheiro nos mostra a expressão plástica do seu trabalho, a magnitude da sua inquietação, a provocação permanente com os seus bichos de escala inconsequente e esmagadora; aliada a uma capacidade de composição que transforma o naturalismo numa linguagem de modernidade de complexidade e expressão plástica, repleta de simplicidade, do emaranhado de sobreposições de ideias e representações sobre formas estilizadas e esteticamente modernas, os bichos, as plantas e toda uma criatividade com raízes na Terra”<sup>424</sup>.

A fábrica Bordalo Pinheiro iniciou a sua produção em 1908. Poucos dias antes da sua morte ocorrida em 1905, Rafael Bordalo Pinheiro teria manifestado que “Estimaria muito que o Manuel se interessasse pela fábrica das Caldas”. Manuel Gustavo concretizou a vontade de seu pai e “em novembro de 1908 funda a Fábrica Bordalo Pinheiro, conhecida também por Fábrica San Rafael no terreno contíguo ao que seu pai edificara a Fábrica de Faianças das Caldas em 1884”<sup>425</sup>. Enquanto não se resolveu nos tribunais o processo em que estava envolvida a fábrica do Pai, Manuel Gustavo, ajudado pelos operários da antiga fábrica, não para o fabrico de faianças artísticas servindo-se para isso de oficinas emprestadas. Logo em 1906 expõe em Lisboa peças que seu Pai criara como, já algumas da sua autoria. E continuou a fazê-las. Em março de 1909, numa exposição no Porto escreve no catálogo<sup>426</sup>:

“Com a presente exposição proponho-me apenas submeter à apreciação do público portuense alguns novos modelos de louça artística executados sob minha direção na Fábrica Bordallo Pinheiro, das Caldas da Rainha testemunhando assim a

<sup>422</sup> SERRA, João Bonifácio- Op. cit., p. 15

<sup>423</sup> Figuras e Factos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 494, Lisboa, 9/8/1915, p. 187

<sup>424</sup> CALÇADA, Ana- Os Rumores dos Objectos. In *Bordalo Contemporâneo: e Contemporâneos com Bordalo*. Óbidos: Galeria novaOgiva, 2008, p. 4

<sup>425</sup> REBELO, Elsa- Centenário da Fábrica Bordalo Pinheiro. In *Bordalo Contemporâneo: e Contemporâneos com Bordalo*. Óbidos: Galeria novaOgiva, 2008, p. 5

<sup>426</sup> PINHEIRO, Manoel Gustavo Bordalo - Texto facsmilado de Manuel Gustavo do Catálogo da Exposição de Faiança Artística das Caldas da Rainha no Porto em Março 1909. In *Catálogo-Bordallo Pinheiro: Faiança Artística das Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Bordalo Pinheiro Lda, 2003, p. (verso da capa do catálogo).

constância do meu trabalho e o meu empenho, entre todos, grande de não deixar perecer uma indústria a que meu Pae associou o seu nome e a sua glória”. Manuel Gustavo tinha a ambição de levar as faianças artísticas “até aos grandes centros da Europa e América”<sup>427</sup>.

A Republica tem novo Presidente da Republica, o Dr. Bernardino Machado eleito em sessão do Congresso a 6 de agosto de 1915. Em 27 de Setembro morre Ramalho Ortigão.

Noticia-se no Nº 510<sup>428</sup> na crónica habitual da revista, com o subtítulo “A *saison*” escrita por Mário de Almeida que substituíra Júlio Dantas, as exposições de David Melo e Armando Lucena no Salão Bobone que animaram o Salão “com tonalidades curiosas”.

A exposição de aguarela, desenho e miniatura da SNBA realizada em finais de 1915 em Lisboa, a segunda exposição deste género na SNBA<sup>429</sup>, é referida na crónica semanal de Mário de Almeida, oficial do exército e um homem de letras, no Nº 514<sup>430</sup> com o subtítulo “A exposição de pintura”. “Exposição esplêndida; um traço vibrante de luz e de cor que parecem ser as características da moderna aguarela”. Leveza, transparência, vida,”. Destaca alguns quadros que “avultam com brilho” na exposição e alguns artistas, as aguarelas de Roque Gameiro, “um mestre quase inimitável”, os quadros de Alves de Sá de “um colorido não menos vigoroso”, João Vaz “sempre delicioso no detalhe, *un criard de vérité*, como dizia Saint Victor”, Alberto de Sousa, “minucioso, perfeito”.

Terminado o ano de 1915 é a altura de constatar a importância da SNBA na dinamização da arte em Portugal, isto sem esquecer o contributo dos salões alternativos onde os nossos artistas expunham. A partir de 1916, ao contrário do que sucedera de 1901 a 1915 inclusive, em que só se efetuaram os Salões da SNBA, vai também haver outro tipo de exposições, como sejam as individuais e não só<sup>431</sup>.

<sup>427</sup> REBELO, Elsa- Centenário da Fábrica Bordalo Pinheiro. In Bordalo Contemporâneo: e Contemporâneos com *Bordalo*, 2008, op. cit., p. 5.

<sup>428</sup> ALMEIDA, Mário de- Crónica; A “*saison*”- In Ilustração portuguesa II Série. Nº 510, Lisboa, 29/11/1915, p. 673

<sup>429</sup> Em 1914 tinha-se realizado uma exposição só de aguarelas.

<sup>430</sup> ALMEIDA, Mário de- Crónica, A exposição de pintura. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 514, Lisboa, 27/12/1915, p. 801

<sup>431</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes, 1999, op. cit., p. 98

A exposição de aguarelas, que foi inaugurada pelo novo Presidente da República, continua a ser motivo de reportagem, não se trata mais do que isso, no Nº515<sup>432</sup> com o título “Exposição de Belas Artes” e Nº516<sup>433</sup> com o título “Belas Artes” que contém várias fotogravuras dos quadros expostos, de Roque Gameiro, Rocha Vieira, João Marques, Luiz de Melo, Narciso de Moraes, Alfredo de Moraes, Helena Roque Gameiro, Raquel Gameiro, Alves Cardoso, Leitão de Barros, João Vaz.

O Salão da *Ilustração Portuguesa* recebeu a exposição do “exímio e jovem pintor” José Campas onde este mostrou as “suas brilhantes produções”. É esta a crítica que aparece, como costume sem ser assinada, no Nº 518<sup>434</sup> com o título “Exposição José Campas”. O Presidente da República visitou a exposição e como já fizera com a anterior em que comprara um quadro de Alves Cardoso, desta vez comprou um de José Campas. Gesto que se vai tornar vulgar em Bernardino Machado, quando visita exposições, como fomos verificando.

A seguir é a vez de ser noticiada no Nº 519<sup>435</sup> em Figuras e Factos, com o título “Pintura de paisagem” a exposição de Frederico Ayres no Salão Bobone, também visitada Pelo Presidente da República. Tratou-se de uma exposição de quadros do “inteligente pintor paisagista” muito apreciada por quem a visitou. E a crítica ficou-se por esta banalidade.

O contributo dos salões alternativos para além da SNBA é fundamental para a divulgação da arte, destacando-se o Salão da *Ilustração Portuguesa*, que desta vez recebe o pintor Higinio de Mendonça. Higinio Mendonça não é um pintor saído da Academia. É capitão de mar e guerra, jornalista, crítico de arte, romancista, dramaturgo que se lançou na prática da pintura. A exposição é motivo de uma crítica no Nº 521<sup>436</sup> com o título “A exposição Higinio Mendonça”. A Higinio de Mendonça” formou-o o talento, a observação escrupulosa e sentido da natureza e o estudo dos grandes mestres nos museus”. Acrescentando que seus quadros “tem desenho, têm cores, têm detalhes”. Uma crítica também é feita aos quadros da filha

<sup>432</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

<sup>433</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 516, Lisboa, 10/1/1916, p. 58

<sup>434</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 518, Lisboa, 24/1/1916, p. 101

<sup>435</sup> Figuras e Factos: Pintura de paisagem. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 519, Lisboa, 31/1/1916, p. 155

<sup>436</sup> A exposição Higinio Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2/1916, pp. 199, 200

do pintor, discípula do “insigne pintor Sr. António Félix da Costa”, que expôs juntamente com o pai. Diz-se que revela talento, estudo e que alguns dos seus quadros “parecem duma artista consagrada”. No Nº 523<sup>437</sup> é noticiada com o título “Exposição Higino Mendonça” o encerramento desta exposição que mereceu “excepcionais elogios de toda a imprensa e dos mais autorizados críticos” tendo recebido a visita do Sr. Presidente da República que adquiriu um quadro ao artista.

Pela primeira vez desde 1901, uma exposição individual, à margem dos salões anuais da SNBA, realizou-se no “Palácio das Belas Artes”, expondo obras do “distinto pintor Sr. Sousa Pinto, artista consagrado não só no país como no estrangeiro”. A esse acontecimento se refere o crítico no Nº 521<sup>438</sup> numa crónica com o título “Exposição Sousa Pinto”. A um artista consagrado, como era Sousa Pinto, “condecorado com a Legião de Honra, concedida quando expôs no “Salon” de Paris os seus admiráveis trabalhos” a crítica era a que era habitual fazer para estes casos entre nós, o panegírico. Estiveram expostas autênticas obras primas, desde o retrato às paisagens, ao pastel, ao óleo, “tão belos são todos eles”.

Entretanto sai a notícia da declaração de guerra a Portugal por parte da Alemanha, no Nº 526<sup>439</sup> com o título “A declaração de guerra a Portugal”. As exposições continuaram a processar-se, apesar desta declaração hostil. Só mais lá para diante, no próximo ano, o nosso primeiro contingente embarcará para França. Desta vez foi na Sala da Misericórdia do Porto, que se expuseram vários trabalhos a pastel de Leopoldo Battistini, “género em que ele é exímio”. É desta forma que se faz o apreço da obra do pintor, que também era professor de desenho e pintura, no Nº 527<sup>440</sup> em Figuras e Factos na legenda da fotografia dum quadro do artista com o título “Exposição de quadros a pastel”.

Todas as atenções estão viradas agora para a Décima Terceira Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes. Mas antes disso vale a pena referir a exposição que se realizou no Club União Portimonense com uma crónica, feita por alguém

---

<sup>437</sup> Exposição Higino Mendonça. In *Ilustração portuguesa* II Série. Nº 523, Lisboa, 28/2/1916, p. 284

<sup>438</sup> Exposição Sousa Pinto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2/1916, pp. 214, 215

<sup>439</sup> A declaração de guerra a Portugal. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 526, Lisboa, 20/3/1916, p. 354

<sup>440</sup> Figuras e Factos: Exposição de quadros a pastel. In *Ilustração portuguesa*. II Série, Lisboa, 27/3/ 1916, p. 413

com jeito para a escrita, no Nº 532<sup>441</sup> com o título “Exposição d’arte em Vila Nova de Portimão”. Trata-se de uma exposição “de pintura e trabalhos feminis”. Destaca-se um artista homem com os seus “belos quadros”, Joaquim Carlos Vieira, a Sra. D. Maria José do Vale Pimenta de Miranda, “uma artista distintíssima”. Poucas, muito poucas foram as artistas que se conseguiram impor num mundo dominado pelo masculino até esta altura. As suas pinturas, os seus trabalhos tinham de ser feminis. Os críticos, homens que escreviam sobre arte, estavam convictos que havia uma arte masculina, viril, filosófica em certos casos, a dos homens,<sup>442</sup> e uma arte delicada, a da pintura de flores, de recantos de interiores domésticos onde a mulher aparecia num lugar subalterno de esposa, mãe. Admitiram detetar em algumas, outras qualidades, como são os casos de Milly Possoz, Sarah Affonso<sup>443</sup> ....mas repetidamente, vamos encontrar ao longo do tempo, longe de mais, esta expressão pejorativa, a de “pintura feminina”, a de “arte feminina”. Uma ratoeira onde muitas mulheres artistas se deixaram apanhar, colaborando de certa forma para ela se ir mantendo até ao aparecimento de Vieira da Silva que obrigou a colocar a expressão definitivamente no baú das velharias<sup>444</sup>. O que se escrevia sobre a exposição em Portimão era semelhante ao que se escrevia sobre a pintura de muitas mulheres que expuseram e vieram a expor nos salões da SNBA.

Mário Almeida, na crónica habitual que faz para a *Ilustração Portuguesa*, na ausência de Júlio Dantas, no Nº 533<sup>445</sup> com o subtítulo “Exposição de pintura”, salienta a abertura da 13ª exposição anual da Sociedade Nacional de Belas Artes de que falamos em cima. Contou com 96 autores e 285 obras<sup>446</sup>. Um aspeto lamentável desta crítica é o de repetir opiniões discriminatórias sobre a pintura das artistas que se apresentaram no Salão. Diz Mário Almeida que

“...as senhoras concorrem abundantemente com os costumados nadas sempre galantes, delicados como compete a pincéis ociosos e distraídos. Não apareceu ainda desta vez uma individualidade forte e característica, mas vincam mais as qualidades dos moços”.

<sup>441</sup> Exposição d’Arte em Vila Nova de Portimão. In *Ilustração Portuguesa*. II Série, Lisboa, 1/5/ 1916, p. 541

<sup>442</sup> ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 191,

<sup>443</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 191

<sup>444</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 182.

<sup>445</sup> ALMEIDA, Mário de-Crónica: Exposição de pintura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 545

<sup>446</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 76, 77

O que Mário de Almeida queria dizer, à semelhança do que outro crítico, que não assinou o que escreveu, dirá mais adiante no mesmo N° da revista, é que ela tinha medíocres a mais. Embora não explicita, está a querer referir-se, penso eu, à quantidade de mulheres que expuseram. Mas vamos ver até que ponto vai o preconceito. Na exposição estavam obras de Malhoa, Carlos Reis, “o grande pintor do retrato bem superior a La Gandara de linhas concisas e justas”, Costa Matos, o escultor “com a sua larga e habitual linha”. Nem a uma mulher se refere em particular! A propósito da exposição escreve que “no conjunto há justeza de tons, poder de síntese, muita cor, muita luz, muita alegria”, concluindo que “começa a aparecer um núcleo de pintores, numerosos, já nacionalizado, produzindo uma Arte própria e que a pintura em Portugal é hoje alguma coisa”. Bem de acordo com os critérios dos guardiões da Arte que se expunha nos salões da SNBA, com quem, parece, Mário Almeida se identificava. Umas páginas mais à frente do N° 533<sup>447</sup> da revista que estou a analisar, numa crónica não assinada com o título “Sociedade Nacional de Belas Artes”, o seu autor escreve que a exposição foi inaugurada pelo Presidente da República. É uma atitude frequente neste tipo de acontecimentos, mas desta vez foi acompanhado pelos ministros dos estrangeiros da França, Inglaterra e Rússia. Fácil é adivinhar o estímulo que representou para os artistas com obras expostas, não só as palavras do Dr. Bernardino Machado a eles dirigidas como a presença de séquito tão ilustre. Além dos artistas já referidos acrescenta-se que também estiveram presentes com obras Constantino Fernandes, David de Melo, Veloso Salgado, João Vaz, Higino de Mendonça e o escultor Maximiano Alves. Nem uma mulher artista é referida, nem um trabalho dito “feminil” foi digno de ser destacado até este momento. Em próximo N° a exposição será de novo motivo de atenção, tantas são as obras expostas, como já informei, mas a sua análise é suspensa agora porque, penso eu, o editor achou conveniente dar espaço nas páginas da revista a uma exposição que decorre no Ateneu Comercial do Porto.

O crítico assina com as iniciais **S.M.** a crítica com o título “Arte Nacional- A exposição do Ateneu Comercial do Porto”<sup>448</sup>. Lamentamos não ter descoberto o nome que se esconde nas iniciais que usa para assinar os textos! Aquilo que vinha dizendo sobre o estado da crítica que li ao longo do período da revista que estudei,

<sup>447</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 548

<sup>448</sup> S. M.- Arte Nacional: A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 533, Lisboa, 8/5/1916, pp. 566-568



ele em poucas palavras sintetiza. E paradoxalmente ao ler o que escreve, concluí que estava perante alguém com uma vocação para crítico de arte que só encontrei em muitas poucas ocasiões até aqui. Escreve que nos vai dar uma ligeira notícia apenas, sem pretensões a crítica (é o que temos visto até aqui), pois considera-se um “mero rabiscador de jornais”, sem conhecimentos para se arvorar em crítico. É um apreciador de arte pelo prazer que ela lhe desperta na alma e “quando ela é um transunto da natureza feita pela imaginação”.

Estiveram nesta exposição, que se ficou a dever a um grupo de escritores e artistas, José Malhoa, Marques de Oliveira, Carlos Reis, Augusto Gama, escultor Fernandes de Sá, Júlio Vaz Junior, Maria da Glória Ribeiro da Cruz, escultora que na altura residia em Paris<sup>449</sup>. Algumas críticas a pintores indiciam tratar-se dum homem de letras, dum poeta. Sobre Marques de Oliveira escreve que “em todos os quadros enviados sobressai a sua destacante individualidade artística, quase tudo “impressões de paisagem, de costumes”, “revelando uma alma de panteísta e de pagão de cores sóbrias, mas nítidas, auscultando-se nos motivos portugueses o saudosismo da raça”. Sobre João Augusto Ribeiro, “um artista máximo”, “cultor enamorado da forma”. Era o pai da escultora Maria da Glória, aluna laureada pela E.B.A. de Paris. Sobre Cândido da Cunha,

“o poeta da melancolia e da saudade, o pintor dos poentes tristes e das manhãs suaves, o burilador da névoa, e do fumo, da chuva e do vento” (...) Usa tintas macias e aveludadas e cujas telas evocam numa tonalidade branda e por vezes indecisas figuras doloridas que passam a vida em abstração constante n’uma reza merencória de martirio e desgraça.”

Depois de escrever isto sobre Cândido da Cunha pergunta-se como é possível um minhoto, como era Cândido da Cunha, pinte aquelas paisagens “por vezes psicosténica e soturna que não merece a inspiração dum artista”. Avisa os leitores que se trata de uma boa exposição com algumas trivialidades também. Outros artistas são nomeados, que ele vai buscar indistintamente ao catálogo, como diz, consagrados ou novos, Abel Cardoso, Alice Grilo, António José da Costa, António Saúde, Eduardo Moura, Ernesto Condeixa, Falcão Trigo, H. E. Huguenin, Joaquim Lopes, José d’Almeida e Silva, Júlio Pina, Júlio Ramos, Moura Girão,

---

<sup>449</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1987. Vol. II, p. 178

Lucília Aranha Grave, Margarida Costa, Olívia Barros, Paulino Gonçalves, Oliveira Passos, Raul Maria Pereira, Soares Lopes, Teixeira da Silva, Tomaz de Moura, Ada da Cunha, escultora discípula de Teixeira Lopes, Oliveira Ferreira, escultor discípulo de Teixeira Lopes, Sousa Caldas, escultor discípulo de Teixeira Lopes, Sofia Martins de Sousa, João Batista de Lima.

Voltemos à Décima Terceira Exposição anual da SNBA, que já tínhamos afluído. Pela primeira vez está incluído no catálogo<sup>450</sup> o Regulamento das Exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes. No artigo 1º está escrito que:

“segundo o disposto nos estatutos no artigo 45º <sup>451</sup>, a Sociedade Nacional de Belas Artes organiza quatro exposições anuais, cujos prazos e especialidades são os seguintes:

1ª Desenho, Gravura e Pastel, aberta desde 20 de janeiro até 5 de fevereiro.

2ª Artes decorativas, aberta desde 1 até 15 de março

3ª Pintura a óleo, Escultura e Arquitetura, aberta desde 1 até 31 de maio, o designado salão da Primavera.

4ª Aquarelas e Miniaturas, aberta desde 2º de dezembro até 5 de janeiro, o designado salão de Inverno”

“Quatro realizações distintas, correspondentes às quatro secções das cinco então criadas<sup>452</sup>”. Mas uma coisa era o que os estatutos determinavam, outra coisa foi a prática que obrigou frequentemente à alteração dos mesmos, com a composição das secções a alterarem-se ou mesmo a desaparecerem algumas. Intacta desde sempre foi a secção de pintura a óleo, escultura, arquitetura.<sup>453</sup> “De 1901 a 1915 inclusive só se realizaram os Salões Anuais da SNBA, não se tendo realizado qualquer outro tipo de exposições”<sup>454</sup>. A partir de 1916, além dos Salões Anuais começaram-se a fazer exposições extraordinárias.

<sup>450</sup> Vol.II- Apêndice Iconográfico e Documental.

<sup>451</sup> Regulamento das Exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes . In Catálogo-Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1916, p. 3

<sup>452</sup> Segundo o Cap.V no Artº 26 os sócios ficaram organizados numa forma mais corporativa passando a ser distribuídos por cinco secções: 1ª Pintura, aquarela, desenho, e gravura; 2ª Escultura; 3ª Arquitectura; 4ª Artes Decorativas; 5ª Secção de Propaganda Artística. (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op.cit., p. 61)

<sup>453</sup> NOTA: No catálogo da Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes de 1918 a secção de arquitectura não consta.

<sup>454</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes, 1999, op.cit. Vol. II, p. 98

Segundo o regulamento a Décima Terceira Exposição devia ter estado aberta de 1 a 31 de maio de 1916, mas prolongou-se até julho<sup>455</sup>.

Esta Exposição voltou a ser apreciada por um crítico, que não assina a crónica que escreve, o que não é caso raro, bem pelo contrário, no N°535<sup>456</sup> com o título “Exposição de Belas Artes”. A propósito da pintura e escultura exposta escreve que “Cada quadro, cada escultura revela nas suas estruturas o finíssimo sabor artístico dos seus autores”; “as duas sublimes artes se elevam tão altamente”; muitas destas obras” elevariam os seus autores ao apogeu da glória” se o nosso meio artístico não fosse tão restrito. E é desta forma panegírica, que este crítico comenta a exposição. São referidas obras dos escultores Carlos de Sousa Pinto, Severo Portela Filho, Raul Xavier, Francisco Santos, Costa Mota, Maximiliano Alves e pintura de David Gomes, Francisco Esteves, José Reis, Alfredo Miguéis, Maria de Jesus Conceição Silva, João Augusto Ribeiro, Moura Girão, Júlio Ramos, Aníbal de Faro e Oliveira. Conclusão: -Uma só mulher é referida nesta Décima Terceira exposição da SNBA nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, a Maria de Jesus Velez Poças Leitão Conceição Silva, discípula de Miguel de Oliveira, Artur Vieira de Melo, e António Conceição Silva, 1ª medalha em miniatura na SNBA em 1928<sup>457</sup>, que se dedicou sobretudo ao retrato<sup>458</sup>. Uma senhora, artista, que fazia parte do grupo do “pincel ocioso e distraído”, no dizer de Mário Almeida.

O catálogo<sup>459</sup> desta exposição, a Décima Terceira Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, inclui o regulamento das Exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes. O regulamento divulga o Júri de admissão e classificação que consta com os seguintes membros efetivos: Presidente J.J. de Sousa Pinto, Constantino Sobral Fernandes, António Augusto da Costa Mota, Adães Bermudes, Edmundo Tavares, Martinho da Fonseca, António Augusto da Costa Mota (Sobrinho), João Vaz, Dr. António Metelo.; Suplentes: Norberto Correia, José Falcão Trigoso, Maximiano Alves. No catálogo não é indicada a Direção da SNBA em exercício.

<sup>455</sup> “(...) “A exposição continua ainda aberta até o mês de Julho”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N°535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>456</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 535, Lisboa, 22/5/1916, pp. 615,616

<sup>457</sup> “...e foi assim que em 1928 foi atribuída a única 1ª medalha... a Maria de Jesus Boças(sic) Leitão” (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit, p. 508)

<sup>458</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. II, p. 126

<sup>459</sup> Vol.II- Anexo Documental e Iconográfico.

Esta exposição esteve dividida em quatro secções: Pintura a óleo, Escultura, Pastel, Arquitetura. No entanto nem uma palavra para os arquitetos que expuseram, Norberto Correia e Edmundo Tavares. Bem demonstrativo da pouca atenção que a revista dava à crítica da arquitetura.

No Nº537<sup>460</sup> faz-se uma crítica sem ser assinada com o título “Exposição Augusto Pina” a uma exposição de obras do “distinto cenógrafo” Augusto Pina no *hall* do Teatro Nacional. O artista teve a honra da sua exposição ser visitada pelo Presidente da República, que lhe comprou um quadro, gesto frequente por parte do Dr. Bernardino Machado quando visita uma exposição. No Nº 538<sup>461</sup> na crónica habitual, a abrir a revista, na terceira página, com o subtítulo “A exposição Augusto Pina” Mário de Almeida faz o panegírico da obra e do artista. Quanto à obra: “Nenhuma seduz tanto como a sua”; “é homogénea e coerente”. No que diz respeito ao pintor: “Pinta carinhosamente”; “é um enternecido apaixonado das suas criações”; “tem decisão, carácter, tem sobretudo um justo equilíbrio de linha e côr” “nenhum outro o iguala na justeza d’expressão”. Vá lá imaginar-se o que Augusto Pina sentira ao ler este elogio:” nenhum outro o iguala...”!

A *Ilustração Portuguesa* não se fica só pelas críticas de arte a exposições feitas nos grandes centros urbanos do Continente. Sempre que a oportunidade surge, divulga, dá a notícia, de acontecimentos realizados noutros locais, como a notícia saída no Nº 542<sup>462</sup> em Figuras e Factos com o subtítulo “Funchal artístico” de uma exposição que ocorreu no Funchal de artes aplicadas, constando “de aplicações em estanho sob faianças das Caldas”, em simultâneo com uma exposição de quadros a óleo de J. de Brito e Moura “devidamente apreciados pelos entendidos em pintura”.

A abertura do Museu Bordalo Pinheiro que Odemiro César descreve no Nº 548<sup>463</sup> numa crónica com o título “Museu Bordalo Pinheiro”. Já tivemos ocasião de falar na obra de faiança de Bordalo noutra altura desta dissertação. No museu além da faiança encontra-se também parte da sua obra gráfica que foi possível reunir e cópias de outros cujos proprietários se negaram a doar. “Dois bustos, o de Eça de

<sup>460</sup> Exposição Augusto Pina. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 537, Lisboa, 5/6/1916, p. 661

<sup>461</sup> ALMEIDA, Mário de-Crónica: A exposição Augusto Pina. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 538, Lisboa 12/6/1916, p. 665

<sup>462</sup> Figuras e Factos: Funchal artístico. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 542, Lisboa, 10/7/16, p. 40

<sup>463</sup> CESAR, Oldemiro-Museu Bordalo Pinheiro. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 548, Lisboa, 21/8/1916, pp. 155,156,157

Queiroz e Guilherme de Azevedo, desenhos e caricaturas da família do artista, estudos a lápis e carvão, quadros a óleo, pastel e a aguarela, os originais preciosíssimos das mais célebres páginas dos seus jornaes de caricaturas”, dos folhetos do Álbum das Glórias, “projetos de decoração, cartazes etc.”

O livro Quadros da História de Portugal<sup>464</sup> contém ilustrações de Roque Gameiro e Alberto de Sousa. Na *Ilustração portuguesa* Nº 551<sup>465</sup> noticia-se a exposição de aguarelas dos dois artistas cujas reproduções serviram para ilustrar o livro referido. O crítico diz somente que “os seus autores receberam a consagração do público, que admirou e apreciou os seus trabalhos”.

O dia da inauguração da estação de S. Bento do Porto foi divulgado na *Ilustração Portuguesa* no Nº 557<sup>466</sup> numa notícia com o título “A estação de S. Bento no Porto”. O seu vestíbulo foi decorado com painéis de azulejos de Jorge Colaço, representando os vários meios de transporte desde tempos remotos até aos nossos dias. É a obra de “um artista de mérito”, escreveu o jornalista.

Os cartazes artísticos tornaram-se uma oportunidade para os artistas portugueses. Acácio Paiva, que substitui Mário de Almeida na Crónica habitual da terceira página, por este deixar de ter tempo para se ocupar dessa tarefa, esclarece na revista Nº 564<sup>467</sup> com o subtítulo “Cartazes” que, se até há pouco tempo o cartaz artístico era uma arte à qual os artistas portugueses não davam relevo, a sua atitude mudou. Inicialmente, quem queria cartazes de qualidade importava-os, mas passado algum tempo os nossos artistas começaram também a realiza-los. Apesar de ser um trabalho não muito bem pago, até alguns artistas consagrados o fizeram por questões económicas. Concursos de cartazes para águas minerais, medicinais, marcas de automóveis, começaram a surgir e, para além disso, “agora a empresa cinematográfica Politeama também premeia os cartazes dignos dessa distinção”. Realça que “numa exibição particular”, estiveram presentes imensos candidatos a essa arte.

---

<sup>464</sup> FRANCO, Chagas; SOARES, João- Quadros da História de Portugal. Lisboa: Edições da Papelaria Guedes, 1917

<sup>465</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 551, Lisboa, 11/9/1916, p. 206

<sup>466</sup> A estação de S. Bento no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 557, Lisboa, 23/10/1916, p. 325

<sup>467</sup> PAIVA, Acácio de-Crónica: Cartazes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 564, Lisboa, 11/12/1916, p. 461

O cronista Acácio de Paiva na Crónica habitual da terceira página da revista Nº 567<sup>468</sup> com o subtítulo “Voltando às exposições” escreve que “temos tido abertas ultimamente a exposição de aguarelas no palácio de Belas Artes, a de pintura de “Ar- Livre” dos discípulos de Carlos Reis, a Exposição de José Campas, a de Diogo Macedo, escultor portuense...” às quais não lhes falta público por as considerarem “diversões em dias de descanso”. Esta atitude referida é muito peculiar. A guerra passava-se lá longe no centro da Europa e em Portugal havia dois grupos que se confrontavam sobre a necessidade de ir ou não combater em território europeu já que ambos estavam em sintonia na obrigatoriedade de defender as colónias. Por esta altura já tropas portuguesas combatiam em Angola e Moçambique contra tropas alemãs.

O Grupo Ar-Livre (1910-1923) foi um dos grupos de pintores responsáveis pela continuidade do cultivo do ar-livrismo e da pintura de paisagem. O grupo tinha como líder Carlos Reis, ex-aluno de Silva Porto. Era formado por Alves Cardoso, Frederico Aires, António Saúde e a partir de 1915 juntou-se-lhes João Reis<sup>469</sup>. Carlos Reis, da segunda geração naturalista teve vários discípulos que continuaram o tipo de pintura do Mestre. Com os alunos dos discípulos de Carlos Reis a tendência academizante da pintura de paisagem prolonga-se até aos finais de 50.<sup>470</sup>

A crítica à exposição de Aguarela e Desenho (2ª Exposição de aguarela, desenho e miniatura, 1916. Lisboa: SNBA, 1916<sup>471</sup>)<sup>472</sup>, é feita no mesmo Nº 567 numa crónica com o título “A Exposição de Aguarela e Desenho” por um crítico que não assina o que escreve, mas que poderá ser Acácio Paiva, o jornalista que assina a crónica referida em cima, já que algumas das considerações são semelhantes.

---

<sup>468</sup> PAIVA, Acácio de- Crónica: Voltando às Exposições. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº567, Lisboa, 1/1/1917, pp. 1,2

<sup>469</sup> O Grupo Ar-Livre, foi um dos grupos que se constituíram “desde o momento da constituição da Sociedade Nacional de Belas Artes, um papel importantena vida artística, e em particular na manutenção dos valores tradicionais vindos de instituições anteriores”. Todos eles tinham como objectivo “ a realização de exposições em grupo, chamadas extraordinárias nas instalações da Sociedade”; o ensino que alguns desses pintores exerciam “(nas antigas aulas noturnas) na Sociedade e a consequente formação de discípulos”; “a presença individual dos pintores muito frequente nos Salões da Primavera”- (TAVARES,Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 120)

<sup>470</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 121

<sup>471</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., Vol II. p. 40

<sup>472</sup> Nota. Pelos estatutos de 1916 deveria chamar-se Exposição de Aguarela e Miniaturas e nesse caso esta seria a 1ª a realizar-se, a não ser que tendo sido os estatutos aprovados em 1915 para o ano de 1916 a Exposição de Inverno de 1915 que ia de 20 de Dezembro a 5 de janeiro de 1916 tivesse sido na realidade a 1ª Exposição de Aguarelas e Miniatura (ou 1ª Exposição de Aguarela Desenho e Miniatura)

Assinala-se o “progresso incontestável” da “educação artística portuguesa” e a existência de um público não só curioso e culto, mas “público que escolhe e compra”. E a prova disso aponta para o que se passa com a exposição que decorre na Rua Barata Salgueiro, na SNBA. A crítica que faz é a do tipo que estamos habituados, acriticamente elogiosa do tipo “demonstra mais uma vez o vigor, a correção e a excelência das qualidades que possui”, “encanto de observação e desenho” “uma soberba composição”. Estas frases poderiam ser tiradas à sorte e aplicadas a qualquer um dos quadros expostos. Sabemos pela sua crítica que tinham obras expostas Roque Gameiro, “surpreendente de técnica e de côr”, Alberto de Sousa, Alves de Sá, João Vaz, Alfredo Moraes, Helena Roque Gameiro, Carlos Bonvalot, Alberto de Lacerda, Leitão de Barros, Paulino Montez, A. Quaresma, Narciso de Moraes.

A exposição de escultura a que Acácio de Paiva se tinha referido na crónica anterior é merecedora da atenção no N° 568<sup>473</sup>. Trata-se da exposição de Diogo de Macedo na Liga Naval Portuguesa em Lisboa, a “sua primeira visita artística a Lisboa”. Como já estamos habituados, a crítica não é assinada e é bem-intencionada. Se em pintura já é difícil apanhar uma crítica que mereça o nome de crítica, em escultura quase não existe ou não existe mesmo. A exposição das obras de Diogo de Macedo, “moço, vinte e poucos anos”, foi visitada por “todos os que têm, na primeira cidade do paiz, categoria artística, mental e social”. Escreve também que Diogo de Macedo recebeu da escola do Porto “os seus largos recursos técnicos” e da Escola de Paris “a expressão moderna e de superiores interesses mentaes(sic) da sua escultura”. Diogo de Macedo tinha ido para Paris em 1911<sup>474</sup>. Regressou a Portugal por causa da guerra e aqui se manteve até voltar em 1920 a Paris. Nesta fase da sua vida inspirou-se em temas de inspiração literária, ao gosto do romantismo e do simbolismo, e por vezes do expressionismo. Numa entrevista ao jornal Montanha em 13/7/1913 declarou:

---

<sup>473</sup> Ilustração Portuguesa II Série. N°568, Lisboa, 8/1/1917, p. 28

<sup>474</sup> Diogo Macedo concorreu em 1912 à École National des Beaux Arts e aí foi discípulo de Injalbert. Foi aluno de Bartlett, de Bernard Naudin. Aprendeu com Naudin a técnica da gravura e ilustração e como este, Diogo de Macedo também fez em determinada altura cartazes, naturalmente por questões económicas. Frequentou a Academie de La Grande Chaumiere onde foi aluno de Bourdelle- (OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes-Diogo de Macedo: Subsídios para uma Biografia; Coimbra: Faculdade de Letras, 1970. Dissertação de Licenciatura. p. 166,176,177,178).

- “Auguste Rodin é o meu maior Mestre, quem eu mais admiro. Diante dele sinto-me pequeno como se enfrentasse o mar. Há algo de Deus na sua obra. Como ninguém até hoje, ele tem gravado no mármore as cinco letras do AMOR”<sup>475</sup>.

Uma nova exposição, a de obras dos artistas Higinio Mendonça e de D. Henriqueta de Mendonça Cardoso, sua filha, realizou-se no Salão da *Ilustração Portuguesa* e é objeto de uma crítica no N°571<sup>476</sup> com o título “A Exposição Higinio Mendonça”. A exposição foi visitada pelo Presidente da República e o crítico louva o progresso, “sentir unanime dos que visitaram este ano a exposição” dos dois “talentosos e delicados” artistas. Nos quadros de marinhas o crítico sente “vibrar a alma do marinheiro” (Higinio Mendonça foi oficial superior da Armada), com “tons de uma suavidade encantadora” e “detalhes de uma observação excecional”. A filha...é discípula do “insigne pintor”. Seleciona dois quadros para evidenciar “as suas grandes aptidões e o seu estudo consciencioso” e outros dois em que “o desenho, as cores, e a expressão satisfazem os mais exigentes”. Crítica que segue a mesma linha de tantas outras, sempre benevolentes, sem uma análise criteriosa das obras expostas.

Uma exposição de arte aplicada é referida no N° 572<sup>477</sup> numa crónica com o título “Arte Aplicada”, uma semana antes da partida das nossas tropas para França que foi notícia no N°573<sup>478</sup> com o título “A Partida das Nossas Tropas para França”.

A exposição de Arte da Alma Nova realizada no salão nobre do Teatro S. Carlos, merece um destaque especial na crónica com o título “Exposição Alma Nova” no N°575<sup>479</sup>. A Alma Nova é uma Revista mensal Ilustrada de Arte, Ciencias (sic) e Literatura que tinha como diretores literários A. Bustorff e Mateus Moreno e Saavedra Machado e Navarro da Costa como diretores artísticos.

Nesta exposição, como noutras que promoverá, previne a Alma Nova no N° 20<sup>480</sup> em “A ABRIR”,<sup>481</sup> que “concorrem e concorrerão apenas Artistas Novos. Novos no

<sup>475</sup> OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes- Diogo de Macedo: Subsídios para uma Biografia Crítica. Coimbra: Faculdade de Letras, 1970, p. 180

<sup>476</sup> A Exposição Higinio Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N°571, Lisboa, 29/1/1917, p. 84, 96

<sup>477</sup> Arte Aplicada. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 572, Lisboa, 5/2/1917, p. 120

<sup>478</sup> A Partida Das Nossas Tropas Para França”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 573, Lisboa, 12/2/1917, p. 121

<sup>479</sup> A. de C.-Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 162,163

<sup>480</sup> A ABRIR. In Alma Nova. Ano II-Dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917. N°20.

<sup>481</sup> Vol.II- Apêndice Iconográfico e Documental



sentido da técnica artística e, um tanto ou quanto, da idade(sic), - mas Novos que não são principiantes”, bem pelo contrário, pois muitos são já consagrados e com presença em Museus.

Sobre o catálogo da exposição, incluído nas páginas da revista, diz que este deveria substituir-se “à crítica fácil do jornalismo barato e videirinho, e às indicações imparciais e peritas do primeiro amador de Arte audacioso”. Acrescenta que deveria ser “ilustrado com opiniões de capacidades e verdadeiros críticos de forma a explicar as orientações dominantes entre os artistas que expõem” para serem devidamente apreciadas por quem se desloca à exposição.

Estas observações relativamente à crítica de arte da época podem ser feitas a propósito dos textos de críticos, a maior parte anónimos, que aparecem na *Ilustração Portuguesa*. A maior parte são jornalistas, homens de letras, amadores, sem estudos específicos de arte. Isto não quer dizer que não apareçam de vez em quando boas críticas. A. de C. é o crítico desta exposição para a *Ilustração Portuguesa*. Será A. de C. o jornalista e professor Agostinho de Campos que em 1925, numa palestra de homenagem a Carlos Reis referia-se ao pintor como “um dos maiores pintores portugueses de todos os tempos”, confessando, contudo, “nada saber de pintura” e ter sido instado para fazer a palestra por ser “um educador”<sup>482</sup>?

Se for, é mais uma prova de tudo o que temos vindo a dizer sobre o estado da crítica em Portugal nesta época. Para fazer a homenagem a Carlos Reis, os seus discípulos, em vez de escolher um deles para falar do Mestre, convidaram um homem de letras que confessava nada saber de pintura!

**A.de C.** confessa a sua surpresa “por esses rapazes não dizerem mal uns dos outros”, para apreciar Martinho (Gomes) da Fonseca, discípulo de Columbano, selecciona um quadro *Leda surpreendida*, um tema mitológico que Vieira Portuense já pintara com o mesmo título. Perante este quadro A. de C. escreve que “entre sombras de folhagem...nos envia o beijo cálido d’uma magnífica nudez de mulher”; a propósito do *O Sorriso* afirma que “é realmente belo, insinuante, quasi luminoso”, e de entre os desenhos de Martinho da Fonseca, selecciona uma cabeça de *Religiosa* em que “as linhas dão a maceração das vigílias, vibra de êxtase e de

---

<sup>482</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-Carlos Reis-História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século. Lisboa: Publicações Alfa, S.A., 1986. Vol. 11, p. 105

espiritualidade”. Interessante comparar com o que escreve José Rebelo, o crítico da Alma Nova, sobre este pintor presente na exposição<sup>483</sup>. A propósito de (Artur) Alves Cardoso, discípulo de Carlos Reis, A. de C. diz que nas suas “obras se destacam, como sempre, o seu sentimento poético muito vivo e a sua técnica notável”. Prosa naturalista, poética é o estilo escolhido por João Rebelo na Alma Nova para se referir às telas de Alves Cardoso<sup>484</sup>. Referindo-se a Saavedra Machado, o principal organizador da exposição, e a algumas das suas obras, A. de C. usa expressões como “notabilíssimo artista” ...”com os seus ensaios de côr” ...”terna Luz da Madrugada” ...retratos que são “excelentes composições em que o traço é leve, elegante, subtil” ...carvões como em *A Batalha*, uma “primorosa obra de desenho” ...desenhos de arqueologia e etnografia “que são pacientes e inexcedíveis modelos no género”. A crítica de José Rebelo à obra de (João) Saavedra Machado é literária e também filosófica.<sup>485</sup> Frederico Ayres é descrito pelo crítico da Ilustração, como “notável paisagista, discípulo brilhantíssimo de Carlos Reis”. Destaca ainda (Simão Cesar) Dordio Gomes, Adriano Costa, Eduardo (Gil) Romero, Armando Lucena, Alberto (Portugal Correia) de Lacerda, Stuart de Carvalhaes, Joaquim Lopes, Mario de Sousa Maia, Carlos Bonvalot. Demonstra sensibilidade fina na apreciação que faz às obras de D. Maria (Alice de Matos) Carneiro e a D. Milly Possoz, benevolente para uma, certa para Milly Possoz. A primeira com “telasinhas portuguesas”, a segunda com um “talento impressionista, original, faiscante admirável temperamento artístico “. Lembra ainda, na exposição promovida pela Alma Nova, os escultores Diogo de Macedo, Raul (Maria) Xavier,

---

<sup>483</sup> “...Pintor, desenhador e escultor. Três individualidades distintas e uma só verdadeira e gloriosa. Atingiu o triunfo da Arte. Saiu de todas as convenções, de todas as fórmulas e de todos os dogmas. E saiu para dominar e subjugar e inutilizar até, todos os dogmas, todas as fórmulas, e todas as convenções. Assim a sua arte não vive dos modelos. Os modelos é que vivem da sua Arte, pessoal, e inconfundível, porque os modelos para Martinho da Fonseca não são um fim, mas um meio apenas” REBELO, José-Apontamentos: Os meus perfis. In Alma Nova, Ano II. Nº 20, Lisboa, Dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917, p. 31

<sup>484</sup> “...Paisagem de Inverno matinal e branca. Há um sopro de vida que ilumina e engrandece. Choveu. As pequeninas bôcas da terra beberam sofregas a chuva que caiu. Humidas ainda, cantam baixinho o fecundo mistério das sementes. O vento passa e estremece as árvores e acorda de manso os ninhos. É dia alto. O sol vai aparecer de novo de entre as nuvens. A terra desperta enfim.- Cante-se a vida e o seu triunfo!- É isto que nos dizem as telas de Alves Cardoso-o nosso maior pintor das paisagens d’inverno, por excelência”.REBELO, José-Apontamentos: Os meus perfis. In Alma Nova, Ano II. Nº 20, Lisboa, Dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917, p. 32

<sup>485</sup> “...ele realiza a pouco e pouco a sua Obra, a sua grande Obra, que como todas as grandes obras é o triunfo de si mesmo. Alma de poeta, alma de contemplativo em tudo ele vê a sua alma repetida, e em tudo ele busca como que o complemento da sua alma, que se levanta em extase que se transfigura em Som e em Pensamento”...REBELO, José-Apontamentos: Os meus perfis. In Alma Nova, Ano II. Nº 20, Lisboa, dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917, p. 31,32

Maximiano Alves” que é um artista muito pessoal, na plena posse do seu processo”. Termina, enumerando os restantes artistas presentes na exposição, Samóra Barros, (José) Leitão de Barros, a escultora D. Margarida D’Alcântara, Mario (de Sousa) Maia, D. Maria (A. Pires) Chaves, o artista brasileiro Navarro da Costa, João Carioca (Armando Navarro), Constâncio (Gabriel) da Silva, Ruy Sedas Pacheco, D. Sabina de Vasconcelos, os arquitetos Leitão de Barros, Paulino Montez. Estes arquitetos expunham uma maquete para uma casa de campo de artista (ao sabor regional português) No catálogo indicava: - “Venda da maquette e projetos desenhados, por contracto especial”

O catálogo<sup>486</sup> da exposição da Alma Nova indicava para cada artista não só o(s) Mestre(s) de quem eram discípulos, como as medalhas, menções honrosas ganhas na SNBA.

No mesmo N° 575<sup>487</sup> aparece uma crónica, com o título Belas Artes, de uma exposição no Salão Bobone do pintor José Leite e de uma exposição individual de Navarro da Costa, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Pela primeira vez se destaca a crise que se vivia na altura para salientar, que apesar disso, José Leite vendeu muitos quadros, prova do apreço do público pelo pintor “de muito talento”. Neste ano de 1917 vão-se realizar exposições extraordinárias para além da Exposição Anual, o que acontece desde 1916: a exposição de António Ramalho-homenagem póstuma, a exposição de António Loureiro, a exposição de Navarro da Costa e a exposição retrospectiva de Sousa Lopes<sup>488</sup>.

A exposição do Navarro da Costa foi visitada pelo Presidente Bernardino Machado. O cronista qualifica Navarro da Costa como “talentoso pintor”.

No Salão da *Ilustração portuguesa* expôs José Pedro Cruz<sup>489</sup> como é referido na crónica com o título “Exposição de Pintura” no N° 576. Na crónica afirma-se que o artista, “apesar de novo” apresentou “trabalhos de mestre tanto em desenho, como em pintura”. O Presidente da República comprou-lhe dois quadros.

<sup>486</sup> Vol. II- Apêndice iconográfico e Documental

<sup>487</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 171

<sup>488</sup> Por lapso na tese da Dra Cristina Tavares, em vez da exposição de Navarro da Costa é referida a de Menano da Costa. (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit. Vol. II, p. 98)

<sup>489</sup> Exposição de Pintura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. N° 576, Lisboa, 5/3/1917, p. 188

São este tipo de críticas que nos vão continuando a aparecer feitas por jornalistas que pouco vão para além da notícia e do elogio aos artistas, só pelo facto de exporem, acriticamente.

A *Ilustração Portuguesa* vai chocar de frente com o futurismo de Almada Negreiros e de Santa Rita, na Crónica habitual da revista com o subtítulo “Futurismo” feita por Acácio de Paiva no Nº 583<sup>490</sup>. Este escreve sobre um “moço caricaturista “que fez uma conferência futurista em Lisboa que não teve muito publico, “mas ainda assim com a retumbância bastante para distrair Lisboa inteira durante alguns minutos”. Escreve que tem a humanidade de não considerar o conferente e seus companheiros de “doidos varridos” e levanta a questão: - “Quem sabe se os crâneos dos futuristas não contêm, na verdade alguma massa encefálica?”. Aconselha: - “É cedo para juízos temerários”. Na página 2 do Século Cómico, que tinha passado a fazer parte da revista há já bastante tempo, uma notícia com o título Palestra Amena e o subtítulo Espetáculo futurista” causa o riso dos leitores: -

“Numa tarde reimosa d’este abril hemiplégico, ao equilátero elítico do teatro República avocou curiosos incolores o magnífico sr. Almada Negreiros (José)-pim! vendo-se em caixa lateral oblonga o rápido pintor sr. Santa Rita, S.R., e dispersa em cátedras avulsas com base de celulose adeptos quiça esquipáticos do unisexualismo histórico mais cotados em cotés culminantes” ...

Enquanto neste abril de 1917 Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor andavam nas bocas do mundo, dos que os admiravam entusiasticamente, acriticamente a maior parte deles e daqueles que os acusavam de loucos, morre o primeiro soldado português na frente ocidental contra os alemães, tendo ficado feridos três soldados e dois primeiros-cabos. A notícia é dada na crónica com o título “Os soldados portugueses em França” no Nº 585<sup>491</sup>. É o início de uma tragédia que se deveria ter previsto que viesse a acontecer e que vai culminar na batalha de La Lys. Ainda no Nº 583<sup>492</sup> uma crónica com o título “Carlos Lobo” faz a apreciação da exposição de Carlos Lobo no salão da Fotografia Gonçalves, na calçada do Combro. Escreve que “a obra do sr. Lobo é sobretudo a paisagem” e “de Coimbra e dos seus lindos arredores são os melhores trechos apresentados”. Não é uma crítica, é notícia.

<sup>490</sup> Crónica: Futurismo. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 583, Lisboa, 23/4/1917, p. 321

<sup>491</sup> Os soldados portugueses em França. In *Ilustração portuguesa* II Série. Nº585, Lisboa, 7/5/1917, p. 373

<sup>492</sup> Exposição Carlos Lobo. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 583, Lisboa, 23/4/1917, p. 333

No Salão Nacional de Belas Artes, decorre mais um Salão da Primavera, a Décima Quarta Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas-Artes, neste ano de 1917 com o regulamento que tinha sido incluído no catálogo da 13ª Exposição Anual do ano anterior, o de 1916. A Exposição é divulgada na Revista da *Ilustração Portuguesa* no Nº 588<sup>493</sup> numa crónica com o título “Belas Artes”. A Exposição, dividiu-se nas secções seguintes: Pintura a óleo, Pastel, Escultura, Arquitetura<sup>494</sup>.

Na opinião do crítico, a exposição não despertou o interesse do ano anterior e que houve expositores que se retraíram. Mesmo assim, escreve o crítico, apresentaram-se José Campas, Francisco Romano Esteves, D. Filomena de Freitas, o escultor Severo Portela Filho, Azevedo e Silva, Alves Cardoso, Higinio Mendonça, A. Miguéis, Navarro da Costa, Costa Mota sobrinho, Costa Mota, ambos escultores.

Estiveram presentes outros escultores que deveriam também ter sido nomeados pelo crítico: Maximiano Alves, Diogo de Macedo, Henrique Moreira, J. Moreira Rato, José Pereira, João da Silva, Francisco dos Santos, António Teixeira Lopes, Raul Maria Xavier, Carlos de Sousa Pinto, Júlio Vaz Junior, D. Maria Glória Ribeiro da Cruz, Rodrigo de Castro. Não citou nenhum arquiteto e estiveram representados Carlos Rebello de Andrade, Luiz Cristino da Silva, Fernando Joyce Fuschini, Fernando Perfeito de Magalhães, Edmundo Tavares, como se pode ler no catálogo da exposição.

O catálogo desta exposição<sup>495</sup> além de incluir o regulamento das exposições anuais dá-nos a saber a composição da Direção.

Presidente-António Augusto da Costa Mota

1º Secretário-Armando Lucena

2º Secretário-Alberto Sousa

Tesoureiro-António Augusto da Costa Mota (Sobrinho)

Vogais-Francisco dos Santos, Tertuliano de Lacerda Marques, Raul Aboim

---

<sup>493</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 588, Lisboa, 28 /5/1917, p. 427

<sup>494</sup> Catálogo da 14ª Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1917

<sup>495</sup> Catálogo da Décima Quarta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1917.

O júri de admissão e classificação tinha um Presidente, membros efetivos e suplentes. O Presidente era António Augusto da Costa Mota. Os membros efetivos eram José Moreira Rato, José Velloso Salgado, João Vaz, Dr. António Metello, Adães Bermudes, José Malhõa, Maximiano Alves, Tertuliano de Lacerda Marques. Os suplentes eram Arthur Alves Cardoso, Francisco dos Santos, Edmundo Tavares.

Alfredo Guimarães escreve a Crónica habitual da revista em vez de Acácio Paiva no Nº 592<sup>496</sup>. Na parte da crónica com o subtítulo “António Ramalho” refere-se à exposição retrospectiva da obra de António Ramalho realizada no Salão Nacional das Belas Artes. É muito curiosa a maneira como ele olha para a obra de Ramalho. Escreve primeiro que a exposição serve para dissipar a ideia entranhada de que Ramalho era preguiçoso. Em seguida escreve que ela mostra a toda a gente “uma noção da honestidade e superioridade de processos de um artista que, *sem embora grande esteio de personalidade*, acusou, todavia, em toda a sua obra uma correção de delineamento e uma delicadeza de conjunto...”. Acrescenta que é um dos nossos melhores pintores, “respeitado e admirado” e que ficará na história, da mesma forma que Silva Porto, como um artista “da mais graciosa e doce pintura que uma geração criou”. O elogio final não condiz com o “sem embora grande esteio de personalidade” da sua obra!

No Nº 601<sup>497</sup> publica-se a crónica com o título “Exposição de quadros artísticos”, de uma “interessante” exposição de quadros, feita no Salão da *Ilustração Portuguesa*, de “artistas de comprovados méritos” destinados à decoração mural das escolas. Encontram-se também expostas aguarelas de Roque Gameiro e Alberto de Sousa, destinada ao livro Quadros da História de Portugal, a que já nos referimos quando um semelhante se realizou no Salão do Teatro Nacional. Também se expuseram fotografias de guerra. No mesmo Nº da Revista, em Figuras e Factos noticia-se a entrega do prémio Valmor ao prédio construído no ângulo da rua Tomás Ribeiro tornejando para a avenida Luiz Bivar. O arquiteto do prédio premiado foi o sr. Miguel José Nogueira.

---

<sup>496</sup> GUIMARÃES, Alfredo—Crónica: António Ramalho. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 592, Lisboa, 25/6/1917, p. 501

<sup>497</sup> Exposição de quadros artísticos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 601, Lisboa, 27/8/ 1917, p. 176

No salão da *Ilustração Portuguesa* expôs o pintor Leopoldo Battistini, como é referido na crónica do Nº 614<sup>498</sup> com o título “Exposição de Leopoldo Battistini”. O crítico da exposição escreve que se trata dum artista talentoso em várias especialidades artísticas na pintura a óleo ou a pastel, da figura humana, da paisagem ou da natureza morta. Trata-se de um colorista que nos deslumbra “com os efeitos da sua paleta na qual encontra todos os matizes que com uma grande técnica aproveita e distribue”, ao alcance só de alguns. No Nº 615, na sua crónica habitual, Acácio de Paiva, considera a exposição um “acontecimento de tal ordem” que, apesar dela ter sido comentada no Nº 614, a *Crónica* não poderia deixar de o referir. “Aponta-o no seu repositório de factos notáveis e festivos”<sup>499</sup>.

Entretanto a Revolução de 5/12/1917 chefiada pelo Major Sidónio Pais triunfou, tendo caído o governo democrático e tendo sido deposto o Sr. Dr. Bernardino Machado<sup>500</sup>.

É ainda a *Ilustração Portuguesa* que abre o seu Salão para acolher a exposição dos quadros de José Campas. Uma crónica com o título “Exposição José Campas” aparece no Nº 619<sup>501</sup>. Escreve o cronista que José Campas era o “discípulo e aluno predileto “de Carlos Reis, tendo tido como mestres em Paris, Bonnat e Paul Laurens. Diz ainda: - “encanta-nos com maravilhosos efeitos de côr que com rara arte e apreciável técnica nos apresenta”.

Higino Mendonça e sua filha voltam a expor, mas desta vez no seu atelier. A SNBA recusou-lhe uma sala para o fazer. Na crónica do Nº 622<sup>502</sup>, com o título “Exposição de Pintura” o cronista dá a conhecer o desapontamento do artista pelo sucedido. O próprio cronista não entende o critério da Sociedade, pois este paisagista expõe “lindas paisagens e sobretudo soberbas maravilhas” e nem tudo o que é exposto na SNBA é superior ao que este artista produz. Não se entende as razões da recusa, pois a pintura de Higino Mendonça de paisagem, de marinhas, não se afastava da que era defendida pelos “guardiões” da SNBA, o naturalismo academizado, contra o qual os jovens pintores “os novos”, Eduardo Viana, Almada,

<sup>498</sup> Exposição de Leopoldo Battistini. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 614, Lisboa, 26/11/1917, p. 428

<sup>499</sup> PAIVA, Acácio de-Crónica: Exposição Battistini. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 615, Lisboa, 3/12/1917, p. 441

<sup>500</sup> A Revolução em Lisboa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 617, Lisboa, 17/12/1917, p. 481

<sup>501</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 619. Lisboa, 31/12/1917, p. 537

<sup>502</sup> Exposição de Pintura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 622, Lisboa, 21/1/1918, p. 57,58

Milly Possoz, Lino António, entre outros, vão reagir, embora “descurando uma refutação teoricamente fundamentada do naturalismo”<sup>503</sup>.

Gilberto Renda, “laureado e brilhante pintor” expôs no Salão da *Ilustração Portuguesa* com 57 “belíssimos quadros”. A crónica com o título “Sr. Gilberto Renda-Na *Ilustração Portuguesa*”. do Nº 623<sup>504</sup> indica que Gilberto Renda, além de quadros expôs maquetes de cenários para teatros, tão apreciados pelo seu mestre em Paris Mr. Bertin.

No Nº 624<sup>505</sup>, numa crónica com o título “Belas Artes” afirma-se que se realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes “uma das mais notáveis exposições que Lisboa tem admirado”. A data em que se realizou esta exposição faz-nos pensar tratar-se da exposição extraordinária referida na tese da Dra. Cristina Tavares<sup>506</sup> como Exposição de um grupo de artistas portugueses<sup>507</sup>. O crítico à exposição escreve que é “uma das mais notáveis exposições que Lisboa tem admirado”, onde estão presentes “os mestres portugueses de pintura e escultura contemporâneos”. Pela data vê-se que não se tratou do Salão Anual que se realizava em maio. Estiveram presentes Columbano, José Malhoa, Sousa Pinto, Roque Gameiro, João Vaz, Teixeira Lopes, Costa Mota, Constantino Fernandes, Alves Cardoso, Francisco dos Santos. Os três últimos mais jovens “já são consagrados”. Os outros, os Mestres.... “a própria crítica estrangeira os conta, a quasi todos no escolhido número das celebridades de hoje”. O cronista acompanha a opinião dos críticos estrangeiros. Eles são a garantia daquilo que escreve.

Entretanto a 9/4/1918 dá-se o desastre do Corpo Expedicionário Português na batalha de La Lys<sup>508</sup> e a 10/5/1918 é proclamado Presidente da República o Dr. Sidónio Pais<sup>509</sup>.

---

<sup>503</sup> ESQUIVEL, Patrícia- Op. cit., p. 42

<sup>504</sup> Sr. Gilberto Renda: Na *Ilustração Portuguesa*. In *Ilustração Portuguesa II Série*. Nº 623, Lisboa, 28/1/1918, p. 79

<sup>505</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa II Série*. Nº 624, Lisboa, 4/2/1918, p. 96

<sup>506</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 98

<sup>507</sup> “Verificou-se no entanto que muitas das vezes se sucediam as exposições anuais condensando as diferentes secções num esquema híbrido, e alterando os regulamentos em vigor, de acordo com as possibilidades e necessidades do momento, nomeadamente da vida artística e económica da Sociedade”- (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 66)

<sup>508</sup> *Ilustração Portuguesa II Série*. Nº 634, Lisboa, 15/4/1918, p. 281

<sup>509</sup> *Ilustração Portuguesa II Série*. Nº 638, Lisboa, 13/5/1918, p. 361



Uma exposição de Belas Artes, a Décima Quinta Exposição Anual da SNBA é motivo de uma crónica na Revista Nº 641<sup>510</sup> com o título “Exposição de Belas Artes”. O presidente Sidónio Pais inaugurou a exposição. O cronista refere que se trata da Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde estão expostas “obras de bela inspiração e de excelente execução” de José Campas, Azevedo e Silva, Francisco Romano Esteves, a escultora “talentosa” Julieta Ferrão, discípula do “distinto” Raul Xavier. É uma crítica incipiente, de acordo com os tempos que se viviam, com a chegada de notícias mais concretas sobre a tragédia que se abateu sobre o CEP. No Nº 643<sup>511</sup> em Figuras e Factos completa-se a informação dada sobre esta exposição juntando à lista de artistas indicados em cima os nomes dos escultores José Pereira e Carlos de Sousa Pinto. O Catálogo<sup>512</sup> desta exposição, a Décima Quinta da Sociedade Nacional de Belas Artes<sup>513</sup>, além de incluir o regulamento das Exposições anuais, igual ao que tinha sido publicado no catálogo de 1916 e 1917, indica a nova direção que este ano é composta pelo Presidente José Malhoa, pelo 1º Secretário Leitão de Barros, 2º Secretário Jorge Colaço, Tesoureiro Francisco Romano Esteves e pelos Vogais Raul Aboim, Benvindo Ceia, Martinho Gomes da Fonseca. O Júri de admissão e classificação é composto pelos seguintes efetivos: Presidente do jury José Malhoa, Dr. João Alves de Sá, José Isidoro Netto, José Alexandre Soares, Constantino Fernandes, Alberto Lacerda, António Augusto da Costa Mota, Francisco dos Santos, Tertuliano de Lacerda Marques, Rosendo Carvalheira e os suplentes Evaristo Alves Catalão, Maximiano Alves, Edmundo Tavares. Esta exposição teve só três secções, a de pintura a óleo, a de pastel e a de escultura.

Armando Basto que estudou em Paris fez uma exposição no Porto com telas feitas “com amor e uma sensibilidade raras”. Uma das frases feitas, semelhantes a outras que se foram repetindo em muitas das críticas que tivemos oportunidade de ler ao longo do espaço de tempo de (1914-1918). O cronista que escreve uma crónica com o título “Belas Artes” no Nº 653<sup>514</sup> utiliza uma terminologia, que ainda não tínhamos visto até aqui, para impressionar o leitor. Escreve que o artista traz “uma bagagem de processos artísticos cheios de riqueza e originalidade que embora

<sup>510</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435

<sup>511</sup> Figuras e Factos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 643, Lisboa, 17 /6/1918, p. 477

<sup>512</sup> Vol. II-Apêndice Iconográfico e Documental.

<sup>513</sup> Catálogo Sociedade Nacional de Belas Artes. Décima Quinta Exposição. 1918. Lisboa, 1918

<sup>514</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 653, Lisboa, 26/8/1918, p. 169

*épatant*, de começo a critica e os *dilletant* impuseram como um dos talentos mais bizarros e mais probos da geração nova”. No entanto, continuando a falar de Armando Basto, escreve que esta exposição representa uma transigência do artista com a arte “*pompier*” (académica) e foi um triunfo. Armando Basto foi um dos novos que esteve presente na Décima Primeira Exposição Anual de 1914, juntamente com Domingos Rebelo, Dordio Gomes, Eduardo Viana, Milly Possoz<sup>515</sup>.

Uma exposição de pintura, realizada no atelier de dois pintores António Piedade e Olhão Luiz da Figueira da Foz, diplomados pela Academia das Belas Artes, é assunto da crónica com o título “Exposição de Pintura” no Nº 657<sup>516</sup>. O cronista escreve que “a exposição conta com muitos trabalhos de valor”; com “paisagens regionais, em que o colorido assenta tonalizado em cambiantes de luz cheia”. A linguagem usada indicia que quem a usa é um homem de letras.

Entretanto às 5h da manhã do dia 11/11/1918 assinou-se o Armistício que punha fim à Guerra. Por toda a cidade de Lisboa, logo que se teve conhecimento “reboou” o grito: - “Acabou a guerra, acabou a guerra! “vibrante de entusiasmo, louco de alegria”.<sup>517</sup>

Estamos a chegar ao fim de 1918 que vai terminar tragicamente com o assassinato de Sidónio Pais a 14/12/1918 e a nomeação de novo Presidente da República o sr. Vice-almirante Canto e Castro.

Mas ainda antes destes acontecimentos, fez-se na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de quadros de “alguns dos nossos mais distintos artistas”, cada um oferecendo um quadro para ser leiloado, cuja receita se destinou à Comissão dos prisioneiros de Guerra. Ao leilão ainda assistiu o dr. Sidónio Pais.

---

<sup>515</sup> Esta acção seria marcante na alteração de expressões como *livres ou humoristas* para *os novos ou modernistas*- DIAS, Fernando Rosa-O Futuro dos Humoristas; O Humorismo enquanto Modernismo,p.32. Disponível em: [WWW<URL: <repositorio.ul.pt/bistream/10451/78352/Prof%20Fernando%20Rosa%20%Dias\\_DVD%2014.pdf>](http://WWW<URL: <repositorio.ul.pt/bistream/10451/78352/Prof%20Fernando%20Rosa%20%Dias_DVD%2014.pdf>) Acesso em: 8/8/2017.

<sup>516</sup>Exposição de pintura. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 657, Lisboa, 23/9/1918, p. 256

<sup>517</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 665, Lisboa, 18/11/1918, p. 401

Esta exposição foi assunto de uma crónica com o título “Belas Artes” no Nº 666<sup>518</sup>; no mesmo Nº da Revista o autor de uma crónica com o título “Exposição Alberto de Sousa”<sup>519</sup> escreve que o artista expôs no Museu do Carmo aguarelas, “trinta e dois quadros apreciabilíssimos”. Ainda no mesmo Nº em “Figuras e Factos” informa-se que Francisco Smith<sup>520</sup> expôs aguarelas e desenhos no Salão Bobone e que Domingos Alvão<sup>521</sup> foi galardoado com o diploma de grand-prix e respetiva medalha na grande exposição Panamá- Pacífico “a que concorreram artistas de todo o mundo”.

Entretanto, muitos prisioneiros portugueses já se encontravam em França à espera de serem repatriados para Portugal.

## **2.6 2.6 Capas da *Ilustração Portuguesa***<sup>522</sup>

No período de 1914-1918 são as reproduções de fotografias que constituem o maior número de capas, a maior parte a cores ou retocadas a côr em determinadas partes da fotografia. Por vezes só o céu, outras vezes só o chão ou só o rosto ou só partes do vestuário. Algumas capas são reproduções de desenhos, aguarelas, óleos, de artistas nacionais contemporâneos da revista. Estão reunidas no Vol. II-Apêndice Iconográfico e Documental. Classifiquei-as pelo tema relevante representado: Artistas, Guerra, Monarquia, Paisagismo e Costumes, Sociedade, indicando os fotógrafos ou os estabelecimentos fotográficos que as realizaram.

As capas onde estão impressas reproduções de obras de artistas plásticos, portugueses ou de outras nacionalidades, estão separadas das demais.

O anúncio que a revista *Ilustração Portuguesa* publica na sua página de anúncios para captar trabalhos de impressão na sua oficina de tipografia, para além da impressão da própria revista, revela que estava equipada com a maquinaria mais avançada do seu tempo e estava a par do processo mais recente que lhe permitia fazer reproduções a cores, o de tricromia.

Eis o anúncio:

<sup>518</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 425

<sup>519</sup> Exposição Alberto Sousa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 428

<sup>520</sup> Figuras e Factos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 432

<sup>521</sup> Figuras e Factos: Domingos Alvão. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 433

<sup>522</sup> Vol.II- Apêndice Iconográfico Documental

“Fazem-se nas Oficinas da *Ilustração Portuguesa*

Trabalhos de Zincogravura, Impressão, Fotogravura, Stereotipia, Composição. Stereotipia de toda a espécie de composição.

Composição e Impressão de revistas, ilustrações e jornaes diários da tarde ou da noite. Zincogravura, fotogravura em zinco simples de 1ª qualidade, cobreado ou niccklado. Em cobre. A côres, pelo mais recente processo-o de tricomia.

Para jornais, com tramas especiaes para este género de trabalho

Officinas da *Ilustração Portuguesa* Rua do Século 43”

### 2.6.1 Tema Artistas

Clichés de:

Abenlacar- Nº 430 de 18/5/1914, Nº 432 de 1/6/1914

Arnold Genthe, New York- Nº 597 de 30/7/1917

Bobone- Nº 417 de 16/2/1914, Nº 420 de 9/3/1914, Nº422 de 23/3/1914, Nº 427 de 2/4/1914, Nº 428 de 4/5/1914, Nº 429 de 11/5/1914, Nº437 de 6/7/1914, Nº 659 de 7/10/1918

Carlos Vasques-Nº 591 de 18/6/1917, Nº 595 de 16/7/1917, Nº 629 de 11/3/1918, Nº 637 de 6/5/1918

Davis & Sanford, New York- Nº 594 de 9/7/1917

Foto-Félix-Nº- 568 de 8/1/1917

Fotografia Brazil-Nº 414 de 26/1/1914, Nº 485 de 7/6/1915 Nº 558 de 30/10/1916, Nº 574 de 19/2/1917, Nº 609 de 22/10/1917

Fotografia Cunha, Lisboa- Nº 493 de 2/8/1915, Nº 549 de 28/8/1916

Fotógrafos não identificados- Nº 413 de 19/1/1914, Nº 436 de 28/6/1914, Nº 438 de 13/7/1914, Nº 441 de 3/8/1914, Nº 451 de 12/10/1914, Nº 457 de 23/11/1914, Nº470 de 22/2/1915, Nº 481 de 10/5/1915, Nº 487 de 21/6/1916, Nº 527 de 27/3/1916, Nº 532 de 1/5/1916, Nº 552 de 18/9/1916, Nº 555 de 9/10/1916, Nº 570 de 22/1/1917, Nº 607 de 8/10/1917, Nº 613 de 19/11/1917, Nº626 de 18/2/1918, Nº 630 de 18/3/1918, Nº 631 de 25/3/1918, Nº 640 de 27/5/1918, Nº 642 de 10/6/1918, Nº 646 de 8/7/1918, Nº 647 de 15/7/1918, Nº 656 de 16/9/1918, Nº 658 de 30/9/1918, Nº 669 de 16/12/1918;

Fotografia Londres-Nº 424 de 6/4/1914, Nº 600 de 20/8/1917

Photo Cecil- Nº 654 de 2/9/1918

Photo-Elétrica (Porto)- Nº 464 de 11/1/1915, Nº 521 de 14/2/1916,

Furtado & Reis- Nº 615 de 3/12/1917

Henri Manuel- Nº 539 de 19/6/1916, Nº 544 de 24/7/1916, Nº 545 de 31/7/1916, Nº 547 de 14/8/1916, Nº 556 de 16/10/1916, Nº 560 de 13/11/1916, Nº 563 de 4/12/1916, Nº 611 de 5/11/1917

J. Fernandes, de Lisboa- Nº 537 de 5/6/1916, Nº 649 de 29/7/1918

Lafayette, Lisboa-Nº 531 de 24 /4/1916

M. Branger- Nº 465 de 18/1/1915

Reutlinger- Nº 415 de 2/2/1914, Nº 434 de 15/6/1914, Nº 442 de 10/8/1914, Nº 508 de 15/11/1915, Nº 518 de 24/1/1916, Nº 528 de 3/4/1916, Nº 541 de 3/7/1916, Nº 571 de 29/1/1917, Nº 572 de 5/2/1917, Nº 587 de 21/5/1917, Nº 624 de 4/2/1918

Rita Martin- Nº 509 de 22/11/1915, Nº 665 de 18/11/1918

Rol Volsack-Nº 621 de 14/1/1918

Variseli & Ártico, Milão-Nº 522 de 21/2/1916

White, New York- Nº 606 de 1/10/1917

## 2.6.2 Tema Guerra

Clichés de:

A.Franco- Nº 671 de 30/12/1918

António Teixeira, amador de Braga- Nº 585 de 7/5/1917

Benoliel-Nº 456 de 16/11/1914, Nº 529 de 10/4/1916, Nº 530 de 17/4/1916, Nº 535 de 22/5/1916, Nº 540 de 26/6/1916, Nº 546 de 7/8/1916, Nº 548 de 21/8/ 1916, Nº 573 de 12/2/1917, Nº 575 de 26/2/1917; Nº 577 de 12/3/1917, Nº 578 de 19/3/ 1917, Nº 580 de 2/4/1917, Nº 581 de 9/4/1917, Nº 582 de 16/4/1917, Nº 583 de 23/4/1917, Nº 584 de 30 /4/ 1917, Nº 588 de 28/5/1917, Nº 590 de 11/6/1917, Nº 601 de 27/8/1917, Nº 608 de 15/10/1917, Nº 617 de 17/12/1917, Nº 628 de 4/3/1918

Bobone (Octávio)- Nº 670 de 23/12/1918

Charles Transpus-Nº 534 de 15/5/1916

Excelsior-Nº 517 de 17/1/1916

M. Branger-Nº 466 de 25/1/1915

Meurisse-Nº 576 de 5/3/1917

Reutlinger-Nº 480 de 3/5/1915

Salão-Arte- Nº 616 de 10/12/1917, Nº 623 de 28/1/1918

Secção fotográfica do C.E.P.-Nº 648 de 23/7/1918

Secção fotográfica do exército francês- Nº 554 de 2/10/ 1916

Secção fotográfica do exército inglês-Nº 603 de 10/9/1917, Nº 641 de 3/6/1918

Garcez- Nº 538 de 12/6/1916

Vasques-Nº 625 de 11/2/1918

Fotógrafo não identificado-Nº 499 de 13/9/1915, Nº 548 de 21/8/1916, Nº 586 de 14/5/1917, Nº 598 de 6/8/1917, Nº 602 de 3/9/1917, Nº 612 de 12/11/1917, Nº 620 de 7/1/1918

### **2.6.3 Tema Monarquia**

Clichés de:

Abenlacar- Nº 458 de 30/11/1914, Nº 486 de 14/6/1915

Chusseau Flavians- Nº 421 de 16/3/1914, Nº 425 de 13/4/1914, Nº 454 de 2/11/1914, Nº 482 de 17/5/1915, Nº 550 de 4/9/1916

Dalton Kaulak- Madrid-Nº 431 de 25/5/1914

Fotógrafo não identificado-Nº 468 de 8/2/1915, Nº 589 de 4/6/1917, Nº 619 de 31/12/1917

### **2.6.4 Tema Paisagismo e Costumes**

Clichés de:

Alvão- Nº 435 de 22/6/1914, Nº 449 de 28/9/1914, Nº 460 de 14/12/1914, Nº 592 de 25/6/1917, Nº 660 de 14/10/1918, Nº 667 de 2/12/1918

Alfredo Pinto (Sacavém)- Nº 652 de 19/8/1918

António de Brito- Nº 495 de 16/8/1915

António Teixeira, da Régua-Nº 559 de 6/11/1916, Nº 643 de 17/6/1918, Nº 668 de 9/12/1918

Bobone(Octávio)- Nº 610 de 29/10/1917

Tte Cor. Carolino Acácio Cordeiro- Nº 501 de 27/9/1915

Fotografia Dora-Arcos-Anadia- Nº 553 de 25/9/1916

Gabriel Tinoco, de Coimbra-Nº 511 de 6/12/1915

Garcez- Nº 525 de 13/3/1916

João Magalhães Junior, Marinha Grande- Nº 507 de 8/11/1915

J. Fernandes- Nºs- 633 de 8/4/1918, Nº 644 de 24/6/1918

Luís Osmundo Toulson (fotógrafo amador) - Nº 419 de 2/3/1914

Miguel Monteiro, (amador) do Peso da Régua- Nº 653 (ampliada e retocada por J. Fernandes) de 25/8/1918

Professor Humberto Beça, do Porto- Nº 663 de 4/11/1918

### **2.6.5 Tema Sociedade**

Aires (da Guarda) - Nº 596 de 23/7/1917,

Alfredo Kennedy Falcão- Nº 642 de 10/6/1918

Alfredo Pinto (Sacavém)- Nº 666 de 25/11/1918

Alvão- Nº 452 de 19/10/1914, Nº 453 de 26/10/1914, Nº455 de 9/11/1914, Nº 459 de 7/12/1914, Nº 664 de 11/11/1918

Álvaro Martins-Nº 463 de 4/1/1915, Nº 651 de 12/8/1918

António Mota (fotógrafo amador) -Nº 519 de 31/1/1916,

Benoliel- Nº 536 de 29/5/1916, Nº 579 de 26/3/1917, Nº 618 de 24/12/1917, Nº 645 de 1/7/1918, Nº 662 de 23/10/1918,

Bobone (Octávio)- Nº 490 de 12/7/1915, Nº542 de 10/7/1916, Nº 593 de 2/7/1917, Nº 605 de 24/9/1917, Nº 627 de 25/2/1918, Nº 632 de 1/4/1918, Nº 661 de 21/10/1918

Carlos Vasques, Lisboa- Nº 500 de 21/9/1915, Nº 636 de 29/4/1918, Nº 638 de 13/5/1918

Chusseau Flaviens-Nº 412 de 12/1/1914

Dhurmer-Nº 551 de 11/9/1916

Foto-Félix- Nº 416 de 9/2/1914, Nº 533 de 8/5/1916,

Fotografia Brazil, Lisboa- Nº 447 de 14/9/1914, Nº 448 de 21/9/1914, Nº 564 de 11/12/1916, Nº 622 de 21/1/1918

Fotografia Bulhão, Porto- Nº 650 de 5/8/1918

Fotografia J. Fernandes, Lisboa- Nº 479 de 26/4/1915

Fotografia J. Monteiro, Porto-Nº 503 de 11/10/1915

Fotógrafos não identificados- Nºs 411 de 5/1/1914, Nº 412 de 12/1/1914, Nº 440 de 27/7/1914, Nº 478 de 19/4/1915, Nº 599 de 13/8/1917, Nº 619 de 31/12/1917, Nº 657 de 23/9/1918

Gershel- Nº 604 de 17/9/1917

José Bárcia-Nº561 de 20/11/1916

Henri Manuel- Nº544 de 24/7/1916

Lazarus- Nº 634 de 15/4/1918

Pereira Monteiro, da Figueira da Foz- Nº 491 de 19/7/1915, Nº 639 de 20/5/1918

Reutlinger- Nºs 433 de 8/6/1914, Nº 439 de 20/7/1914, Nº443 de 17/8/1914, Nº444 de 24/8/1914, Nº445 de 31/8/1914, Nº 474 de 22/3/1915

Ritard & Cie, Lisboa- Nº 505 de 25/10/1915

Taponier- Nº 655 de 9/9/1918

## 2.6.6 Capas com reproduções de desenhos, aguarelas, óleos de artistas plásticos

ARTISTAS	Nº da Revista	Data	Observações
Alves Cardoso	569	15/1/1917	Retrato
Correia Dias	423	30/3/1914	
E. Rousselet	472	8/3/1915	



Ferreira da Costa	477	12/4/1915	
	488	28/6/1915	
	489	5/7/1915	
	496	23/8/1915	
	502	4/10/1915	
	504	18/10/1915	
	512	13/12/1915	
	520	7/2/1916	
	523	28/2/1916	
	526	20/3/1916	
	543	17/7/1916	
	557	23/10/1916	
	562	27/11/1916	
	565	18/12/1916	
	566	25/12/1916	
Hippolite Collomb	469	15/2/1915	Desenho
	567	1/1/1917	Desenho
	635	22/4/1918	Cartaz
José Campas	516	10/1/1916	
Leopoldo Battistini	614	26/11/1917	Retrato-Cliché Benoliel
Roque Gameiro	426	20/4/1914	Aquarela
Stuart de Carvalhaes	418	23/2/1914	
	450	5/10/1914	
	461	21/12/1914	
	462	28/12/1914	
	494	9/8/1915	
	506	1/11/1915	
	513	20/12/1915	
	514	27/12/1915	
	524	6/3/1916	
Michel Besutte	446	7/9/1914	Cliché Abenlacar
Kaphael Kirchmer	475	29/3/1915	Cliché Abenlacar
Não identificados	471	1/3/1915	The Illustrated London News The Sphere The Sphere
	473	15/3/1915	
	476	5/4/15	
	483	24/5/1915	
	484	31/5/1915	The Illustrated London News
	492	26/7/1915	
	510	29/11/1915	

Analisando as capas no período considerado de 1914 a 1918, pelos temas e pelos fotógrafos ou casas fotográficas indicadas, verificamos que a Reutlinger foi a casa fotográfica mais assídua no tema Artistas com 12 capas, seguida da Bobone e Henri

Manuel com oito cada, a Benoliel no da Guerra com 23 capas, a Chusseau Flaviens no da Monarquia com 5 capas, Alvão no do Paisagismo com seis capas, Reutlinger e Bobonne, com sete cada no tema Sociedade. Nas capas com gravuras de obras de artistas, Ferreira da Costa e Stuart de Carvalhaes, colaboradores assíduos da revista, estão à frente destacados, o primeiro com 15 capas e o segundo com nove capas. A representação do tema Monarquia diminui ao longo do período 1914-1918. Cinco capas no ano de 1914, duas em 1915, uma em 1916 e 1917 e nenhuma em 1918

## **2.7 Obras dos artistas plásticos reproduzidas na *Ilustração Portuguesa***

A maior parte dos artistas portugueses estiveram em França como bolseiros, após terem terminado os estudos em Portugal. Embora tivessem contactado com impressionistas, fauves, futuristas, expressionistas e artistas de outras correntes não foram fiéis a nenhuma. Foram influenciados por todos aproveitando de cada um o que pensavam ser o melhor, o modo de pintar, “as cores, e liberdades”<sup>523</sup>. É isso que se verifica nas obras dos artistas referenciados na *Ilustração Portuguesa*.

A maior parte dos temas escolhidos eram de paisagem, rural ou urbana, marítima e fluvial.

Nas composições das paisagens rurais representa-se com muita frequência o moinho, a azenha, rios com pequenas cascatas e margens arborizadas, vales com rios e barcos

---

<sup>523</sup>

encostados ou não às margens, casario a bordejar ruas e caminhos, com arvoredos, colinas verdejantes com casario, paisagens fluviais com rios com açudes ou não e margens arborizadas. Uma grande parte das paisagens eram pintadas ao entardecer. As paisagens marítimas são a maior parte das vezes representadas ao pôr do sol com a luz do sol a refletir-se nas águas. As paisagens urbanas limitaram-se às vistas pitorescas das cidades de Lisboa, Porto, Coimbra...

A pintura de género e de costumes foi a seguir à paisagem a que mais se produziu, passando a paisagem a servir de cenário ao que se pretendia representar.

A pintura de história, a mitológica, continuou a produzir-se, como reminiscência do romantismo, assim como a pintura simbólica, alguma lembrando a dos pré-raphaelitas. A pintura religiosa também teve expressão e foi praticada pelos melhores vultos da pintura portuguesa.

Muitos se dedicaram à pintura de monumentos, utilizando a técnica da aguarela sobretudo, mas também o óleo. E fizeram-no percorrendo todo o País de norte a sul, leste a oeste.

Outro tema muito representado foi a natureza-morta, um tipo de pintura que tinha uma grande tradição entre nós. É um tema que muitos artistas, homens e mulheres praticaram, normalmente associada à pintura de flores.

A pintura do nu, na maior parte das vezes num enquadramento alegórico e simbolista, foi outro dos temas que se apresentaram com alguma frequência nos salões.

A pintura de retrato de busto, de meio-corpo, corpo inteiro, de personagens masculinas ou femininas da sociedade burguesa em poses convencionais foi praticada por muitos artistas. Uma grande parte deles são menos interessantes do que os retratos de gente do povo com as suas expressões naturais. Próximas do retrato eram as figuras representadas na pintura de género colocadas na paisagem ou no lugar, como são a varina, a minhota, o pescador, o mestre, o camponês do Norte, o feirante, o saloio, o campino, o caldeireiro, o matilheiro, o mordomo das festas, os mendigos, as velhas, os velhos.

As fotografuras dos quadros seleccionadas pelos autores dos textos que constam nas páginas da *Ilustração Portuguesa* farão parte da “iconografia” de cada pintor que

apresentarei no II Volume. Elas provarão o que se acabou de dizer sobre a temática dominante apresentada nas exposições deste período. Mas isto não quer dizer que não tenham aparecido pintores com uma compreensão moderna da pintura, como já vimos. Inclusive expuseram nos Salões da SNBA ao lado dos defensores dum naturalismo do tipo de Silva Porto e Marques de Oliveira. Mais tarde, a participação de alguns foi recusada e só voltaram a expor quando a Questão dos Novos, que apareceu em setembro de 1921, foi solucionada. É o caso de Eduardo Viana recusado na SNBA em 1921, Milly Possoz recusado em 1922. Não foi o caso de Emmérico Nunes, Abel Manta, Dordio Gomes, que apesar de não alinharem com a tendência dominante da Direção da SNBA conseguiam aí expor, assim como os escultores Francisco Franco, Diogo de Macedo. Mas mesmo os que foram recusados mais tarde expuseram no período de 1914-1918 na SNBA.

### Folheemos as revistas...

**Columbano** (1857-1929) está representado por dois retratos, *uma cabeça de mulher* (aguarela)<sup>524</sup> (fig. 82), *retrato da senhora D.M. J*<sup>525</sup>, (fig.83), uma *natureza-morta* e *A chávena de chá*<sup>526</sup>(fig. 84) poderemos classificar ambos os retratos de psicológicos. No segundo, a senhora D.M.J. está sentada transversalmente numa *longue-chaise* em atitude de reflexão, com o braço esquerdo apoiado à cabeceira e a mão a “segurar” o rosto. A mão direita está sobre o regaço fazendo pressão sobre um tecido volumoso que se desdobra para o chão. “Columbano foi o retratista da alma, pondo a nu o drama de cada um e, no conjunto da sua galeria de retratos, o drama de uma geração gloriosa e simultaneamente derrotada”<sup>527</sup>

**Roque Gameiro** (1864-1935), está representado por uma pintura urbana pitoresca, uma aguarela representando o *Largo do Chafariz de Dentro (Alfama)*<sup>528</sup>(fig. 264), hoje um documento dos costumes da época. Vemos vários figurantes com diferentes trajes, de acordo com sua posição social; as personagens do primeiro plano são quase retratos a corpo inteiro. *Barca de passagem no Vau*<sup>529</sup> (fig. 265) é uma aguarela naturalista em que o tema é uma marinha povoada por gente que

<sup>524</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 412, Lisboa, 12/1/1914, p.84

<sup>525</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº431, Lisboa, 25/5/1914, p. 663

<sup>526</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 624, Lisboa, 4/2/1918. p. 96

<sup>527</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-História de Arte em Portugal. Lisboa: Edições Alfa, 1986. Vol.11, p. 94

<sup>528</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 412, Lisboa, 12/1/1914, p. 84

<sup>529</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

atravessa o rio dentro de uma barca. Também está representado pelas aguarelas *O terror miguelista: Os caceteiros*<sup>530</sup> (fig.266), por *Uma marinha* (Ericeira)<sup>531</sup> (fig. 267), presente no M.A.C., *À volta do mercado*<sup>532</sup>(fig. 270), *Uma aguarela* (sem título)<sup>533</sup> (fig. 269). Foi discípulo de Enrique Casanova, de Niepper e da Escola de Artes e Ofícios de Leipzig que frequentou em 1893 como bolseiro do estado<sup>534</sup>. Foi no estrangeiro que adquiriu a técnica que o distingue e “na aguarela é reconhecido como o melhor representante do naturalismo português, no que ele teve de pitoresco, folclórico e nacionalista”<sup>535</sup>. “O que, neste domínio, havia antes dele quase não conta: o que de bom se fez depois dele muito deve ao seu mestrado”<sup>536</sup>. Além de paisagista rural, Roque Gameiro foi um “sensível marinista” “sabedor de efeitos de transparências aquáticas e de variedades cromáticas”<sup>537</sup>, tendo praticado também o retrato, o tema da história, e a ilustração.

**Casanova** (1850-1913) está representado por uma aguarela cujo título é *Meditando*<sup>538</sup>(fig. 336). Trata-se dum retrato de mulher a corpo inteiro, sentada perpendicularmente à cadeira de uma maneira reclinada, com o braço esquerdo apoiado ao longo das costas da cadeira pela parte de fora com a mão pendente, o braço direito apoiado numa mesa coberta por uma toalha estampada até aos pés, sobre a qual o pintor pinta uma natureza morta. Por cima um medalhão representando uma cena de interior com um garoto brincando com animais domésticos, poderá eventualmente representar o que está a pensar. Uma cortina não inteiramente cerrada, com reminiscências clássicas por trás da cena, coloca a personagem em evidência. Uma composição clássica que observamos em retratos do passado com personagens de pé ou sentadas encostadas a mesas ou a colunas tendo por trás uma cortina como se estivessem à boca da cena.

<sup>530</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 519, Lisboa, 31/1/1916, p. 144

<sup>531</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 2

<sup>532</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 624, Lisboa, 4/2/1918, p. 96

<sup>533</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 84

<sup>534</sup> PAMPLONA, Fernando- Dicionário de Pintores e Escultores portugueses, 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol.III, p.10

<sup>535</sup> CARVALHO, Manuel Rio- História de Arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa S. A., 1986. Vol. 11, p.113

<sup>536</sup> PAMPLONA, Fernando-Dicionário de Pintores e Escultores portugueses, 2ª edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. III, p. 10

<sup>537</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa S. A., 1986. Vol. 11, p. 113

<sup>538</sup> Exposição de aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 84-88

**Ribeiro Cristino** (1858-1948) está representado por *Ruínas da capela da Rocha no Castelo de Leiria*<sup>539</sup>(fig. 375). Foi discípulo de seu pai João Cristino da Silva, de Anunciação, de Lupi. Fez parte do Grupo do Leão, tendo sido o mais jovem do grupo.

**José de Brito** (1885-1948), está representado por “*Um caminho*”<sup>540</sup>(fig.346).

**António Carneiro (1872-1930)** está representado através de vários retratos de crianças de adolescentes, de mulheres, de homens de idade mais ou menos avançada, (expostos em Lisboa pelos fins de 1911 (fig.17,18,19,20)<sup>541</sup>. “Nasceu poeta e foi pintor”<sup>542</sup>.

“Sem fugir a reprodução da imagem real, que lhe era exigida pelo meio e pela encomenda, aos quais não podia furtar-se (tinha uma família a sustentar...), conseguiu ser absolutamente original, nunca se negando a si próprio no seu plano ideal. A realidade foi servida por uma poetização, transcendência e expressividade que a própria técnica da sanguínea, mormente utilizada, ajudou a construir.”<sup>543</sup>

Na crónica refere-se também àquela que o crítico acha ser “a mais excelsa das suas obras-de todas quantas o nobre artista até hoje realizou” ...” a sua enorme visão de Cristo, expressa n’uma cabeça de assombroso vigor e iluminação”<sup>544</sup>. Os temas religiosos calhavam bem a uma personalidade como a de António Carneiro que “se formara num meio quase conventual e que aceitara o seu destino com humildade, sublimando os seus sentimentos através da dor dos amargos dias da sua infância e adolescência<sup>545</sup>”. Se o crítico se refere a *Ecce Homo*, executado em 1901, trata-se de “uma composição entre a alegoria e o retrato- o autorretrato que, mostrando a face dolorida de uma criatura de Deus, exprime a dor de uma humanidade inteira”<sup>546</sup>. Uma composição simbolista pessimista. Fora deste âmbito, mas a

<sup>539</sup> Exposição de aquarelas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº413, Lisboa, 19/1/1914, p. 85

<sup>540</sup> Exposição de aquarelas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 413, Lisboa, 18/1/1914, p.87

<sup>541</sup> Os últimos desenhos de Antonio Carneiro. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 414, Lisboa, 26/1/1914, p. 102,103

<sup>542</sup> MACEDO, Diogo *apud* MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- *História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século*. Lisboa: Publicações Alfa S.A., 1986. Vol.11, p. 117

<sup>543</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- *História da Arte em Portugal, do Romantismo ao Fim do Século*, Vol.11. Publicações Alfa S. A., 1986, p. 120

<sup>544</sup> “Os últimos desenhos de António Carneiro”-*Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 414, Lisboa, 26/1/1914, pp. 102, 103

<sup>545</sup> O pai ausentou-se para o Brasil, era ele ainda de tenra idade. Aos sete anos morreu-lhe a mãe. Cresceu num asilo e às custas da Misericórdia de quem dependia o asilo, frequentou a Escola de Belas Artes. (MATIAS, Maria Margarida L.G. Marques- *História de Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa S.A., 1986. Vol.11, p. 118)

<sup>546</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- *História de Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa S. A., 1986. Vol. 11, p. 118

propósito também de António Carneiro, registámos a sua presença numa foto no dia da inauguração de uma exposição que realizou no Rio de Janeiro com a presença do Presidente da República do Brasil<sup>547</sup>.

**Marques Abreu** (1879-1958) é um fotógrafo cuja exposição no Salão Nobre do Ateneu Comercial é documentada por duas fotografias de igrejas românicas, a da *Egreja de Serzedelo* em Guimarães (fig. 360), e a *Egreja de Bravães* em Ponte da Barca<sup>548</sup>. O cronista que avaliou a exposição escreve que Marques de Abreu apresentou “alguns dos mais soberbos trabalhos que entre nós se tem feito em fotografia artística e que aos nossos pintores poderão servir sem dúvida de modelos inimitáveis” Marques de Abreu além de fotógrafo foi gravador, pioneiro entre nós da técnica da zincogravura.

**Diogo de Macedo** (1889-1959) expôs no Porto. O cronista selecionou entre as obras expostas as fotogravuras de um *Retrato de Ariosto Silva*, um busto de *Beethoven*, um busto com o título *Alma doente*, (fig.113) uma placa de gesso representando *O arrasto da rede* (fig. 115) e um grupo escultórico *Emigrantes* realista, naturalista<sup>549</sup> (fig.114).

Apesar de ter chegado a Paris numa altura em que ainda a figura de Rodin dominava, já outros movimentos mais modernos se faziam sentir. Diogo de Macedo poderia ter-se deixado influenciar por eles e procurado o seu próprio caminho, mas...

“...frente a uma renovação plástica e estética que, por capacidade de inteligência e de sensibilidade receptiva, o sugestionava tanto como o atraía. Mas a sua índole natural, o seu temperamento comedido, escapava-se a qualquer ousadia de realização rasgadamente inovadora”.<sup>550</sup>

As obras apresentadas nesta primeira exposição após ter ido para Paris em 1911 e para onde regressou em 1920 fazem parte da 1ª fase do seu percurso artístico, das duas que Maria Gabriela Gomes de Oliveira<sup>551</sup> distinguiu, a de 1911 a 1920 e a de 1920 a 1941. Na 1ª fase os temas eram inspirados em temas literários em

<sup>547</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 449, Lisboa, 28/ 9/ 1914, p. 413

<sup>548</sup> Exposição de fotografias no Porto. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 416, Lisboa, 9/2/1914, p. 182

<sup>549</sup> Uma exposição de arte no Porto. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 417, Lisboa, 16/2/1914, p. 220

<sup>550</sup> OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de- Diogo de Macedo: Subsídios para uma Biografia Crítica. Coimbra: Faculdade de Letras, 1970. Dissertação de Licenciatura, p. 174.

<sup>551</sup> OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de- Diogo de Macedo: Subsídios para uma Biografia Crítica, Coimbra: Faculdade de Letras, 1970. Dissertação de Licenciatura.

enquadramentos românticos, o caso do *busto de Beethoven*, e românticos e simbolistas como acontece com o busto *Alma doente* e por vezes expressionistas.

O cronista refere-se ainda à “grandeza interrogativa e amarga do seu busto de Camilo”<sup>552</sup>, *Camilo Castelo Branco*<sup>553</sup>(fig. 117) “(...) arranquei-o a algumas páginas do escritor a meia dúzia de retratos seus e às reminiscências de uma tia que tive, que fora da intimidade de Ana Plácida”<sup>554</sup>, e ao gesso *Niña de Velazquez*

O busto *Niña de Velazquez*, “de envolvente e inextinguível graça”<sup>555</sup> foi feito a partir do modelo, filha do dono do café frequentado pelos artistas da Cité Falguière. *Cânticos místicos na penumbra*<sup>556</sup>(fig. 120), *Noite do Calvário* (fig. 116)<sup>557</sup>, *Perfil de Mistério*<sup>558</sup>(fig. 118), a *maquette* do *Monumento a Camões* (fig. 119), que obteve o 2º prémio do concurso, completam a representação do escultor.

**Joaquim Lopes** (1886-1956) (Joaquim de Sousa) está representado por três retratos, o *Retrato do sr. dr. M. de Castro*<sup>559</sup>, (fig.187), no seu consultório sentado, numa pose não convencional, como se dum instantâneo se tratasse. Dois retratos de garotas, um de perfil, de corpo inteiro, sentada de lado numa cadeira num jardim com o título *No jardim*<sup>560</sup>, (fig. 188), e um busto de outra em posição frontal com cabeça ligeiramente inclinada, *Clementina*<sup>561</sup>, (fig.190), ambos em pose formal. O terceiro quadro, *Regando as flores*<sup>562</sup>, (fig.189), é um quadro de género pitoresco onde o uma garota representada em corpo inteiro é representado a regar uma planta no interior de uma cerca ajardinada. O autor refere ainda quadros do artista que se inserem no tema de paisagem cujos títulos nos induzem para o que já dissemos sobre as composições que se iam repetindo: - *Crepúsculo*, *Entardecer no Douro*,

<sup>552</sup>Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 417, Lisboa 16/2/ 1914, p. 220,221

<sup>553</sup>Exposição de escultura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 568, Lisboa, 8/1/ 1917, p. 28

Exposição de escultura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 568, Lisboa, 8/1/1917, p. 28

<sup>554</sup> MACEDO, Diogo de *apud* SILVA, Patrícia Amorim Cravo da-Diogo de Macedo: Do “14, Cité Falguière” a Os Românticos portugueses (1930-1959): Temas e Problemas nas Reflexões sobre Arte. 2º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa. Porto: Faculdade de Belas-Artes, 2013.Vol. I. Nota 63, p. 24

<sup>555</sup> Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 417, Lisboa, 16/2/1914, p. 221

<sup>556</sup> Exposição de escultura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 568, Lisboa 8/1/1917, p.28

<sup>557</sup> Exposição de escultura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 568, Lisboa, 8/1/1917, p. 28

<sup>558</sup> Exposição de escultura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 568. Lisboa 8/1/1917, p. 28

<sup>559</sup> Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 417, Lisboa 16/2/1917, p.221

<sup>560</sup> Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 417, Lisboa 16/2/1914, p. 221

<sup>561</sup> Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série Nº 417, Lisboa, 16/2/1914, p. 221

<sup>562</sup> Uma exposição de arte no Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série Nº 417, Lisboa, 16/2/1914, p.221



*Praia do Sr. d'Além, Amanhecer. Amanhecer (Gerez)*<sup>563</sup>, é a pintura dum recanto, à luz suave da manhã, onde um curso de água ziguezagueia pelas margens plenas de vegetação e árvores frondosas. Foi discípulo de Marques de Oliveira e teve como professor José Brito. “Ficou no meio de duas gerações, a dos naturalistas e a dos modernistas, executando telas de muita qualidade e revelando uma expressividade muito diferente de qualquer outro pintor da sua geração” Está representado no Museu Soares dos Reis. “Nas paisagens que executou distingue-se a expressividade e o luminismo impressionista, ligados a uma especial sensibilidade para as nuances da paisagem”<sup>564</sup>.

**Correia Dias** (1829-1935) é referido com quatro fotogravuras de trabalhos em barro, *Empavonada, Chic, um Corpo d'anfora, No casino*; cinco caricaturas, a do *Dr. Teixeira de Carvalho*, a do ator *Augusto Rosa*, a do poeta *Afonso Duarte*, a do poeta brasileiro *Álvaro Moreira*, e a de *Mimi Aguglie*; seis ilustrações, *Emigrantes*, dois costumes coimbrões, *No Choupal e Uma Troupe e Com a legenda à vontade..., Evocação, Meditando*<sup>565</sup> (fig. 97-111). Correia Dias era juntamente com Cristiano Cruz, o mais apreciado dos jovens caricaturista. “Dedicou-se às artes decorativas, concebendo vitrais, móveis, tapetes, cerâmicas e cartazes”. “Foi um dos artistas que com os seus desenhos seguiu mais de perto a evolução da vida política portuguesa nos primeiros anos da República”<sup>566</sup>. Foi colaborador de *A Rajada, A Águia* e a *Ilustração Portuguesa*. Foi casado com a poetisa brasileira Cecília Meireles.

**José Campas** (1886-1971) é apresentado com as fotogravuras dos quadros *Apanhando Grilos*<sup>567</sup>, (fig. 191), *A quinta da China*,<sup>568</sup>(fig. 192), *Mulher do Campo*<sup>569</sup>, (fig.203), *Uma rua na Carvoreira*,<sup>570</sup>(fig.202), *Casa portuguesa-Fundão*<sup>571</sup>(fig. 205), *Estrada de Angeja*<sup>572</sup>(fig. 245 ), *O palácio Burnay-*

<sup>563</sup> Arte nacional; A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 568

<sup>564</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal, 1986, op. cit. Vol. 11, pp. 126, 131

<sup>565</sup> Exposição de caricaturas no “Salão da Ilustração Portuguesa”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 419, Lisboa, 2/3/1914, p. 285

Exposição de caricaturas no “Salão da Ilustração Portuguesa”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 420, Lisboa, 9/3/1914, p. 297-299

<sup>566</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- Op.cit., p. 64

<sup>567</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº422, Lisboa, 23/3/1914, p. 383

<sup>568</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº422, Lisboa, 23/3/1914, p. 383

<sup>569</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 518, Lisboa, 24/1/1916, p. 101

<sup>570</sup> Exposição José Campas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 518, Lisboa, 24/1/1916, p.101

<sup>571</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa*, II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

*Junqueira*<sup>573</sup>(fig. 206), *A mais bela do rancho (Constância)*<sup>574</sup>(fig.207), *Conversando...Constancia*<sup>575</sup>(fig. 208), *Atravessando o Vouga*,<sup>576</sup>(fig. 209) *Preparativo para a Aleluia-Constancia*<sup>577</sup> (fig.210), *À volta da venda*<sup>578</sup> (fig. 193), *Perspectiva do Tejo (Constancia)*<sup>579</sup> (fig. 194), *Nostalgia* <sup>580</sup>(fig. 195), *Bois teimosos*<sup>581</sup> (fig. 197), *Coplas*<sup>582</sup> (fig. 196), *Na eira*<sup>583</sup> (fig. 199), *Trovoada no Zezere*<sup>584</sup> (fig. 198), *Cigana* <sup>585</sup>(fig. 201), *Filho adoptivo*<sup>586</sup> (fig. 200)

Foi discípulo de Carlos Reis, pertenceu ao grupo da Sociedade Silva Porto e em 1910 integrou o Grupo Ar-Livre.

*Apanhando grilos* é um tema pitoresco de um garoto estendido de frente tentando tirar um grilo do seu ninho por meio de uma palhinha. *A quinta da China* (fig.192) é uma paisagem fluvial com margens com casario e vegetação, onde repousam barcos no leito do rio, uma vista tirada de um caminho arborizado que rodeia a quinta da China situada num local elevado relativamente ao rio. *Mulher do campo* (fig.203) é um retrato naturalista a meio corpo de uma figura popular tendo como fundo um campo cultivado com plantas mais altas do que a retratada. *Uma rua na Carvoreira* (fig.202) é um quadro pitoresco do mundo rural povoado por algumas personagens, uma delas ao fundo trazendo um cântaro à cabeça, uma outra sentada nos degraus da casa e uma outra ainda também sentada à porta de sua casa. Ambas devem estar a fazer qualquer trabalho. Pertencem ao tipo de temas que José Campas, cultor da pintura de género, pintava: - a paisagem e o registo de figuras populares. Trabalhou também o tema do retrato, o retrato em pose convencional, a pintura de monumentos<sup>587</sup> e a pintura mitológica/simbólica<sup>588</sup>. Expôs com o G.A.P.

---

<sup>572</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 619, Lisboa, 31/12/1917, p. 537

<sup>573</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 619, Lisboa, 31/12/1917, p. 537

<sup>574</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 619, Lisboa, 31/12/1917, p. 537

<sup>575</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 619, Lisboa, 31/12/1916., p. 537

<sup>576</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 619. Lisboa, 31/12/ 1917, p. 537

<sup>577</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435

<sup>578</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 411

<sup>579</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 411

<sup>580</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30 /3/1914, p. 411

<sup>581</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 412

<sup>582</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 412

<sup>583</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 412

<sup>584</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/ 1914,p. 412

<sup>585</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30 /3/1914, p. 412

<sup>586</sup> Exposição José Campas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 423, Lisboa, 30/3/1914, p. 412

<sup>587</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 89,94

<sup>588</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 365

pela 1ª vez em 1953, na 12ª exposição do grupo<sup>589</sup>. Esteve presente em 53 dos Salões da SNBA entre 1909 e 1945<sup>590</sup>. Obteve a 3ª medalha em 1915, a 2ª medalha em 1925, a 1ª medalha em 1945, todas em pintura na SNBA.<sup>591</sup>

**Leopoldo Battistini** (1865-1936), é apresentado com quatro fotogravuras dos seus quadros, *Acariciando o Bebê*<sup>592</sup>, (fig. 68), *Hipnotismo*<sup>593</sup>, (fig. 69), *Murmuração*<sup>594</sup>, (fig.71), *Retrato a pastel*,<sup>595</sup> *Colecionador*<sup>596</sup>(fig.73), *Interior do moinho da Freira (Ribatejo)*<sup>597</sup>(fig.74), *Silêncio*<sup>598</sup>(fig. 75), *Santeiros*<sup>599</sup>(fig. 76). Nos dois primeiros quadros representa a mulher elegante, burguesa, doce, terna, no lar, no salão; no terceiro representa a mulher espanhola, elegante, salerosa, escutando algo que um admirador lhe segreda ao ouvido; no quarto está representado um retrato naturalista a pastel de uma mulher jovem com o rosto apoiado na mão esquerda, em posição frontal, atenta ao que está a acontecer. São retratos de personagens bonitas em cenas no interior do lar ou na rua ou no estúdio que Battistini pintava a óleo ou a pastel, que o público apreciava. Foi 2ª medalha em pintura na SNBA. Dedicou-se em Portugal sobretudo à cerâmica.

**Alfredo Miguéis** (1883-1943) é representado com os quadros *Longe...*<sup>600</sup>, (fig.11), *A taça de leite*<sup>601</sup>, (fig.12), *Recolhimento*<sup>602</sup> (fig.13). *Longe* é uma grande tela. A personagem principal é o personagem não representado, o ausente, que está corporizado numa carta estendida sobre uma mesa, coberta parcialmente por uma toalha, e sobre a qual estão pousados um pedaço de pão, duas maçãs, e um limão. Nessa carta terá descrito a dor que sente por não estar perto delas, sofrimento que se espelha no rosto das três mulheres de maneira diferente que comungam o mesmo estado de alma do ausente. Duas mulheres, a mãe e a irmã estão de luto. Entre as

<sup>589</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 448

<sup>590</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 104

<sup>591</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 108

<sup>592</sup> A exposição Battistini no Salão da “Ilustração Portuguesa”. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 424, Lisboa, 6/4/1914, p. 441-443

<sup>593</sup> A exposição Battistini no Salão da “Ilustração Portuguesa”. Op. cit., p. 441-443

<sup>594</sup> A exposição Battistini no Salão da Ilustração Portuguesa . Op. cit., p. 441-443

<sup>595</sup> A exposição Battistini no Salão da “Ilustração Portuguesa”. Op.cit., p. 441-443

<sup>596</sup> Exposição de Leopoldo Battistini. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 614, Lisboa, 26/11/1917, p. 428

<sup>597</sup> Exposição de Leopoldo Battistini. Op. cit., p.428

<sup>598</sup> Exposição de Leopoldo Battistini. Op. cit., p. 428

<sup>599</sup> Exposição de Leopoldo Battistini. Op. cit., p. 428

<sup>600</sup> Um quadro de Alfredo Miguéis. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, p. 458

<sup>601</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>602</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917

duas uma mulher, que terá dado de mamar há pouco tempo, tem o bebé deitado no seu colo. É a mulher do que está longe. A tristeza serena da mãe que carrega a cruz de uma vida de trabalho é diferente da irmã que recebe a notícia com um certo espanto, e é diferente da esposa que tem no rosto a imagem do desamparo, da impotência perante o destino. São quatro retratos, numa cena de interior, contendo uma natureza morta sobre a mesa. A taça de leite é um retrato a três quartos de uma mulher a segurar uma taça de leite. Alfredo Miguéis, “esteve em Paris em 1913-1914 e expôs no “Salon des Artistes Français”. Era colorista delicado e possuía agudo sentido da luz. Nas suas paisagens há esparsa poesia”<sup>603</sup>.

**Ruy Bastos** (Rui Cordeiro Bastos, Rui C. Ferreira Bastos), escultor, está representado com uma escultura *Les chiffonniers*<sup>604</sup>, (fig.271), apresentado no Salon de Paris, no “Salon des Artistes Français” em 1914. Foi discípulo de Landowsky e Injalbert. Expôs também na SNBA EM 1921.<sup>605</sup> Executou também *O busto de Camilo Castelo Branco*<sup>606</sup> (fig.273), no fim da vida deste. Referindo-se ao busto de Camilo Castelo Branco escreve que Ruy Bastos “esculpiu com uma felicidade admirável” e que produziu “um trabalho primoroso”. O tipo de comentário a que estamos habituados. É dele também *O busto de Bordalo Pinheiro*<sup>607</sup> (fig. 272)

**Amarelhe** (1892-1947) está representado por dezoito caricaturas, a do Sr. Arnaldo Braga, a do Sr. Chaim Junior, a do Sr. José da Silva Ribeiro, a do Sr. António da Silva Cunha, a do Sr. Mário Rios, a do Sr. Lino Filho, a do Sr. Freitas Brito (fig.30),<sup>608</sup> as do Sr. José Maria Figueiroa, Sr. Dr. F. de M. e Matoa, Sr. Sabido d’Almeida, Sr. Adolfo Lobo Correia, Sr. Marcos Guedes, Sr. Alfredo da Cunha, Sr. Adriano Lencastre, Sr. Guedes d’Oliveira, Sr. Francisco Meireles, Mr Strueve, Sr. Albano de Vasconcelos (figs. 30-37)<sup>609</sup> e com três panneaux, *Panneau com figuras de teatro*, *Panneau com os frequentadores habituais do jardim Passos Manuel* e

<sup>603</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. IV, p. 149

<sup>604</sup> No “Salon” de Paris: Uma escultura de Ruy Bastos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/ 1914, p. 651

<sup>605</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op.cit. Vol.IV, p. 194

<sup>606</sup> Figuras e Factos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 479, Lisboa, 26/4/1915, p. 524

<sup>607</sup> Monumento a Bordalo Pinheiro. In Ilustração Portuguesa Nº517, Lisboa, 17/1/1916, p. 91

<sup>608</sup> Caricaturas de Amarelhe expostas no Porto. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, p. 475

<sup>609</sup> Caricaturas de Amarelhe expostas no Porto. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, p. 476

um *Panneau político* (figs.38-40),<sup>610</sup>. “Procurava apenas divertir. Industrializou a sua arte ao serviço de empresários teatrais”<sup>611</sup>.

**Filipe Leitão** está representado pelo quadro *Fin de Journée*<sup>612</sup>, (fig.340).

**Carlos Reis** (1863-1940) representado pelo *Retrato de Mademoiselle E. da S. G.*<sup>613</sup> (fig. 81) e do quadro *Primeira comunhão*<sup>614</sup> (fig. 80). O retrato de *Mademoiselle* é um retrato de corpo inteiro convencional de uma jovem senhora elegante que pela maneira como se veste é da alta sociedade. Está encostada lateralmente a uma mesa com um tampo de mármore sobre o qual está uma jarra com flores. Por cima da mesa um espelho reflete o interior da sala, como as flores da jarra. No retrato, em que ele se definiu fundamentalmente como pintor de modelos elegantes, como é o caso do da *mademoiselle*, com qualidades técnicas apreciáveis, mas sem a espontaneidade dos outros temas que tratou.

**Veloso Salgado** (1864-1945) é representado por três retratos, *O professor Sr. Francisco Bahia* (fig.302), *A filha de Veloso Salgado*, *O filho de Veloso Salgado*<sup>615</sup> e por *Enlevo*<sup>616</sup>, uma mulher nua colocada no centro do quadro, sentada no chão sobre uma toalha, num enquadramento paisagístico, e também pelos quadros *Encanto*<sup>617</sup> (fig.300) e *Um cesto de pelargónias*<sup>618</sup> (fig.301). O retrato de meio corpo do professor Francisco Bahia é executado em pose não convencional, sentado, metade do corpo ligeiramente inclinado para a frente, transmitindo dinamismo ao personagem cujo olhar atrairia a atenção do auditório a quem se dirigiria como prende hoje a do observador que vê o quadro. A colocação do braço esquerdo flectido, sem estar apoiado e a posição da mão meio cerrada reforça o dinamismo da comunicação. Veloso Salgado executou inúmeros retratos e paisagens na estética naturalista. Foi professor de Pintura Histórica após um concurso que venceu em 1897, concorrendo ao lugar com Columbano. “O ensino

<sup>610</sup> Caricaturas de Amarelhe. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 474, Lisboa, 22/3/1915, p. 380

<sup>611</sup> PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. I, p. 90, 91

<sup>612</sup> Um quadro de Filipe Leitão. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 427, Lisboa, 27/4/1914, p. 521

<sup>613</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 663

<sup>614</sup> A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa 8/5/1916, p. 566-568.

<sup>615</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 433, Lisboa, 8/6/1914, p. 709

<sup>616</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 663

<sup>617</sup> Visita do sr. Presidente da Republica à Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 764

<sup>618</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº533, Lisboa, 8/5/1916, p. 549

do nu, praticamente nulo na tradição portuguesa, foi por ele reabilitado”<sup>619</sup>. Quando esteve em Paris conheceu Puvis de Chavannes e os simbolistas. <sup>620</sup>“Para os simbolistas, com uma filosofia que aparecera em 1860 diferente da que se baseara o realismo, a realidade não se confinava somente ao visível. O pensamento o espírito a ideia deviam presidir a conceção do assunto, embora sem desprezo pela natureza.

O nu representado a dirigir o olhar diretamente aos olhos do observador, com as mãos colocadas ao nível dos seios, pondo-os em destaque. Que significado tem? A Natureza que nos envolve e alimenta? A verdade da arte de Veloso Salgado?. Courbet, pintor realista, na sua tela *Interior do meu Atelier...*, representa-se a pintar um quadro tendo ao seu lado um garoto e uma mulher nua a observar o quadro que pinta. A mesma questão se coloca quanto ao significado daquela mulher nua. No caso do pintor francês poderemos arriscar que se trata da Inspiração, da Musa de Courbet mas também poderá ter querido representar a Natureza ou a Verdade, o princípio orientador da sua arte<sup>621</sup>. Em *Encanto* (fig. 300) a paisagem serve de cenário à cena representada numa varanda com balaústre onde um par enamorado burguês está sentado a conversar. É um quadro de estética naturalista que faz lembrar o quadro *À beira-mar* de Malhoa. Ela é representada de perfil, em posição convencional, de acordo com as normas sociais da época aplicadas a uma senhora da burguesia, com o rosto dirigido para o rosto do homem e sombrinha encostada ao ombro para a proteger dos raios de sol. Estará a falar. O homem à sua frente está sentado perpendicularmente a ela, com corpo rodado e inclinado para melhor a observar, braço direito apoiado pelo cotovelo no balaústre com a cabeça apoiada nessa mão, à semelhança do quadro de Malhoa. O braço esquerdo encosta-se em parte à cabeceira da cadeira, a outra parte fica suspensa com as pontas dos dedos da mão a roçar no balaústre. O olhar do homem, a expressão do seu rosto é de encanto pelo ser que tem à sua frente, muito mais denunciado do que no caso do quadro de Malhoa. *Um cesto de pergamónias* (fig. 300) é um retrato de uma jovem mulher ligeiramente inclinada a pegar num cesto de pergamónias colocada sobre uma mesa.

<sup>619</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit., Vol. 11, p. 111

<sup>620</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- Op. cit., Vol. 11, p. 108

<sup>621</sup> JANSON, H.W.-História da Arte, 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 606

**Ernesto Condeixa** (1855-1948) é representado com o quadro *Vindima*<sup>622</sup> (fig.125). É um quadro pitoresco entre muitos de paisagens pitorescas que realizou. No quadro estão representadas várias personagens, três em posição mais ou menos inclinada, ocupadas na vindima e outra, em plano recuado carregando aos ombros um cesto com uvas. Em primeiro plano está representada uma mulher levantada, carregando no braço esquerdo um cesto. Está representada como se de um retrato se tratasse. É a mulher do povo, trabalhadora do campo, que se ocupa das vindimas e que suspendeu a sua atividade, a pedido do pintor, para fazer o seu retrato. Ernesto Condeixa faz parte da primeira geração naturalista. Concorreu com Columbano à bolsa do Estado em 1880 e ganhou-a. Foi discípulo de Cabanel e expos no *Salon* de Paris. Foi um paisagista na linha de Barbizon, um retratista e um pintor de referência na pintura histórica. O quadro *Vindima* junta os dois temas, a paisagem e retrato, temas que o pintor tratou ao longo da sua vida. “Como pintor de figuras populares, mostrou Condeixa um certo convencionalismo o que não sucedeu em pequenos quadros e um sensível entendimento da luz”.<sup>623</sup>

**Alves Cardoso** (1883-1930) está representado por o *Retrato do ator Carlos Santos*<sup>624</sup>, (fig. 22), *A lição de leitura*<sup>625</sup>, (fig. 21), a *Rapariga de aldeia*<sup>626</sup>, (fig. 24), *Viúva e Órfão*<sup>627</sup>, (fig. 23), *Navarro da Costa no meu atelier*<sup>628</sup>(fig. 25), *As abóboras*<sup>629</sup>(fig.26). O retrato do ator é a três quartos de perfil segurando na mão direita chapéu e bengala, a mão esquerda apoiada no bolso do colete, representado como se estivesse em palco num diálogo com uma personagem imaginária. Serve de fundo uma parede com lambril, decorada com elementos rococó. Alves Cardoso foi discípulo de Carlos Reis e como este foi um ar-livrista. Foi sócio fundador da Sociedade Silva Porto, de que Carlos Reis foi o principal impulsionador, juntamente com António Saúde (1875-1958), Falcão Trigo (1879-1956).

“Interpretou a natureza com paixão e lirismo, mostrando igualmente consideráveis conhecimentos técnicos”....Produziu composições “com boa marcação de planos e de volumes, grande vibratidade cromática e sensibilidade as atmosferas”. (...)

<sup>622</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa 25/5/1914, p. 664

<sup>623</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal. Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit, p. 88

<sup>624</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p.

<sup>625</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 734

<sup>626</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 516, Lisboa, 10/1/1916, p. 58

<sup>627</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 536, Lisboa, 29/5/1916, p. 640

<sup>628</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

<sup>629</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série Nº 624, Lisboa 4/2/1918, p. 96

“Nas suas obras há um grande sentido lírico e poético, feito de suaves policromias”<sup>630</sup>.

A *lição de leitura* recorre ao ambiente da infância para o artista exteriorizar esse sentimento lírico e poético. A *lição de leitura*, (fig.21), representa uma cena de ternura com duas garotas ajoelhadas tendo entre elas um cão deitado, cabeça levantada, língua fora da boca, a olhar para a que está mais perto dele. Esta, enquanto lhe fala, agarra com a mão direita a orelha do animal para o forçar a girar a cabeça em direção a um livro que se encontra à sua frente enquanto a outra mão aponta para o local onde deve prestar atenção para ler. A segunda garota mais recuada assiste com ar divertido à cena. *Rapariga de aldeia*, (fig. 24), é o retrato de uma rapariga com um lenço a cobrir-lhe parte dos cabelos, com ar pensativo triste, reforçado pela posição da mão direita a segurar o maxilar inferior tendo o polegar por cima do queixo. É um retrato típico de uma rapariga da aldeia mergulhada nas suas angústias. *Viúva e Órfão*, (fig. 23), representa uma cena triste de interior onde uma jovem mulher, vestida de negro, está sentada ao lado da cama onde uma criança ainda de tenra idade está deitada.

**David de Melo** está representado com os quadros *Velha*<sup>631</sup> e com *Um remendo*<sup>632</sup> (fig. 112). “Nos seus quadros representa de preferência velhos e velhas em oração”<sup>633</sup>. No primeiro quadro representa uma mulher do povo, de idade avançada apoiada a um cajado com as duas mãos, uma sobre a outra, de cabelo branco em desalinho, com um casaco por cima dos ombros, dirigindo o olhar para o chão, na direção da bengala, em atitude de meditação ou de reza. No segundo representa uma velha a colocar um remendo numa peça de vestuário. Obteve a 2ª medalha em pintura da SNBA. Foi discípulo de Carlos Reis e de Jean Paul Laurens.

**João Vaz** (1859-1931) é representado por uma marinha *Caes das Colunas*<sup>634</sup>(fig. 179), *O Claustro*<sup>635</sup>(fig. 180), *Barcos de carga*<sup>636</sup>,(fig.182), *Uma rua de Braga*<sup>637</sup>(fig.183), *Partida dos barcos*<sup>638</sup>(fig.184), *Pr’ó mar* <sup>639</sup>(fig.181). No

<sup>630</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal. Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit., pp. 123,125

<sup>631</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 664

<sup>632</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 549

<sup>633</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores 2ªEdição. Barcelos: Editora Civilização, 1988. Vol. IV, p. 103

<sup>634</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II série. Nº 431, Lisboa 25/5 /914, p. 664

<sup>635</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 516, Lisboa 10/1/1916, p.58

<sup>636</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 533, Lisboa 8/5/1916, p.549

<sup>637</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 567, Lisboa 1/1/17, p. 2



primeiro, (fig.179), o artista cria uma composição com uma atmosfera calma, luminosa, com gaivotas a voar sobre um Tejo pacífico, um conjunto de barcos, uns encostados à margem, outro a navegar e ainda outro de velas arreadas a aguardar a sua vez para atracar ao cais. Figurantes, ligados ou não à faina marítima, a caminhar no cais e um outro a subir a rampa entre as Colunas com um remo ou mastro carregado ao ombro, humanizam a paisagem fluvial. “A figura humana aparece como meio de marcar uma escala e raramente como anedota, por esse lado Vaz escapa a prática narrativa, costumbrista e sentimental que foi a da sua geração”<sup>640</sup>. *Barcos de carga*, (fig.182), é mais uma marinha das muitas que João Vaz produziu, tema em que se notabilizou. Além desse tema cultivou outros: representação de interiores de igrejas, cenas de costumes e de paisagem ou de aldeia. *O Claustro*, (fig. 180), é o exemplo de um dos temas, o de representação de monumentos, interiores de igrejas, claustros a que João Vaz também se dedicou. Fez parte do Grupo do Leão e figura no célebre quadro de Columbano “O Grupo do Leão”,

“o grupo de artistas que na companhia de outros intelectuais se reunia em tertúlia no Restaurante Leão de Ouro, situado na rua do Príncipe, hoje Rua 1º de Dezembro”. ... “Admirador de Silva Porto procurou apreender-lhe as subtilezas técnicas. Em algumas obras chegou a um grande apuramento pictural, alcançando atmosferas, céus azuis e límpidos e transmissões sinestésicas semelhantes aos encontrados nas melhores obras de Silva Porto” ... “Os seus quadros são de um notável depuramento e tranquilidade, de uma agradável doçura, onde planos de perto e longe sugerem infinidades e conferem descanso espiritual”<sup>641</sup>.

**Pedro Guedes** (1874-1961), um naturalista da 3ª geração, está representado com um retrato, o *Retrato da Sra. D. Bárbara Ventura*<sup>642</sup> (fig.257). O retrato é o retrato duma senhora de meia idade de meio corpo, numa pose convencional. Foi discípulo de Veloso Salgado. Obteve a 1ª medalha em desenho e a 2ª medalha em pintura e aguarela na SNBA<sup>643</sup>. O retrato com Malhoa, Carlos Reis e Veloso Salgado atingiu o ponto alto deste género. Pedro Guedes, era um bom desenhador e tendo apreendido os ensinamentos do Mestre ganhou fama como retratista. Foi um

<sup>638</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 624, Lisboa 4/2/1918, p. 97

<sup>639</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 735

<sup>640</sup> PORFÍRIO, José Luís; BARREIROS, Maria Helena-Arte Portuguesa: Da Pré- História ao Séc. XX, 2009, op.cit. Vol. 15, p. 65

<sup>641</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op.cit., p. 39, 62,

<sup>642</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº431, Lisboa, 25/5/1914, p. 665

<sup>643</sup> PAMPLONA Fernando de –Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol.III, p. 93

assíduo dos salões da SNBA. Além do retrato fez também pintura de monumentos e pintou temas clássicos de mitologia<sup>644</sup>.

**João Ribeiro Cristino** (1858-1948) está representado com o quadro *A sombra da árvore frondosa Barosa-Leiria*<sup>645</sup> (fig.186). É uma cena tirada da realidade rural mostrando o momento em que a camponesa lança numa pia a comida para os porcos que se preparam para a devorar. A servir de cenário está uma casa de aldeia, um alpendre afastado, e duas construções rústicas de pequena dimensão. A copa da árvore serve de cobertura à cena, protegendo-a do sol. Outros figurantes são representados, entre eles o garoto, alheados aparentemente do que se passa. João Ribeiro Cristino é um dos artistas que figura no quadro de Columbano “O grupo do Leão”. Filho de João Cristino da Silva, foi influenciado por Silva Porto como este quadro evidencia. A Silva Porto quando se lhe perguntava porque pintava coisas feias ele respondia que o fazia porque achava belas. O dar de comer aos porcos saía da estética romântica. O tema encaixava-se na estética naturalista. Ribeiro Cristino fez parte daquela geração corajosa que rompeu com esse passado romântico. João Ribeiro Cristino, à semelhança de Silva Porto, foi um naturalista de verdade e ao contrário de Malhoa, “pintou a paisagem sem dramas, onde o camponês se situa num labor trivial e os gestos se generalizam. Não foi um camponês que colocou à nossa frente, mas o camponês”<sup>646</sup>

**Abel Santos** (1891-1963). Expôs em 15 Salões da SNBA. Está representado com o quadro *Fruto proibido*<sup>647</sup> (fig.313). Um quadro naturalista com uma garota do campo a apanhar um fruto, braços estendidos para a copa da árvore, uma macieira, atenta ao que faz, num ambiente rural.

**Higino Mendonça** (?-1920) está representado com os quadros *Marinha*<sup>648</sup>(fig.153), *Chalet de Luíza Margarida de Sousa*<sup>649</sup>, (fig. 155), *Pronto a virar*<sup>650</sup>, (fig. 154), *A nau dos corvos (Cabo Carvoeiro)*<sup>651</sup>, (fig. 156), *Rio do Avenal*<sup>652</sup>, (fig. 157), *Rio de*

<sup>644</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos Na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes, 1999, op. cit. Vol.II, pp. 87, 94, 96

<sup>645</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 665

<sup>646</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit.. Vol.11, p. 48

<sup>647</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 665

<sup>648</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 665

<sup>649</sup> A exposição Higino Mendonça. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 521,Lisboa, 14/2/1916, p. 199

<sup>650</sup> Ibidem, p. 199

<sup>651</sup> Ibidem, p. 200

*Louza, poente*,<sup>653</sup>, (fig. 158), *Carga de Abrantes*, (fig.159), *O cruzador da República encalhado*,<sup>654</sup>(fig.160), *A doca de Alcântara, de manhã*<sup>655</sup>, (fig.161), *O Tejo-Poente*<sup>656</sup>, (fig. 162), *Propriedade de Maria Bernardina, (Nadadouro)*<sup>657</sup>, (fig.163), *Fragatas à descarga (Paço de Arcos)*<sup>658</sup>, (fig.164), *O primeiro vapor para Cacilhas*<sup>659</sup>, *Poente-Gaieiras*<sup>660</sup>, (fig.165), *Egreja da Misericórdia,- Alvorninha*<sup>661</sup>, (fig.166), *O forno da tia Mafalda*,<sup>662</sup> (fig.167), *Marinha*<sup>663</sup>, (fig.168), *De bolina* (fig.154), *Rio de Lousa*<sup>664</sup>(fig.169), *Uma curva do Mondego*<sup>665</sup> (fig. 170), *Porto de Lisboa*<sup>666</sup> (fig. 171), *A oeste de Belém*<sup>667</sup> (fig. 172), *Sobreira formosa*<sup>668</sup> (fig. 173)<sup>669</sup>. As marinhas foram sempre o seu motivo preferido<sup>670</sup> e com exceção do “*Chalet de Luísa Margarida de Sousa*”, *Propriedade de Maria Bernardina*, *Poente*, *Egreja da Misericórdia*, *O forno da tia Mafalda*, recantos pitorescos do mundo rural, todos os quadros citados têm a ver com o mar ou com um rio. Também pintou a pastel. Obteve a menção honrosa em pintura e pastel.<sup>671</sup>

**Fernando Santos** (1892-1965) está representado por uma tela *Casas de pescadores*<sup>672</sup>, uma pintura de género não povoada por qualquer figura. Foi um discípulo de Veloso Salgado que se dedicou, “tal como José Campas, à pintura de figuras populares...e mostrou pendor para tratar de figuras com certo grau de marginalidade em relação à sociedade comum...”<sup>673</sup>. Embora na tela apresentada não existam figuras, é a casa de pescadores, de mulheres e homens cuja coragem e

<sup>652</sup> A exposição Higino Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2/1916, p. 200

<sup>653</sup> A exposição Higino Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2/1916, p. 200

<sup>654</sup> Exposição Higino Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 523, Lisboa, 28/2/1916, p. 284

<sup>655</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 549

<sup>656</sup> A exposição Higino Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 571, Lisboa, 29/1/1917, p. 96

<sup>657</sup> Ibidem, p. 96

<sup>658</sup> Ibidem, p.96

<sup>659</sup> Ibidem, p.96

<sup>660</sup> Ibidem, p. 97

<sup>661</sup> Ibidem, p. 97

<sup>662</sup> Ibidem, p. 97

<sup>663</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 428

<sup>664</sup> Exposição de pintura. In *Ilustração Portuguesa* II Série, Nº 622, Lisboa, 21/1/1918, p. 58

<sup>665</sup> Exposição de pintura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 622, Lisboa, 21/1/1918, p. 58

<sup>666</sup> Ibidem, p.58

<sup>667</sup> Ibidem, p. 58

<sup>668</sup> Ibidem, p. 58

<sup>669</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série Nº 622. Lisboa, 21/1/1918, pp. 57, 58

<sup>670</sup> Pamplona, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores de Portugal*. Civilização editora. Vol IV, p.109

<sup>671</sup> Catálogo: Décima Quarta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1917, p. 32

<sup>672</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 665

<sup>673</sup> MATIAS, Margarida L. G. Marques- Op. cit., p.129

pobreza os põe à parte da sociedade comum. O pintor é também representado pelo quadro *Canaille*<sup>674</sup>(fig.341), o retrato de uma mulher, de um mundo marginal da sociedade. Obteve a medalha de honra em pintura da SNBA.<sup>675</sup>

**Simões d’Almeida Sobrinho** (1880- 1950) está representado pelo *Busto de mulher em mármore*<sup>676</sup>(fig.287), *A maquette do monumento a Camões*<sup>677</sup>(fig. 288), *A maquette da estátua ao Infante D. Henrique*<sup>678</sup>(fig. 289). Foi discípulo de Simões de Almeida e “é o continuador de uma tradição de observância da linha clássica”. É dele o busto da República. Em algumas esculturas mostrou “...um naturalismo pleno de vitalidade e de espontaneidade comparável às melhores obras de Teixeira Lopes” quando trabalhou em temas semelhantes. Fez em 1911 “um baixo relevo da República para a Camara Municipal de Lisboa e em 1923 trabalhou no tímpano do frontão exterior do Palácio de S. Bento”. Notabilizou-se na medalhística. “Foi professor da escola de Belas Artes de Lisboa, mas em nada renovou o ensino da arte escultórica”.<sup>679</sup>

**Costa Mota** (1862-1930) está representado pelo *Busto em mármore*<sup>680</sup>,(fig. 93), por uma composição escultórica *Meditação*<sup>681</sup>, (fig. 92), *A Dança*<sup>682</sup>, (fig.89), *A Maria da Fonte*<sup>683</sup>, (fig.90), *Mármore*<sup>684</sup>(fig. 91), *Maquette da estátua do Infante D. Henrique*<sup>685</sup>(fig. 87), *busto do Sr. Presidente Dr. Teófilo Brag*<sup>686</sup>a (fig. 89) O busto integra-se no tipo de bustos que Costa Mota fez de outras personagens, usando “respectivamente de um realismo sério e de um naturalismo no tratamento do modelo”. Em *Meditação* o escultor representa uma jovem encostada a uma coluna, com o corpo um pouco fletido para melhor se amparar e o rosto ligeiramente

<sup>674</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>675</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª Edição. Barcelos: Editora Civilização, 1988 Vol.V, p. 141

<sup>676</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 666

<sup>677</sup> Monumento a Camões. Ilustração Portuguesa II Série. Nº 470, Lisboa, 22/2/1915, p. 236

<sup>678</sup> Um concurso na Academia de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 510, Lisboa, 29/11/1915, p. 698

<sup>679</sup> MATIAS, Margarida L. G. Marques-História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op.cit. Vol.11, p.147

<sup>680</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 666

<sup>681</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 666

<sup>682</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 734

<sup>683</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa 22/5/1916, p. 615

<sup>684</sup> Belas Artes. Ilustração Portuguesa. II Série. Nº 588. Lisboa. 28/5/1917, p. 428

<sup>685</sup> Figuras e Factos: Um concurso na Escola de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 510, Lisboa, 29/11/1915, p. 698

<sup>686</sup> Figuras e Factos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 512. Lisboa, 13/12/1915, p. 761

inclinado com olhar dirigido para o chão, numa atitude melancólica e pensativa. É uma obra de uma “suavidade tranquila” à semelhança da estátua que também executou, *Bernardim Ribeiro*, modelada em 1907. A *Dança* (fig. 89) é uma escultura representando uma bailarina. O dinamismo inerente ao ato de dançar é comunicado pelo movimento sensual rodopiante que a bailarina executa, fazendo a saia colar-se-lhe ao corpo e descobrindo-lhe o seio esquerdo que salta de uma blusa que se desabotoou durante o movimento de rodopio. *Maria da Fonte* (fig.90) “é uma obra de arroubo romântico, adequado à figura histórica, símbolo passional popular contra a imposição de ideias a que era contrária”<sup>687</sup>. Costa Mota foi discípulo de Victor Bastos e Simões de Almeida tendo ganho em 1893 a este e a Teixeira Lopes o concurso para o monumento a Afonso de Albuquerque. “Distinguiu-se pela sua capacidade técnica e o ecletismo no tratamento dos temas”. Costa Mota é um dos melhores escultores naturalistas, com obras como *O Cavador* de 1913, *O Lavrador* de 1918, *o Gaiteiro* e a escultura que simboliza a jurisprudência em 1903 localizada no Palácio de S. Bento.<sup>688</sup>

**Júlio Vaz Junior** (1877 -1963), escultor da 2ª geração naturalista está representado por trez bustos, o *Busto do Sr. dr. Eurico de Seabra*, (fig.226), *Busto do sr dr. Aurélio da Costa Ferreira*, (fig.225), *Avó*,<sup>689</sup>(fig.228), *Contente*<sup>690</sup>, (fig.229), e *Um viúvo*<sup>691</sup>, (fig.227). *Avó* é dum naturalismo verista no tratamento das rugas e da expressão da idosa senhora. O mesmo tipo de representação do rosto se pode encontrar no busto “Contente”. Nesta obra, um homem de idade avançada mostra o seu contentamento, rindo. Foi dos escultores mais assíduos dos Salões da Primavera. Morreu com 83 anos<sup>692</sup>

**Costa Mota, sobrinho** (1877-1955) está representado pela escultura *Guardadora de Patos*<sup>693</sup>(fig. 95), *Escultura*<sup>694</sup>(fig.94), *Busto de José Carlos dos Santos*<sup>695</sup>( fig.

<sup>687</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit., p. 140

<sup>688</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- Op. cit., pp. 140,141

<sup>689</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 666

<sup>690</sup> Visita do sr. Presidente da República á Exposição das Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/ 1915, p. 766

<sup>691</sup> In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 766

<sup>692</sup> TAVARES, Cristina de Souza- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1999, op.cit., p. 449, 505

<sup>693</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 666

<sup>694</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa. II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

<sup>695</sup> Figuras e Factos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 433, Lisboa, 8/6/1914, p. 730

96). Foi discípulo de seu tio Costa Mota e de Simões de Almeida. A obra apresentada foi o modelo para a que está localizada no jardim da Estrela e integra-se dentro do “naturalismo idealizado da época”. Realizou vários bustos entre os quais a estátua de Guerra Junqueiro em S. Paulo. Foi diretor artístico da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. “Executou para a frontaria do Palácio de S. Bento a estátua “A Força”, inaugurada em 1941”<sup>696</sup>.

**José Neto** (1875- ?) está representado por uma escultura representando um *Leão em bronze*<sup>697</sup>(fig.219) e por *Um jogador de disco*<sup>698</sup>(fig.220). Foi sócio fundador da SNBA, sócio nº13 e ainda esteve presente em 1951 na comemoração dos 50 anos da SNBA.<sup>699</sup> Foi discípulo de Simões de Almeida e Anatole Camels. “Trata o nu com segurança e largueza e mostra preferência pelos motivos pagãos”. Um jogador de disco é disso testemunha. O atleta é representado no instante que vai iniciar o movimento de rotação para lançar o disco que segura na mão direita “Obteve a 2ª medalha em escultura da SNBA e a medalha de prata no Rio de Janeiro”. São dele os leões dos Passos Perdidos no Palácio de S. Bento<sup>700</sup>, de que este será(?) um exemplar.

**Martinho da Fonseca** (1890-1972) está representado por *Cigana*<sup>701</sup>, *Dama Inglesa*<sup>702</sup>, (fig.238) um retrato psicológico, por *Sorriso*<sup>703</sup>, (fig.237), por *O Modelo*<sup>704</sup>, (fig.239), um nu. Em *Dama Inglesa* a senhora está pintada a três quartos, o rosto voltado para o pintor, mas ligeiramente inclinado, lançando o olhar para o chão, alheando-se do que a rodeia e ficando nos seus pensamentos enquanto o pintor a retrata. *Sorriso* é uma pintura a pastel representando em busto uma mulher com um sorriso nos lábios por lhe ter ocorrido no momento uma lembrança agradável. Foi discípulo de Columbano e na sua obra deteta-se a sua influência. Distinguiu-se pelos retratos que pintou. “Os familiares e os tipos populares e sociais

<sup>696</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques – História de Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol.11, p. 146

<sup>697</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 666

<sup>698</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 734

<sup>699</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 49, 324

<sup>700</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª Edição, 1988, op.cit. Vol. IV, p. 200

<sup>701</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 830

<sup>702</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>703</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 536, Lisboa, 29/5/1916, p. 640

<sup>704</sup> Exposição Alma Nova. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 163

são modelos muito escolhidos por pintores como (...), Martinho da Fonseca”<sup>705</sup>. Também pintou outros temas como naturezas mortas e mitológicos. Participou em 23 salões entre 1911 e 1945. Foi um desenhador de reconhecidos méritos tendo ganho em 1915 a 2ª medalha, a 1ª em 1917 e em 1920 a medalha de honra todas em desenho.<sup>706</sup> Em 1922 ganhou a 1ª medalha de ouro em pintura. Todas ganhas na SNBA . Foi ele que pintou o retrato do Presidente Bernardino Machado que está no Palácio de Belém.<sup>707</sup>

**Bonvalot** (1894-1934) está representado com o quadro *Deixai vir a mim as criancinhas*<sup>708</sup>(fig.78), por *Visão*<sup>709</sup>(fig. 77) e por *Artistas...em miniatura*<sup>710</sup>(fig. 79). Foi discípulo de Veloso Salgado, Ernesto Condeixa e de Cormon, este em Paris.<sup>711</sup> Segundo o prof. Henrique de Vilhena a ida a Paris não o beneficiou.<sup>712</sup> Dedicou-se à pintura a óleo, retrato e paisagem e à aguarela. No retrato os modelos escolhidos são os comuns a alguns outros pintores, “os familiares e os tipos populares e sociais”<sup>713</sup>. Trabalhou o nu também na aguarela e no pastel<sup>714</sup>, e pintou quadros de temática mitológica, simbólica<sup>715</sup>, histórica e religiosa, como no último caso o quadro exposto o demonstra<sup>716</sup>. Na pintura de temática mitológica e simbólica aproximou-se “do gosto da arte nova”, e em algumas obras “do espírito pré-raphaelita pelo tipo de representação feminina e motivos florais”<sup>717</sup>. Participou em 18 salões de 1913 a 1933.<sup>718</sup>

<sup>705</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 91

<sup>706</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas- Artes, 1999, op.cit. Vol. I, pp. 94,96,104,109

<sup>707</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses 2ª Edição, 1988, op.cit. Vol.II, p.327

<sup>708</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>709</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa II Série Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 3

<sup>710</sup> No salão da “Ilustração Portuguesa”. Ilustração Portuguesa II Série. Nº462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>711</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol. I, p. 219, 220

<sup>712</sup> “Carlos Bonvalot , com a ida ao estrangeiro, Paris e Roma perdeu a franqueza e a ousadia da sua primeira fase, as quais só teria recuperado nos seus últimos anos, em que se distinguiu sobretudo em retratos e marinhas”. (PAMPLONA, Fernando de-Op. cit. Vol.I, p. 219)

<sup>713</sup> TAVARES,Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 91

<sup>714</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 92

<sup>715</sup> “Tendo tido como primeiros cultores António Carneiro , Luciano Freire e depois Carlos Bonvalot e Fernando Santos, o simbolismo na pintura, embora com tendencia para desaparecer, applicava-se à decoração, na maior parte para casa comerciais”-TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Naturalismo e Naturalismos-Op. cit., p.365

<sup>716</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 95, 96, 97

<sup>717</sup> Tavares, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 95

<sup>718</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 104

**Eduardo Romero** (1888-1939) está representado pela tela *Coro dos Seminários*<sup>719</sup>(fig. 123) e por *Claustro dos Jerónimos*<sup>720</sup>(fig. 124). Foi “discípulo de Columbano. Obteve inúmeros prémios e medalhas em exposições. Dedicou-se sobretudo ao retrato, à natureza-morta, e à decoração mural” como a que fez para a Assembleia da República.<sup>721</sup> A obra aqui apresentada, o interior de uma igreja, o lugar do coro, mostra que também fez pintura de monumentos. Como os outros discípulos de Columbano, e o mesmo aconteceu com os de Malhoa, Eduardo Romero não chegou a atingir o nível do mestre. Todos eles, “no entanto, conseguiram perpetuar um naturalismo mais modernizante por vezes de laivos impressionísticos”<sup>722</sup>. Participou em 23 salões de 1913 a 1939 e ganhou a 3ª medalha em aguarela em 1920 e a 3ª medalha em pintura em 1927.<sup>723</sup>

**Armando de Lucena** (1886-1975) está representado com o quadro *Aldeia Alentejana*<sup>724</sup>, (fig.57) e *Manhã de jamôr*<sup>725</sup>(fig.58). Foi discípulo de Carlos Reis, Luciano Freire, e Condeixa. Fez parte do grupo da Sociedade Silva Porto e mais tarde do Grupo Ar-Livre.<sup>726</sup> “Distingue-se por suas paisagens e por seus trechos citadinos de colorido impressivo e saboroso” ...que sugerem “uma delicada sinfonia tonal”.<sup>727</sup> Realizou também pintura de monumentos.<sup>728</sup>

**Abel Manta** (1888-1982) está representado por *Luz Dourada*<sup>729</sup>(fig. 312). “Distinguiu-se pelo rasgo e vigor do seu estilo (...). Os seus retratos impõem-se pela sobriedade de meios, pela densidade expressiva e ainda por vezes pela subtilidade do cromatismo. Diogo de Macedo di-lo da estirpe de Rubens, Goya, Renoir(...)

<sup>719</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>720</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>721</sup> MATIAS, Maria Margarida L.G. Marques- *História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século*, 1986, op. cit. Vol. 11, p.128

<sup>722</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 29

<sup>723</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, pp. 104, 108

<sup>724</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>725</sup> No salão da “Ilustração Portuguesa”. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>726</sup> MATIAS, Maria Margarida L.G. Marques- Op. cit. Vol. 11, p.128

<sup>727</sup> PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. III, p. 246,247.

<sup>728</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op.cit. Vol. I, p. 94

<sup>729</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914. p. 832



também se evidencia na interpretação de paisagens e trechos citadinos, em que tudo se reduz ao essencial”<sup>730</sup>

**José Ramos** (1881-1972) está representado por *Marinha*<sup>731</sup>(fig. 353). Foi discípulo de Ezequiel Pereira e Veloso Salgado.<sup>732</sup> Obteve a 1º medalha em pintura em 1942 e o Prémio Silva Porto do SNI em 1951<sup>733</sup>. No período compreendido entre 1914 e 1918 esteve presente em três Exposições Anuais da SNBA, em 1914,1915 e 1917<sup>734</sup>

**Mário Maia** (? -?) está representado por *Casa Africana*<sup>735</sup>(fig. 236). Foi discípulo de Carlos Reis. No período compreendido entre 1914 e 1918 expôs nas Décima Segunda, Décima Quarta e Décima Quinta Exposições Anuais da SNBA.<sup>736</sup>

**Albertino Guimarães** (1891-?) está representado por *Arredores de Coimbra*<sup>737</sup>(fig. 316). Foi discípulo de Carlos Reis. As suas telas, representando prédios rústicos caiados, ofuscam pelo branco luminoso que utiliza.<sup>738</sup> No período de 1914 a 1918 expôs nas Décima Primeira, Décima Quarta e Décima Quinta Exposições Anuais da SNBA<sup>739</sup>.

**Túlio Vitorino** (1896-1969) está representado por *Varanda da Aldeia*<sup>740</sup>(fig.299). Foi discípulo de Columbano e Marques de Oliveira. “Pintou, de maneira impressiva, em tintas vivas aplicadas a espátula, aspetos de feiras, romarias..., praias..., recantos citadinos e paisagens rústicas, estas ora soalheiras, ora

<sup>730</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. IV, p. 49

<sup>731</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>732</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, Op. cit. Vol. V, p. 14

<sup>733</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, Op. cit. Vol. V, p. 14

<sup>734</sup> Catálogos da Décima Primeira, Décima Segunda e Décima Quarta Exposições Anuais 1914,1915,1917. SNBA. Lisboa.

<sup>735</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462. Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>736</sup> Catálogos das Décima Segunda, Décima Quarta, Décima Quinta Exposições Anuais: Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1915,1917,1918.

<sup>737</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>738</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol. III, p. 99

<sup>739</sup> Catálogos das Décima Primeira, Décima Quarta, Décima Quinta Exposições Anuais: Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1914, 1917, 1918.

<sup>740</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

melancólicas”<sup>741</sup>. Na crónica onde se refere o seu trabalho *Varanda da Aldeia* é identificado por Vitorino Túlio. Expôs nas Décima Segunda, Décima Quarta Exposições Anuais da SNBA, no período de 1914 a 1918<sup>742</sup>.

**Samora Barros** (1887-1972) está representado por *Poente Algarvio*<sup>743</sup>(fig. 377). Foi discípulo de Veloso Salgado<sup>744</sup>. No período de 1914 a 1918 expôs na Décima Quarta Exposição Anual da SNBA<sup>745</sup>.

**Alberto de Andrade** (? -?) está representado por *Pinheiros*<sup>746</sup>(fig. 317). No período estudado expôs só na Décima Primeira Exposição Anual da SNBA<sup>747</sup>

**João Reis** (1899-1982) está representado pelos quadros *Velha alpendrada*<sup>748</sup>, (fig. 185), *Um pobre*<sup>749</sup>, (fig. 354). É filho e discípulo de Carlos Reis<sup>750</sup>. (O cruzamento de dados entre a crónica e o catálogo da SNBA permitiu-me tirar as dúvidas quanto ao autor do último quadro. Na crónica da Revista era atribuído a autoria de *Um pobre* a João Reis, filho). João Reis trabalhou o tema da paisagem, paisagem marítima e fluvial, e também o retrato, fixando na tela rostos muito expressivos de personagens populares.<sup>751</sup> “Densos de expressão os seus aspetos do Tejo, de águas esverdeadas, com barcaças de perfil indeciso na neblina matinal” ...No salão nobre do Palácio Hotel do Buçaco tem um grande fresco da sua autoria.<sup>752</sup>. Recebeu a medalha de honra na SNBA.

<sup>741</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol. V, p. 301

<sup>742</sup> Catálogos das Décima Segunda, Décima Quarta Exposições Anuais. Lisboa:Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1915, 1917.

<sup>743</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>744</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol. V, p.121

<sup>745</sup> Catálogo: Décima Quarta Exposição Anual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1917.

<sup>746</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 832

<sup>747</sup> Catálogo: Décima Primeira Exposição Anual. Lisboa:Sociedade Nacional de Belas Artes, 1914.

<sup>748</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>749</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>750</sup> “J.R. foi, sem grande favor, um dos maiores pintores da sua geração e trouxe-nos, na sua paleta e nos seus pincéis, uma alta mensagem de beleza. Seus olhos videntes trespassavam a epiderme das coisas e dos seres, para nos desvendarem a sua essência profunda...Simultaneamente clássico e moderno- clássico pela formação e gosto, moderno, na sua última fase, pela visão sintética- ele soube cultivar uma arte que se não cinge a receituários nem a figurinos, porque tem o selo da autenticidade”. (PAMPLONA, Fernando- Op.cit. Vol. V. p. 36)

<sup>751</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- Op. cit., p. 130,131

<sup>752</sup> PAMPLONA,Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op.cit. Vol.V, p. 34

**Leandro Calderón** está representado por *Cozinha Aldeã*<sup>753</sup>(fig. 357). Durante o período de 1914 a 1918 expôs na Décima Primeira, Décima Segunda e Décima terceira Exposição Anual da SNBA.<sup>754</sup>

**Evaristo Alves Catalão** está representado com o quadro *Saveiros*<sup>755</sup>(fig.126) e *Recanto da cidadela(Peniche)*<sup>756</sup>. Foi discípulo de Veloso Salgado. Além de paisagem, de representações de locais pitorescos cujo título do quadro identifica o que pinta, trabalhou também o nu, no contexto do tema mitológico, representado pelo quadro *Narciso*<sup>757</sup>, apresentado em 1916. Normalmente o nu está “inserido na tradição alegórica e simbolista”<sup>758</sup>. Ganhou a 2ª medalha em pintura na SNBA.<sup>759</sup>

**Domingos Xavier Rebelo** (1891-1971) está representado com *Natureza morta*<sup>760</sup>(fig.374). É originário da ilha de S. Miguel, Açores. Foi nos anos 10 com a revoadada modernista para França. Frequentou a Academia Julien em Paris e foi discípulo de Jean Paul Laurens. Foi influenciado pelo ar-livrismo francês quando esteve na Bretanha. Posteriormente os seus temas preferidos foram os “assuntos e figuras populares”<sup>761</sup>. Dedicou-se a pintura de temas religiosos, ao retrato, às paisagens e às composições de conteúdo social, pintura de género. “As suas paisagens da ilha de S. Miguel, de amplas perspectivas, são excelentes de atmosfera e colorido (...)”. “(...) empolgam pela emoção contida e pela sólida urdidura as suas composições de carácter social”<sup>762</sup>. Trabalhou no Salão Nobre do Palácio de S. Bento realizando parte da pintura mural que aí se encontra<sup>763</sup>. Também realizou trabalhos em aquarela e pastel. Domingos Rebelo foi um dos pintores que esteve presente na Exposição livre de 1911, tendo-se apresentado não só como pintor, mas também como desenhador e humorista<sup>764</sup>. Mas a sua pintura evolui depois para um

<sup>753</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/ 1914, p. 832

<sup>754</sup> Catálogos da Décima Primeira, Décima Segunda, Décima Terceira Exposição Anual. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1914,1915,1916

<sup>755</sup> A exposição de Belas Artes. Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>756</sup> Exposição de Belas Artes no Salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>757</sup> Catálogo: Décima Terceira exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1916, p. 21

<sup>758</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p.92

<sup>759</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. II, p. 78

<sup>760</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25 /5/1914, p .667

<sup>761</sup> MATIAS, Maria Margarida L.G. Marques- História de Arte em Portugal. Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit., p. 124

<sup>762</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. V, p. 23, 24

<sup>763</sup> Pamplona, Fernando de- Op. cit. Vol. V, p. 23

<sup>764</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., 39

naturalismo academizante de temática preferencial histórica e religiosa. Obteve a 1ª medalha em 1925 e a medalha de honra em pintura da SNBA.<sup>765</sup>

**Aires Pinto de Mesquita** está representado por uma *Natureza Morta*<sup>766</sup>(fig. 315). Tem uma tela no Museu Municipal de Angra do Heroísmo “Frutos”<sup>767</sup>. De 1901 a 1965 só expôs uma vez, em 1914 na SNBA.<sup>768</sup>

**Milly Possoz** (1888-1967), de ascendência belga está representada com uma natureza morta *Impressão*<sup>769</sup>(fig. 243) e *Mademoiselle*<sup>770</sup> (fig. 244). Foi discípula de Casanova. Em 1905 partiu para Paris. Trabalhou, além da natureza morta, outros temas: - o retrato, a aguarela, o desenho, gravura<sup>771</sup>, cenários e figurinos<sup>772773</sup>. Apesar de ter um pensamento mais moderno da pintura, à semelhança de Eduardo Viana, era admitida nos Salões da SNBA, onde a maior parte das telas aí expostas eram de um tardo-naturalismo evidente. Eduardo Viana expôs desde 1906, Milly Possoz desde 1909. Ambos viriam a ser recusados quando a questão dos “novos” se levantou. Eduardo Viana em 1921, Milly Possoz em 1922<sup>774</sup>. A partir de 1925 há uma mudança na SNBA. Eduardo Viana foi incumbido de organizar o Salão de Outono que passou a acolher as manifestações modernistas.

Milly Possoz vai também fazer parte do grupo de artistas do S.P.N./S.N.I. Estará presente onze vezes nas quatorze Exposições de Arte Moderno do S.P.N./S.N.I. Em 1915 ganhou a 3ª medalha em pintura na SNBA; em 1944 ganhou o prémio Sousa Cardoso, aquele que era o prémio destinado à pintura mais vanguardista; em 1949 o prémio Tagarro para aguarela e desenho; em 1951 o prémio Columbano.<sup>775</sup> Foi uma artista que ao longo da sua carreira se foi libertando aos poucos do naturalismo;

<sup>765</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit. Vol.I, pp.110,117

<sup>766</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 667

<sup>767</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol. IV, p.116

<sup>768</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.II, p. 68

<sup>769</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 668

<sup>770</sup> Exposição de aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 85

<sup>771</sup> “Na sua pintura, em que se sente alguma coisa de muito infantil e primitivo, como que havia já a promessa ou a previsão destas admiráveis gravuras, absolutamente sem par, entre nós. Ela trouxe para a nova modalidade do seu engenho, com o seu modernismo, todo pessoal, a mesma concepção ingénua e graciosa do mundo visível, a mesma claridade de visão, simultaneamente expressa em traço e em cor, que já conhecemos dos seus quadros e dos seus desenhos” – VAZ, Mário, *apud* ESQUÍVEL, Patrícia-Op. cit., p. 182.

<sup>772</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 176

<sup>773</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 90, 93

<sup>774</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., pp. 138, 144

<sup>775</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- OP. cit., pp. 181,187

“aderiu ao fauvismo de um Dufy ou de Marquet” e teve “alguma influencia de Eduardo Viana, o seu noivo eterno. Com o acréscimo de valores feéricos, o seu estilo definiu-se nos anos 20, tratando de forma espontânea retratos, meninas(sic), cenas de interior e paisagens de Sintra”.<sup>776</sup>

**Sara Lamarão Bramão.** Representada pelo *Retrato de madame Suarez*<sup>777</sup> (fig. 379). Um retrato em pose convencional com um braço apoiado e outro estendido segurando uma flor. Trabalhou o tema do retrato de busto e de meio corpo. Expôs duas vezes entre 1901 a 1965, em 1913 e 1914<sup>778</sup>

**Alberto Correia de Lacerda** (1889-1975) está representado com o quadro *Cabra-Cega*<sup>779</sup>, (fig. 2), *Na praia*<sup>780</sup> (fig.3), e *Cabeça*<sup>781</sup>(fig.4). *Cabra-cega* é um quadro de género representando uma garota com olhos vendados a brincar à cabra-cega com outras crianças, uma delas, a que está mais perto, aproximando um ramo da mão dela para que esta pense que ele está próximo dela e o tente tocar. Foi discípulo de Carlos Reis, e as suas obras “são de forte realismo”<sup>782</sup>. Obteve a 2ª medalha em pintura e desenho na SNBAP, mas teve “comentários negativos” no Salão de 1916, que foi classificado de excepcional<sup>783</sup>. Foi também paisagista e trabalhou também o tema do retrato, de busto e de meio corpo.<sup>784</sup>

**Simão da Veiga** (1879-1963) está representado pelo *Retrato de minha mulher*<sup>785</sup>, (fig. 380), um retrato de corpo inteiro da senhora realizado como se estivesse apanhada a andar. A perna direita avançada e a inclinação da bengala transmitem dinamismo ao quadro. O rosto risonho, em sorriso rasgado, ligeiramente voltado para o marido que a retrata, denuncia a cumplicidade entre os dois e retira o convencional ao retrato, apesar de a senhora estar em pose. É “um retrato de forte qualidade expressiva, fugindo à banalidade comum”.<sup>786</sup>Foi discípulo de Adolfo

<sup>776</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., Vol. I. p. 187.

<sup>777</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 668

<sup>778</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 90 e Vol II, p. 60

<sup>779</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 668

<sup>780</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, pp. 830

<sup>781</sup> Catálogo: Décima Primeira Exposição Anual. Lisboa:Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1914, p. 32

<sup>782</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Escritores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol.III, p. 172

<sup>783</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, p.101

<sup>784</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 90

<sup>785</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 668

<sup>786</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 90

Greno, José Malhoa e Constantino Fernandes e ainda da Academia de Paris. Além do retrato trabalhou o tema da paisagem e foi um “excelente animalista”, representando nas suas telas toiros e cavalos, por ter sido um famoso toureiro.<sup>787</sup> Obteve uma 1ª medalha na Sociedade nacional de Belas Artes e uma 3ª no salon de Paris<sup>788</sup>

**Filomena Freitas** está representada por um retrato *Violoncelista*<sup>789</sup>, (fig.130), *Noemia*<sup>790</sup>(fig. 131) e *Esperando*<sup>791</sup>(fig.129). No período de 1901 a 1965 expôs quatro vezes, em 1913,1914,1915 e 1917.

**António G. Azevedo e Silva** está representado com o quadro *Namorando*<sup>792</sup>, (fig. 64). Uma pintura de género com uma rapariga do povo a namorar à janela. Foi pintor e caricaturista, discípulo de Columbano. Figurou com caricaturas na 7ª Exposição da SNBA em 1909.<sup>793</sup> Expôs entre 1914 e 1921 na SNBA, segundo a lista de artistas que expuseram na SNBA entre 1901 e 1965.<sup>794</sup> Está também representado com os quadros *Fumando pela primeira vez*<sup>795</sup>, (fig. 67), *Esperando a hora da lição*<sup>796</sup>, (fig. 63), *Cena do Interior*<sup>797</sup>, (fig.66), *Tropas para a África e França*<sup>798</sup>(fig. 65). *Fumando pela primeira vez* é o retrato dum rapaz a fumar pela primeira vez um cigarro expressando a sensação sempre desagradável que essa experiência sempre proporciona no gosto, na visão, pela irritação que o fumo provoca nos olhos, acompanhada simultaneamente do orgulho de mostrar a si e aos outros que entrou no mundo dos homens. *Em esperando a hora da lição* um grupo de rapazes e raparigas aguarda o início da aula. Foi pintor e caricaturista, discípulo de Columbano. Expôs caricaturas em 1909 no 7º Salão da SNBA.<sup>799</sup> . Obteve uma

<sup>787</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Escritores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol.V, p. 335

<sup>788</sup> MATOS, Maria Margarida L. G. Marques-História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986. Op. cit. Vol.11, p. 124

<sup>789</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 668

<sup>790</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

<sup>791</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, p. 735

<sup>792</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 668

<sup>793</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol.V, p. 181

<sup>794</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. II, p. 73

<sup>795</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462,Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>796</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 536, Lisboa, 29/5/1916, p. 640

<sup>797</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/ 1918, p. 435

<sup>798</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

<sup>799</sup> PAMPLONA, Fernando de -Dicionário de pintores e escultores portugueses, 1988, op. cit. Vol.V, p.181

menção honrosa. Pintou além do retrato, o tema das figuras populares, cenas de interiores e o relacionado com o mundo rural<sup>800</sup>.

**Eduardo Viana** (1881-1967) está representado com o quadro *S. João*<sup>801</sup>, (fig. 337). Foi discípulo de Veloso Salgado e Jean Paul Laurens. Em França e na Bélgica, onde viveu durante algum tempo, teve contacto com os grandes mestres da pintura moderna. Eduardo Viana pertence ao grupo de artistas contemporâneos que tiveram a audácia de fazer “experiências no domínio da cor e da forma”. Gombrich, historiador de arte, sublinha esse facto, quando abre o capítulo do seu livro relativo à arte do séc. XX com o título “Arte experimental”, tendo colocado no capítulo anterior o título “Em busca de novos padrões” e no seguinte “A cena instável”<sup>802</sup>. E esta busca era inevitável quando alguns artistas refletiram sobre a arte do seu tempo. Amadeo foi um deles quando numa carta ao seu tio Francisco escreveu que os artistas de hoje “preocupam-se com a realidade, pretendem imitar a natureza, como se ela fosse imitável, não sentem emoções grandes porque são neutras de nascença as suas almas”<sup>803</sup>. De início, o público e a crítica reagiu negativamente a este experimentalismo, para depois mudar de opinião e se entusiasmar com o modernismo. A maior parte das pessoas desenvolve reações de defesa a tudo o que é novo, mesmo aqueles que mais tarde venham a admirar o resultado da mudança, inclusive no seio da classe artística. Manet foi recusado por um júri de artistas académicos, mas Matisse, um moderno, fez apreciações pejorativas aos “petits cubes” de Braque, e ao quadro “As Donzelas de Avinhão” de Picasso, afirmando que era “uma caricatura da modernidade”. Para cúmulo, um júri composto maioritariamente por artistas cubistas opôs-se a que fosse exposto “O Nú Descendo uma Escada” de Marcel Duchamp!<sup>804</sup>

Os temas que Eduardo Viana mais trabalhou foram a natureza morta e a paisagem.

Em 1919, no 3º Salão dos Humoristas, foi o mais elogiado pela crítica, pela “riqueza grande no colorido”, “pela bizzaria das cores, pela singular distribuição

<sup>800</sup> Catálogo: Décima terceira exposição. Lisboa: Sociedade Nacional ds Belas Artes, 1916, p. 19

<sup>801</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 669

<sup>802</sup> GONÇALVES, Rui Mário-História da Arte em Portugal: Pioneiros da Modernidade. Lisboa: Publicações Alfa S.A., 1986. Vol. 12, pp.10, 11

<sup>803</sup> CARDOSO, Amadeo de Sousa, *apud* CARVALHO, Manuel Rio-História de Arte em Portugal: Pioneiros da Humanidade, 1986, op. cit.. Vol. 12, p. 16

<sup>804</sup> GONÇALVES, Rui Mário-História da Arte em Portugal: Pioneiros da Modernidade, 1986, op. cit. Vol.12, p. 24

das tintas berrantes”, “desprezando os meios tons” e “avançando para o futurismo”<sup>805</sup>. Embora tivesse vindo a expor na Sociedade Nacional das Belas artes desde 1906 ao lado daqueles que defendiam o naturalismo, é-lhe recusada em 1921 a possibilidade de aí expor. O mesmo acontecerá em 1922 a Milly Possoz que aí expunha desde 1909.

Mário Domingues, um crítico que se opunha “ao naturalismo fotográfico teimosamente persistente”<sup>806</sup> em 1923 reconhecia em Eduardo Viana “o melhor colorista português” e tinha reconhecido a sua qualidade “ainda numa época em que o pintor era odiado e apelidado de louco”.<sup>807</sup>

A questão dos “Novos” vai prolongar-se por alguns anos com discussões e textos inflamados e só ficará resolvida em 1925 quando Eduardo Viana é convidado pela nova Direção da SNBA para organizar o Salão de Outono de 1925. Foi “o acontecimento artístico coletivo mais importante da década”. Amadeo, Santa Rita e Manuel Jardim, já falecidos, foram homenageados com a exposição de alguns dos seus quadros. Mas a crítica não foi unânime relativamente aos três<sup>808</sup>.

Mas o naturalismo não morreu. Um tardo-naturalismo, vai-se prolongar no tempo, pelos discípulos dos mestres da segunda geração de naturalistas, por sua vez discípulos dos “divinos mestres” Silva Porto e Marques de Oliveira, que praticaram em Barbizon, na vizinhança da floresta de Fontainebleau, de onde vieram para Portugal em 1879.

**Francisco Romano Esteves** (1882-1960) está representado com os quadros *Pescador Algarvio*<sup>809</sup>(fig.136), *Retrato do estadista Eduardo Vilaça*<sup>810</sup>, (fig. 141), *Garoto (ar livre)*<sup>811</sup>(fig.135), *Costumes portugueses-ar livre*<sup>812</sup>(fig.133), *Remoendo*<sup>813</sup>(fig.132), uma pintura animalista e *Quando vem o paizinho da guerra*<sup>814</sup>(fig. 134). O retrato do estadista Eduardo Vilaça (fig.141) é um retrato em

<sup>805</sup> P.D.M.: No Salão de Modernistas, *apud* ROSA, Fernando Dias- Op. Cit., p. 38

<sup>806</sup> DOMINGUES, Mário, *apud* ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 174

<sup>807</sup> DOMINGUES, Mário, *apud* ESQUÍVEL, Patrícia- Op. cit., p. 174

<sup>808</sup> ESQUÍVEL, Patrícia- Teoria e Critica de Arte em Portugal (1921-1940), 2007, op. cit., pp.182,183, 184.

<sup>809</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série Nº 431. Lisboa, 25/5/1914, p. 669

<sup>810</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série Nº 433. Lisboa, 8/6/ 1914, p.709

<sup>811</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>812</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa, II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

<sup>813</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435

<sup>814</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 735.



pose natural, a três quartos, de frente, cabeça ligeiramente inclinada, olhando para o lado, braço direito pendente ao longo do corpo, o esquerdo com a mão enfiada no bolso. *O Garoto* é um retrato de busto feito ao ar livre com os ramos de um arbusto envolvendo-o. Foi discípulo de Columbano, “perpetuando um naturalismo mais modernizante por vezes de laivos impressionistas”<sup>815</sup>. Esteve presente em 70% dos salões entre 1909 e 1944 e obteve a 1ª medalha em pintura em 1941 na SNBA. Foi membro fundador do G.A.P. em 1945<sup>816</sup>. Dedicou-se “ao retrato e a cena de costumes”, acusando características estilísticas do seu mestre, inspirando-se em Malhoa<sup>817</sup>. Trabalhou também a natureza-morta. Retratou entre outros a famosa artista Palmira Bastos e o Presidente da República Óscar Carmona.<sup>818</sup>

**Artur Prat** está representado com o quadro *O Rebanho*<sup>819</sup>, (fig.59), com uma escultura *O busto do sr. M.J.O.*<sup>820</sup>, (fig. 60), *Ultimos momentos*<sup>821</sup>, (fig.61) e *Concerto impossível*<sup>822</sup>, (fig. 62). Trabalhou sobretudo marinhas e paisagens. É elogiado pelo colorido<sup>823</sup>. Foi também escultor e terá mostrado essa feição ao público português em 1914, em que o busto citado é um exemplo. Trabalhou também o retrato. Em “Concerto impossível” Artur Pratt representa uma figura popular, um artesão, com o caco de uma bilha partida na mão esquerda, a olhar com ar de lamento para um garoto com os pés descalços, que a terá partido e que lhe pede para a concertar. Perante a impossibilidade do concerto, o garoto, prevendo o que lhe espera quando chegar a casa, está com uma mão a limpar as lágrimas dos olhos, a que carregaria a bilha, a outra a segurar o cesto que também levava e que ainda não largara. É um quadro de temática romântica, embora a representação dos personagens, e do ambiente seja dum naturalismo realista.

<sup>815</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 29

<sup>816</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1999, op. cit. Vol. I, pp. 103,111,125

<sup>817</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit.. Vol.11, p.126

<sup>818</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 88, 89, 356

<sup>819</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 669

<sup>820</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº431, Lisboa, 25 5 1914, p. 666

<sup>821</sup> Visita do Sr. Presidente da República á Exposição das Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa, 14 6 1915, p.766

<sup>822</sup> Visita do Sr. Presidente da República à exposiçãodas Belas Artes.In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa 14/6/1915, p. 765

<sup>823</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de pintores e Escultores Portugueses. 2ª Ed. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. IV, p. 372

**Narciso Alfredo de Moraes** (1892-1977). É filho do pintor Alfredo de Moraes. Está representado pelo quadro *Fiando*<sup>824</sup>, (fig. 252), por *Orando*<sup>825</sup>, (fig. 250), *Em pose*<sup>826</sup> (fig. 251) e por uma *Aguarela*<sup>827</sup> (fig. 248), *Os órfãos*<sup>828</sup> (fig. 249). *Fiando* é uma representação de um aspeto típico da vida rural, de uma das suas gentes, de um tipo popular, um retrato de uma senhora do povo, idosa, a fiar. *Orando* representa um retrato naturalista de um homem velho com as mãos em posição de prece ao nível do peito, o olhar dirigido para uma imagem de um santo ou santa da igreja, que estará diante dele a quem pede ajuda para que lhe acuda numa aflição. O pintor consegue exprimir a aflição do velho mitigada pela esperança da sua prece ser atendida. *Em pose*...

Foi discípulo de Veloso Salgado e Casanova. Participou em 18 salões da SNBA de 1914 a 1945<sup>829</sup>. “Cultivou a pintura a óleo, a aguarela e o pastel, sendo sobretudo um paisagista”<sup>830</sup>. Mas realizou outras temáticas como o retrato. Obteve a 1ª medalha em pastel e a 2ª medalha em pintura, aguarela e desenho na SNBA<sup>831</sup>. Medalha de honra em 1937<sup>832</sup>.

**Adelaide de Almeida Lima Cruz** (1878-1963) está representada com o quadro *Sonata Mozart*<sup>833</sup>, (fig.314). Foi discípula de Carlos Reis. Esteve presente em 1914 e em mais três salões da SNBA após esta data<sup>834</sup>. Obteve a 2ª medalha em pintura na SNBA. “Distinguiu-se nas naturezas-mortas, flores, na representação das sedas e metais”<sup>835</sup>

**Ribeiro Junior** (José Nunes) (1881-1856) está representado com o quadro *Preto tocando*<sup>836</sup>, (fig.376). Foi discípulo de Condeixa . Distinguiu-se no retrato e na representação de cenas de trabalho, feita de maneira impressionista. Recebeu vários prémios em exposições em Portugal, 1ª medalha em pintura em 1915 e 2ª medalha

<sup>824</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 669

<sup>825</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

<sup>826</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 4

<sup>827</sup> Exposição de aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa 19/1/1914, p. 85

<sup>828</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 735

<sup>829</sup> TAVARES, Cristina de Sousa- Naturalismo e naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1999, op. cit. Vol. I, p. 104

<sup>830</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol.IV, p. 372

<sup>831</sup> PAMPLONA, Fernando- Op. cit. Vol. IV, p. 372

<sup>832</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, p. 110

<sup>833</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 669

<sup>834</sup> Tavares, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. II, p. 63

<sup>835</sup> PAMPLONA, Fernando de – Op. cit. Vol. III, p. 208

<sup>836</sup> A exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 431, Lisboa, 25 5 1914, p. 669

em pastel em 1916 na SNBA e no Brasil, 2ª medalha do Rio de Janeiro em 1908. Executou o retrato do Rei D. Manuel II que está no Palácio de S.Bento.<sup>837</sup>

**Alvão** (1872-1946) está representado pelas fotografias *O forno*, (fig.44), *Madrugada*, (fig.45), *Pelo caminho*, (fig. 47), *Na eira*, (fig. 48), *Linho novo* <sup>838</sup>, (fig. 46).

**Gilberto Ventura Renda** (1884-1971) está representado pelos quadros *Caminho de Seixas*<sup>839</sup>, (fig. 303), *Logar da Fonte (Seixas)*<sup>840</sup>, (fig. 304), *Pensando*, (fig. 305)<sup>841</sup>, *Deitando a vara (Seixas)*<sup>842</sup> (fig. 307), *Rio Coura (Minho)* <sup>843</sup>(fig. 308), *A resa*<sup>844</sup>(fig. 306), *Apanhando gravanha (Seixas)*<sup>845</sup>(fig. 310) e *Tarde*<sup>846</sup>(fig. 306). São três paisagens, uma fluvial povoada por uma figura e duas rurais sem figurantes, onde uma pequena parte do rio Minho se representa ao fundo. “Pensando” é um retrato de perfil a corpo inteiro de uma minhota<sup>847</sup>, numa atitude pensativa no ambiente do campo. Em “Deitando a vara” nota-se uns laivos de impressionismo na maneira como a luz é tratada; a inclinação da vara na mão da figura que dirige o barco transmite movimento. As outras duas paisagens parecem-se com fotografias coloridas, do tipo que se vão repetindo de exposição em exposição, sem aparentemente cansar os visitantes das mesmas. Além de paisagens trabalhou o tema do retrato, um deles de grandes dimensões, o de Manuel Fernandes Tomás, encontra-se na Câmara Municipal da Figueira da Foz .

<sup>837</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. V, p. 58

<sup>838</sup> A exposição de fotografias artísticas d’Alvão no Salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 434, Lisboa, 15/6/1914, p. 741,742,743

<sup>839</sup> Exposição de Belas Artes no Salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 460, Lisboa, 14/12/1914, p. 745

<sup>840</sup> Ibidem, p. 745

<sup>841</sup> Ibidem, p. 745

<sup>842</sup> Ibidem, p.745

<sup>843</sup> Sr. Gilberto Renda na Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 623, Lisboa, 28/1/1918, p. 79

<sup>844</sup> Ibidem, p. 79

<sup>845</sup> Ibidem, p. 79

<sup>846</sup> No salão da “Ilustração Portuguesa”. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 22/12/1914, p. 832

<sup>847</sup> “...é preciso vê-las para devidamente as avaliar na sua ingenuidade simplicidade, ...ruborizando-se instintivamente pudicas se alguém demora acaso olhos mais curiosos nos oiros com que lhes adornam colares múltiplos a turgidez do busto, ou se a impertinência de quem lhes mira as minúcias do vestuário chega a ponto de querer comparar com a alvura da camisa de linho grosso espartilhada pelo colete de pano de lã a alvura das meias no curto espaço visível entre a fimbria da saia listrada e os socos de salto curto, algumas vezes talhados em cabedal de polimento com bordaduras caprichosíssimas”-( CUNHA, Xavier da - Camponesa de Viana de Castela. In Album de Costumes Portugueses. Lisboa: Edição Perspectivas e Realidades, 1987. Depósito legal nº 18914/87)

Trabalhou também o tema da natureza-morta<sup>848</sup>. Esteve presente em cinco exposições na SNBA, 1915, 1916, 1923, 1924, 1927<sup>849</sup>. Obteve a Menção honrosa<sup>850</sup>.

**Santos Junior (Henrique)** (? -1957) está representado com o quadro *Antelmo*” (*Alfeite*)<sup>851</sup>, (fig. 378). É um discípulo de Veloso Salgado. Trabalhou o tema da pintura mitológica<sup>852</sup> e simbólica<sup>853</sup> e o retrato, tendo pintado o do escritor Correia da Costa<sup>854</sup>. Está no grupo dos artistas que se apresentaram individualmente no salão da SNBA<sup>855</sup>. Expos na SNBA quinze vezes entre 1916 a 1950, inclusive<sup>856</sup>.

**José Justino de Sant’Ana** está representado com o quadro *A caminho da fonte*<sup>857</sup>, (fig.347) e *Manhãs de sol*<sup>858</sup> (O cruzamento de informações entre a crónica da Revista e o catálogo da SNBA, onde o quadro aparece com o título no singular *Manhã de sol*, levou-me a atribuir, com alguma segurança, a autoria de *Manhãs de Sol* a Justino de Sant’Ana, pois o quadro está representado na crónica sem indicação do seu criador). Justino de Sant’Ana expôs entre 1914 e 1919 e 1921 e 1922 na SNBA. Foi discípulo de Veloso Salgado. Obteve uma menção honrosa. Praticou o tema da paisagem. Em *A caminho da fonte* a paisagem é povoada com um tipo e costume popular da época, o de uma rapariga do campo que vai buscar água à fonte, levando o cântaro apoiado na anca, seguro com a mão da moça agarrada á asa do recipiente. Vai de saia vistosa, de corpete apertado e lenço traçado- A moça representada no quadro é verdadeira?

“Pois a verdade da pintura está por acaso mais nos borrões dos impressionistas do que nas tonalidades convencionais dos paisagistas do séc. XVIII? Não! A verdade está no misto das mais diversas e variadas cenas. A natureza é diversa, como o homem é diverso também. Esta moça de lavoura gentilíssima, com o seu olhar

<sup>848</sup> Catálogo: Décima terceira exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes,1916, p. 31

<sup>849</sup> TAVARES,Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e naturalismos na pintura Portuguesa do séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes, 1999, op. cit.Vol. II, p.71

<sup>850</sup> Catálogo: Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes,1916, p. 31

<sup>851</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguêsa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>852</sup> Quadro “Andrómede”-Catálogo: Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes,1916, p. 35

<sup>853</sup> TAVARES,Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, p. 96

<sup>854</sup> TAVARES,Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.I, p. 348, 349

<sup>855</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 458

<sup>856</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.II, p. 65

<sup>857</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguêsa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/ 1914, p. 831

<sup>858</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435

puro e com os seus cabelos louros, é tão verdadeira como é verdadeiro o auripurpúreo sol-posto de Outono e o cândido luar das noites estivais”<sup>859</sup>

assim responderia Pinheiro Chagas.

**Augusto do Nascimento** (1891-1951) está representado por *A mulher que ri*<sup>860</sup>, (fig. 329). Mas ela não está a rir...está a sorrir. Embora não seja um retrato em pose formal e convencional, como seria se fosse representada séria, é um retrato naturalista. Poderia ter sido feito a partir duma fotografia. Trata-se de alguém da alta sociedade do seu tempo que escolheu o tipo de retrato que pretendia. Augusto do Nascimento “distinguiu-se como paisagista sensível, de colorido intenso”<sup>861</sup>. Expôs só uma vez na SNBA, em 1926<sup>862</sup>, mas teve aí uma exposição póstuma em 1954<sup>863</sup>.

**D. Maria G. Mauhin** está representada com *Natureza morta*<sup>864</sup>, (fig.234). Foi discípula de Carlos Bonvalot. Dedicou-se a trabalhar os temas da Natureza-morta, mitológica e simbólica<sup>865</sup>, da paisagem em que o pitoresco está presente <sup>866</sup>. Expôs de 1914 a 1917 na SNBA.<sup>867</sup>

**Frederico Caetano de Carvalho** está representado com *Autorretrato*<sup>868</sup>, (fig. 332). Pintou também a natureza-morta, tema que para a maioria dos pintores era cultivada a par com a pintura de flores.<sup>869</sup> Expôs na SNBA em 1923, 1955, 1957<sup>870</sup>.

**Adriano (Artur Eugénio) Costa** (1888-1949) está representado com o quadro *A porta nova (Évora)*<sup>871</sup>(fig.1). Foi discípulo de Carlos Reis e foi paisagista<sup>872</sup>.

---

<sup>859</sup> CHAGAS, Pinheiro-Moças de lavoura. In Album de Costumes Portugueses. Lisboa: Edição Perspectivas e Realidades. Depósito legal nº18914/87

<sup>860</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>861</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses . 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol IV, p. 195

<sup>862</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.II, p. 69

<sup>863</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.I, p. 454

<sup>864</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>865</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, p. 96

<sup>866</sup> Catálogo:Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1916, p. 27

<sup>867</sup> TAVARES Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.II, p. 68

<sup>868</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>869</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol.I, pp. 354, 355

<sup>870</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.II, p. 61

<sup>871</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/ 1914, p. 831

<sup>872</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol. 11, p. 128

Participou em 17 salões de 1911 a 1932<sup>873</sup>. Participou em maio de 1947 na 5ª exposição de Artes Plásticas do G.A.P na SNBA<sup>874</sup>.

**Óscar Charneca** (representado por um quadro *Estudo*<sup>875</sup>, (fig.366), um retrato em busto naturalista com preocupação de captar o estado psicológico do personagem

**Raul Xavier** (1894-1964) está representado por um *Gesso*<sup>876</sup>, (fig.261), representando um busto de um jovem adulto, pelo *Busto de Henrique Pereira*<sup>877</sup>, (fig.260). Foi discípulo de Costa Mota. Obteve uma menção honrosa<sup>878</sup>. Entre a várias obras que realizou contam-se as estátuas *Prudência* em 1941 para o Palácio de S.Bento, *Arte* em 1935 e *Ciência* em 1945 para o Pavilhão dos Desportos, vários bustos, entre os quais se conta o busto de Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, inúmeras estátuas e imagens religiosas e medalhões.<sup>879</sup> Fez parte desde a primeira hora do G.A.P., embora não fazendo parte do grupo fundador<sup>880</sup>. Raul Xavier foi um dos escultores entre os 24 presentes na exposição “Os anos 40 na Arte Portuguesa” que se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian em 1983. A escolha das obras aí expostas foi orientada por um compromisso entre o modernismo e o academismo. Mas a tendência modernista esteve em vantagem já que dos 24 escultores escolhidos estiveram nomes como Barata Feyo, Canto da Maia, António Duarte, Francisco Franco, Hein Semke,....e alguns da velha guarda como Anjos Teixeira Filho, Raul Xavier e N. Besson, académicos. Raul Xavier ficou responsável do ensino de modelação e escultura no curso existente na SNBA a partir de 1947.<sup>881</sup>

**Severo Portela Junior (filho)** (1898-1985) está representado por um *Medalhão de Senhora*<sup>882</sup>, (fig.274), um relevo dum busto em perfil de uma senhora, por um busto

<sup>873</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.I., p. 104

<sup>874</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.I., p. 445

<sup>875</sup> No salão da Ilustração Portuguesa. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 462, Lisboa, 28/12/1914, p. 831

<sup>876</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 734

<sup>877</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa 22/5/1916, p. 615

<sup>878</sup> Catálogo Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1916, p. 45

<sup>879</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-História de Arte Portuguesa: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol.11, pp. 150, 151

<sup>880</sup> MATIAS, Maria Margarida L.G. Marques-Op. cit. Vol. I, p. 125

<sup>881</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, pp. 221, 313, 314

<sup>882</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 734

*Garoto rindo*<sup>883</sup>, (fig.276), pelo busto *Mademoiselle Gemé*<sup>884</sup>, (fig.275), *Soledade*<sup>885</sup>(fig. 276). No início da sua carreira, ainda estudante, dedicou-se à escultura, a conselho de Simões de Almeida Sobrinho, assinando as obras com o nome de Severo Portela<sup>886</sup>. Foi aluno de Ernesto Condeixa e de Simões de Almeida Sobrinho, mas foi a pintura de Columbano, de quem era amigo, que o fascinou e que o levou a abandonar a escultura e a optar pela pintura. Deixou-nos muitos quadros do Alentejo, região onde viveu, registando cenas do dia a dia dos alentejanos, de técnica columbanesca mas revelando um “forte temperamento de colorista”, que o distingue de Columbano<sup>887</sup>. Além das cenas alentejanas pintou também naturezas-mortas, a gente nómada dos circos representados nesse ambiente e fez enormes composições murais, evocando a História de Portugal, que o tornaram famoso como decorador. É dele, entre outros que executou, o fresco que está na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. “Portela Júnior está (...)na primeira fila dos nossos fresquistas e decoradores”.<sup>888</sup> Obteve a 1ª medalha em pintura e a medalha de honra em desenho na SNBA. Esteve presente dezoito vezes nas exposições da SNBA desde 1931 a 1962.<sup>889</sup>

**Francisco dos Santos** (1878-1930) está representado pela escultura *Um beijo*<sup>890</sup>, (fig.138), *A estatua de Nuno Alvares*<sup>891</sup>, (fig.140), *Evocação*<sup>892</sup>, (fig.139), *Monumento ao Marquês de Pombal*<sup>893</sup>(fig. 137). Foi discípulo de Simões de Almeida e Charles Verlet. “De espírito pagão, de temperamento sensual, ele esculpiu com palpitação e fogo imagens (...) da beleza feminina”<sup>894</sup>, imagens voluptuosas e arrebatadas<sup>895</sup>. “Na pujança do modelado, no ímpeto irresistível, no

<sup>883</sup> Visita do Sr. Presidente da República à Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 486, Lisboa 14/6/1915, p. 766

<sup>884</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 615

<sup>885</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 427

<sup>886</sup> PAMPLONA, Fernando de – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. Vol. IV. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. IV, p. 360,361

<sup>887</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- *História da Arte Portuguesa: Do Romantismo ao Fim do Século*, 1986, op. cit, p. 130

<sup>888</sup> PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. Barcelos: Civilização Editora. 1988. Vol. IV, p. 360, 361

<sup>889</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. II p. 66

<sup>890</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 734

<sup>891</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 615

<sup>892</sup> Exposição de Belas Artes. IN *ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 615

<sup>893</sup> O monumento ao Marquez de Pombal. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº427, Lisboa, 27/4/1914, p. 524

<sup>894</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit., Vol. V. p. 142

<sup>895</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- *História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século*, 1986, op. cit. Vol.11, p. 147

largo sentido do movimento, ele aparenta-se com Rodin”<sup>896</sup>. Todas estas qualidades podem ser observadas na estátua *Um beijo* (fig.138) em que um casal nu, em posição não convencional é representado a beijar-se conferindo ao conjunto uma carga erótica arrebatadora. Na estátua de Nuno Álvares este é apresentado a tirar a espada da bainha, conferindo à escultura um dinamismo que não teria se aquele fosse representado de modo convencional. Evocação é representado pelo rosto de uma mulher a olhar para o Além. No mesmo espírito é dele outras obras, entre as quais se destaca *Salomé*, considerada uma obra-prima, em que uma mulher nua numa posição deitada, remanescente da serpente bíblica, exprime uma grande sensualidade feminina.

É também de Francisco dos Santos a obra *Marinheiro ao Leme*<sup>897</sup>, uma obra em que a figura humana é representada a orientar o barco ao comando do leme, dando a ideia da enorme energia que é necessário consumir, associada à coragem que a situação exige. A cena é empolgante, plena de dinamismo, com a ideia de movimento a ser transmitido pelas duas linhas diagonais paralelas, formadas pelo leme e pelo corpo do marinheiro que com as duas mãos o agarra e o domina.

Ganhou o concurso feito pela Camara para o busto da República, mas não foi o escolhido pelas entidades oficiais, que preferiram o de Simões de Almeida Sobrinho.

É o autor do monumento ao Marquez de Pombal em Lisboa, (fig.137), feito em parceria com o arquiteto Adães Bermudes e António do Couto. O concurso aberto para a sua realização foi de 1914. É formado por base e coluna, no topo da qual Francisco dos Santos coloca a estátua do Marquez, tendo um leão ao lado, símbolo da alma portuguesa. Na parte de cima a coluna tem à sua volta medalhões, sendo um deles de Machado de Castro. A base é ocupada por estatuária que representa simbolicamente as atividades onde o marquês mais influência teve na sua modernização. Quando foi inaugurado em 1934 já uma escultura esteticamente mais modernizante tinha surgido e no dia da inauguração já era antiquado.<sup>898</sup>

<sup>896</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. V, p. 142

<sup>897</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-História da Arte em Portugal. Do romantismo ao fim do século, 1986, op. cit. Vol.11, p.147

<sup>898</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol. 11, pp. 147,148



**José Malhoa** (1855-1933) está representado por quatro quadros, *Saboreando*<sup>899</sup>, (fig.214), *Acendendo o cigarro*<sup>900</sup>, (fig.215), *Retrato do Sr. Alberto Teles*<sup>901</sup>, (fig.216), *O cigarro*<sup>902</sup>, (fig.217), *Varanda dos rouxinóis*<sup>903</sup>.(fig.218)

Foi discípulo de Anunciação, Prieto, Simões de Almeida, Miguel Lupi, e Vitor Bastos. Fez parte do Grupo do Leão de Silva Porto.<sup>904</sup>

José Malhoa aparece na “hagiografia que se tece em torno à sua vida e obra, como o filho do povo que se torna pintor para nos dar esse povo, da taberna ao altar, do bordel á procissão, povo que pode vir a transformar-se, numa fase já adiantada da sua obra, na burguesia que, afinal, constitui o seu melhor público numa comunhão total do gosto”.<sup>905</sup>

E apesar de às cenas burguesas ou pequeno burguesas tão pouco se ter dedicado, comparativamente as da aldeia, são naquelas onde surgem os melhores trabalhos, como é o caso da tela *À beira-mar*.<sup>906</sup>

Nas suas “telas festivas ... as cores vibram e cantam, a luz é uma fanfarra...”<sup>907</sup>

Mas também pintou “cenas de interior, em que a paleta do grande colorista se despiu de galas, mas ganhou em sobriedade”, como acontece em “Festejando o S. Martinho”.<sup>908</sup>

*Saboreando* é o retrato de um homem do povo, rústico, de meia idade sentado a uma mesa tosca de uma adega a saborear uma parca refeição, surpreendido pelo olhar do pintor a quem fita no momento que levava a fatia do melão à boca. É uma composição verista que se desenrola num ambiente realista de pobreza em que o modelo é ou poderia ser um aldeão de Figueiró dos Vinhos, onde o artista teve uma

<sup>899</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº431, Lisboa, 25/5/1914, p. 663

<sup>900</sup> Visita do Sr. Presidente da República à Exposição das Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 765

<sup>901</sup> Visita do Sr. Presidente da República à Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 765

<sup>902</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 548

<sup>903</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 624, Lisboa, 4/2/1918, p. 96

<sup>904</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. IV, p. 37, 39

<sup>905</sup> PORFÍRIO, José Luís- BARREIROS, Maria Helena-Arte Portuguesa: Da Pré- História ao Séc. XX, 2009, op. cit. Vol. 15, p.72

<sup>906</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- História de da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol. 11, p. 58

<sup>907</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. IV, p. 37

<sup>908</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. IV, p. 38

residência de Verão. Provém do ambiente da aldeia, neste caso o interior da taberna, a maior parte das suas obras. “Malhoa foi sobretudo pintor de paisagem humana, afastando-se muito cedo da pintura de Barbizon, embora com ela convivesse por algum tempo, por via de Silva Porto”<sup>909</sup>.

Em *Acendendo o cigarro*, Malhoa representa o velho camponês no momento de acender o cigarro. Ele é o pintor do Povo, de onde provém, com quem lidou e que não renega mesmo até ao fim da sua vida, povoando as suas telas com seus rostos, seus costumes, nas suas manifestações pagãs e religiosas que nas suas telas aparecem por vezes misturadas, refletindo a verdade do comportamento da nossa gente, que ele conhece como ninguém. O quadro *As promessas*<sup>910</sup> são exemplo dessa mistura. A burguesia disputará as suas telas, comungando o gosto do pintor. Procura-o para que ele lhes pinte os retratos. “Em 1928 Malhoa pintara já perto de 900 retratos, onde se incluíam os da família real”<sup>911</sup>.

(...)” o artista deu um tratamento sui generis à figura, usando a pincelada solta e vincada, tal como o realista Pradilla (1848-1921). Algo do seu espírito vivo, afetivo, bem-humorado, malicioso e irónico se projetou, consoante os casos, nos retratos que executou”<sup>912</sup>.

O *Retrato do sr. Alberto Teles* representa-o a meio corpo, sentado no seu escritório, meditando, com um livro aberto pousado na mesa á sua frente. Os dois braços estão apoiados na mesa. A mão direita levanta uma folha do livro, enquanto a outra segura os óculos colocados sobre ele. Os punhos “nadam” nas mangas da camisa do retratado! Malhoa “mostra observação aguda e penetrante”.<sup>913</sup> Em *O cigarro* Malhoa representa o camponês a humedecer com a língua húmida de saliva a estreita superfície com cola do papel de cigarro para terminar o seu fabrico.

O retrato do Rei D. Carlos feito por Malhoa encontra-se na Assembleia da República.

Além de retratista, paisagista tardo-romântico, animalista, pintor de género, foi pintor de história e de nu.

<sup>909</sup> MATIAS, Margarida- Op. cit. Vol.11, p. 55

<sup>910</sup> Ibidem, p. 55

<sup>911</sup> Ibidem, p. 59

<sup>912</sup> Ibidem, p.58

<sup>913</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. IV, p. 38

No Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro encontra-se o quadro *Descobrimento do Brasil*, de 1907, e no Museu Militar encontra-se a *Ilha dos Amores* “com nudezes flexuosas e gordas, de carnação branca e de cabelos de ouro, ao gosto de Rubens, a deslizarem por entre as sombras macias de laranjais floridos.”<sup>914</sup>

Obteve a medalha de honra da SNBA. Nas Caldas da Rainha criou-se em sua honra o Museu Provincial José Malhoa que se “transformou na principal coleção pública de arte naturalista”.<sup>915</sup>

**António Quaresma** está representado pela aguarela *Mendigo*<sup>916</sup>, (fig.42) *Ex-Convento de S. Domingos*<sup>917</sup>(fig.43), *Rio da Fonte*<sup>918</sup>(fig.41). Em *Mendigo*<sup>919</sup>(fig. 42), o realismo do tema enquadra-se no naturalismo seguido pelo artista. O mendigo representado não chega a perturbar. Não incomoda. É alguém que existe, que está naquele local, em posição ligeiramente curvada, de chapéu na mão, à espera de uma esmola. O pintor não quer dizer mais nada. Realizou também aguarelas de paisagens sem figuras ou povoadas, como já tinha vindo a pedir “a geração neogarretiana”<sup>920</sup>. António Quaresma foi fiel à estética naturalista e muitos dos seus quadros sugerem fotografias coloridas, como se exemplifica.

**João Marques** (1882-1973) está representado pela aguarela *Portaria típica (Oliveira de Azeméis)*<sup>921</sup>, (fig.177), pelo *Lavadouro dos Alfegos(Loures)*<sup>922</sup>, (fig.178) e por *Chafariz de S. Paulo*<sup>923</sup>(fig. 176). Foi discípulo de Leopoldo Battistini.

*Portaria típica* (fig. 177) é um quadro característico do naturalismo pitoresco que João Marques repetiu ao longo da sua vida. “Em suas aguarelas de tons

<sup>914</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit., p. 39

<sup>915</sup> PORFÍRIO, José Luís-BARREIROS, Maria Helena- Arte Portuguesa: Da Pré- História ao Século XX, 2009, op. cit. Vol. 15, p. 74

<sup>916</sup> Visita do Sr. Presidente da República à Exposição das Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 765

<sup>917</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p.3

<sup>918</sup> Exposição de aguarelas. Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 86

<sup>919</sup> Visita do Sr. Presidente da República à Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 765

<sup>920</sup> ESQUIVEL, Patrícia-Op. cit., p. 174

<sup>921</sup> Visita do Sr. Presidente da República à Exposição das Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 486, Lisboa, 14/6/1915, p. 766

<sup>922</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

<sup>923</sup> Exposição de aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 85

harmoniosos, cultivou um suave pitoresco”<sup>924</sup>. Para isso percorreu o País, como os pintores a óleo o faziam para captar as cenas mais pitorescas. Neste caso representa uma portaria de uma casa de campo, à frente da qual está um burro com albarda, preso pelas rédeas à portada. No caminho em frente à propriedade, uma garota da aldeia, com o seu traje típico, aproxima-se da portaria para seguir o seu caminho. *Lavadouro dos Alvogós(Loures)* (fig.178) é mais uma aguarela pitoresca de um lavadouro onde várias mulheres com seus trajes típicos lavam roupa ou enchem os cântaros na fonte ao lado. Além deste tipo de cenas pitorescas rurais, pintou outras, representando monumentos<sup>925</sup>. Dedicou-se também às marinhas, saindo já do pitoresco.<sup>926</sup>

João Marques foi um dos fundadores do Grupo Português de Aquarelistas, cuja 1ª exposição acontece em 1949, “cujos artistas defendiam uma arte caracteristicamente portuguesa”.<sup>927</sup>

Obteve a medalha de honra em aguarela em 1949 na SNBA e o 2º prémio Roque Gameiro, do SNI em 1956 e a medalha de prata na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922.<sup>928</sup>

**Álvaro da Fonseca** (1887-1920) está representado pela aguarela *Fonte da Pipa*<sup>929</sup>, (fig.318), de um naturalismo pitoresco onde várias personagens se juntam para encher os cântaros de água na fonte. Em 1915 expôs na SNBA. O estado comprou esta tela para o museu de arte contemporânea.

**José Pereira**, escultor, está representado com o gesso “*Surpreendido*”<sup>930</sup>, (fig.221), e com o bronze *Perdoável Distração*<sup>931</sup>, (fig.222). O primeiro é uma escultura naturalista representando um rapaz sentado surpreendido pela sonoridade dum violino no momento que o experimenta. Foi discípulo de Simões de Almeida e

<sup>924</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. IV, p. 70

<sup>925</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 368

<sup>926</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 373

<sup>927</sup> Catálogo da 19ª Exposição do Grupo Português de Aquarelista *apud* Tavares, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 457, 475

<sup>928</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de pintores e Escultores portugueses. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. IV, p. 70

<sup>929</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

<sup>930</sup> Ainda sobre a exposição da Sociedade das Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 488, Lisboa, 28/ 6/1915, p. 829

<sup>931</sup> Figuras e Factos. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 643, Lisboa, 17/6/1918, p. 477  
Catálogo: Décima Quinta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1918, p. 52

diretor da escola industrial de Tomar. “É autor do busto do agrónomo Ferreira Lapa, erigido em 1917 no terreiro da entrada da Tapada da Ajuda”. Foi premiado com a 3ª medalha em escultura em 1915.

**Alves de Sá** (1878-1982) está representado pelo quadro *No Tejo-* (Ao pôr do sol)<sup>932</sup>, (fig.28) por *Vale de Junqueiros*<sup>933</sup>(fig.29) e por *Fonte do sr. Roubado*<sup>934</sup>(fig. 27). *No Tejo* é uma marinha com vários barcos, uns na margem, outros ao largo a navegar ou parados, com figuras de pescadores, a exemplo de outras do mesmo tipo que outros pintores fizeram. Alves de Sá é um aquarelista que se distingue “pelo saber e pela sensibilidade em suas aquarelas de bela transparência e luminosidade, de cromatismo suave e impressivo”<sup>935</sup>. Obteve a medalha de honra em aquarela na SNBA e o 1º prémio Roque Gameiro em 1947 do SNI<sup>936</sup>. Foi também pintor ceramista, tendo feito “trabalhos em decoração em azulejo para (...), Sé do Porto”.<sup>937</sup>

**Rocha Vieira** (1883-1947) está representado pela aquarela *Outurelo (um páteo)*<sup>938</sup> (fig.262), um quadro do género pitoresco do mundo rural onde um pátio é animado pela presença de trez patos e por *Casa na Agualva*<sup>939</sup>(fig. 261). Foi 1ª medalha em aquarela em 1943<sup>940</sup>

**Luiz de Melo** está representado com *Cabeça de velho*<sup>941</sup>(fig.232).

**Alfredo de Moraes** (1872-1971). É o pai de Narciso Alfredo de Moraes. Está representado pelo quadro *Costume de 1820*<sup>942</sup>, (fig.16) e *Defesa da bandeira*<sup>943</sup> (fig. 14) e *Os órfãos*<sup>944</sup> (fig.15) Foi discípulo de Ramalho e de Alfredo Keil. Em *Costume de 1820* Alfredo de Moraes representa um retrato de uma dama vestida à maneira de 1820 num enquadramento paisagístico dum parque. Mostra aqui a sua

<sup>932</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº515, Lisboa 3/1/1916, p. 32

<sup>933</sup> A Exposição de Aquarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 3

<sup>934</sup> Exposição de aquarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 88

<sup>935</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses. 2ª edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. I, p. 84

<sup>936</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. I, p. 84

<sup>937</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. I, p. 84

<sup>938</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa 3/1/1916, p. 32

<sup>939</sup> Exposição de aquarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/11/1914, p. 88

<sup>940</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1999, op . cit. Vol.I, p.110

<sup>941</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

<sup>942</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa, 3 /1/1916, p. 32

<sup>943</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 735

<sup>944</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 485, Lisboa, 7/6/1915, p. 735

faceta de ilustrador, tendo feito ilustrações para imensos livros, entre os quais uma edição manuscrita dos *Lusíadas* iniciada em 1893 e continuada em 1898, para revistas e jornais, algumas vezes com cenas históricas.<sup>945</sup>

“Representou nas suas aguarelas de jeito ilustrativo cenas rústicas e tipos populares de colorido vivo e de gosto plebeu”<sup>946</sup>. Obteve em aguarela a medalha de honra na SNBA, a medalha de ouro no Rio de Janeiro, 1º prémio Roque Gameiro (aguarela) do SNI em 1946.<sup>947</sup>

**Helena Roque Gameiro** (1895-1984), filha e discípula de Alfredo Roque Gameiro, está representada com os quadros *Interior*<sup>948</sup>, (fig.147), *Quinta de Queleus*<sup>949</sup>(fig. 148), *Estudo (Faiagueira)*<sup>950</sup> (fig.146). Dedicou-se à representação de interiores aristocráticos, às composições de flores, às paisagens.<sup>951</sup> As suas aguarelas sempre foram de grande apreço para o público<sup>952</sup>, pela delicadeza e sensibilidade que punha na composição das flores, no intimismo dos interiores e nos tons suaves que usava nas paisagens<sup>953</sup>. Fez algumas exposições individuais na SNBA<sup>954</sup>. Apesar de terem sido escassas as medalhas de honra e de 1ª classe atribuídas às mulheres que se dedicavam de preferência à pintura de flores, natureza-morta e de género, a primeira foi atribuída à aguarelista Helena Roque Gameiro, 1ª medalha em 1917.<sup>955</sup>

**Raquel Gameiro** (1889-1970) está representada com o quadro *Antes do banho*<sup>956</sup>, (fig.259) e *Estudo (Falagueira)*<sup>957</sup>(fig.258). Como seu pai, Alfredo Roque Gameiro, de quem foi discípula, trabalhou a aguarela. *Antes do banho* é uma aguarela de interior de uma casa burguesa, no momento de dar banho a um garotinho de tenra idade. Representou também interiores das casas rústicas, “pobres, mas airosos, com chitas de ramagens e louças toscas de barro vidrado”. Representou também cenas

<sup>945</sup>PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit.Vol. IV, p.162

<sup>946</sup> PAMPLONA, Fernando de-Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol. IV, p. 162

<sup>947</sup> Pamplona, Fernando de- Op. cit. Vol. IV, p. 162

<sup>948</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 515, Lisboa, 3/1/1916, p. 32

<sup>949</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 4

<sup>950</sup> Exposição de aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 87

<sup>951</sup> Pamplona, Fernando de- Op. cit. Vol. III, p. 16

<sup>952</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol.I, p.99

<sup>953</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses, 1988, op. cit. Vol.III, p. 16

<sup>954</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op.cit. Vol. I, p. 458

<sup>955</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit., p. 509

<sup>956</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 516, Lisboa, 10/1/1916, p. 58

<sup>957</sup> Exposição de aguarelas. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p.413

com pescadores integrados nas suas aguarelas de marinhas<sup>958</sup>, cenas pitorescas com camponeses, saloios nos seus ambientes de trabalho e composições de flores. Foi uma ilustradora de talento. As suas aguarelas tinham um colorido vivo, assim como as suas ilustrações.<sup>959</sup>

Fez parte das primeiras artistas mulheres a obter um prémio na SNBA, a exemplo da sua irmã Helena. Obteve a 1ª medalha em aguarela em 1929 e a medalha de honra em 1937<sup>960</sup>.

**Leitão de Barros** (1896- 1967) está representado pelo quadro *Praia da Trafaria*<sup>961</sup>, (fig.230) e por *Doka Velha*<sup>962</sup>(fig.231).

*Praia da Trafaria* é uma aguarela representando uma casa típica isolada, em ruínas, inserida numa paisagem inóspita.

Iniciou-se como aguarelista, mas apesar de ser um “excelente aguarelista... troca esta carreira”<sup>963</sup> e dedicou-se sobretudo à decoração e ao cinema<sup>964</sup>, tornando-se realizador de cinema. Obteve a 1ª medalha em aguarela em 1919.<sup>965</sup> “As suas obras singularizam-se pelo agudo sentimento estético”. As suas aguarelas de paisagens com arquiteturas “palpitam em suas tintas luminosas”<sup>966</sup>, como é o caso da *Praia da Trafaria*.

**Frederico Aires** (1887-1963) está representado pelos quadros *Caminho da Salina* (*Santarém*), (fig.144), *Trecho do Minho* (*Arcos*), (fig.142), *Manhã no Alviela* (fig.143).<sup>967</sup> Foi discípulo de Carlos Reis<sup>968</sup> e fez parte do Grupo Ar-Livre

<sup>958</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol.I, p. 367

<sup>959</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. III, p.17

<sup>960</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Vol. I, p. 509

<sup>961</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 516, Lisboa, 10/1/1916, p. 58

<sup>962</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 4

<sup>963</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit., p. 110

<sup>964</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-História da Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol. 11, p. 130

<sup>965</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa no Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1999, op. cit. Vol. I, p. 110

<sup>966</sup> PAMPLONA, Fernando de- Dicionário de Pintores e Escultores. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. III, p. 196

<sup>967</sup> Figuras e Factos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 519, Lisboa, 31/1/1916, p.155

<sup>968</sup> “Os artistas portugueses, espectadores de impressionistas, de fauves, de futuristas, de expressionistas e de tantos outros autores de diferentes tendências e orientações (quase todos estiveram em França a estudar) não aprenderam o sentido íntimo da pintura daqueles, mas adoptaram-lhes algumas maneiras, cores e liberdades. Por isso, encontrar-lhes-emos, por um lado as cores ousadas e contrastantes, os claros-escuros coloridos (agressivos por vezes), a pincelada a manchar e não a desenhar, os movimentos de tinta ostensivamente rápidos, indistintos, barrocos e por vezes falsamente expressivos. Por outro lado, assistir-

(1910/1923) e Silva Porto (1927/1940) constituídos pelo seu Mestre<sup>969</sup>. É um excelente colorista<sup>970</sup>. Foi um paisagista. Em *Trecho do Minho* (fig. 142), ao contrário do *Caminho da Salina(Santarém)* (fig. 144), a paisagem é povoada por uma mulher no seu traje de minhota. Embora a figura ou figuras sejam estáticas, como ali tivessem sido colocadas só com a finalidade de povoar a paisagem, os trajes, as tarefas que executam, os costumes da região, os utensílios usados no quotidiano fazem com que um quadro para além do seu valor estético, seja também um documento etnográfico para estudo de épocas posteriores. Em *Manhã no Alviela* (fig.143), Frederico Aires pinta uma paisagem na margem do rio Alviela onde está representado uma pequena parte do rio ao lado esquerdo da tela. Se tomarmos em conta as marinhas que pintou “de tons cinéreos e argênteos, envoltas na bruma rósea da manhã ou na luz violácea do entardecer”<sup>971</sup> podemos imaginar os vários reflexos da luz do sol na água, pela manhã ou ao sol posto, que terá representado nessa parte da tela, servindo-se da sua paleta de cores. Trabalhou também o retrato com reconhecido mérito<sup>972</sup> e a natureza-morta<sup>973</sup>. Esteve presente em 24 salões da SNBA de 1910 a 1943<sup>974</sup>. Obteve a 3ª medalha em 1916, a 2ª medalha em 1930 e a 1ª em 1942, todas em pintura, na SNBA.<sup>975</sup>

**Sousa Pinto (José Júlio de)** (1856-1939) está representado por *A pesca*<sup>976</sup>, (fig. 282), *O caminho do trabalho*<sup>977</sup>, (fig.283), *Meditação*<sup>978</sup>, (fig. 285), *L'arrosage*, (fig.282), *La culotte déchiré*,<sup>979</sup>(fig.281), *O regresso dos barcos*<sup>980</sup>(fig.286). Foi discípulo de João Correia, Tadeu de Almeida Furtado e Soares dos Reis no Porto e de Cabanel e Yvon em Paris, para onde foi em 1880.

---

se-á a um estatismo posto nas figuras das cenas de costume , “objectos” de pose parados no tempo e no espaço que já não era o seu, tal como o dos seus autores.....”honnêtes gens de l’art”- MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques-História de Arte em Portugal: Do Romantismo ao Fim do Século, 1986, op. cit. Vol. 11, p.125

<sup>969</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 31

<sup>970</sup> MATIAS, Maria Margarida L. G. Marques- Op. cit. Vol. 11, p. 128

<sup>971</sup> Pamplona, Fernando de- Op. cit. Vol. I, p. 28

<sup>972</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 87

<sup>973</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 94

<sup>974</sup> TAVARES, Cristina de Sousa AZEVEDO- Op. cit. Vol. I, p. 103

<sup>975</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- Op. cit. Vol. I, p. 108

<sup>976</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2 /1916, p. 215

<sup>977</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº521, Lisboa, 14/2/1916 , p. 215

<sup>978</sup> Ilustração Portuguesa II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2/1916, p. 215

<sup>979</sup> Exposição de Sousa Pinto. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 521, Lisboa, 14/2/1916, p. 214, 215

<sup>980</sup> Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 624, Lisboa, 4/2/1918, p. 96



O quadro *la culotte déchiré* foi exposto no “Salon” em 1883, e obteve “aplausos da critica francesa”. A influencia da pintura de Bastien-Lepage neste quadro é reconhecida.

Sousa Pinto pintou muito na região da Bretanha, tendo sido um dos seus melhores intérpretes. Tendo-se libertado de influencias traçou o seu próprio caminho.

**João Augusto Ribeiro** (1860-1932) está representado com os quadros *Fumador*<sup>981</sup>, (fig.175), *Inverno*<sup>982</sup>, (fig.174). *Fumador* é o retrato de um homem rústico de idade avançada, usando camisa aberta por dentro de um casaco gasto e já rôto em algumas zonas, com a cabeça coberta por um gorro, sentado, com ar pensativo, olhar mortiço, a levar à boca uma pirisca dum cigarro. É um documento vivo do homem que arrasta a sua existência a trabalhar, que encontra no fumo um dos poucos prazeres que a sua condição lhe permite. É um retrato naturalista, na medida em que não há a intenção por parte do pintor de chocar o observador com a sorte do homem. Ele representa o que vê e só isso. *Inverno* é o retrato dum homem na última etapa da vida. Está sentado, cabeça coberta com chapéu, tendo na mão direita um bordão a que se apoia.

**José Fernandes de Sousa Caldas** (1894-1965) está representado pelo quadro (sic) *Octogenário*<sup>983</sup>, (fig.211). É uma escultura, um busto de uma figura humilde, talvez de um velho pescador, numa atitude reflexiva como muitos que realizou o escultor Sousa Caldas.

**Paulino Gonçalves** (1864- ?) está representado pelo quadro *Na Romaria (Senhor da Pedra)*<sup>984</sup>, (fig.367). Representa o pitoresco de uma romaria em que o tocador é representado em primeiro plano vestido em traje de festa e duas bailadeiras trajadas com os seus trajes típicos da região, a dançar em segundo plano. Ao fundo a pequena multidão participa na festa.

---

<sup>981</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 566

<sup>982</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>983</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 566

<sup>984</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 566

**Oliveira Passos** está representado pelo óleo *Crepúsculo* (arredores de Penafiel)<sup>985</sup>, (fig.365). Trata-se de um quadro naturalista, uma paisagem sem figuras humanas, pintado ao fim do dia, com laivos simbolistas.

**Cândido da Cunha** (1866-1926) está representado pelo óleo *Manhã no rio Águeda*<sup>986</sup>, (fig.335). O registo paisagístico tem a ver mais com o sentimento do que com a sensação ou a matéria. Simboliza um estado de alma em sintonia com o ressurgir de um novo dia. É um quadro simbolista.

**Olivia Barros** (? -?) está representada com o quadro *Egreja de S. Francisco do Porto (interior)*<sup>987</sup>, (fig.364).

**Marques de Oliveira** (1853-1927) está representado com o quadro *O tear (Viana do Castelo)*<sup>988</sup>, (fig.361), um quadro pitoresco onde estão figuradas duas mulheres vestidas com os trajes típicos do Minho, uma ao tear, outra na dobadeira; a luz entra generosamente por duas grandes vidraças colocadas ao lado do tear. Cinco oblíquas, três relacionadas com o tear, duas com a dobadeira, a posição dobrada da tecedeira e a representação inclinada da dobadeira em primeiro plano relativamente ao observador transmitem a ideia de movimento, do dinamismo da cena.

**Júlio Ramos** (1864-1945) está representado com os quadros *Impressão*<sup>989</sup>, (fig.223) *Céu nublado*<sup>990</sup>, (fig.224) (*Ao fim da tarde*, no catálogo da SNBA). São belos quadros campesinos com arvoredos frondosos, um “depoimento poético à ruralidade vigorosa”<sup>991</sup>. O último com o céu nublado, ao fim da tarde.

**Abel Cardoso** (1877- 1964) está representado com o quadro *Os Humildes*<sup>992</sup>, (fig.311). É um retrato naturalista duma velha camponesa de condição humilde que se reflete no vestuário que usa. Está de lenço amarrado ao pescoço,

<sup>985</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa 8 /5/1916, p. 567

<sup>986</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa 8/5/1916, p. 567

<sup>987</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa 8/5/1916, p. 567

<sup>988</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa 8/5/1916, p. 567

<sup>989</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 567

<sup>990</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>991</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. V, p. 15

<sup>992</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 568

com um xaile a cobrir-lhe os ombros, sentada com uma manta a cobrir-lhe as pernas, para se proteger do frio, segurando no regaço um cesto com ovos.

**Teixeira da Silva** (pintor e escultor do séc. XIX da Academia Portuense de Belas Artes) está representado com uma pintura a têmpera *Flores*<sup>993</sup>, (fig.383). Uma natureza-morta, composta por um vaso de flores, decorado com mascarões e relevos vegetalistas na superfície, colocado à frente de uma travessa com aba relevada, estão colocados sobre uma mesa onde uma toalha amarrotada, na vizinhança do vaso, apoiada parcialmente na mesa, ultrapassa o seu bordo e cai em direção ao solo.

**Maria da Glória Ribeiro da Cruz**, discípula de Teixeira Lopes, está representada com a escultura *L'Echo*<sup>994</sup>, (fig.358). Parte da figura emerge da pedra, como se dela saísse. Um homem, preso à pedra, com um ar de quem está á escuta, tem a mão direita em concha por traz da orelha para melhor captar o som e a mão esquerda em posição, como que pedindo que o deixem ouvir. A escultura tem uma “rara perfeição de linhas”<sup>995</sup>.

**Júlio Pina** (1873-1951) está representado pelo quadro *Logar do Portozelo (Viana do Castelo)* (fig.356)<sup>996</sup>. Em primeiro plano, um curso de água corre entre margens verdejantes, passando ao fundo por baixo de uma ponte românica. A humanização da paisagem é traduzida pelas casas que de um lado e outro da ponte povoam o quadro. No último plano está a montanha, o sublime.

**Carlos Reis** (1863-1940) está representado com o quadro *A primeira Comunhão*<sup>997</sup> (fig.80) e por *Retrato de Mademoiselle E. da S. G*<sup>998</sup>(fig.81). O primeiro quadro representa um retrato de duas garotas, vestidas com o vestido e touca de primeira comunhão, ao lado de um altar. O branco luminoso da roupa das meninas contrasta de tal forma com tudo o resto que é como irradiasse delas uma luz, simbolizando a pureza.

<sup>993</sup> Arte Nacional. Exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 568

<sup>994</sup> Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 568

<sup>995</sup> Arte Nacional: A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 568

<sup>996</sup> Arte Nacional: A exposição do Ateneu Comercial do Porto. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/ 1916, p. 568

<sup>997</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 548

<sup>998</sup> A exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 431, Lisboa, 25/5/1914, p. 663

**Constantino Fernandes** (1878-1920) está representado com o óleo *Melancolia*<sup>999</sup>(fig.86) e *Cabeça de estudo*<sup>1000</sup>(fig.85). A Melancolia é simbolizada no retrato de uma jovem vestida de negro ajoelhada ao lado de uma coluna de uma igreja, encostando-se a ela.

**Maximiano Alves** (1888-1954) está representado com as esculturas *A Calúnia*<sup>1001</sup>, (fig.240), *Escrava*<sup>1002</sup>, (fig.242), *Nostalgia*<sup>1003</sup>, (fig.241). *A Calúnia* é personalizada por uma mulher nua com um rosto perverso que caminha rastejando mostrando os músculos dos braços e pernas hipertensos e mãos e pés fincados no terreno como garras. A escultura *A escrava* “é uma figura de negra bem caracterizada”<sup>1004</sup>, com ar melancólico.

**Carlos de Sousa Pinto** (1861-1939) está representado com a escultura *Cabeça de velho*<sup>1005</sup>, (fig.279) um pescador de barrete e suíças de olhar atento, firme e determinado e por *Busto de meu Pai*<sup>1006</sup>, (fig.278).

**Dordio Gomes** (1890- 1976) está representado pelo quadro *O rancho de azeitonas*<sup>1007</sup>(fig.122), “um formigueiro de homens e mulheres de roupas escuras, a serpentear na vastidão das terras enrugadas, sob castelos de nuvens espessas que tapam o sol”<sup>1008</sup>, e por um *Estudo inédito para o quadro Noite de Natal*<sup>1009</sup>, (fig.121). (O cruzamento de informações com o catálogo da exposição da SNBA permitiu encontrar o nome correto do autor do quadro de *O rancho de azeitonas*. Na crónica da Revista o quadro era atribuído erradamente a David Gomes).

**Maria de Jesus Conceição Silva** (1888-1940) está representada pelo *Retrato da sr<sup>a</sup> D. Luísa de Teles Machado*<sup>1010</sup>, (fig.233), género a que se dedicou.

<sup>999</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 548

<sup>1000</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 624, Lisboa, 4/2/1918, p. 97

<sup>1001</sup> Sociedade Nacional de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 533, Lisboa, 8/5/1916, p. 549

<sup>1002</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 615

<sup>1003</sup> Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 162

<sup>1004</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. I, p. 80

<sup>1005</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 615

<sup>1006</sup> Figuras e Factos. *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 643, Lisboa, 17/6/1918, p. 477

<sup>1007</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 2/5/1916, p. 616

<sup>1008</sup> PAMPLONA, Fernando de- Vol. II, p. 210,211

<sup>1009</sup> A. de C.-Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa*, II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 163

<sup>1010</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

**Girão** (1840-1916) está representado pelo quadro *Em sociedade...*<sup>1011</sup> (fig.145), a de um galo e três galinhas, de “certo sentido sentimental e erótico”<sup>1012</sup>.

**Aníbal de Faro e Oliveira** (1888-1953) está representado pelo quadro *Praia das Maçãs (rochas)*<sup>1013</sup>, (fig.127)

**Falcão Trigoso** (1879-1956) está representado pelo quadro *Flor....inda*<sup>1014</sup>, (fig.128). Mostra uma mulher a dirigir-se para um cesto abandonado no caminho, inserida numa paisagem com árvores frondosas, uma delas ainda em flor.

**D. Ermelinda dos Santos Braga** (1867-1950)<sup>1015</sup> (Emília dos Santos Braga) é representada pelo quadro *Bolas de sabão*<sup>1016</sup>, (fig.338), onde um garoto nu faz bolas de sabão.

**Augusto Pina** (1872-?) está representado com os desenhos *Retrato de Tchimm*, (fig.326), *Paulette*, (fig.325) pelo pastel *Pinhal da Nazaré*, (fig.328) e pela *Maquette para o 3º ato da ópera Leonor Teles*, (fig.327)<sup>1017</sup>

**Moreira Rato** (1860-1937) está representado pela escultura *Sem casa e sem pão*<sup>1018</sup>, (fig.245) e por *Um dandy*<sup>1019</sup>, (fig.246). *Sem casa e sem pão* trata-se da representação realista de uma pobre velha com duas crianças, na miséria, “revelador de ternura pelos humildes em seu realismo miúdo”<sup>1020</sup>.

**Teixeira Lopes** (1866-1942, “o grande poeta do mármore”<sup>1021</sup> está representado pelos mármore infantis de “um realismo suave”<sup>1022</sup> *A Manhã, Meninos dormindo*,

<sup>1011</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>1012</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op, cit. Vol. III, p. 35

<sup>1013</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>1014</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 536, Lisboa, 29/5/1916, p. 640

<sup>1015</sup> O seu nome é Emília dos Santos Braga. (Catálogo: Décima Terceira Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1916)

<sup>1016</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 536, Lisboa, 29/5/1916, p. 640

<sup>1017</sup> A exposição de Augusto Pina. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 537, Lisboa, 5/6/1916, p. 661

<sup>1018</sup> Figuras e Factos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 544, Lisboa, 24/7/1916, p. 76

<sup>1019</sup> Figuras e Factos. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 637, Lisboa, 6/5/1918, p. 357

<sup>1020</sup> PAMPLONA, Fernando de- Op. cit. Vol. V, p. 20

<sup>1021</sup> GUIMARÃES, Alfredo-Os Mármore Infantis de Teixeira Lopes. In Ilustração Portuguesa. II Série. Nº 569, Lisboa 15/1/1917, p. 42

<sup>1022</sup> GUIMARÃES, Alfredo-Os Mármore Infantis de Teixeira Lopes. In Ilustração Portuguesa. II Série. Nº 569, Lisboa 15/1/1917, p. 42

(fig.291), *A bulha*, (fig.290), *Rachel*, (fig.292), *Menino*, (fig.293), *Para o túmulo da Duquesa de Palmela*, (fig.295), *Adormecido*, (fig.294), *Bebés*, (fig.296).<sup>1023</sup>

**António Ramalho** (1858-1916), um dos fundadores do grupo do Leão, está representado pelas decorações realizadas no palácio Soto Maior: um *panneau* com “*uma festa pagã, cheia de movimento, com muito desenho e riqueza de cores*”, (fig.51), inacabado por ter ocorrido a morte do artista, e por um *panneau do teto de uma das salas*, (fig.56).<sup>1024</sup>

**Alberto de Sousa** (1880-1961) está representado pelo quadro *Pombal estuda a reconstrução de Lisboa*<sup>1025</sup>, (fig.6), por *Sé de Évora*<sup>1026</sup>(fig.8), *N’um solar da antiga aristocracia portuguesa*<sup>1027</sup>(fig.10), *Varão, tipo popular*<sup>1028</sup>(fig.7), *Outro tipo popular do nosso paíz*<sup>1029</sup>(fig. 9), *Porta da igreja de S. Domingos*<sup>1030</sup>(fig.5).

**Arquiteto Paulino Montez** (1897-1962) está representado com a aguarela *A fiar na roca*<sup>1031</sup>(fig.255), e por um *Projeto de casa portuguesa*<sup>1032</sup>, (fig.256), em que Leitão de Barros é coautor<sup>1033</sup>.

**Henriqueta Mendonça** está representada pelos quadros *Cabeça de estudo (Velho)*, (fig.149), *cabeça de estudo (Velha)*, (fig.152).<sup>1034</sup> , *Trabalhando sempre* (fig.150).

**Stuart Carvalhaes** (1887-1961) está representado por *Uma marinha*<sup>1035</sup>(fig.297).

**Saavedra Machado (1887- ?)** está representado por *A Batalha*<sup>1036</sup>, (fig.280), um trecho urbano com monumento.

<sup>1023</sup> GUIMARÃES, Alfredo-Os mármores infantis de Teixeira Lopes. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 569, Lisboa 15/1/1917, pp. 42, 43, 44

<sup>1024</sup> Os últimos trabalhos de um grande pintor. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 561, Lisboa 20/11/1916, pp. 402, 403, 404, 405

<sup>1025</sup> FRANCO, Chagas-Quadros da História de Portugal. Coord. FRANCO, Chagas; SOARES, João. 1ª Ed. Lisboa: Edição Papelaria Guedes, 1917

<sup>1026</sup> A Exposição de Aguarela e Desenho. In *Ilustração Portuguesa*, II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, pp. 1, 2

<sup>1027</sup> Exposição Alberto de Sousa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 428

<sup>1028</sup> Exposição Alberto de Sousa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 428

<sup>1029</sup> Exposição Alberto de Sousa. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 666, Lisboa, 25/11/1918, p. 428

<sup>1030</sup> Exposição de aguarelas. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 413, Lisboa, 19/1/1914, p. 86

<sup>1031</sup> Exposição de Aguarela e Desenho. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 567, Lisboa, 1/1/1917, p. 4

<sup>1032</sup> Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 163

<sup>1033</sup> Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p.163

<sup>1034</sup> A exposição Higinio Mendonça. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 571, Lisboa, 29/1/1917, p. 97

<sup>1035</sup> Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p.163

**José Leite** (1873-1939) está representado pelo quadro *A levada (Vilar do Vouga)*<sup>1037</sup>, (fig.212).

**Navarro da Costa** (1883-1931), pintor brasileiro, está representado com *Marinha*<sup>1038</sup>(fig.253), um tema em que se distinguiu<sup>1039</sup>.

**João da Silva** (1880-1960), escultor contemporâneo, que se “distingue pela pureza da sua arte neoclássica, estuante de harmonia e graça”<sup>1040</sup>, está representado pela escultura *O triunfo da diplomacia*<sup>1041</sup> destinada ao Monumento ao Barão Rio Branco a colocar no átrio do ministério dos estrangeiros do Rio de Janeiro, (fig.344)<sup>1042</sup>

**José Pedro Cruz** (1888- ) está representado pelos quadros *Cabeça de velha*<sup>1043</sup> (sanguínea) (fig.349), *Cabeça de criança* (sanguínea)(fig.348)<sup>1044</sup>, *Estrada S. Filipe* (fig.351)<sup>1045</sup>, *Ria de Aveiro*<sup>1046</sup>(Bestida) (fig.352), *A leiteira de Salreu* (fig. 350)<sup>1047</sup>.

**A.Miguéis** (1883-1943) está representado com o quadro *Recolhimento* (fig.13)<sup>1048</sup>, *Longe* (fig.11)<sup>1049</sup>, *A taça de leite* (fig.12)<sup>1050</sup>. “Era colorista delicado e possuía agudo sentido da luz. Nas suas paisagens há esparsa poesia”<sup>1051</sup>.

**Constantino Fernandes** (1878-1920) está representado com *Cabeça de estudo* (fig.85)<sup>1052</sup>, onde se pode apreciar o seu poder de observação como retratista<sup>1053</sup> e

<sup>1036</sup> Exposição Alma Nova. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 163

<sup>1037</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 575, Lisboa, 26/2/1917, p. 171

<sup>1038</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/1917, p. 428

<sup>1039</sup> PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora, 1988. Vol. IV, p. 196

<sup>1040</sup> PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2ª Edição. Barcelos: Civilização Editora. 1988. Vol. V, p. 187

<sup>1041</sup> Monumento ao Barão do Rio Branco. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 589. Lisboa, 4/6 /1917, p. 460

<sup>1042</sup> Monumento ao Barão do Rio Branco- In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 589, Lisboa, 4/6/1917, p. 460

<sup>1043</sup> Exposição de Pintura. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 576, Lisboa, 5/3/1917, p. 188.

<sup>1044</sup> Ibidem, p.188

<sup>1045</sup> Ibidem, p.188

<sup>1046</sup> Ibidem, p.188

<sup>1047</sup> Exposição de Pintura. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº576, Lisboa, 5/3/1917, p.188

<sup>1048</sup> Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa*. II Série. Nº 588, Lisboa, 28/5/ 1917, p. 428

<sup>1049</sup> Um quadro de Alfredo Migueis. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 425, Lisboa, 13/4/1914, p. 458

<sup>1050</sup> Exposição de Belas Artes. In *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 535, Lisboa, 22/5/1916, p. 616

<sup>1051</sup> PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2ª Edição. Lisboa: Civilização Editora. 1988. Vol. IV, p. 149

<sup>1052</sup> *Ilustração Portuguesa* II Série. Nº 624, Lisboa, 4/2/ 1918, p. 96

<sup>1053</sup> PAMPLONA, Fernando de-*Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2ªEdição. Lisboa: Civilização Editora, 1988. Vol. II, p. 259

por *Melancolia*, (fig. 86), simbolizada no retrato de uma jovem vestida de negro ajoelhada ao lado de uma coluna de uma igreja, encostando-se a ela.

**Jourdain (Albert F.L.)**, pintor e caricaturista belga que trabalhou em Portugal, está representado por *Feira de S. Pedro de Cintra*<sup>1054</sup>(*Mercado(Sintra)?*),<sup>1055</sup>. (Pelo cruzamento de informações entre a crónica e o catálogo da exposição da SNBA a que ela se refere, os títulos dos quadros não coincidem, mas deve tratar-se do mesmo)<sup>1056</sup>.

**Julieta Ferrão**, escultora, discípula de Raul Xavier está representada com um *Busto de creança*<sup>1057</sup>, (fig.355), (*Esmeralda*)<sup>1058</sup>. (Pelo cruzamento de informações entre a crónica e o catálogo da SNBA, os títulos das obras não coincidem, mas deve tratar-se do mesmo trabalho, pois Julieta Ferrão só apresentou um).

**Armando de Basto** (1889-1923), é um artista modernista do primeiro modernismo português que esteve em Paris<sup>1059</sup>. No período compreendido entre 1919 e 1945 só em 1919<sup>1060</sup> expôs na SNBA. Está representado pelo quadro *No largo do eirado*<sup>1061</sup>(fig.324).

**António Piedade** está representado com o quadro *Rebanho de cabras*<sup>1062</sup>(fig.323).

**Olhão Luís (Othão Luís?)**<sup>1063</sup> está representado por *À volta do banho Santo*<sup>1064</sup>(fig.254).

<sup>1054</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435

<sup>1055</sup> Catálogo: Décima Quinta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1918, p. 29

<sup>1056</sup> Relativamente ao quadro *Manhãs de sol* cujo autor o cronista não indica, mas que no catálogo aparece com o título *Manhã de sol*, atribuído a José Justino Sant'Ana, e assim foi indicado, poderia levantar-se a hipótese de se tratar do quadro (*Manchas de sol*) de Albert Jourdain. Não é plausível. É improvável que na mesma crónica Albert Jourdain estivesse representado por duas vezes.

<sup>1057</sup> Exposição de Belas Artes. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 641, Lisboa, 3/6/1918, p. 435

<sup>1058</sup> Catálogo: Décima Quinta Exposição. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1918, p. 51

<sup>1059</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, p. 39

<sup>1060</sup> TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I, p. 113

<sup>1061</sup> Belas Artes: A. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 653, Lisboa, 26/8/1918, p.169

<sup>1062</sup> Exposição de pintura. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 657, Lisboa, 23/9/1918, p. 256

<sup>1063</sup> Othão Luís pintava "vistasas sécias". " ...apenas se dedicava(m) à pintura de fores" (TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo-Op. cit. Vol. I. pp. 353, 354)

<sup>1064</sup> Exposição de pintura. In Ilustração Portuguesa II Série. Nº 657, Lisboa, 23/9/ 1918. p. 256





### 3 Considerações Finais

“As Exposições de arte na *Ilustração Portuguesa* de 1914-1918”, o tema que escolhi para minha dissertação, deu-me a oportunidade de revisitar alguns assuntos da História de Arte que achei pertinente ir introduzindo, à medida que fazia a análise das crónicas das exposições, e que se relacionavam direta ou indiretamente com estas.

Como o espaço temporal da minha dissertação coincide com o da Grande-Guerra de 1914-1918, a espaços, por vezes abruptamente, no intervalo entre as análises das crónicas, em curtos parágrafos, desviando-me do tema em análise, recordei o acontecimento político significativo, a notícia dramática relacionada com a Guerra em que participamos na sua fase derradeira.

E isso foi intencional. Pretendi com isso libertar o texto das amarras que uma análise, limitada exclusivamente ao que os cronistas tinham escrito, me poderia conduzir.

A totalidade das exposições, que são motivo de crónica na *Ilustração Portuguesa* deste período, seguem o gosto dominante de um naturalismo com raízes oitocentistas, apesar de alguns dos “novos” aparecerem nelas com alguma regularidade. Esse facto levou-me a recuar no tempo ao planear a estruturação da minha dissertação. Ao tratar do contexto internacional, inicio o texto recordando a crítica de Castagnary ao salão de 1867, em que se dá conta das novas tendências na Arte. Esse Salão refletiu uma reorientação do espírito francês, espírito ao qual nós estivemos (estamos) maioritariamente ligados e que determinou o nosso gosto artístico. Em seguida faço notar a importância que teve a comunidade de pintores em Barbizon no nascimento do nosso naturalismo. Ao passar ao contexto nacional sublinho a importância que teve a reação nacionalista ao *ultimatum* de 1890 na Arte portuguesa, embora tenha sido no período de 1914-1918, aquele em que as elites culturais se empenharam na criação de uma cultura nacional, ligada à tradição. É nesta corrente que nasce a ideia da *casa portuguesa* em que alguns arquitetos se empenharam e que eu refiro.

Na análise das crónicas às exposições verifiquei o que outros já o disseram antes de mim. Não são críticas, com o sentido que hoje damos ao termo. Melhor prova disso é o que escreve um dos cronistas, que assina a crónica com as iniciais, ao achar que não tem conhecimentos para tal empenho. Fá-lo porque precisa de viver.

Poucos foram os artistas em que pude constatar de facto uma evolução na época em que decorre o meu estudo.

As fotgravuras, a preto e branco, das obras que aparecem na *Ilustração Portuguesa* não me permitiram fazer uma análise plástica das mesmas. A falta da cor, do claro-escuro e da definição não facilitavam essa tarefa.

Dois objetivos foram alcançados. Retirei do “baú do esquecimento” alguns homens e algumas mulheres, honnêtes *gens d’Art*, que povoaram as exposições de 1914-1918. Se, dos consagrados e de alguns “novos” da altura, ainda há e haverá memória, daqueles, só

quem teime em falar deles poderá conseguir que algum dia venham a ser reapreciados, e merecerem uma exposição que os faça *renascer*. E por fim, tive a oportunidade de juntar-me àqueles que consideram a *Ilustração Portuguesa*, uma revista imprescindível, na apreciação dos acontecimentos da vida portuguesa, durante o período da sua existência.

## 4 Referências Bibliográficas

### 4.1 Bibliografia

*Álbum de Costumes Portugueses*. Lisboa: Edições Perspetiva & Realidades, 1987.  
Depósito legal nº 18914/87

*Álbum de Glórias*. Edição Fac-Smilada do Original. Lisboa: Moraes Editores, 1999

ALVES, Margarida Brito- *A Revista Colóquio/Artes*. Coord.IHA/Estudos de Arte Contemporânea de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Coleção Teses. Lisboa: Edições Colibri. Maio 2007. ISBN 978-972-772-727-8

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio- *Guia da História de Arte*. 2ª Ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. ISBN 978-972-33-0970-6

ESQUÍVEL Patrícia- *Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940)* -  
Coord.IHA/Estudos de Arte Contemporânea de Ciências Sociais e Humanas.  
Universidade Nova de Lisboa. Coleção Teses. Lisboa: Edições Colibri. Maio 2007.  
ISBN 978-972-772-719-3

FIGUEIREDO, Rute- *Arquitetura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*. Coord.  
IHA/Estudos de Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.  
Universidade Nova de Lisboa. Coleção Teses. Lisboa. Edições Colibri. Fevereiro 2007.  
ISBN 978-972-772-708-7

FRAGOSO, Ana Margarida de Bastos Ambrósio Pessoa- *Formas e Expressões da Comunicação Visual em Portugal: Contributo para o estudo da cultura visual do séc. XX, através das publicações periódicas*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2010. Tese de Doutoramento.

FRANÇA, José-Augusto- *A Arte em Portugal no Séc. XIX*. 2 vol. 2ª Ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981

FRANÇA, José-Augusto- *A Arte em Portugal no Séc. XX. 1ª Ed*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

FRANÇA, José-Augusto- *Zé Povinho 1875: Comemoração do Centenário/ 1975*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975

GAMEIRO, Roque- *Lisboa Velha*. Lisboa: Depositários J. Rodrigues & Cª, 1925

GASSIES, Jean Baptiste-George- *Le vieux Barbizon: souvenirs de jeunesse d'un paysagiste 1852-1875*, Paris: Librairie Hachette & Cie, 1907

- HARRISON, Charles; WOOD, Paul; Gaiger Jason- *Art in Theory (1815-1900)-An Anthology of Changing Ideas*. Blackwell Publishing Lda, 1998. ISBN-13:978-0631-20066-6
- GONÇALVES, Rui Mário-*História da Arte em Portugal. Pioneiros da modernidade*. Publicações Alfa S.A., 1993
- HARRISON, Charles; WOOD Paul-*Art en Théorie 1900-1990- Une Anthologie par Charles Harrison et Paul Wood*. Editions Hazan, 1997. ISBN 978-2-7541-0194-3
- HILÁRIO, Fernando- *Orpheu: Percursos e Ecos de um Escândalo*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. ISBN: 978-989-643-004-7
- LOUREIRO, Diana Maria de Matos- *Análise da página Arte do jornal A Tarde (1945)*. Porto: Faculdade de Letras, 2013. 2vol. Dissertação
- MONCÓVIO, Susana Maria Simões- *O Centro Artístico Portuense (1880-1893)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. Tese de Doutoramento
- OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes- *Diogo de Macedo: Subsídios para uma Biografia Crítica*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1970
- ORTIGÃO, Ramalho- *O culto da Arte em Portugal*. Lisboa: Editor António Maria Pereira, Livreiro, 1896
- OSBORNE, Richard; Sturgis Dan; Turner Natalie- *Art Theory for Beginners*. London: Zidanne Press, 2006. ISBN 0-9548421-2-X
- PAMPLONA, Fernando de- *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. 2ª Ed. 5 vol. Barcelos: Civilização Editora, 1987
- PERES, Damião, coord.-*História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, Lda, 1935.
- RODRIGUES, Dalila, coord.-*Arte Portuguesa da Pré-História ao Séc. XX*. Lisboa: Fubu Editores, SA, 2009, --vol. ISBN 978-989-8207-06-7
- RODRIGUES, Paulo Madeira- *Vida e obra de Stuart de Carvalhais*. Lisboa: Serviços da Câmara Municipal de Lisboa, 1982
- SOULET, Jean François- *L' Histoire Immédiate: Historiographie, Sources et Méthodes*. Paris: Édition Armand Collin, 2010. ISBN 978-2-200-35328-5
- TAVARES, Cristina de Sousa Azevedo- *Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc. XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1999. 2 vol. Tese de Doutoramento.

*História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa S. A., 1986. –Vol. B.10.516-1986

VENTURI, Leonello- *História da Crítica de Arte*. Lisboa: Edições 70, Lda, 1998. ISBN 972-44-0345-9

## 4.2 Catálogos:

Catálogo *Arte Moderna Portuguesa: A Coleção da Petrogal*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 1986

Catálogo *Bordalo Contemporâneo e Contemporâneos com Bordalo*. Óbidos: galeria novaOgiva, 2008

Catálogo *Faiança Artística das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha: Bordalo Pinheiro L<sup>a</sup>, 2003

Catálogo *Décima Primeira Exposição Anual*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1914

Catálogo *Décima Segunda Exposição Anual*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1915

Catálogo *Décima Terceira Exposição Anual*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1916

Catálogo *Décima Quarta Exposição Anual*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1917

Catálogo *Décima Quinta Exposição Anual*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1918

Catálogo *XXXIII Exposição de Pintura/Escultura/Arquitectura/Desenho e Gravura*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1936

Catálogo *XXXIV Exposição de Pintura/Escultura/Arquitectura/Desenho e Gravura*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1937

Catálogo *XXXIV Exposição de Pintura Desenho Gravura e Escultura*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1942.

Catálogo *Exposição Olisiponense: Plantas e Planos: Vistas e Aspectos: Bibliografia-Vária*. Lisboa: Edição da Associação dos Archeologos Portugueses, 1914

Catálogo *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.*. Lisboa: Edições S.N.I., 1949.

Catálogo *Gravura: Paisagistas e Animalistas do Século XIX*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1958.

#### 4.3 Publicações periódicas:

A Rajada Série I. Coimbra, Abril 1912, Nº2

Alma Nova, Ano II. Lisboa de Zembro de 1916 a Fevereiro de 1917, Nº 20

#### 4.4 Documentação electrónica

##### Fontes das Imagens

Abel Cardoso- Disponível em: WWW<URL: <  
[https://www.google.pt/search?q=Abel+Cardoso&rlz=1C1RNPN\\_enPT380PT381&tbm=isch&imgil=kV6pUghFHbEs-M%253A%253ByMa39Sqx59mzWM%253Bhttp](https://www.google.pt/search?q=Abel+Cardoso&rlz=1C1RNPN_enPT380PT381&tbm=isch&imgil=kV6pUghFHbEs-M%253A%253ByMa39Sqx59mzWM%253Bhttp)>  
 Acesso em: 16/8/2017.

Albert Besnard- Disponível em: WWW<URL:  
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Albert\\_Besnard#/media/File:Henriette\\_Jourdain-Paul\\_Besnard.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Albert_Besnard#/media/File:Henriette_Jourdain-Paul_Besnard.jpg)> Acesso em: 13/8/2017.

Alexandre Cabanel-Disponível em: WWW<URL:  
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Alexandre\\_Cabanel#/media/File:1863\\_Alexandre\\_Cabanel\\_-\\_The\\_Birth\\_of\\_Venus.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Cabanel#/media/File:1863_Alexandre_Cabanel_-_The_Birth_of_Venus.jpg)<  
 Acesso em: 5/8/2017.

Alfredo Keil- Disponível em: WWW<URL:  
 <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo\\_Keil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Keil)> Acesso em; 14/8/2018.

Alfredo Morais- Disponível em: WWW<URL:  
 <[https://www.google.pt/search?q=Alfredo+Morais;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjzn7\\_O-NXVAhVD2RoKHe0YA\\_AQsAQIJA&biw=1](https://www.google.pt/search?q=Alfredo+Morais;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjzn7_O-NXVAhVD2RoKHe0YA_AQsAQIJA&biw=1)>  
 Acesso em: 14/8/2017.

Alves de Sá- Disponível em: WWW<URL:  
 <<https://www.google.pt/search?q=Alves+de+Sá;+pintor+português&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwil58az8dXVAhUEXRQKHxWnCoAQ7AkIO>>  
 Acesso em: 14/8/2017.

Adolphe Yvon- Disponível em: WWW<URL:  
 <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Adolphe\\_Yvon](https://fr.wikipedia.org/wiki/Adolphe_Yvon)>Acesso em: 5/8/2017.

Alexandre Falguière. Disponível em: WWW<URL:  
 <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Alexandre\\_Falguière](https://fr.wikipedia.org/wiki/Alexandre_Falguière)> Acesso em: 14/8/2017.

Alberto Correia de Lacerda- Disponível em: WWW<URL:  
<<https://www.google.pt/search?q=Alberto+Correia+de+Lacerda;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjawMrAptbVAhWLvRoKHAVNbAfUQ:>>>  
Acesso em: 14/8/2017.

Alberto de Sousa- Disponível em: WWW<URL:  
[https://www.google.pt/search?q=Alberto+de+Sousa%3Bpintor&oq=Alberto+de+Sousa%3Bpintor&gs\\_l=psy-ab.3..0i22i30k1.3281.5988.0.6806.7.7.0.0.0.306.1324](https://www.google.pt/search?q=Alberto+de+Sousa%3Bpintor&oq=Alberto+de+Sousa%3Bpintor&gs_l=psy-ab.3..0i22i30k1.3281.5988.0.6806.7.7.0.0.0.306.1324). Acesso em: 14/8/2017.

Álvaro da Fonseca- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?q=álvaro+da+Fonseca;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiblv\\_prdbVAhWJ2xoKHcN7B\\_MQ7AkINQ&biw=>](https://www.google.pt/search?q=álvaro+da+Fonseca;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiblv_prdbVAhWJ2xoKHcN7B_MQ7AkINQ&biw=>)>  
Acesso em: 14/8/2017

Alves Cardoso. Disponível em: WWW<URL:  
<<https://www.google.pt/search?q=Alves+Cardoso,+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjD1enjgdbVAhWCHxoKHVcUDfQQsAQIKw&biw=>>>  
Acesso em: 14/8/2017.

Alves de Sousa- Disponível em: WWW<URL:<  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alves\\_de\\_Sousa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alves_de_Sousa)> Acesso em: 15/8/2017.

Amarelhe- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?q=Amarelhe&rlz=1C2RNPn\\_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiOrLL2\\_NbVAhWCRhQKHTtqBZQQsA](https://www.google.pt/search?q=Amarelhe&rlz=1C2RNPn_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiOrLL2_NbVAhWCRhQKHTtqBZQQsA)> Acesso em: 14/8/2018.

Amedeo Modigliani. Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Amedeo\\_Modigliani](https://fr.wikipedia.org/wiki/Amedeo_Modigliani)> Acesso em: 14/8/2017.

Anjos Teixeira- Disponível em: WWW<URL:<  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Anjos\\_Teixeira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Anjos_Teixeira)> Acesso em: 15/8/2018.

Antigos estudantes Ilustres- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigosestudantesilustres-joãoaugustoribeiro](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigosestudantesilustres-joãoaugustoribeiro)> Acesso em: 13/8/2017.

Antonin Mercié- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Antonin\\_Mercié](https://fr.wikipedia.org/wiki/Antonin_Mercié)> Acesso em: 14/8/2017.

António Carneiro- Disponível em: WWW<URL:  
<<https://gulbenkian.pt/museu/artist/antonio-carneiro/>> Acesso em: 13/8/2018.

António Ramalho- Disponível em: WWW<URL: <  
<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/29/artists> Acesso em: 13/8/2017.



António da Silva Porto- Disponível em: WWW<URL:<  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/António\\_da\\_Silva\\_Porto](https://pt.wikipedia.org/wiki/António_da_Silva_Porto)> Acesso em 13/8/2017.

Armando de Basto- Disponível em: WWW<URL:  
 <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Armando\\_Basto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Armando_Basto)>. Acesso em: 14/8/2017.  
 Disponível em: WWW<URL:  
 <<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/93/artists>> Acesso em  
 14/8/1918.

Arquivo Distrital de Leiria: Acácio de Paiva. Leiria: ADLRA, 2008. Disponível em:  
 WWW>ULR: <[digitarq.adbra.dgarq.gov.pt/details?id=1035380](http://digitarq.adbra.dgarq.gov.pt/details?id=1035380)> Acesso em: 17/5/2016

Artur Prat- Disponível em: WWW<URL: <  
<https://www.google.pt/search?q=Artur+Prat;+pintor+português&rlz=>> Acesso em  
 13/8/2017.

Assembleia da República- Disponível em: WWW<URL:  
 <<https://www.parlamento.pt/VisitaParlamento/Paginas/BiogAlvesCardoso.aspx>>  
 Acessível em: 14/8/2017.

Augusto Santo- Disponível em: WWW<URL:  
 < <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/160/artists>> Acesso em:  
 15/8/2017.

BASHET, Jean Sébastien - L'Illustration. Disponível em: WWW<URL<  
[www.lillustration.com/Pourquoi-L-Illustration-occupe-une-place-unique-dans-l-histoire-de-la-presse-mondiale\\_a219.html](http://www.lillustration.com/Pourquoi-L-Illustration-occupe-une-place-unique-dans-l-histoire-de-la-presse-mondiale_a219.html)> Acesso em: 28/12/2016

Benjamin Constant- Disponível em: WWW<URL: < [https://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Joseph\\_Benjamin-Constant](https://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Joseph_Benjamin-Constant)> Acesso em: 5/8/2017

Bernard Naudin- Disponível em: WWW<URL:  
 <[https://www.google.pt/search?q=Bernard+Naudin&rlz=1C1RNPN\\_enPT380PT381&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjbgICC7tbVAhXF7hoKHZ](https://www.google.pt/search?q=Bernard+Naudin&rlz=1C1RNPN_enPT380PT381&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjbgICC7tbVAhXF7hoKHZ)>  
 Acesso em 14/8/2017.

Cândido da Cunha- Disponível em: WWW<URL:  
 <<https://www.google.pt/search?q=Candido+da+Cunha&rlz=>> > acesso em: 13/8/2017.

Constantino Fernandes- Disponível em: WWW<URL:  
 <<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/153/artists>> Acesso em:  
 13/8/2017.

Carlos Reis- Disponível em: WWW<URL:  
 <<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/156/artists>> Acesso em:  
 13/8/2017

CORREIA, Rita - Ilustração Portuguesa. Disponível em: WWW<URL: < [hemeroteca.digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa](http://hemeroteca.digital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/IlustraçãoPortuguesa)> Acesso em: 19/2/2016.  
 Correia Rita- Salão dos Humoristas Portugueses-1ª exposição de Caricaturas. Lisboa,

30/3/1912, p.4. Disponível em: WWW<URL: < [hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/.../Humoristas1912/SalaoHumoristas](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/.../Humoristas1912/SalaoHumoristas)> Acesso em 15/8/2017.

Charles Beauverie- Disponível em: WWW<URL: <http://poncins2014.over-blog.com/2014/02/histoire-charles-beauverie-peintre-des-paysages-foreziens.html>>

Charles-François Daubigny- Disponível em: WWW<URL: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Charles-François\\_Daubigny](https://fr.wikipedia.org/wiki/Charles-François_Daubigny)> Acesso em: 5/8/2017.

Charles Raoul Verlet. Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Raoul\\_Verlet](https://fr.wikipedia.org/wiki/Raoul_Verlet)> Acesso em: 15/8/2017

Columbano Bordalo Pinheiro- Disponível em: WWW<URL: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Columbano\\_Bordalo\\_Pinheiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Columbano_Bordalo_Pinheiro)> Acesso em: 13/8/2017.

Costa Mota- Disponível em:

<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/151/artists>> Acesso em: 14/8/2017

Disponível em: WWW<URL: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa\\_Motta\\_\(tio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_Motta_(tio))> Acesso em: 14/8/2017.

Disponível em: WWW<URL:

<<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/eescultura/pecas/Paginas/Chiado.aspx>> Acesso em: 14/8/2017.

Costa Mota (sobrinho)- Disponível em: WWW<URL:

<[https://www.google.pt/search?q=Costa+Mota+sobrinho;+Maria+da+Fonte&rlz=1C2RNPN\\_enPT380&tbm=isch&imgil=G2\\_HzyXZRYi98M%253A%253BBTC9rap4u](https://www.google.pt/search?q=Costa+Mota+sobrinho;+Maria+da+Fonte&rlz=1C2RNPN_enPT380&tbm=isch&imgil=G2_HzyXZRYi98M%253A%253BBTC9rap4u)> Acesso em 14/8/2017.

Disponível em: WWW<URL:

<<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/eescultura/pecas/Paginas/Guardado-ra-de-Patos-A-Filha-de-Rei-Guardando-Patos.aspx>> Acesso em: 14/8/2017.

Denys Pueck- Disponível em: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Denys\\_Puech](https://fr.wikipedia.org/wiki/Denys_Puech)> Acesso em 14/8/2017.

Domingos Rebelo- Disponível em: WWW<URL:

<[https://www.google.pt/search?q=Domingos+Rebelo&rlz=1C1RNPN\\_enPT380PT381&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjHiOam79bVAhXLlxoK](https://www.google.pt/search?q=Domingos+Rebelo&rlz=1C1RNPN_enPT380PT381&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjHiOam79bVAhXLlxoK)> Acesso em: 14/8/2017.

DIAS, Fernando Rosas. O Futuro dos Humoristas-O Humorismo Enquanto Modernismo, p.15. Disponível em: WWW<URL:

[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7835/2/Prof.%20Fernando%20Rosa%20Dias\\_DVD%20114.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7835/2/Prof.%20Fernando%20Rosa%20Dias_DVD%20114.pdf)> Acesso em: 15/8/2017

Diogo de Macedo- Disponível em: WWW<URL: <

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Diogo\\_de\\_Macedo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Diogo_de_Macedo)> Acesso em: 15/8/2017.

Disponível em: WWW<URL: < [https://gulbenkian.pt/museu/works\\_cam/l-adieu-o-adeus-156642/](https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/l-adieu-o-adeus-156642/)> Acesso em: 15/8/2017.

Dordio Gomes- Disponível em:

<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/pecas/ver/110/artist>> Acesso em: 14/8/2017.

Edouard Manet- Disponível em: WWW<URL:

<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Édouard\\_Manet](https://fr.wikipedia.org/wiki/Édouard_Manet)> Acesso em: 14/8/2018.

Eduardo Romero- Disponível em: WWW<URL:

<[https://www.google.pt/search?q=Eduardo+Romero%3B+pintor&oq=Eduardo+Romero%3B+pintor&gs\\_l=psy-ab.3...2001.10047.0.10647.25.25.0.0.0.116.2095.16j](https://www.google.pt/search?q=Eduardo+Romero%3B+pintor&oq=Eduardo+Romero%3B+pintor&gs_l=psy-ab.3...2001.10047.0.10647.25.25.0.0.0.116.2095.16j)>

Acesso em: 14/8/2017;

Eduardo Viana- Disponível em: WWW<URL:

<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/68/artists>> Acesso em 16/8/2017.

Emília dos Santos Braga- Disponível em: WWW<URL:

<<https://www.google.pt/search?q=Emília+dos+Santos+Braga;+pintor+português&rlz=>>

Acesso em 13/8/2017.

Ernesto Canto da Maia- Disponível em: WWW<URL: <

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto\\_Canto\\_da\\_Maia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Canto_da_Maia)> Acesso em: 15/8/2017.

Fernand Cormon- Disponível em: WWW<URL: <

[https://fr.wikipedia.org/wiki/Fernand\\_Cormon](https://fr.wikipedia.org/wiki/Fernand_Cormon)> Acesso em: 5/8/2017.

Ernesto Condeixa- Disponível em WWW<URL: <

<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/150/artists>> Acesso em: 13/8/2017.

Falcão Trigo- Disponível em: WWW<URL:

<<https://www.google.pt/search?q=Falcão+Trigo;+museu+de+arte+contemporânea&rlz=>>

> Acesso em 13/8/2017.

Fernandes de Sá- Disponível em: WWW<URL: <[http://pereira-da-](http://pereira-da-silva.blogspot.pt/2009/12/tres-escultores-de-valia.html)

[silva.blogspot.pt/2009/12/tres-escultores-de-valia.html](http://pereira-da-silva.blogspot.pt/2009/12/tres-escultores-de-valia.html)> Acesso em: 14/8/2017.

Francisco Romano Esteves- Disponível em: WWW<URL: <[http://www.cm-](http://www.cm-cascais.pt/evento/peca-em-destaque-pintura-explicacoes-do-avo)

[cascais.pt/evento/peca-em-destaque-pintura-explicacoes-do-avo](http://www.cm-cascais.pt/evento/peca-em-destaque-pintura-explicacoes-do-avo)> Acesso em: 14/8/2017.

François Dumont- Disponível em: WWW<URL:

<[https://fr.wikipedia.org/wiki/François\\_Dumont\\_\(sculpteur\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/François_Dumont_(sculpteur))> Acesso em: 14/8/2017.

Francisco Franco- Disponível em: WWW<URL:<

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Franco\\_\(escultor\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Franco_(escultor))> Acesso em: 15/8/2017

Francisco dos Santos- Disponível em: WWW<URL: <

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_dos\\_Santos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_dos_Santos)> Acesso em: 15/8/2017.

Disponível em: < WWW<URL: < <http://tudodenovoacidente.blogs.sapo.pt/13631.html>> Acesso em: 15/8/2017.

François Rude- Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/François\\_Rude](https://fr.wikipedia.org/wiki/François_Rude)> Acesso em: 15/8/2018.

Frederico Aires. Disponível em: WWW<URL: < [https://www.google.pt/search?q=Frederico+Aires,+pintor&tbm=isch&tbou=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjYu52IhNbVAhXIVRoKHa7dBfUQsAQIPQ&biw=1093&bih=542#imgsrc=\\_ZPqzPBiWGe-WM](https://www.google.pt/search?q=Frederico+Aires,+pintor&tbm=isch&tbou=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjYu52IhNbVAhXIVRoKHa7dBfUQsAQIPQ&biw=1093&bih=542#imgsrc=_ZPqzPBiWGe-WM)> Acesso em: 14/8/2017.

Gabriel- Jules Thomas- Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Gabriel-Jules\\_Thomas](https://fr.wikipedia.org/wiki/Gabriel-Jules_Thomas)> Acesso em: 14/7/2017.

Galeria de Retratos Oficiais-Museu Da Presidência da República. Disponível em: WWW<URL: < [http://www.museu.presidencia.pt/expo\\_geral.php?id=5](http://www.museu.presidencia.pt/expo_geral.php?id=5)> Acesso em: 14/8/2017.

Georges Bareaux- Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Georges\\_Bareaux](https://fr.wikipedia.org/wiki/Georges_Bareaux)> Acesso em: 14/8/2017.

Gilberto Renda- Disponível em: WWW<URL: < <https://pt-pt.facebook.com/Gilberto-Renda-543939822415041/>> Acesso em: 14/8/2017.

Helena Roque Gameiro- Disponível em: WWW<URL: < <http://aarteemp Portugal.blogspot.pt/2014/11/helena-roque-gameiro-1895-1986.html>> Acesso em: 14/8/2017.

Henrique Moreira- Disponível em: WWW<URL: < [https://www.google.pt/search?q=Henrique+Moreira;+escultor&tbm=isch&tbou=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjnzrbH4djVAhXC0hoKHY-vDTYQsAQINQ&biw=1093&bih=542#imgsrc=\\_ZPqzPBiWGe-WM](https://www.google.pt/search?q=Henrique+Moreira;+escultor&tbm=isch&tbou=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjnzrbH4djVAhXC0hoKHY-vDTYQsAQINQ&biw=1093&bih=542#imgsrc=_ZPqzPBiWGe-WM)> Acesso em: 15/8/2017.

Higino de Mendonça- Disponível em: WWW<URL: < [https://www.google.pt/search?rlz=1C2RNPN\\_enPT380&biw=1093&bih=542&tbm=isch&sa=1&q=Higino+de+Mendonça&oq=Higino+de+Mendonça&gs\\_l=psy-a](https://www.google.pt/search?rlz=1C2RNPN_enPT380&biw=1093&bih=542&tbm=isch&sa=1&q=Higino+de+Mendonça&oq=Higino+de+Mendonça&gs_l=psy-a)> Acesso em: 14/8/2017.

Homenagem a Alfredo Guimarães (1882-1958). Jornal O Conquistador. 2016. Disponível em: WWW<URL: < [www.oconquistador.com/noticias.asp?idEdicao=148&id=340&idSeccao=781&Action=noticia](http://www.oconquistador.com/noticias.asp?idEdicao=148&id=340&idSeccao=781&Action=noticia)> Acesso em: 17/5/2016

Jacques Jobbé Duval. Disponível em: WWW<URL: < <https://fr.artprice.com/artiste/215/jacques-jobbé-duval>> Acesso em: 17/5/2016

Jean-Antoine Injalbert- Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Antoine\\_Injalbert](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Antoine_Injalbert)> Acesso em: 14/8/2017,

Jean Baptiste Carpeaux- Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Baptiste\\_Carpeaux](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Baptiste_Carpeaux)> Acesso em: 14/8/2017.

Jean Gautherin- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Gautherin](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Gautherin)> Acesso em: 14/8/2017.

Jean-Paul Laurens- Disponível em: WWW<URL: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul\\_Laurens](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul_Laurens)> Acesso em: 5/8/2017.

João Cristino da Silva- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/17/artists>> Acesso em: 13/8/2017.

João Marques de Oliveira- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/João\\_Marques\\_de\\_Oliveira](https://pt.wikipedia.org/wiki/João_Marques_de_Oliveira)> Acesso em 13/8/2017

João Reis- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?q=João+Reis;pintor+português&rlz=1C2RNPN\\_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiF\\_MSA5dbVAhXLC](https://www.google.pt/search?q=João+Reis;pintor+português&rlz=1C2RNPN_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiF_MSA5dbVAhXLC)> Acesso em 14/8/2017.

João da Silva- Disponível em: WWW<URL. <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa-Museu\\_Mestre\\_João\\_da\\_Silva](https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa-Museu_Mestre_João_da_Silva)> Acesso em 15/8/2017.  
Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?t=4577> > Acesso em 15/8/2017.

Joseph Blanc- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://en.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Blanc](https://en.wikipedia.org/wiki/Joseph_Blanc)> Acesso em 5/8/2017.

José de Brito- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/pecas/ver/15/artist>> Acesso em: 13/8/2017

José Campas- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?q=José+Campas;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi25b7xldbVAhUBXBoKHTo\\_DPEQsAQILg&biw=109](https://www.google.pt/search?q=José+Campas;+pintor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi25b7xldbVAhUBXBoKHTo_DPEQsAQILg&biw=109)> Acesso em: 14/8/2018.

José Júlio de Sousa Pinto- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/45/artists>> Acesso em: 13/8/2017.

José Malhoa- Disponível em: WWW<URL:<  
<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/ArtistPieces/view/43/artist>> Acesso em: 13/8/2017.

José Pedro Cruz- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.oribeiradepera.com/museu-pedro-cruz/>> Acesso em: 14/8/2017.

Jules Bastien-Lepage- Disponível em:WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules\\_Bastien-Lepage](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules_Bastien-Lepage)> Acesso em: 13/8/2017.

Jules Breton- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules\\_Breton](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules_Breton)> Acesso em: 13/8/2017.

Jules Cavalier Disponível em: WWW<URL: <[http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-commentees/sculpture/commentaire\\_id/penelope-23465.html?tx\\_commentaire\\_pi1%5BpidLi%5D=842&tx\\_commentaire](http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-commentees/sculpture/commentaire_id/penelope-23465.html?tx_commentaire_pi1%5BpidLi%5D=842&tx_commentaire)> Acesso em: 14/8/2017.

Jules Chaplain- Disponível em: WWW<URL:<  
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules\\_Chaplain](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jules_Chaplain)> Acesso em: 15/8/2017.

Julio Vaz Júnior- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/eescultura/pecas/Paginas/Adamastor.aspx>> Acesso em: 15/8/2014.  
Disponível em: WWW<URL:< [https://pt.wikipedia.org/wiki/Júlio\\_Vaz\\_Junior](https://pt.wikipedia.org/wiki/Júlio_Vaz_Junior)> Acesso em: 15/8/2017.

L'Académie Julian (1881). Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Académie\\_Julian](https://fr.wikipedia.org/wiki/Académie_Julian)> Acesso em: 5/8/2017.

L'Académie Royale de Peinture et Sculpture. Disponível em: WWW<URL:  
<[www.academie-des-beaux-arts.fr/histoire/royale/peinture.htm](http://www.academie-des-beaux-arts.fr/histoire/royale/peinture.htm)> Acesso em: 10/2/2017.

L'Art magique- Disponível em: WWW<URL: <<http://art-magique.blogspot.pt/2011/05/jules-joseph-lefebvre.html>> Acesso em: 5/8/2017.

Laurent Marqueste- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Laurent\\_Marqueste](https://fr.wikipedia.org/wiki/Laurent_Marqueste)> Acesso em: 14/9/2017.

Leitão de Barros- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?rlz=1C2RNPN\\_enPT380&biw=1093&bih=542&tbm=isch&sa=1&q=Leitão+de+Barros&oq=Leitão+de+Barros&gs\\_l=psy-ab.3..0.11](https://www.google.pt/search?rlz=1C2RNPN_enPT380&biw=1093&bih=542&tbm=isch&sa=1&q=Leitão+de+Barros&oq=Leitão+de+Barros&gs_l=psy-ab.3..0.11)> Acesso em: 14/8/2017

LEITÃO, José António-Ilustração Fotográfica: a fotografia e a Ilustração Portuguesa (1903-1924). Disponível em: WWW<URL: < [imagensdarepublica.ipt.pt/wp-content/uploads/2011/05/Ilustração-fotografica1.pdf](http://imagensdarepublica.ipt.pt/wp-content/uploads/2011/05/Ilustração-fotografica1.pdf)> Acesso em: 15/8/2017

Léon Bonnat- Disponível em: WWW:<URL:<  
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Léon\\_Bonnat](https://fr.wikipedia.org/wiki/Léon_Bonnat) Acesso em: 5/8/2017.

Louis-Ernest Barrias- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Louis-Ernest\\_Barrias](https://fr.wikipedia.org/wiki/Louis-Ernest_Barrias)> Acesso em 14/8/2017.

Luciano Freire- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano\\_Freire](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_Freire)> Acesso em: 14/8/2017.

Lucien Simon- Disponível em: WWW<URL: <  
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Lucien\\_Simon](https://fr.wikipedia.org/wiki/Lucien_Simon)> Acesso em: 14/8/2017.



Marcel Bashet- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://en.wikipedia.org/wiki/Marcel\\_Baschet](https://en.wikipedia.org/wiki/Marcel_Baschet)> Acesso em: 14/8/2017.

Martinho da Fonseca. Disponível em: WWW<URL:  
<[http://www.museu.presidencia.pt/expo\\_geral.php?id=5](http://www.museu.presidencia.pt/expo_geral.php?id=5)> Acesso em: 14/8/2017.

Maximiano Alves- Disponível em: WWW<URL:<  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Maximiano\\_Alves](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maximiano_Alves)> Acesso em 15/8/2017.  
Disponível em: WWW<URL:  
<<https://www.google.pt/search?q=Maximiano+Alves;+escultor&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjbxYKY39jVAhWT0RoKHTceCYIQsAQINw&biw>>  
Acesso em : 15/8/2017.

MELO, Ana Homem de- I Guerra Mundial 100 Anos: Mário de Almeida. Disponível em:  
WWW<URL: < [hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/IGUERRAMUNDIAL\\_monografias\\_40ClaraodaEpopia.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/IGUERRAMUNDIAL_monografias_40ClaraodaEpopia.htm)  
> Acesso em: 17/5/2017

Miguel Ângelo Lupi- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/19/artists>> Acesso em:  
13/8/2017.

Milly Possoz- Disponível em: WWW<URL: <  
<[https://www.google.pt/search?q=Milly+Possoz;+pintora&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwj2sNqbj9bVAhWEAxoKHVSEB\\_UQsAQIMg&biw=10](https://www.google.pt/search?q=Milly+Possoz;+pintora&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwj2sNqbj9bVAhWEAxoKHVSEB_UQsAQIMg&biw=10)>  
Acesso em: 14/8/2017.

MOOSBRUGGER, Hilarius - L' Illustrazione Italiana 1873-1962. Disponível em:  
WWW<URL: < <http://blog.maremagnum.com/lillustrazione-italiana-1873-1962/>>  
Acesso em: 5/8/2016

Moreira Rato- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?q=Moreira+Rato;EScultor&rlz=1C2RNPN\\_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiFh7D3ztfVAhVJORQKHc](https://www.google.pt/search?q=Moreira+Rato;EScultor&rlz=1C2RNPN_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiFh7D3ztfVAhVJORQKHc)>  
Acesso em: 14/8/2017.

Moura Girão- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Moura\\_Girão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Moura_Girão)> Acesso em: 13/8/2017.

Narciso de Moraes- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://www.google.pt/search?q=Narciso+de+Moraes&rlz=1C2RNPN\\_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi3rPSA-tbVAhWGWxoKHW](https://www.google.pt/search?q=Narciso+de+Moraes&rlz=1C2RNPN_enPT380&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi3rPSA-tbVAhWGWxoKHW)>  
Acesso em: 14/8/2017.

Navarro da Costa- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio\\_Navarro\\_da\\_Costa](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Navarro_da_Costa)> Acesso em  
14/8/2017.

Oiveira Ferreira- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20jos%C3%A9%20de%20oliveira%20ferreira](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20jos%C3%A9%20de%20oliveira%20ferreira)> Acesso em: 15/8/2017..





Sousa Lopes. Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Adriano\\_de\\_Sousa\\_Lopes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Adriano_de_Sousa_Lopes)> Acesso em: 14/8/2017

Stuart de Carvalhaes- Disponível em: WWW<URL:  
[https://www.google.pt/search?q=Stuart+de+CARVALHAES&rlz=1C1RNPN\\_enPT380PT381&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjC3oLxkfLVA](https://www.google.pt/search?q=Stuart+de+CARVALHAES&rlz=1C1RNPN_enPT380PT381&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjC3oLxkfLVA)>  
Acesso em: 25/8/2017.

Teixeira Lopes-Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/António\\_Teixeira\\_Lopes](https://pt.wikipedia.org/wiki/António_Teixeira_Lopes)> Acesso em: 14/8/2017.

The Illustrated London News Historical Archive, 1842-2003. Disponível em:  
WWW<URL: < <http://www.history.ac.uk/reviews/review/1002>> Acesso em: 15/8/2017

The Sketch. Disponível em: WWW<URL: <[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Sketch](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sketch)>  
Acesso em: 5 /8 /2017

Tomás da Anunciação- Disponível em: WWW<URL:  
<<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/9/artists>> Acesso em:  
13/8/2017.

Tomás Costa- Disponível em: WWW<URL:  
<<https://www.google.fr/search?q=Tomás+Costa,+escultor+português&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjIpJOModfVAhVIvhQKHSCcD4EQ7AkIPA>>  
Acesso em: 14/8/2017  
Disponível em: <<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/16/artists>>  
Acesso em 14/8/2017.

Veloso Salgado- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Veloso\\_Salgado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Veloso_Salgado)> Aceso em: 13/8/2017.

Victor Bastos- Disponível em: WWW<URL:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor\\_Bastos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Bastos)> Acesso em 14/8/2017.